

Irmão Sylvestre



RELATOS  
SOBRE  
MARCELINO  
CHAMPAGNAT

  
UNIÃO MARISTA  
DO BRASIL

Irmão Sylvestre

# RELATOS SOBRE MARCELINO CHAMPAGNAT



Brasília, 2014.

Este livro, ou parte dele, pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor, desde que mantida a referência e respeitados os direitos de autoria e edição de acordo com as Leis Brasileiras.

#### Catálogo na Fonte

S985r Sylvestre, Irmão.  
Relatos sobre Marcelino Champagnat / Irmão Sylvestre; tradução de Ir. Aristide Zanella ; ilustração de Stela Woo ; Sérgio Ceron. -- Brasília, DF. : UMBRASIL, 2014.  
344p. : il. ; color.

Título original: Frère Sylvestre raconte Marcellin Champagnat.  
ISBN: 978-85-63200-22-8

1. Champagnat, Marcelino José Bento – vida e obra. 2. Hagiografia. I. Zanella, Aristide (Trad.). II. Woo, Stela (Ilust.). III. Ceron, Sérgio (Ilust.). IV. Instituto Marista. V. Título.

CDU:235.3:929

CDD: 235

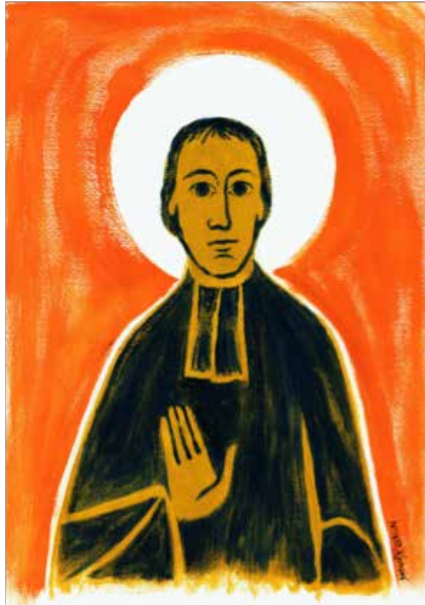
Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Iza Antunes Araújo - CRB1/079  
858 exemplares

<b>Autor</b>	Irmão Silvestre (Félix Tamet)
<b>Título original</b>	Frère Sylvestre raconte Marcellin Champagnat
<b>Tradução</b>	Ir. Aristides Zanella (1999) e Ir. Ivo Antônio Strobino (2013)
<b>Revisão</b>	Ir. Virgílio Josué Balestro
<b>Ilustrações</b>	Stela Woo Sérgio Ceron (página 3)
<b>Edição brasileira</b>	Ir. Ivo Antônio Strobino
<b>Impressão</b>	União Marista do Brasil - UMBRASIL
<b>Coordenação da publicação</b>	Comissão de Espiritualidade e Patrimônio da UMBRASIL
<b>Organização da publicação</b>	Área de Vida Consagrada e Laicato da UMBRASIL
<b>Projeto gráfico e diagramação</b>	Setor de Comunicação e Marketing da UMBRASIL
<b>UMBRASIL</b>	
<b>Presidente</b>	Ir. Inácio Nestor Etges, fms
<b>Diretor-Presidente</b>	Ir. José Wagner da Cruz, fms
<b>Secretário Executivo</b>	Ir. Valter Pedro Zancanaro, fms

#### União Marista do Brasil (UMBRASIL)

SCS – Quadra 4 – Bloco A – 2º Andar  
Edifício Vera Cruz – Asa Sul – Brasília – DF – 70304-913  
Telefax: (61) 3346-5058 - [www.umbrasil.org.br](http://www.umbrasil.org.br)

Brasília, 2014



“Ainda me vejo entrando no modesto quarto do Fundador. Recordo a impressão que tive quando vi seu talhe alto e majestoso. Apresentava-se bondoso e sério ao mesmo tempo. Inspirava respeito. Tinha as faces emagrecidas, os lábios pouco salientes, parecendo sorrir, os olhos penetrantes e perscrutadores. A sua voz era forte e sonora, pronunciando as palavras com clareza, bem articuladas, sem laconismo nem prolixidade. Todo o seu corpo era bem proporcionado. Assemelhava-se a um desses modelos de santidade que vemos estampados nos quadros religiosos.”

(IRMÃO SYLVESTRE, P. 260)



## APRESENTAÇÃO

OS MANUSCRITOS DO IRMÃO SYLVESTRE constituem fonte complementar importante da pesquisa e conhecimento do Patrimônio Espiritual Marista. O seu trabalho se anexa testemunhalmente àqueles do Irmão Avit e do Irmão Jean-Baptiste Furet, para constituir a tríade mais antiga de documentos publicados sobre o santo fundador dos Irmãos Maristas, Marcelino José Bento Champagnat. Por ser testemunha excepcional dos inícios da Congregação, e por ter convivido com o padre Champagnat, o Irmão Sylvestre transmite-nos informações de primeira mão; por isso julgamos oportuno traduzir e publicar a sua obra.

Este livro é a versão da edição francesa, publicada em 1991, com o título “Frère Sylvestre raconte Marcellin Champagnat”. De início, utilizamos uma tradução do Irmão Aristides Zanella, falecido em 2008. Posteriormente, seu trabalho foi assaz burocratizado, para que resultasse um escrito mais atual; sem perda, porém, da fidelidade ao texto original. A revisão geral deste labor esteve a cargo do Irmão Virgílio Josué Balestro, dedicado colaborador, sempre competente e seguro em suas observações.

Mantivemos a INTRODUÇÃO elaborada pelo Irmão Paul Sester para a edição francesa. A ela acrescentamos o PRÓLOGO, longo texto explicativo, com informações reputadas necessárias para que o leitor brasileiro compreenda melhor o cenário e o

contexto da vida e da obra do Irmão Sylvestre, sobremaneira no ressaltar as suas motivações na elaboração do seu avultado depoimento. Para a redação dessas informações contextuais, aproveitamos um trabalho do Irmão Michael Green, da Austrália, colega nosso na Comissão Internacional do Patrimônio Espiritual Marista, de 1996 a 2011.

O manuscrito original do Irmão Sylvestre subdivide-se em três partes; optamos por intitulá-las RELATOS. Sem dificuldade, percebe-se que há repetição de assuntos nos capítulos, às vezes com mudanças e matizes mínimos de narrativa ou descrição. Por respeito ao texto original, tais repetições foram mantidas. Entretanto, para esclarecer expressões ou temas obscuros, acrescentamos notas de rodapé e subtítulos que não constam do original.

O Irmão Sylvestre muito se reporta à biografia oficial do padre Champagnat, repetindo o esquema dos capítulos e copiando passagens inteiras do Irmão Jean-Baptiste Furet, autor daquela biografia. Ainda assim, ele sabe entretecer o seu precioso depoimento com ideias originais e inspiradas.

No terceiro Relato, o Irmão Sylvestre transcreve o texto de uma carta que Champagnat lhe enviou; nela recebe elogios da sua franqueza e das suas boas disposições. Estas duas virtudes ou qualificações podem servir-nos de chave na leitura e avaliação do seu trabalho, de redação espontânea, toda tecida de lealdade e briosa intenção.

O leitor tem em mãos, pois, um texto basilar do Patrimônio Espiritual Marista. Esta edição brasileira, justa e precisamente, vem ao encontro do anseio de inúmeros participantes dos cursos oferecidos em nosso país às pessoas interessadas no estudo da Espiritualidade Marista.

Prazerosamente, para agradecer a tantos leigos e leigas maristas que nos incentivaram neste trabalho, aprez-nos ressaltar uma passagem do Irmão Sylvestre, quando ele se antecipa em falar de leigos maristas. Tendo em vista o contexto da Congregação na época em que ele redigiu os RELATOS, há mais de 130 anos, a passagem, de certo modo, tem conotação profética. Eis o que ele escreveu:

*“Este procedimento do Fundador, que acabei de relatar, me leva à seguinte reflexão: Não se poderia concluir que teria pleno cabimento entre nós (...) estender para outros, para quem não é da Congregação, o nosso espírito marista? (...) Donde me vem esta ideia? Não sei. Talvez seja inspiração que me envia o próprio padre Champagnat. O meu grande desejo é vê-la tornar-se realidade algum dia”. (P. 311)*

*Irmão Ivo Antônio Strobino.*  
CURITIBA, 06 DE JUNHO DE 2014.





# INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

ENTRE AS OBRAS que temos sobre o padre Champagnat, ressalvada a biografia oficial, estas recordações do Irmão Sylvestre assumem importância particular. Primeiro, pelo volume de páginas; depois, pelo caráter pessoal das recordações apresentadas. Embora a composição do texto, no seu conjunto ou em certos detalhes, deixe muito a desejar, os fatos narrados conservam seu valor e testemunham uma forma de viver que, para os dias de hoje, está, em parte, ultrapassada. Apesar disso, percebe-se um espírito sempre adaptável à nossa mentalidade moderna. Daí o interesse pela edição deste documento.

## SOBRE O AUTOR

Jean-Félix Tamet nasceu em Valbenoîte, Saint-Etienne, departamento do Loire, França, no dia 12 de janeiro de 1819. Ele mesmo relata neste livro seu ingresso e primeiros anos na vida religiosa. O que ele não conta é o fato de que, por ser tão incerta sua aceitação definitiva no Instituto Marista, foi aceito à profissão temporária dos votos por períodos muito curtos, que precisou ir renovando até os votos definitivos, em 1843.

Obteve o diploma de professor em abril de 1839, em Grenoble, quando fazia parte da comunidade La Côte-Saint-André. Apesar da leviandade da sua juventude, constata-se que adquiriu bom domínio na profissão de educador. Pelo fato de ser co-

<sup>1</sup>É a Introdução da publicação francesa dos Manuscritos do Irmão Sylvestre, edição de 1991, publicada pela Casa Geral do Instituto dos Irmãos Maristas, em Roma, por iniciativa do Irmão Paul Sester, com o título “Frère Sylvestre raconte Marcellin Champagnat”.

nhecido pelo Irmão Luís Maria, seu diretor por alguns anos, compreende-se que, ao ser chamado para a equipe de governo do Instituto, o Irmão Luís Maria se tenha lembrado do Irmão Sylvestre, fazendo-o atuar na Casa Geral como formador dos jovens Irmãos. Isso aconteceu a partir de 1843, quando o Irmão Sylvestre emitiu os votos perpétuos. Primeiramente como professor, depois como diretor, exerceu essa função por 43 anos, em l’Hermitage, na casa de Grange-Payre e em Saint-Genis-Laval. Foi exonerado desse encargo em 1886, apenas um ano antes da sua morte. Sabemos que foi em 2 de fevereiro de 1886 que o Irmão Teofânio, 4º Superior Geral, anunciou aos Irmãos a introdução da Causa de Beatificação do Fundador. Em sua circular, o Superior Geral fazia esse pedido: “Solicita-se aos Irmãos que tiveram a ventura de conhecer o padre Champagnat, aos que ouviram falar dele pelos primeiros Irmãos ou por outras pessoas, que coloquem por escrito tudo o que souberem. Antes de redigirem suas notas, pede-se aos Irmãos que leiam com muita atenção a biografia do padre Champagnat, escrita pelo Irmão Jean-Baptiste, indicando, conforme virem ou souberem, os trechos que confirmam, que acham que devem ser modificados ou que precisam ser complementados.” (cf. Circulares, vol. VII, pp. 256-257). O Irmão Sylvestre, apesar dos seus 67 anos bem vividos, assumiu como seu dever dar resposta escrupulosa ao apelo do Irmão Superior Geral. Restava-lhe pouco mais de um ano para executar a tarefa. Faleceu em 16 de dezembro de 1887.

## **SOBRE A OBRA**

O resultado do trabalho do Irmão Sylvestre é um conjunto de 12 cadernos no formato escolar, totalizando cerca de 400 páginas manuscritas. Esses cadernos foram numerados de 1 a 12.

Os 7 primeiros cadernos apresentam sequência normal, sem transição, e devem ser considerados obra única no seu conjunto. Os 5 outros cadernos seguem-se da mesma forma, sem interrupção, passando, às vezes, de um para o outro no meio de uma frase, como é o caso da passagem do caderno nº 3 para o caderno nº 4.

Os cadernos de 8 a 11 formam um conjunto intitulado “Apêndice”. Tal título, posteriormente, foi complementado a lápis da seguinte maneira: “Apêndice que compreende três capítulos: o meu relacionamento com o padre Champagnat; algumas de suas virtudes principais; e notas particulares”.

Enfim, o caderno 12 deve ser considerado à parte. É mais volumoso do que os outros; contém 96 páginas, as três últimas das quais estão em branco. Leva o título: “Pequeno apêndice à biografia do padre Champagnat; notas, fatos, reflexões, seu espírito”. Algumas passagens são idênticas, repetidas quase textualmente, do “Apêndice” (cadernos 8 a 11). Também observa-se que o caderno nº 12 se assemelha muito ao caderno nº 1. Tem o mesmo tipo de papel, que não resistiu ao tempo, que amareleceu, que se tornou quebradiço e que se pulveriza; quanto ao formato, é de alguns centímetros mais curto do que os demais; apresenta uma linha vermelha nas páginas, como margem. O papel dos outros cadernos é menos espesso, mais resistente e não tem a margem assinalada de vermelho. Tudo isso faz pensar que o caderno nº 12 é anterior aos demais e que, cronologicamente, deve ser classificado não após os onze primeiros, como fez inadvertidamente algum arquivista, mas no começo, como sendo o nº 1.

No entanto, tendo em vista o que já foi dito, a mudança de numeração não acrescentaria nada de significativo e a estrutura

proposta para esta edição não altera em nada o texto, apresentado na sua íntegra; assim o relato do Irmão Sylvestre será apresentado de acordo com o seguinte plano tripartite:

1º RELATO: Pequeno apêndice à biografia do padre Champagnat escrita pelo Irmão Jean-Baptiste.

2º RELATO: Resumo da vida do padre Champagnat.

3º RELATO: Apêndice para o Resumo da vida do padre Champagnat.

## **SOBRE O TEXTO**

O texto original comporta muitas correções, feitas a lápis, de palavras e de passagens riscadas ou, na maioria dos casos, de acréscimos entre as linhas. Dada a natureza desses últimos, dá para pensar que são do próprio autor, embora não se possa afirmar com certeza absoluta, pois o confronto da escrita nem sempre é fácil: aquilo que foi escrito à tinta é mais formal e cuidado, ao passo que o escrito a lápis é mais espontâneo. Entretanto, parecem acréscimos do próprio autor, como se depreende do adendo que consta no final do texto, encerrando a obra. Efetivamente, a última frase do seu relato enunciava-se assim: “Tomara que todos os Pequenos Irmãos de Maria possam mostrar-se, sempre e em toda a parte, fotografias vivas e eloquentes do nosso venerando Fundador. Assim seja”. Posteriormente, a expressão “Assim seja” foi riscada. Em seu lugar, a lápis, está o adendo: “que não sejam fotografias borradas, como eu fui, infelizmente.” Como pensar que alguém, que não o próprio autor, se tenha permitido acrescentar esse complemento?

Com base nessa probabilidade, fizemos esta edição, apresentando o texto corrigido. Não colocamos o aparato crítico porque julgamos que seria de pouca utilidade, vista a natureza da obra e o público a que se destina. As correções mais importantes, con-

tudo, especialmente quando modificam a ideia da frase ou lhe acrescentam alguma coisa, estão assinaladas em nota de rodapé. Os erros de ortografia, que escaparam ao autor, foram igualmente corrigidos. Aliás, eles são poucos. Mais numerosas são as omissões de palavras, as faltas de concordância ou de acentos circunflexos nos tempos imperfeitos e do subjuntivo dos verbos. A pontuação, de que o autor não se mostra muito pródigo, foi observada segundo as regras atualmente em uso. Abreviações, como PP, FF ou simplesmente f. e v. foram transcritas por extenso: padres, Irmãos ou Irmão e venerando. Outras abreviações mais comuns como R.P. ou Mgr. não foram modificadas.

Tivemos a preocupação de apresentar uma edição com texto claro e de fácil leitura, embora tenhamos respeitado escrupulosamente o original.

*Frère Paul Sester*

ROMA, 8 DE SETEMBRO DE 1991.



## PRÓLOGO<sup>2</sup>

ESTA OBRA do Irmão Sylvestre é pequena joia da herança marista. Alguns podem ficar surpresos ao saberem que ele escreveu uma versão da vida do Fundador, porque sabem apenas que ele era um jovem Irmão impulsivo e brincalhão, com aparição inglória no livro da biografia oficial de São Marcelino Champagnat, em que é citado apenas no episódio do carrinho de mão arrastado até a sala da comunidade. Aliás, o grande valor deste trabalho está exatamente nisto: é obra do Irmão Sylvestre!

O seu trabalho não é obra científica, nem pesquisa biográfica abrangente. Na verdade, é uma hagiografia. O estilo é rude e as expressões, por vezes, são desajeitadas. Para o leitor atual, do pós-Vaticano II, a teologia apresentada é muito anacrônica. Mas há encanto ingênuo no seu trabalho, fazendo-o atraente.

Aquele jovem noviço, muito dado a brincadeiras e que, uma vez, sem querer, surpreendeu Marcelino, pulando na sua garupa; que rolou o carrinho de mão pela casa, para incômodo dos Irmãos mais antigos; que teve a graça de viver nove anos sob a influência direta de Marcelino, a quem o Fundador somente permitiu emitir os votos temporários por períodos muito curtos, ele nos legou um escrito saboroso!

Pelo que se pesquisou da sua vida de Irmão Marista, sabemos que o Irmão Sylvestre não perdeu nada do seu entusiasmo nem das suas atitudes brincalhonas. Este livro, escrito no último ano da sua vida, mas escrito com toda a paixão característica do

<sup>2</sup> Texto decalcado sobre um trabalho do Irmão MICHAEL GREEN, da Província Marista da Austrália; foi publicado na edição em língua inglesa do livro do Irmão Sylvestre em julho de 2007; publicação de Marist Brothers, PO Box 138, Drummoyne NSW 1470, Austrália.



autor, é o reflexo da sua personalidade e do seu objetivo. A obra é uma descrição do padre Champagnat e dos inícios da Congregação, escrita sob nova perspectiva.

Marcelino Champagnat, com sua humildade peculiar, afirmava que os pioneiros do Instituto eram como pedras brutas que os construtores utilizam nos fundamentos de um novo edifício. Ele sugeria que, posteriormente, o edifício teria melhor acabamento sob a mão de pedreiros de mais talento. O Irmão Sylvestre se encaixa bem na descrição dessa pedra bruta. Foi igual a tantos outros rapazes e jovens, pouco instruídos, que foram atraídos para juntar-se ao grupo de Marcelino, nos anos da fundação do Instituto. Embora estivessem munidos de muita fé e boa vontade, pois isso era tudo o que Marcelino exigia dos candidatos, constituíam um grupo de pessoas que, aparentemente, não eram aptas para iniciar tão importante instituição dedicada à educação. Apesar de tudo, foram eles que, de fato, contribuíram decisivamente para formar o espírito marista. O carisma da Instituição Marista, que provou ser perene inspiração para sucessivas gerações, teve origem naquele grupo inicial, do qual o Irmão Sylvestre é exemplo típico.

Ele viveu em l'Hermitage, ou nas suas vizinhanças, na década de 1830, época em que os Irmãos Maristas, como ramo da Sociedade de Maria, ficaram conhecidos e ganharam identidade. As considerações feitas pelo Irmão Sylvestre são como janelas através das quais pode ser vislumbrada a vida de centenas de Irmãos daquela época, recrutados e formados pessoalmente por Marcelino, cuja identidade pessoal se tornou indistintamente mesclada com a identidade própria do Instituto, devido à pouca idade com que a maioria deles ingressou. Na lista dos nomes dos pioneiros da fundação dos Irmãos Maristas: Irmão Francisco, Irmão João Batista,

Irmão Luís Maria, Irmão Estanislau e Irmão Avit, podemos acrescentar também o nome do Irmão Sylvestre, pois ele ajudou a escrever os primeiros capítulos da nossa história.

O Irmão Sylvestre fornece o contraponto de referência, instrumento útil para a avaliação dos textos oficiais daquele período, especialmente os textos do Irmão Jean-Baptiste Furet, que foram aceitos formalmente pelos Capítulos Gerais da época. As semelhanças e as diferenças por vezes são sutis; mas, sem dúvida, interessantes. A visão do Irmão Sylvestre é semelhante à do soldado que está no campo de combate e não daquele que fica na retaguarda, no quartel-general. Ele interpreta Champagnat e a vida religiosa que lhe era proposta a partir de toda uma existência empregada em sala de aula, como bom Irmão Marista.

Embora o Irmão Sylvestre procure, com afincio, apresentar um quadro que seja verdadeiro e politicamente correto, nem sempre consegue excluir uma apresentação mais humana e frágil das coisas. Nesse contexto, seus dois primeiros relatos são menos interessantes do que o terceiro. Nos relatos iniciais tece comentários sobre o livro da biografia e redige longo resumo da vida de Marcelino, copiando, por vezes, passagens daquela biografia. No terceiro relato, ele escreve de modo mais independente sobre as virtudes de Marcelino e sobre o seu relacionamento pessoal com ele. Há mais frescor nessas narrações. Aqueles que já têm conhecimento razoável da biografia oficial do Fundador sentem o impulso de passar logo ao terceiro relato do Irmão Sylvestre.

Não é livro para alguém que procura respostas exatas no campo da objetividade ou da veracidade. Existem muitos erros. O Irmão Sylvestre escreveu no fim da sua vida, bem depois da época em que os fatos relatados aconteceram. Ele

dá ênfase e interpretação peculiar a certos fatos, conforme a sua própria personalidade. Trata-se de recordações e não de história crítica. Para o Irmão Sylvestre tudo era real: assim é que o texto deve ser abordado. Pelo modo de ver do Irmão Sylvestre, intuímos como o primitivo pequeno Irmão de Maria era fortemente influenciado pelo carisma de Champagnat, homem cuja personalidade ainda hoje influencia milhares de seguidores em todo o mundo.

O Irmão Sylvestre celebrou bodas de ouro de vida religiosa em 1881, quando estava na comunidade da Casa Geral, em Saint-Genis-Laval<sup>3</sup>. Conta-se que naquele dia foi quebrada a tradicional mortificação à mesa, que proibia qualquer extra para comemorações particulares, tais como aperitivos ou licores. Pelo que se sabe, no refeitório, não se faziam comemorações das datas significativas dos Irmãos. Naquele dia, o Irmão Marie-Jubin, diretor da comunidade, desculpou o extra, explicando para a comunidade que o Irmão Sylvestre prometia não repetir a data, que seria só aquela vez<sup>4</sup>...

Isso foi típico do efervescente Irmão Sylvestre. Ele acabou introduzindo esse pequeno gesto festivo e bem humano nas nossas celebrações. Quanto ao seu livro, podemos dizer que, da mesma forma, temos aí um extra, algo não oficial, mas precioso.

## O AUTOR

Jean-Félix Tamet nasceu em 1819, apenas dois anos depois que Marcelino tinha recrutado os primeiros dois Irmãos. Na sua terra natal, Valbenoîte, hoje subúrbio de Saint-Etienne, distante vinte quilômetros de Saint-Chamond, ele recebeu cedo a influência marista. Os Irmãos Maristas tinham assumido a escola

<sup>3</sup> A Casa Geral do Instituto foi transferida de l'Hermitage para um complexo maior em Saint-Genis-Laval, arredores de Lião, no final do mandato do Irmão Francisco, em 1858. Ali permaneceu até 1903, quando as congregações religiosas foram expulsas da França.

<sup>4</sup> Episódio narrado pelo Irmão Avit no "Annales de l'Institut" e citado pelo Irmão Paul Sester no segundo volume de "Lettres de Champagnat". ("Repertoires", p. 478)

da localidade em 1827. Na escola dos Irmãos ele se preparou para a Primeira Comunhão, com dez anos de idade<sup>5</sup>. Também ali chegou a conhecer o padre Champagnat, quando este visitou sua sala de aula. Exatamente dois anos depois, em março de 1831, foi a l’Hermitage para pedir admissão ao noviciado. Com a mentalidade atual, doze anos parece ser idade muito tenra para iniciar a formação à vida religiosa. Não era incomum, contudo, porque, em muitos casos, se o filho não queria seguir a mesma profissão do pai, deixava a família para ir morar na casa de algum negociante ou artífice, para aprender a carreira da sua escolha. Depois de frequentar a escola básica, nos meses de inverno, vinha a época de aprender algumas habilidades, para definir profissão e estilo de vida.

Jean-Félix foi para l’Hermitage sem hesitação ou relutância. Desejava tornar-se Irmão e queria isso com todo o seu fervor juvenil. Marcelino Champagnat, que era juiz arguto da impulsividade dos adolescentes e conhecia os estágios da maturidade, somente o recebeu como noviço cinco meses depois, em agosto de 1831, na festa da Assunção de Nossa Senhora, dando-lhe o nome religioso de Irmão Sylvestre. Um ano depois, na festa da Natividade de Maria, 8 de setembro de 1832, permitiu-lhe emitir os votos temporários, mas apenas por um mês. Depois, foi aceito aos votos por três meses. Em continuação, foi aceito à renovação anual e trienal dos votos temporários. Mas foi só em 1843, três anos após a morte de Marcelino, quando já estava com 24 anos de idade, que ele fez a profissão perpétua<sup>6</sup>.

Do ponto de vista físico, o Irmão Sylvestre era de estatura baixa. Ele afirmava de si mesmo que, quando revestido com a batina, “era uma atração à parte, despertando curiosidade”. A sua presença, tanto em l’Hermitage como nas casas para onde foi destinado nos primeiros anos de comunidade, sempre atraiu

<sup>5</sup> A preparação para a Primeira Comunhão era considerada a principal tarefa catequética nas escolas paroquiais. Quase todo o currículo girava em torno desse evento.

<sup>6</sup> Os contemporâneos do Irmão Sylvestre eram admitidos à profissão perpétua dos votos em tempo consideravelmente mais curto. Um intervalo de 12 anos entre a recepção do hábito e os votos finais não era norma, mas também não era caso único. Essa demora fornece contrapeso à tenra idade da entrada do Irmão Sylvestre e indica bom-senso da parte do padre Champagnat e dos superiores que o seguiram. Uma das razões da demora na admissão à profissão perpétua deve ter sido as dúvidas do próprio Irmão Sylvestre quanto à vocação. Ele mesmo alude a isso no seu Segundo Relato, capítulo XIX, parágrafo 13.

preocupação entre os coirmãos, pois tinha a fama de ser travesso e autor de muitas facécias. Nos seus escritos, ele admite que precisou ser transferido de ocupação e de tarefas frequentemente, por causa da inconstância e falta de seriedade. Alguns exemplos de frivolidades, citados por ele mesmo: “tonsurar” um noviço, ao lhe cortar os cabelos; derramar óleo na batina do padre Champagnat; rolar morro abaixo, às cambalhotas, arrastado por duas cabras que ele havia amarrado à própria cintura...

Quando o Irmão Jean-Baptiste, na biografia do Fundador, descreve a cena do carrinho de mão, dá destaque à atitude de compreensão e de confiança de Champagnat em relação ao Irmão Sylvestre, aceitando-o alegre e brincalhão. Eis uma parte da descrição:

“O bom padre, que conhecia a fundo o jovem Irmão<sup>7</sup> e que gostava dele, devido à sua candura e docilidade, assim respondeu aos acusadores: Lastimo deveras que o Irmão Sylvestre tenha levado o carrinho somente até a sala de estudos. Se o tivesse levado ao sótão, eu lhe daria uma recompensa. Não vejo que mal possa ter feito com o carrinho. Vocês também se divertiam quando jovens. Parece-me que são vocês que estão errados; em vez de convidá-lo para jogos inocentes e de participar com ele em brincadeiras, a fim de fazê-lo distrair-se e passar o tempo, vocês o deixam sozinho; vocês se ocupam do estudo e em conversas sérias. Não é de estranhar, portanto, que ele tenha brincado com o carrinho. Não vejo razão para recriminá-lo e menos ainda para deixá-lo isolado, com o risco de fazê-lo desgostar-se do trabalho e da vocação”.<sup>8</sup>

<sup>7</sup> O episódio aconteceu no ano de 1833; o Irmão Sylvestre estava com 14 anos de idade; tinha sido destinado à comunidade de Ampuis, seu primeiro local de apostolado depois do noviciado.

<sup>8</sup> Biografia de M. J. B. Champagnat, p. 256-257.

A narração é notável revelação das intuições do Fundador a respeito da adolescência, da educação, da formação e da vida religiosa. Mostra-nos o aspecto do “humor” dentro do modo marista de educar. É importante salientar que o Irmão Jean-Baptiste

descreve esse episódio do carrinho de mão na segunda parte do seu livro, logo no primeiro capítulo, quando fala do caráter do padre Champagnat, citando a “alegria” como o primeiro traço da sua personalidade. O Irmão Sylvestre foi lembrado para ilustrar o tema. Desse primeiro capítulo, eis uma parte da instrução de Marcelino a respeito da satisfação, do acolhimento e da amizade, como atitudes fundamentais para o educador:

“Não gosto dos Irmãos cuja presença afugenta as crianças. Gosto dos Irmãos de temperamento jovial e de maneiras afáveis, que revelam uma alma satisfeita e virtuosa. Para edificar os alunos e conquistá-los para Deus, é necessário ter sincera piedade e sólida virtude. Mas só isto não basta; também é indispensável ser alegre e ter caráter feliz, de maneira a atrair as crianças.”<sup>9</sup>

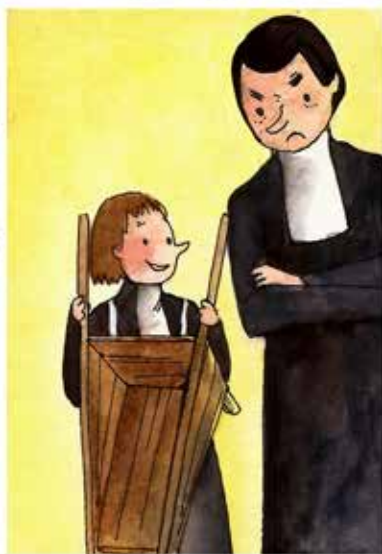
A primeira destinação do Irmão Sylvestre, depois do noviciado, foi a comunidade de Ampuis, como cozinheiro. Era comum indicar um jovem Irmão para a cozinha, por ser tarefa pouco desafiadora, devido à frugalidade do cardápio, e por permitir ao jovem Irmão aprender a arte de ensinar, fazendo-o associar-se, em tempo parcial, à aula que era ministrada por outro Irmão mais experiente, em geral o Irmão Diretor. Foi em Ampuis que aconteceu o desastrado incidente do carrinho de mão.

Seguiram-se outras destinações: La Valla, Marlhès, Vienne e La Côte-St-André, com breves retornos a l’Hermitage para ajudar na formação dos jovens Irmãos. Estava em La Côte-St-André, quando faleceu o Fundador. Foi ali que, em 1839, conseguiu o seu diploma de professor. Esse certificado de competência era peça importante para os Irmãos, não só porque lhes dava qualificação profissional, mas porque os isentava do serviço militar.

A partir de 1840, o Irmão Sylvestre esteve mais diretamente envolvido na formação dos jovens Irmãos; foi formador no

<sup>9</sup> Ibid, p. 259.





escolasticado, etapa de treinamento para o magistério dos Irmãos neoprofessos. Trabalhou nisso em l’Hermitage, na casa da Grange-Payre, perto de Saint-Chamond e em Saint-Genis-Laval. O Irmão Avit, que escreveu os anais do Instituto, narra um episódio interessante, ocorrido em 1848, mostrando o caráter e o estilo do Irmão Sylvestre.

“Na casa da Grange-Payre foi estabelecida uma classe especial, denominada “preparatória para o diploma”, destinada aos Irmãos jovens e antigos,<sup>10</sup> e que era dirigida pelo Irmão Sylvestre. Tinham aulas durante a semana. Da Grange-Payre iam a l’Hermitage nos domingos, onde passavam o dia na companhia dos outros Irmãos. Para estimular os seus alunos, o Irmão Sylvestre expunha, em l’Hermitage, uma lista com os nomes dos Irmãos e as notas obtidas por eles durante a semana. Evidentemente, os “mais antigos” apreciavam sempre com notas baixas, por terem mais dificuldades no aprendizado. Isso os revoltava. Então, uma vez, sem serem percebidos, esses Irmãos “mais antigos” arrancaram a lista, rasgaram-na em pedaços, lançando tudo no vaso sanitário. Ao dar-se conta do ocorrido, o Irmão Sylvestre ficou muito aborrecido e foi logo queixar-se ao Irmão Luís Maria.<sup>11</sup> Quando toda a comunidade estava na capela, para a missa, o Irmão Luís Maria dirigiu umas palavras aos Irmãos, desaprovou aquele fato e proibiu aos autores do agravo de se aproximarem da comunhão.<sup>12</sup> Todos os Irmãos da Grange-Payre permaneceram sentados e não foram comungar! O assunto originou grande alvoroço na casa. Foram feitas pesquisas para achar os culpados, sem sucesso. O Irmão Sylvestre estava com os nervos à flor da pele; não conseguia comer, beber nem dormir. Três dias depois, quando o Irmão Jean-Baptiste voltou de uma viagem, deu uma palestra aos Irmãos da Grange-Payre e chamou os Irmãos “mais antigos” de “cabeças fortes” do Instituto. Eles não compreenderam o significado da expressão e pensavam que tinham sido elogiados. Ficaram contentes. Indagado a respeito do caso, o Irmão Dominique, um dos antigos, dizia: “Esse baixinho estabonado,

<sup>10</sup> “Jovens e antigos” são termos relativos: Alguns Irmãos “antigos” poderiam estar na faixa dos trinta anos apenas. Irmãos “antigos” eram os que haviam entrado na Congregação há mais tempo.

<sup>11</sup> Na época, o Irmão Luís Maria e o Irmão Jean-Baptiste Furet eram os assistentes (Conselheiros Gerais) e o Irmão Francisco era o Superior Geral; os três compunham a equipe dirigente do Instituto.

<sup>12</sup> Antes das reformas litúrgicas do final do século XIX e início do século XX, não se recebia a comunhão cada vez que se participava da missa. Em comunidades religiosas, a frequência à comunhão era questão de permissão do Superior. Embora os Irmãos daquela época assistissem à missa diariamente, não tinham permissão de receber a comunhão mais do que duas ou três vezes por semana. Precisavam solicitar permissão ao Superior para comungar mais vezes. Papas sucessivos: Pio IX e Leão XIII, promoveram a comunhão mais frequente. O Papa Pio X, em 1905, permitiu a comunhão diária.



esse moleque do Irmão Sylvestre queria caçoar dos antigos e deram-lhe uma lição. Bem feito!” Acontece que o Irmão Dominique não compreendera que o Irmão Jean-Baptiste também tinha desaprovado o fato e que ao chamá-los de “cabeças fortes” queria dizer “cabeças duras” e que não eram aptos para os estudos sérios. Por isso acabaram sendo dispensados daquela classe especial e voltaram para as suas comunidades.”<sup>13</sup>

Tinha caráter atraente o nosso Irmão Sylvestre! Apesar de brincalhão, tinha paixão pelo ensino, brilhou nessa função e sempre foi entusiasta nas salas de aula. Mereceu ser conduzido ao cargo de Diretor em diversos estabelecimentos, até mesmo no principal escolasticado do Instituto, o de Saint-Genis-Laval, nos períodos 1877-1878 e 1885-1886. Amava a sua vocação religiosa, gostava de dar o catecismo e de ser professor. Ensinou praticamente até o final da vida, ao aposentar-se, em 1887.

Em contraste irônico com as afirmações que faz sobre a observância do Regulamento, sobre a mortificação e frugalidade de vida, o Irmão Sylvestre adquiriu o vício do fumo, quando estava mais envelhecido. Fumar era algo natural para o francês do século XIX; entretanto era raro em comunidades religiosas, naquela época; precisava ter autorização dos Superiores. O Irmão Sylvestre tinha essa autorização especial. Mas fumava demais. Dizia-se que a sua batina estava impregnada de tabaco e que, por causa do cheiro, percebia-se a sua aproximação a dezenas de metros!

Morreu em Saint-Genis-Laval, no dia 16 de dezembro de 1887, aos 68 anos, tendo sido Irmão por quase 57 anos. No último ano de vida, apesar da saúde fraca, preencheu doze cadernos com o texto que é o assunto deste livro.

<sup>13</sup> Episódio narrado pelo Irmão Avit em “Annales de l’Institut” e citado pelo Irmão Paul Sester no segundo volume de “Lettres de Champagnat”. “Repertoires”, p. 477.

## O CONTEXTO

A vida do Irmão Sylvestre abrange tanto os primeiros anos do Instituto quanto sua rápida expansão e consolidação durante os mandatos dos Irmãos Francisco e Luís Maria. A casa de l'Hermitage, onde chegou em 1830, já era edifício grande e imponente. Era o centro da vida religiosa marista, que crescia em importância e significado. Uma década se tinha passado desde que Marcelino iniciara o Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria. A fragilidade dos primeiros anos dera lugar à confiança. Numerosas vocações se manifestavam; a fama dos Irmãos se espalhava; os pedidos para novas escolas apareciam de todos os lados. O padre Champagnat estava com 41 anos de idade, no auge das suas forças! Era o líder, o elo de todas as iniciativas empreendidas pelos Pequenos Irmãos de Maria. Podemos imaginar a enorme influência que a sua personalidade e liderança exerceram sobre o jovem Irmão Sylvestre que, como todo o jovem, procurava os seus heróis para imitar.

Depois da morte de Champagnat, o Irmão Sylvestre presenciou o número de Irmãos crescer sempre mais, passando de 251 Irmãos em 1840, para mais de 3.000 no generalato do Irmão Luís Maria. Viu as Províncias se multiplicarem. Conheceu os grupos de missionários enviados para a Oceania a partir de 1836. Alegrou-se com a abertura de casas maristas fora da França: no Reino Unido, na Espanha, na Bélgica e na África do Sul. Na década de 1850, esteve entre os Irmãos que foram consultados para comentar alguns textos oficiais do Instituto que estavam sendo finalizados: *Biografia de M. Champagnat*; *Guia das Escolas*; *Avisos, Lições, Sentenças*; *O Bom Superior*; *Biografia de alguns Irmãos*; *Regras Comuns*. Viveu o tempo da dissolução da visão inicial da Sociedade de Maria como árvore de muitos ramos e viu o ramo dos Pequenos Irmãos de Maria

crescer como instituto religioso independente. À sua maneira, deve ter reagido ao nome oficial que a Igreja insistiu em nos dar: Irmãos Maristas das Escolas. Sobreviveu não só a Champagnat, mas também aos três Superiores Gerais subsequentes.

Da mesma maneira, como os últimos trezentos anos da história da França foram muito marcados por acontecimentos políticos e sociais, assim também os anos de vida do Irmão Sylvestre, de 1819 a 1887, coincidiram com um contexto tumultuado, tanto na Igreja quanto na sociedade. Nasceu na França, quando o país ainda se recuperava dos excessos e desilusões da Revolução Francesa e do estabelecimento do Império. Experimentou otimismo nos anos da Restauração, quando a monarquia voltou ao poder. Esperou melhoras para a Igreja, que tinha sido ferida pela sua ligação com o *“ancien régime”* e, depois, sacrificada pelos revolucionários e pela ascensão napoleônica. No entanto, apenas tinha chegado a l’Hermitage, em 1830, o Irmão Sylvestre viu a sua querida França mergulhada em nova Revolução interna, com nova restauração da monarquia. O relacionamento entre a sociedade e a Igreja permanecia ambivalente e muito difícil. Também no último decênio da sua vida, o Irmão Sylvestre presenciou nova onda de secularismo na França e viveu o duro golpe da laicização das escolas, em 1881. Quinze anos depois da morte do Irmão Sylvestre, os Irmãos Maristas foram expulsos da França, assim como todas as outras congregações religiosas: as propriedades e os bens foram confiscados, as escolas completamente secularizadas.

O Irmão Sylvestre também viveu o momento importante da revolução industrial que, na França, tinha o seu centro maior em Saint-Etienne, não muito distante de Lião, e de Saint-Chamond. Presenciou o afluxo das pessoas que, vindas do interior, se fixavam nas cercanias das cidades; viu a pobreza dos

trabalhadores nas fábricas e a orfandade das crianças sem apoio das famílias. Com toda a certeza, ele viajou de trem no primeiro trecho de estrada de ferro construído na França, inaugurado em 1826, e que unia Saint-Chamond a Saint-Etienne.<sup>14</sup>

Viveu a época do grande dinamismo missionário da Igreja francesa, com as suas “missões populares” voltadas para a revitalização religiosa da própria França; mas também com as *missões ad gentes*, voltadas para outros povos, fora da França. Em nenhum outro lugar o espírito missionário francês se mostrou mais intenso do que na região de Lião. Inicialmente, os fundadores maristas compreendiam as missões como o esforço de recristianização da França; ir para as montanhas, como Maria, para revitalizar a vida da Igreja. A experiência das missões na região do Bugey, na França, teve grande significado para o padre Colin<sup>15</sup> e seus primeiros companheiros, ajudando a compreender a índole missionária na Sociedade de Maria. Muitas novas congregações religiosas foram fundadas no século XIX, na França, muitas delas de cunho mariano, dedicadas ao que se julgava urgente na época: trazer o povo de volta à fé e à prática religiosa. Para isso, catequese e escola paroquial, missões, orfanatos, abrigos e hospitais foram surgindo por toda a parte sob a responsabilidade de pessoas zelosas e dedicadas.

Embora o jansenismo<sup>16</sup> já estivesse bastante abrandado nas atitudes e na pregação dos fundadores maristas, influenciava ainda a prática e a mentalidade dos fiéis. Inferno, pecado e conversão eram temas frequentes nas pregações. Havia certa rudeza no modo de compreender a vida religiosa, exigindo certas vivências que, hoje, seriam inaceitáveis e incompreensíveis. A vida era austera, com muito temor subjacente, pois o modo de pensar era influenciado, por um lado, pela fragilidade da vida terrena, marcada por doenças e mortes precoces e, por outro, pelo temor da não salvação eterna.

<sup>14</sup> Os primeiros trechos da estrada de ferro na França surgiram na região compreendida entre Saint-Etienne, Saint-Chamond e Lião em 1826; serviam inicialmente para o transporte de carvão. Entretanto, já em 1832, o transporte de passageiros era habitual no trecho de Lião a Givors.

<sup>15</sup> Jean-Claude Colin, iniciador da Sociedade de Maria, ramo dos Padres Maristas; foi seu primeiro Superior Geral.

<sup>16</sup> Jansenismo: corrente puritana e punitiva do catolicismo europeu que permeou a Igreja francesa no século XVIII e início do século XIX, apesar da condenação oficial pelo Papa Inocêncio X em 1653. Essa corrente teológica e ascética ainda era propagada nos seminários no tempo de Marcelino. Era doutrina baseada nos escritos do teólogo Cornelius Jansen na década de 1640, comentando os ensinamentos de santo Agostinho sobre a predestinação.

O Irmão Sylvestre amadureceu na sua vocação de Irmão Marista marcado por esse ambiente religioso e social. Foi também a partir desse contexto e da sua cultura pessoal que ele nos transmitiu e avaliou Marcelino Champagnat.

## O TEXTO COMO TAL

O trabalho do Irmão Sylvestre é resposta ao convite do então Superior Geral, Irmão Teofânio. A causa de canonização de Marcelino estava para ser introduzida em Roma e era necessário preparar a condizente documentação. O Irmão Superior Geral pediu aos membros do Instituto e a outras pessoas que tinham conhecido Marcelino que escrevessem depoimentos sobre ele. O Irmão Sylvestre não se furtou à oportunidade. Seu trabalho é um dos três principais testemunhos que temos. Os outros dois são: “A Biografia de M. Champagnat”, escrita pelo Irmão Jean-Baptiste e os “Anais do Instituto”, de autoria do Irmão Avit.

É importante considerar o modesto público para o qual o Irmão Sylvestre realizou o seu trabalho. Não tinha a pretensão de destiná-lo a uma leitura geral, aberta; não imaginava que o seu texto adquiriria a importância que tem hoje; não quis escrever um texto mais definitivo sobre o Fundador. Ele conhecia bem a biografia escrita pelo Irmão Jean-Baptiste e dela faz comentários, louvando a riqueza de dados, a seriedade com que foi escrita e o gabarito do seu autor. O Irmão Sylvestre escreveu as suas memórias imaginando que seriam lidas apenas por um público restrito, isto é, pelas pessoas encarregadas de compor o dossiê da canonização do Fundador.

Em segundo lugar, é preciso lembrar o objetivo que tinha o Irmão Sylvestre. Ele ressalta as “virtudes heroicas”, em

Marcelino, apontando-o como candidato idôneo para o processo de canonização. Resulta disso um retrato que, para os nossos parâmetros atuais, parece exagerado, não muito real. É o estilo hagiográfico daquela época. Não se trata, portanto, de história objetiva, despida de paixão. Também a “Biografia de M. Champagnat”, escrita pelo Irmão Jean-Baptiste, foi criticada negativamente, porque se encaixa nesse mesmo gênero hagiográfico. A historiografia do século XIX era tipicamente desenvolvida dessa forma, com a finalidade explícita de obter a canonização do biografado, ou de mostrar a sua santidade. Trata-se de estilo que não é atraente para o leitor moderno. A preferência atual, para o caso das biografias, é que apareçam os aspectos humanos e de inserção no mundo real. Diga-se, entretanto, que o Irmão Sylvestre deixou escapar muitos lampejos da humanidade de Champagnat, especialmente na parte do seu livro que ele intitula “Apêndice à biografia escrita pelo Irmão Jean-Baptiste”. Justamente por não ter a mesma capacidade literária do Irmão Jean-Baptiste, vieram à tona essas descrições mais “pé no chão”, permitindo-se comentários, apreciações e relatos do seu convívio pessoal com o Fundador.

Em terceiro lugar, devemos recordar que o texto do Irmão Sylvestre provém de doze cadernos escritos à mão, que totalizam umas quatrocentas páginas, com numerosas correções, adições e comentários extras, apertados entre as linhas e na margem das páginas. Não se tratava de trabalho polido e bem acabado. A cópia manuscrita desses originais, material que está conservado nos Arquivos do Instituto, em Roma, foi feita por dois copistas diferentes e também apresenta alguns erros e correções, porque a letra do Irmão Sylvestre não era fácil de decifrar! A publicação dos manuscritos, feita em 1991, pelo Irmão Paul Sester, edição em francês, é considerada a publicação mais compreensiva do

material primitivo. Ao preparar sua edição, o Irmão Paul Sester corrigiu alguns erros de gramática e de grafia, suavizando o estilo da época, que empregava frases muito longas, redundantes, quase sem pontuação. O texto traduzido, que agora temos em mãos, provém da edição francesa de 1991. Não há notas de rodapé nem índice no texto original do Irmão Sylvestre.<sup>17</sup>

## A RELEVÂNCIA DO TEXTO PARA OS NOSSOS DIAS

O leitor atual deve lembrar-se de que está diante de um texto do século XIX. Precisa entrar no espírito da época e compreender certas peculiaridades, que não podem ser julgadas segundo os valores e as normas culturais de hoje. Muitos buscarão nessa leitura informações para o aprofundamento da sua vivência marista. Que dados novos o Irmão Sylvestre poderá revelar a respeito das intuições maristas originárias? Sobre a espiritualidade de Champagnat? Sobre o entusiasmo que suscitava? Sobre a sua paixão por Jesus Cristo?

De saída, há muita coisa no relato do Irmão Sylvestre que deverá ser minimizada pelo leitor moderno, por ser defasada. “Esse não é o jeito marista que conheço”, poderá ser a reação do leitor diante de algumas passagens, pois a linguagem, às vezes, é muito melosa, apresentando procedimentos que podem parecer quase supersticiosos. Para a vida religiosa, depois do Vaticano II, parecem descrições medievais.

É preciso compreender que, como todas as grandes espiritualidades da Igreja, a espiritualidade marista é herança viva e evolutiva. Certos modos particulares de compreender o Evangelho e de corresponder ao ensino de Jesus fizeram surgir movimentos espirituais e apostólicos para épocas e necessidades

<sup>17</sup> Nesta edição as notas de rodapé são iniciativas da equipe de redação.

bem definidas. Alguns floresceram por períodos curtos; outros cresceram, adaptando-se a culturas e épocas diversas. Tome-mos o exemplo dos Templários e dos Franciscanos. Os primeiros tinham a finalidade de defender os lugares santos; os segundos pretendiam revitalizar a Igreja com o seu trabalho de evangelização. Ambos foram importantes na vida da Igreja, na época em que nasceram. Hoje, os Templários já não têm razão de ser; nada mais são do que material para lendas românticas e fonte de inspiração para alguma novela ocasional. Os Franciscanos, que permaneceram criativos e abertos à reinterpretação da intuição original, continuam importantes no seio da Igreja, multiplicados em inúmeras instituições religiosas, masculinas e femininas, atuantes em grande número de países. A facilidade em adaptar-se aos novos tempos e à diversidade de culturas exige uma espiritualidade que não esteja ancorada apenas em um estilo de vida institucional.

A espiritualidade marista<sup>18</sup> nasceu na França, em uma época em que surgiram muitas outras fundações religiosas, preocupadas com a educação das crianças sem escola e sem catequese. Algumas ficaram apenas em âmbito diocesano; outras se dissolveram após a morte do fundador ou fundadora; poucas se espalharam para fora do país e da língua inicial. Para sobreviver, foi preciso transcender cultura, língua e missão apostólica específica. A espiritualidade marista foi capaz de sacudir carapaças culturais, teológicas e institucionais da época da fundação, sem comprometer a intuição original. Percebe-se, hoje, que a espiritualidade marista está sendo adotada de modo frutuoso e integral não apenas pelos Irmãos, mas por grande número de leigos que procuram fazer dessa espiritualidade o seu modo preferido de chegar ao Evangelho. É uma espiritualidade significativa para muita gente. O trabalho que o Irmão Sylvestre escreveu abre-nos uma janela para penetrar na essência dessa espiritualidade,

<sup>18</sup> O termo “marista” significa “marista de Champagnat”; refere-se ao carisma de Marcelino; diz respeito à espiritualidade que se desenvolveu no ramo dos Irmãos. Este esclarecimento é necessário porque num significado mais amplo “marista” também pode significar a espiritualidade dos outros ramos da Sociedade de Maria: dos padres e das Irmãs maristas. Portanto, se não houver uma indicação em contrário, quando empregarmos o termo “marista” estaremos referindo-nos à família instituída por Marcelino Champagnat.



desde que sejamos capazes de olhar para além da poeira e dos arranhões da vidraça.

O Irmão Sylvestre descreve a prática de seis virtudes, que julga importantes na espiritualidade marista. Os seis temas são escolha pessoal dele. Não se trata de estudo exaustivo da questão; pode até ser que tais temas, no seu todo ou em parte, não sejam os melhores para definir a nossa espiritualidade. Mesmo assim, vamos considerá-los no contexto da época, para captar algo daquilo que foi essencial das intuições carismáticas do Fundador e dos primeiros Irmãos.

## I - A DIMENSÃO AFETIVA E RELACIONAL

Grande parte da narrativa, tanto na sua linguagem quanto na imaginação, reflete a preocupação com o domínio afetivo: emoções, relacionamento pessoal, questões humanas. Há poucos questionamentos filosóficos, não há desenvolvimento de temas intelectuais profundos. Na parte do livro que ele denomina “Apêndice”, em que a sua redação é mais objetiva e pessoal, faz a descrição de Champagnat através do seu modo de agir com as pessoas, do seu relacionamento com os Irmãos, com ele mesmo, Irmão Sylvestre, e com Jesus e Maria. Descreve com detalhes o modo de Marcelino tratar os Irmãos, paroquianos, crianças e necessitados. Destaca a generosidade de Marcelino e a sua preocupação com os doentes. Em resumo, mostra o seu coração.

O termo “coração” emerge como palavra-chave na espiritualidade de Marcelino. Emprega a palavra com frequência nas suas cartas e ensinamentos. A ênfase está no coração e no relacionamento, voltado tanto para Deus quanto para as pessoas. Proxi-

midade e simplicidade são aspectos fortes nessa espiritualidade. O Irmão Sylvestre, obviamente, sente-se à vontade ao focar essa faceta. A espiritualidade marista tem forte atração para os jovens, devido ao componente da presença amigável, da proximidade cordial. É uma espiritualidade despojada dos engodos da religiosidade sentimental. Ela vai ao coração de modo direto, utilizando linguagem despojada e simples.

## 2 - HUMILDADE

Nenhum conceito tem ênfase mais explícita da parte do Irmão Sylvestre do que a humildade. Emprega as palavras “humildade” e “humilde” mais de setenta vezes na narrativa, definindo-as como característica principal do espírito marista. Associa a humildade com as virtudes da simplicidade e da modéstia. Afirma que Marcelino comparava essas virtudes com a violeta.

Oposto à humildade, ele coloca o pecado de orgulho, raiz de todo mal, algo que ele entende ser danoso para a vida religiosa. A contraposição humildade/orgulho é fundamental para a compreensão do espírito marista, do ponto de vista do Irmão Sylvestre. Quase todos os erros e pecados citados na sua narrativa têm a ver com o orgulho. Segundo ele, até mesmo o escândalo que envolve Courville, em 1826, originou-se do orgulho.<sup>19</sup>

Ele define a humildade de tal modo que, para o leitor moderno, ela é considerada como rebaixamento de si. Ele cita como exemplos de humildade o modo como Champagnat praticava a “mortificação”, negando a si alimento entre as refeições, seguindo um regime punitivo pessoal, praticando a frugalidade que impedia o uso do vinho e do café, considerados como extravagâncias, e fazendo uso da “disciplina” e do “cílio”

<sup>19</sup> Trata-se do padre Jean-Claude Courville, que foi o idealizador pioneiro da Sociedade de Maria. Ele atraiu para os seus ideais, entre outros, o padre Champagnat e o padre Jean-Claude Colin. Por causa de problemas pessoais em 1826, precisou deixar a diocese de Lião e o grupo dos fundadores da Sociedade de Maria.

como instrumentos de penitência. O leitor moderno não deve incorrer no erro de julgar comportamentos e atitudes de uma época com normas e valores culturais de outra.

A chave para compreender o seu modo de tratar do binômio humildade/orgulho é analisar o objetivo que ele tinha em mente. O seu objetivo, aquilo que é essencial na prática da humildade, tanto no seu tempo como na vida cristã atual, é o “esvaziar-se interiormente” para permitir a ação de Deus no coração da pessoa. É a atitude interior de Maria, exclamando: “Faça-se em mim segundo tua palavra.”<sup>20</sup> O marista atual é convidado a viver a humildade de modo mais brando em relação ao corpo, mas não com menor autenticidade de intenção. É sob essa luz da humildade interior que se compreende outra característica forte da espiritualidade de Champagnat, descrita pelo Irmão Sylvestre: a sua ilimitada confiança em Deus! Por um lado, Champagnat é descrito como alguém que tem opinião muito pobre de si mesmo e, por outro lado, é descrito como alguém capaz de empreender obras grandiosas, como a construção de l’Hermitage. Não confiava em si mesmo, mas confiava no Senhor. É o que diz São Paulo: “Aquele que se gloria glorie-se no Senhor.”<sup>21</sup>

### 3 - AMOR AO TRABALHO E ZELO

O Irmão Sylvestre menciona com frequência a disposição de Champagnat para o trabalho duro, exigente de muito esforço físico. Deixa transparecer o seu evidente desgosto pela preguiça e pela indolência. Mas não se trata de obsessão pelo trabalho, nem ativismo. Descreve-o como homem apaixonado e entusiasta. Da mesma forma, ao falar do zelo, descreve o entusiasmo de Marcelino e dos primeiros Irmãos no trabalho da evangelização como “candente”. Trata-se de um qualificativo

<sup>20</sup> Lucas 1, 38.

<sup>21</sup> 2º Coríntios 10, 17.

impressionante. O que os impelia e o que está no coração da espiritualidade marista é uma profunda preocupação com as pessoas. É resposta de amor e não tanto obrigação restrita.

A teologia da época falava de condenação eterna, de almas que eram destinadas ao céu, com a contrapartida de outras que não o eram; falava do horror ao pecado (Irmão Sylvestre afirma que o único receio que Champagnat tinha era o do pecado); afirmava que os pagãos do outro lado do mundo dependiam dos católicos europeus para serem resgatados do seu destino de condenação. Na sua empolgação, o Irmão Sylvestre vê os maristas como a falange do exército que combaterá o anticristo no fim dos tempos.

Podemos ressaltar ainda que o Irmão Sylvestre aceitou sem ressalvas alguns mitos que foram criados ao redor de fatos na vida de Champagnat e que eram propalados pela tradição oral ainda pelos idos de 1880. Relata, por exemplo, a história apócrifa da chama ardente que pairava na cabeça de Marcelino em seu nascimento. Também descreve a “intervenção” de Jesus, Maria e José, no episódio “perdidos na neve”, relatando o desaparecimento misterioso da casa que abrigou Marcelino e o Irmão Estanislau, quando foram socorridos e salvos do congelamento na neve, sugerindo que se tratava da casa da Sagrada Família de Nazaré. Para o Irmão Sylvestre eram fatos dignos de nota dentro do contexto hagiográfico da sua apresentação do Fundador.

#### 4 - CONSCIÊNCIA DA PRESENÇA DE DEUS

Marcelino a denominava “o exercício da presença de Deus”. Certamente foi uma prática que aprendeu durante a formação no seminário e que, mais tarde, se tornou o elemento forte da

sua espiritualidade, pois é prática citada e recomendada com frequência na sua biografia oficial. O Irmão Sylvestre a descreve como elemento básico da espiritualidade marista. Para a mentalidade do século XIX, quando era fortemente acentuada a contraposição de alma e corpo, sagrado e profano, o exercício da presença de Deus consistia em um conjunto de gestos e atitudes que procuravam manter o cristão no “clima espiritual” em meio às atividades profanas diárias. Assim as frequentes visitas à capela, considerada o lugar mais sagrado da casa; o tocar do sino para a “oração da hora”, interrompendo as ocupações normais de cada um; o uso do hábito religioso; as orações comunitárias duas ou três vezes por dia. Para o marista moderno, trata-se de agir sempre com “espiritualidade”, sabendo-se amado e protegido por Deus.

## 5 - EQUILÍBRIO E ATITUDES HUMANAS

O retrato que o Irmão Sylvestre pinta de Champagnat é o de uma pessoa muito humana, embora o objetivo do seu trabalho seja o de mostrar a sua “santidade”, isto é, segundo a concepção da época, mostrar apenas os fatos grandiosos e espirituais da pessoa. Ele consegue descrever o Fundador como pessoa íntegra e equilibrada, com personalidade rica e atraente, do ponto de vista humano. Marcelino é retratado com senso de humor, com capacidade natural para contar histórias, com habilidades de bom pregador e professor. O senso de humor é indicativo de pessoas com perspectiva sadia da condição humana; é sinalização do desejo de comprometer as pessoas com modos ordinários e não afetados.

A imaginação escatológica e as descrições heroicas que o Irmão Sylvestre desenvolve em grande parte do seu trabalho ficam contrabalançadas por esse quadro mais humano de Marcelino, pessoa que gostava de jogar bochas com os Irmãos; que sempre estava no centro do grupo, quando alguma história humorística estava sendo narrada; que se mostrava cansado, quando o trabalho tinha sido muito intenso, e que prescrevia a hora do recreio como obrigatória para todos. Exigia seriedade e dedicação no trabalho manual, como já se falou; da mesma maneira exigia cumprimento integral dos momentos de oração previstos para a comunidade. Queria equilíbrio na distribuição do tempo dedicado à oração, missão e comunidade, elementos de uma espiritualidade integrada. É neste contexto de equilíbrio que o Irmão Sylvestre coloca a descrição da saída do Irmão Jean-Marie Granjon, dizendo que estava desenvolvendo uma espiritualidade desequilibrada, com acento apenas na oração e mortificação, descuidando-se da missão e da vida comunitária. Era uma espiritualidade com a qual o padre Champagnat não concordava; então, não conseguindo demover o Irmão daquele caminho, viu-se obrigado a desligá-lo do Instituto, apesar de ter sido o primeiro Irmão Marista.

## 6 - A DIMENSÃO MARIANA

O culto à Santíssima Virgem Maria estava em plena ascensão na época em que o Irmão Sylvestre escreveu o seu trabalho. Era o começo do chamado “século mariano”: proclamação do dogma da Imaculada Conceição, em 1854, até a proclamação do dogma da Assunção de Nossa Senhora, em 1950. Houve várias aparições de Nossa Senhora, o surgimento de devoções e de congregações religiosas dedicadas à Virgem Maria. Em geral, o culto mariano era mais devocional do que de imitação. O

Irmão Sylvestre mostra que Champagnat, além de dar a Maria um lugar explícito de honra, introduziu no seu culto uma dimensão afetiva de relacionamento, chamando-a “Primeira Superiora”, “Recurso Habitual” e “Boa Mãe”, querendo explicar com isso que Maria não era figura idílica, remota, nas nuvens, mas muito próxima, imanente. Ele cita o ensinamento do Fundador sobre são João Evangelista, quando o chama de “primeiro marista”, por ser o amado de Jesus, por estar ao pé da cruz e pelo seu encargo de cuidar de Maria, conforme o mando de Jesus: “Eis tua mãe; eis teu filho”.<sup>22</sup>

Ao citar vários ensinamentos do Fundador, pedindo aos Irmãos que imitassem Nossa Senhora na sua humildade, na sua obediência à vontade de Deus e na sua vida de intimidade com Jesus, o Irmão Sylvestre mostra-nos um elemento válido e atual da devoção mariana, pois é aquilo que o Concílio Vaticano II definiu com relação a Maria, apresentando-a como modelo do discípulo de Jesus. O modo como Maria seguiu a Jesus é o grande fundamento da devoção marial de todo o marista. Marcelino Champagnat, juntamente com Jean-Claude Colin e Jeanne-Marie Chavoïn, estes como iniciadores dos Padres e das Irmãs Maristas, todos convergem e insistem na obrigação de todo o marista: fazer a “obra de Maria”, fundamentalmente, fazer nascer Cristo, torná-lo conhecido e amado!

No final do seu livro, o Irmão Sylvestre deixa o leitor com Maria, assim como Jesus a deixou com João Evangelista, fazendo um apelo para que todos os maristas sejam genuínos “irmãos de Maria”. É nessa esperança que está a intuição integradora da espiritualidade marista de Marcelino Champagnat.

<sup>22</sup> cfr. João 19, 27

Irmão Sylvestre  
PRIMEIRO RELATO

**BREVES COMENTÁRIOS SOBRE O LIVRO  
DA BIOGRAFIA DO PADRE CHAMPAGNAT**

Notas, episódios, reflexões e  
comentários sobre seu espírito.

**PRIMEIRA PARTE<sup>23</sup>**

<sup>23</sup> O Irmão Sylvestre escreveu este subtítulo “Primeira Parte”, mas não há no texto do seu Primeiro Relato um subtítulo indicativo da Segunda Parte.



## EXPLICAÇÃO DO AUTOR

O QUE RELATO NESTE ESCRITO sobre o padre Fundador não são coisas extraordinárias, tais como aquelas que se encontram no livro da sua biografia, escrita em dois volumes, ou na edição resumida, em volume único.<sup>24</sup> Escrevi detalhes mínimos que, considerados do ponto de vista histórico, poderão parecer prolixos; encarados, porém, sob o aspecto do espírito de fé com que o padre Champagnat os fez, merecem outro apreço. São pedrinhas preciosas que não se podem deixar fora; ou, se quiserem, são grãos respigados no campo em que o autor da biografia fez tão rica e abundante colheita. Sabemos que a perfeição não é alcançada por saltos e atos grandiosos; chega-se a ela por escada, cujos degraus são constituídos de coisas simples, diárias, mas feitas sempre com fé, amor e pureza de intenção.

No intuito de romper a monotonia desse meu relato, permito-me algumas digressões, às vezes longas; perdoem-me, ainda mais quando me dizem respeito, embora menos diretamente.

<sup>24</sup> Referência à biografia reduzida do Pe. Champagnat, livro editado em 1885, num só volume, destinado especialmente para os alunos das escolas maristas. A notícia sobre o aparecimento desta biografia é dada pelo Irmão Théophile Superior Geral, na sua Circular de 18 de janeiro de 1885.

# PRÓLOGO DO AUTOR

## 1 - MEU PARECER SOBRE A AUTENTICIDADE DA BIOGRAFIA DE M.J.B. CHAMPAGNAT ESCRITA POR UM DOS SEUS PRIMEIROS DISCÍPULOS.

Direi, em primeiro lugar, que estou plenamente de acordo com a biografia do padre Champagnat, escrita por um de seus primeiros discípulos, em dois volumes, no formato *in-douze*. Ela descreve o desenrolar da sua vida na primeira parte e o seu espírito e virtudes, na segunda; é de exatidão incontestável, seja no tocante aos fatos relatados, seja nas instruções contidas, cujo enunciado é assaz textual. Além disso, acredito que o relato das suas virtudes e a maneira como ele as praticava está reduzido e poderia ter sido aumentado. Há semelhança tão impressionante entre o que vi durante os nove anos que passei sob a direção do bom padre e o que o autor relata daquele tempo, que seria má vontade de minha parte não confirmar o conteúdo da obra.

## 2 - O QUE EU PENSO DO SEU AUTOR, IRMÃO JEAN-BAPTISTE.

E que dizer do seu autor? Posso asseverar, sem medo de ser incriminado de inexato ou exagerado pelos que o conheceram, em grande número ainda vivos hoje, que o Irmão Jean-Baptiste Furet, ao escrever essa tão edificante biografia, realizou numerosas e minuciosas pesquisas. Inquiriu não apenas os Irmãos

que viveram em sua época, mas também pessoas estranhas à Congregação, que se tinham relacionado com esse padre santo, solicitando informes detalhados do que viram ou ouviram dizer de Champagnat. Procurou assegurar-se da veracidade dos relatos, valendo-se dos procedimentos que utilizam os juízes da instrução para conhecer toda a verdade. Ele quis ser franco e exato, como exigia seu caráter.

Acrescento ainda que o autor consultou todos os escritos do venerando padre, bem como sua correspondência, recorrendo aos Irmãos que, em grande número, lhe entregaram as cartas pessoais que tinham, e recorrendo também às autoridades eclesiásticas e civis, com o intuito de conhecer a fundo seu espírito e suas virtudes.

Depois de longo e judicioso exame de todos esses dados, é que pôs mãos à obra, anotando no relato apenas o que lhe pareceu de escrupulosa exatidão. Digo ainda que Deus o tinha dotado de memória surpreendente, de juízo pronto e seguro, de inteligência rara e, sobretudo, de tato particular para esclarecer com precisão o essencial de um fato, com seus pormenores e desenvolvimentos, a fim de apreciá-lo em seu justo valor.

As outras obras que ele compôs, sobretudo “Avisos e Sentenças do padre Champagnat” e “O Bom Superior”, são provas incontestáveis do que expus anteriormente. Acho ainda que ele revela boa memória e apreciação justa das coisas em seu livro “Princípios de Perfeição”, em que condensou, com clareza e precisão, tudo o que os santos padres e os doutores da Igreja disseram de mais sólido a respeito do ascetismo e da perfeição religiosa.

De quanto acabo de dizer se conclui que a biografia do padre Champagnat, sobre a qual escrevo estes comentários, se reveste de exatidão incontestável e, em consciência, pode-se atestar-lhe a veracidade sob juramento de fé.

### 3 - REFLEXÕES SOBRE O LIVRO DA SUA BIOGRAFIA

Escutei diversas vezes a leitura da biografia de M.J.B. Champagnat; embora me tenha causado sempre impressões salutarres, nunca me impressionou tão fortemente, e não sou o único a dizer isso, quanto depois que o Reverendo Irmão Superior Geral nos pediu que fizéssemos dela leitura atenta, a fim de que cada um, sobretudo aqueles que o conheceram, pudessem dar, por escrito, apreciação sobre o seu conteúdo, para servir de documento na introdução da causa do Fundador, em Roma. Sentia-se que uma bênção particular acompanhava essa leitura, do mesmo jeito que acontece ao ler com piedade e respeito a Escritura Sagrada ou a vida de algum santo canonizado.

Sim, o padre Champagnat é santo. A sua biografia o atesta de modo incontestável. Todos os Irmãos que o conheceram, tanto os antigos como os mais jovens, o proclamam unanimemente, fazendo votos ardentes para que a introdução de sua causa junto à Santa Sé tenha resultado feliz e os confirme na crença de que seu Fundador praticou as virtudes teológicas e morais em grau heroico.

Sim, repitamos felizes, o padre Champagnat é santo, mas santo que levou vida obscura e escondida, nas pegadas da Santíssima Virgem em Nazaré. Ele a tinha tomado por modelo e, no pensamento, desejava que a Congregação lhe imitasse a vida humilde, simples e modesta e levasse o nome bendito de Maria com o de Pequenos Irmãos, para recordar a devoção filial que devem ter a essa Boa Mãe; além disso, o hábito que os deve distinguir das outras congregações é a humildade. Digo ainda que, se diversos mestres da vida espiritual comparam as sociedades religiosas com o magnífico ramalhete de flores variadas que a Igreja apresenta ao Esposo Celeste, atraindo os

olhares pela beleza, esplendor e cores brilhantes, a Congregação dos Pequenos Irmãos de Maria deve figurar qual modesta violeta, que atrai a atenção pelo perfume espalhado em seu redor.

Esse é o espírito de nosso Fundador. Leia-se a biografia e ver-se-á que a obra de sua Congregação é resultado de profunda humildade, (de grande devoção a Maria e de sede ardente pela salvação das almas).<sup>25</sup>

<sup>25</sup> Nos originais do Irmão Sylvestre o texto entre parênteses com outra caligrafia foi acrescido posteriormente.

**CAPÍTULO I**  
**SUAS VIRTUDES**

## 1 - PRESENÇA DE DEUS

Pretendo agora fazer o elogio de suas virtudes. Porém, como estão descritas de forma detalhada, exata e edificante no segundo volume da biografia, apenas vou expor, brevemente, o que mais me impressionou nele durante o tempo de meu noviciado e em algumas outras circunstâncias. Sei que corro o risco de repetir o que já foi dito e de passar por ingênuo em alguns detalhes. Todavia será sempre uma confirmação a mais.

Em primeiro lugar, é de ressaltar como estava bem arraigada no coração e no espírito de nosso piedoso Fundador a sua convicção da presença de Deus. Pode-se dizer que essa santa presença era a alma de sua alma, o alimento de sua piedade. Estava sempre tão calmo, grave e recolhido que tudo levava a crer que nunca se esquecia dela. Lembro-me de que, ao iniciar a meditação, quase sempre começava com as palavras do salmo 138: *Quo a facie tua fugiam?*<sup>26</sup> Pronunciava-as com tom de voz tão acentuado e solene, que causavam na alma impressão inexplicável, levando-nos a tão grande recolhimento, que não ousávamos mexer-nos, nem por necessidade. Esse *quo a facie tua fugiam* muitas vezes me retornou ao pensamento, ajudando-me a evitar pecados, a preparar-me para a meditação. Ele nos falava amiudadas vezes dessa divina presença, recomendando-nos que, se dela nos esquecêssemos, pelo menos retornássemos a ela, quando o tilintar da sineta ou o bater do relógio anunciasse a oração da hora.

Entretanto, não se deve pensar que o exterior imponente do estimado padre que, à primeira vista, inspirava respeito e até certo receio, o impedisse de ser alegre e jovial, quando as circunstâncias e as conveniências o exigissem. Assim, no recreio, sempre tinha chistes para nos divertir; além disso, nos ensinava e nos propiciava jogos inocentes muito agradáveis. Não recusava tomar parte; mas

<sup>26</sup> Expressão latina do Salmo 138, 7: “Aonde irei, longe do teu espírito? Como fugirei da tua face? Ver um complemento de informação na nota de rodapé nº 12.6.

depois, quando o jogo estava em andamento, desaparecia sem ser percebido. Era sempre no Senhor que se alegrava, como diz o apóstolo são Paulo. Apesar dessa simplicidade, agindo como bom pai em relação aos filhos, conservava atitude digna de Superior, de ministro de Jesus Cristo e, acima de tudo, conservava a lembrança da presença de Deus. Nunca ouvi nenhuma palavra dele que pudesse ferir a caridade ou escandalizar as pessoas; mais ainda, nunca percebi que tivesse falado ou feito algo contra a lei de Deus, mesmo em assuntos de menor importância. Nos momentos de maior familiaridade com os Irmãos nunca percebi que tivesse tocado quem quer que fosse, nem mesmo com a ponta do dedo. Se alguém se permitia certas familiaridades, lícitas em si mesmas, mas que poderiam ter conotação de desrespeito, ele dizia com voz firme o seguinte provérbio, que lhe era muito familiar: “Jogo de mão, jogo de vilão”.

## 2 - TEMOR DO PECADO

É fácil compreender que a lembrança habitual da presença de Deus lhe inspirava temor, repugnância e até mesmo certo espanto por qualquer ofensa feita contra a majestade divina. Em linguagem vulgar, o pecado era-lhe a sua *bête noire*, sua ovelha negra. Nas suas instruções, amiudadas vezes retornava a esse mal, que ele designava o mal dos males. Oh! meu Deus, quanto horror manifestava! Fazia tremer todo o auditório, quando descrevia as características do pecado e suas funestas consequências. Seus ouvintes, desde os mais sérios e compenetrados até os mais levianos, todos ficavam atemorizados, sentindo calafrios na alma, sobretudo quando abordava certos pecados, aos quais nos devemos referir raramente, segundo o conselho do apóstolo são Paulo.<sup>27</sup> Nessas ocasiões, o tom enérgico da sua voz fazia



estremecer as consciências relapsas e aterrorizava aqueles que se sentiam culpados nessa matéria. Recordo-me que dizia a esse respeito: “Se me pedissem que aceitasse um jovem propenso a imoralidades juntamente com uma quantidade de ouro igual ao seu peso, mesmo que tivesse excelentes qualidades, eu não o receberia! E, na suposição de que alguém o aceitasse pelo fato de apresentar atitudes aparentemente boas, não duvido de que a própria Virgem Maria se encarregaria de excluí-lo da comunidade, a não ser que, de imediato, fosse iniciado um processo para a sua recuperação moral”. Dizia-nos ainda: “Um menino precocemente induzido ao mal somente se corrigirá, se um raio cair a seus pés, isto é, se corrigirá com fortes castigos corporais, com uma boa primeira comunhão ou por algum milagre obtido por meio de orações fervorosas”.<sup>28</sup>

### 3 - VIGILÂNCIA

O antídoto do pecado, segundo Jesus Cristo, é a vigilância, a oração e a mortificação. Direi poucas palavras sobre a maneira como praticou essas três virtudes, visto que, no livro da sua vida, esse assunto está muito bem narrado. Em primeiro lugar, vigiava sobre si mesmo com tão escrupulosa atenção, que nunca foi surpreendido em falta nem mesmo contra as mínimas determinações do Regulamento. Era pontual em obedecer ao primeiro toque do sino, suspendendo a conversa, por mais agradável que fosse, ou interrompendo o trabalho quase concluído, para passar ao exercício seguinte indicado pelo horário da casa. Não me lembro de tê-lo visto faltar a esse ponto do Regulamento que para todos nós, às vezes, é difícil de cumprir.

<sup>27</sup> São Paulo aos Efésios 5, 3-8

<sup>28</sup> Referência ao episódio do menino de rua Jean-Baptiste Berne que graças aos cuidados dos Irmãos e à insistência de Champagnat mudou completamente de vida e ficou Irmão Marista com o nome de Irmão Nilamon. (Biografia de Marcelino J. B. Champagnat, pp. 478-479).

## 4 - MEDITAÇÃO - ORAÇÃO

Que dizer de seu amor à meditação e da exatidão em fazê-la todos os dias, apesar das numerosas ocupações? Recordo-me que na sala onde fazíamos a oração não havia bancos, nem cadeiras, nem genuflexórios. Nós ficávamos ao redor do bondoso padre que, por sua piedade, fervor, atitude grave e recolhida e, algumas vezes, com palavras cheias de ardor, excitava à devoção os mais tíbios; mantinha acordados os que a tentação do sono surpreendia; aquecia aqueles que estavam entorpecidos pelo frio porque, no inverno, durante a oração, o único aquecimento na sala era um fraco lampião ou um candeeiro meio apagado. Champagnat não sentia frio; dir-se-ia que o coração abrasado lhe aquecia o corpo. Quanto a mim, jovem leviano, com o interior tão gélido quanto o exterior, precisava olhar para ele frequentemente, para não estar ali qual fogareiro apagado. Ao rezar, seu tom de voz era tão respeitoso e enérgico, a pronúncia era tão acentuada, que ficávamos bem compenetrados. Não era lento ao rezar; fazia as pausas necessárias para a compreensão das frases e aquelas exigidas pela própria estrutura da oração. Em suma, não lia a oração, mas a recitava com ardor e inteligência. Insistia em que fizéssemos de igual modo; mandava recomeçar, repreendia e até castigava, se fosse necessário, aqueles que eram engrolados ou precipitados na recitação. Queria que as orações fossem recitadas com atenção, clareza e respeito que se devem ter ao saudar uma grande autoridade.

Além dos seus exercícios de piedade ordinários, tais como meditação, breviário, terço, exame particular, leitura espiritual, celebração da santa missa, que nunca omitia, mesmo quando

estivesse cansado ou sobrecarregado com numerosas ocupações; tinha outras devoções particulares, que somente Deus conheceu, de maneira que se pode dizer que a oração era seu alimento diário, assim como a presença de Deus era o seu ambiente espiritual.

## 5 - MORTIFICAÇÃO

Eu deveria passar por alto a respeito de seu espírito de mortificação, visto que o autor da sua biografia relata muitos e impressionantes fatos a esse respeito. Entretanto, permito-me comentar alguns, embora mais modestos, mas não menos edificantes. Repetia-nos amiudadas vezes: “O bom religioso não deve ocupar-se do corpo com exagero.” Praticava isso ao pé da letra. Posso asseverar que tratava seu corpo como a um escravo rebelde do qual sempre se deve desconfiar. Recusava-lhe tudo o que pudesse lisonjeá-lo, contrariando-o nos gostos, nas comodidades, nas fantasias, chegando, por vezes, a se privar do necessário. Não entendo como, tendo um físico tão robusto, ele conseguia viver com tão pouco alimento! Eu, de minha parte, apesar de pequeno, mal e mal me satisfazia com o que era servido. Ele era sempre o primeiro a estar saciado à mesa, ao passo que eu era quase sempre o último.

O que fazia durante a refeição? Ele fazia perguntas, tanto aos novos quanto aos mais antigos, relativamente ao assunto da leitura do dia e dava explicações, caso fosse necessário. Normalmente, apenas o leitor escapava das perguntas, sempre judiciosas e muito interessantes. Os levianos e dissipados não sabiam responder e passavam pela vergonha de ficar em silêncio ao serem questionados; digo isso por experiência própria.

Ele não ingeria nada entre as refeições a não ser por absoluta necessidade. Era de tal rigor contra os que se permitiam comer

frutas ou mesmo bagos de uva fora do horário, que chegou a proibir a sagrada Comunhão aos que infringissem esse regulamento, a menos que se tivessem acusado disso a quem de direito. Conheço um Irmão que, por causa dessa proibição, passados quase 50 anos, nunca mais ousou transgredir tal regulamento.

Além de fazer refeições breves, ele não queria que os pratos servidos fossem preparados com esmero ou condimentados de modo exagerado. Certa vez, vi o bom Irmão Estanislau, sólida coluna do Instituto, seu braço direito, seu procurador, sacristão, roupeiro e, quando necessário, cozinheiro, ajoelhar-se no refeitório para cumprir uma penitência recebida dele; fora repreendido por causa de um pouco de manteiga no fundo do prato de legumes que lhe fora servido. Na ocasião, eu era auxiliar da cozinha e posso afirmar que não havia excesso de manteiga naquele prato; era uma quantidade que, mal e mal, dava para condimentar um ovo. Vinho puro, café e licores, embora mais raros no seu tempo do que hoje, ele mal os conhecia. Pelo menos, que eu saiba, nunca foi visto servir-se deles. Nos dias de festa solene, pelo final da refeição, quando era servido vinho em lugar da bebida habitual, queria que ao litro de vinho colocado em cada mesa fosse acrescentada uma medida de água, por considerar isso mais saudável.

Em questão de alimentos, não dá para dizer do que gostava ou não gostava. Pode-se presumir que, de preferência a qualquer outro alimento, gostava de algo bem comum: o queijo branco. Na sua biografia se diz que o Irmão diretor de certa comunidade bastante pobre, lhe serviu apenas esse alimento, não tendo outra coisa para oferecer. Por causa disso, posteriormente, esse Irmão diretor foi elogiado várias vezes pelo Fundador, referindo-se aos seus queijos brancos. Entretanto, sabemos que, na verdade, ele estava ocultando a mortificação pela qual passara, uma vez que precisou permanecer diversos dias naquela escola

e, para o bom padre, sair do seu regime habitual sempre lhe causava grande sacrifício.

A mortificação que mais lhe custava, como também a que mais custa aos jovens, é a prontidão em levantar-se de manhã, ao primeiro sinal do sino. Em uma viagem, passando pela aldeia de Creux, confidenciou a um dos primeiros Irmãos que era sempre muito penoso para ele interromper o sono de imediato e que nunca se acostumara àquilo. Esse fato, também relatado na biografia, foi-me contado diretamente por esse Irmão. A descrição unânime de todos os Irmãos que o conheceram atesta que ele fez esse sacrifício, generosamente, todos os dias da vida, até o dia em que a doença o obrigou a permanecer acamado. Não é isso virtude heroica? Talvez nem tanto pelo ato em si, mas pela longa e constante duração.

Champagnat usou o cilício e a disciplina<sup>29</sup> como instrumentos de penitência e permitiu, excepcionalmente, esse tipo de penitência a alguns Irmãos; isso está relatado também na biografia. Apesar disso, pode-se dizer que a mortificação na qual mais primou, recomendando-a como a mais agradável a Deus, foi a mortificação dos sentidos e das paixões, juntamente com os sacrifícios que advêm do cargo que cada um ocupa ou do trabalho exercido em nome da obediência. Quanto a esse tipo de mortificação, privilegiava o cumprimento exato das regras, especialmente a norma do silêncio, à qual dava muita importância. Os infratores desse ponto importante eram prontamente advertidos; caso fossem reincidentes, eram punidos severa e publicamente. Os retardatários nos exercícios de piedade também eram tratados mais ou menos da mesma maneira. Além dessas penitências, que eram de aplicação individual, o estimado padre, como penitência de cunho mais geral, estabelecera apenas o jejum dos sábados, que não dispensava nunca. A razão

<sup>29</sup> Cilício e disciplina: instrumentos para penitência corporal. O cilício consistia num cinto ou cordão de crina áspera<sup>3</sup> às vezes com farpas de madeira<sup>4</sup> usado diretamente sobre a pele. A disciplina era um pequeno chicote<sup>5</sup> formado por correias com pontas ásperas<sup>6</sup> que o devoto utilizava para açoitar-se.

apresentada para não impor outras mortificações era a consideração de que a tarefa de exercer o ensino cristão e religioso nas escolas, desde que praticada conforme o Regulamento, já era, de *per si*, penitência assaz austera. Para convencer-se dessa verdade basta ler com atenção o capítulo das regras sobre a mortificação, bem como os capítulos que tratam do ensino. Aliás, tais mortificações, praticadas sem ostentação, ocultas sob o véu da humildade, não eram também as mesmas que a Santíssima Virgem e são José praticavam na casa de Nazaré? Os Pequenos Irmãos de Maria devem preferi-las às demais, visto que nosso piedoso Fundador delas nos deu tão numerosos ensinamentos.

## 6 - LIBERALIDADE

Da mesma forma que o padre Champagnat era rigoroso consigo mesmo, era compreensivo e generoso para com os Irmãos, nunca se afastando das regras da sobriedade cristã e da pobreza religiosa. Demonstrava atenção e muito desvelo pelos Irmãos doentes e idosos. Lembro-me que, enquanto eu estava no noviciado, nos lugares ocupados por dois Irmãos idosos no refeitório, mandava colocar um pouco de vinho para suas refeições; penso que, apesar da pobreza da casa, a quantidade era de 1/5 de litro. Dava também um litro de vinho ao Irmão padeiro, nos dias em que fazia pão. Na biografia há muitos outros fatos que comprovam sua generosidade.

Algumas poucas pessoas chegaram a dizer que, pela maneira como ele administrava a casa, sobretudo com relação ao *nutritum* e ao *vestitum*<sup>30</sup> dos Irmãos, revelava certa tendência à parcimônia. Mas isso não é verdade; não há nada que comprove isso. Era um administrador prudente, apenas isso. É certo que, se dispusesse de mais recursos, gozaríamos de mais vantagens

no que se refere à alimentação, roupas e coisas decorrentes, pois era muito liberal. A prova disso é que, à medida que os recursos aumentavam, havia mais bens à disposição dos Irmãos. Disso falarei mais adiante. Foi de acordo com o espírito das suas normas para a alimentação e para o vestuário que o Capítulo Geral, celebrado depois da morte do Fundador, determinou o modo como as praticamos atualmente. As exceções que acontecem em certos lugares devem-se às circunstâncias, às situações particulares de tempo e lugar que nem mesmo o padre Champagnat poderia ter previsto. Ele conhecia bem o grande desgaste daquele que se dedica ao ensino e que o faz com a dedicação e o zelo indicados no Regulamento; por isso recorria aos meios possíveis para preservar a saúde dos Irmãos. O que não faria ele, hoje, quando a vocação de professor se tornou e fica cada vez mais difícil, penosa, quase impossível?

Por isso, conhecendo o coração do estimado padre, posso dizer que, certamente, ele aplaudiria de boa vontade tudo o que seus sucessores já fizeram e tudo o que farão no futuro para assegurar aos Irmãos, conforme os recursos da Congregação, todo o bem-estar temporal possível; também para propiciar recursos espirituais mais numerosos e eficazes, a fim de garantir-lhes a perseverança na vocação que, segundo ele, é passaporte para o céu.

## 7 - FÉ

Tanto foi elevado o grau de mortificação do padre Champagnat, quanto também o foi sua vivência da fé, quer a consideremos como virtude teologal ou como fé prática. Nunca foi possível apontar-lhe nenhum tipo de erro nos pronunciamentos ou nos escritos. Nunca ouvi dizer que tivesse recebido qualquer censura a esse respeito. A santa Igreja, que ele amava com muita afeição,

<sup>30</sup> Com relação à alimentação e ao vestuário.

respeitando-a e prestando-lhe inteira submissão, era o referencial da sua crença, não apenas sobre as verdades dogmáticas, mas também sobre as que ainda não eram declaradas artigos de fé, tais como a Imaculada Conceição e a Infalibilidade do Papa.<sup>31</sup>

Ao referir-se à Igreja, sempre dizia: *a santa Igreja, nossa Mãe!* No tocante às opiniões controversas, sobre as quais não havia pronunciamento da Igreja, conformava-se com as opiniões dos autores mais dignos de crédito quanto à ciência e à santidade, tais como são Tomás de Aquino, santo Afonso de Ligório e são Francisco de Sales, por quem nutria especial predileção. Que dizer, então, de seu apreço e simpatia pelo chefe da Igreja, o soberano Pontífice? Dedicava total obediência a seus ensinamentos. Quando chegava alguma encíclica, ele mesmo se encarregava de lê-la, exigindo que ficássemos de pé, escutando a leitura o tempo todo, por mais longa que fosse. Não se contentava em acreditar na infalibilidade do Papa, quando fala *ex-cathedra*, mas explicava-nos esse vocábulo e queria que todos os Irmãos também acreditassem nela e que a ensinassem às crianças. Para resumir, o padre Champagnat era romano de coração; tinha horror declarado por tudo quanto se referisse ao galicanismo. (ver rodapé nº 133) Muitas vezes, ouvi-o proclamar que a Igreja e o Papa, quando se trata de decidir questões relativas ao dogma e à moral, são unânimes e não se enganam; dizia que, no fundo, não há Igreja sem Papa e não há Papa sem Igreja.

Não somente acreditava no privilégio da Imaculada Conceição, como se fosse artigo de fé, mas também prestava homenagens à Virgem Maria com esse título de Imaculada. O dia 8 de dezembro era festa de guarda no Instituto e a festa era celebrada com muita solenidade. A invocação *Ó, Maria, concebida sem pecado...* era uma de suas jaculatórias usuais.<sup>32</sup> Exortava os Irmãos para repeti-la muitas vezes, sobretudo nas tentações contra a pureza.

<sup>31</sup> A Imaculada Conceição de Maria foi declarada verdade de fé dogma em 1854 pelo Papa Pio IX. O dogma da Infalibilidade do Papa foi definido no Concílio Vaticano I (1860-1870).



## 8 - RESPEITO AO SUPERIOR GERAL

Assim como era grande a submissão, o respeito e o apego do padre Champagnat pelo soberano Pontífice, da mesma maneira era a sua atitude em relação aos superiores. Seu espírito de fé fazia com que os considerasse como representantes de Deus, como depositários da sua autoridade. Na sua biografia, citam-se vários fatos relativos a isso. Contento-me em narrar o seguinte: quando o reverendo padre Colin, considerado na época Superior Geral dos padres e dos Irmãos, chegava a l'Hermitage para uma visita, o padre Champagnat o recebia com a mais honrosa distinção. Nós devíamos vestir-nos como para grande festa. Ele escolhia a mais bela casula para a celebração da missa; tocava-se o órgão como para as festas litúrgicas de primeira classe. Era dia de alegria para toda a comunidade; o padre Champagnat irradiava felicidade. Disso tudo se deduz que ele homenageava o visitante não como simples confrade, mas como Jesus Cristo, de quem era o representante.

## 9 - DEVOÇÃO AO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

Que dizer de sua grande fé no Santíssimo Sacramento? No segundo volume da biografia esse assunto é narrado com tanta exatidão que me contentarei em acrescentar alguns itens apenas, à guisa de confirmação. Tive a felicidade de ajudar a missa várias vezes e digo que, embora eu fosse estouvado e leviano, não conseguia deixar de ficar arrebatado à vista da seriedade com que celebrava, da exatidão no cumprimento das rubricas e do tom compenetrado com que recitava as orações litúrgicas. Quando pronunciava o *Domine, non sum dignus*,<sup>33</sup> eu experimentava sentimentos de humildade e de contrição tão profundos que, apesar de não ser hábito meu, baixava os olhos com muito respeito.

<sup>32</sup> Jaculatória: oração breve; invocação fácil de memorizar repetida seguidas vezes durante o dia: No texto a invocação completa é: Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós!

Nas procissões do Santíssimo Sacramento, apesar da pobreza da casa de l'Hermitage, exigia toda a pompa possível. Ao vê-lo carregar o ostensório com respeito e grande fé, ficávamos profundamente impressionados; podia ser comparado com a Santíssima Virgem na visita à prima Isabel quando, qual ostensório vivo, ela carregava o próprio Deus no seu casto seio, o mesmo Deus contido no pão eucarístico.

Fazia questão de que os cantos religiosos fossem bem executados. Além da aula que dava todos os dias com esse objetivo, exigia que os entoadores do canto e aqueles que deviam cantar os solos e os refrões, ensaiassem bastante, a fim de não atrapalhem o coral. Queria que as cerimônias fossem bem celebradas. Para tanto, estabeleceu uma reunião especial aos domingos, quando todos nós, novatos e antigos, aprendíamos o modo de realizá-las com gosto e edificação. Depois das cerimônias, chamava a atenção daqueles que se tinham enganado e louvava todos quantos, segundo sua expressão, *se tinham saído muito bem*.

## 10 - ATITUDES DE RESPEITO NA CAPELA

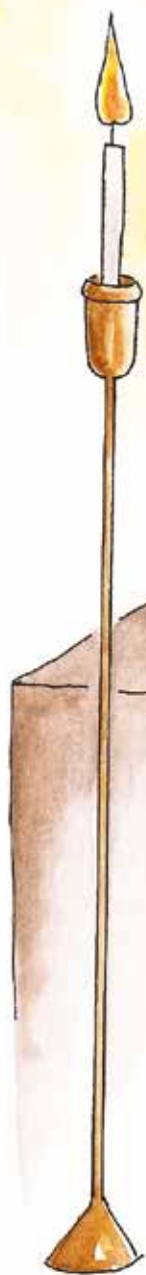
O padre Champagnat era severo com quem faltasse de composição na capela. Recordo que, certa vez, durante o mês de Maria, no momento em que, segundo o costume, a gente se levantava para a proclamação da leitura, um jovem Irmão, leviano e pouco piedoso, chamado Irmão dos Anjos, distraiu seus vizinhos com infantilidades, com gestos inconvenientes, até irreverentes. O padre Champagnat, movido certamente pela palavra da Escritura “o zelo da vossa casa me devora”, recordando também o exemplo de Jesus, quando expulsou os vendilhões do templo, avançou rapidamente para o jovem leviano, aplicando-lhe forte repreensão, gesto que atemorizou toda a comunidade e que nos deixou

<sup>33</sup> Expressão em latim: É o início da oração que o sacerdote faz antes do rito da comunhão: “Senhor não sou digno de que entres sob meu teto; mas dize uma palavra e o meu filho ficará curado.” Veja um complemento de informação na nota de rodapé nº 137.

tremendo, a nós jovens dissipados. Feita a correção, continuou com a mesma piedade e o mesmo fervor a leitura do mês de Maria, quase sem deixar transparecer emoção alguma. É escusado dizer que esse gesto, tão avesso a seu caráter e modo de proceder, ato que deve ter-lhe escapado por causa de seu zelo, corrigiu o culpado e todos os que pretendessem imitá-lo algum dia.

Queria que se tivesse o maior respeito pelos objetos e paramentos litúrgicos. Um dia, permiti-me colocar uma estola<sup>34</sup> ao pescoço, para me dar ares de padre, sem pensar que isso fosse inconveniente. Quando um Irmão antigo me viu daquele jeito, ralhou comigo: “Cuidado! Se o padre Champagnat o pega, você vai ver!” As simples palavras “cuidado, o padre Champagnat pode vê-lo” me atemorizaram tanto, que logo tirei a estola, para repô-la em seu lugar. Tive a sorte de passar apenas por um susto, pois o castigo seria pesado, se o estimado padre me tivesse surpreendido. Em outra ocasião, aconteceu um fato com desfecho diferente, pois foi quase uma profanação. Aconteceu que um jovem ajudante de sacristão, mais por infantilidade e gula do que por malícia, permitiu-se imitar o padre, bebendo no cálice uma porção de vinho, sem a gota de água conforme mandam as rubricas. Foi surpreendido pelo padre Champagnat que, desgostoso, deu-lhe como castigo ficar isolado em um quarto durante três dias, depois do que, despediu-o. Essa falta, que poderia ser considerada apenas material, magoou muito o coração do Fundador; até lhe fez perder o apetite. Imagine-se daí o horror que sentia de comunhões indignas ou de qualquer outra profanação. Recolhia partes rejeitadas de vestes religiosas, assim como santinhos e folhas soltas dos livros de oração, pois poderiam ser pisadas. Retirava das folhas rejeitadas os santos nomes de Deus, de Jesus e de Maria, para não ficarem expostos à sujeira. Seu grande espírito de fé o norteava até nas mínimas coisas.

<sup>34</sup> Paramento litúrgico utilizado pelo sacerdote para celebrar a missa ou administrar os sacramentos.



## II - OUTRAS VIRTUDES

Resta-me falar das outras virtudes que praticou, sobretudo da sua humildade profunda, sob cujo véu escondeu tesouros de graças e de méritos; falar ainda de sua confiante devoção à Santíssima Virgem, devoção tão marcante, que pode ser igualada à dos maiores santos. Entretanto, vou calar-me sobre isso, pois nos livros da Biografia, das Regras e dos “Avisos e Sentenças” há descrições eloquentes dessas virtudes, de modo que, de minha parte, eu apenas estaria repetindo o que dizem.

Mais adiante falarei de algumas dessas virtudes, relatando fatos que as comprovam. Seja-me permitido, contudo, antes de encerrar este capítulo, citar uma expressão relativa à devoção à Santíssima Virgem, que ele me repetiu várias vezes por ocasião das confissões. Estreitando com firmeza o meu braço, dizia-me: “Meu caro amigo, amemos ardentemente a Santíssima Virgem. Sim, amemo-la com ardor!” Essas palavras eram como chamas que lhe escapavam do coração em fogo. Eram palavras que despertavam em minha alma sentimentos de afeto e terna devoção para com Maria, aquela que ele denominava seu recurso ordinário; aquela que, segundo suas palavras, nunca o tinha desamparado.

## CAPÍTULO II

# RAZÕES QUE FUNDAMENTAM A ESPERANÇA DE DESFECHO FELIZ PARA A CAUSA DE CANONIZAÇÃO DO PADRE CHAMPAGNAT.

Para variar, escrevi  
este capítulo como um todo,  
sem subdivisões de assuntos.<sup>35</sup>

<sup>35</sup> Esta frase aparece intercalada no texto manuscrito com letra mais carregada e está escrita entre parênteses.

Além de ministrar ensino cristão católico e de propagar a devoção à Santíssima Virgem, objetivos que o padre Champagnat se propôs ao fundar o Instituto, quis ainda que os seus seguidores praticassem uma virtude particular própria, diferenciando-os das demais congregações religiosas. Os religiosos, além das virtudes que lhes são comuns e que formam a essência da vida consagrada, fazem-se notar por alguma virtude especial que é, por assim dizer, o caráter distintivo de cada congregação. Assim, para algumas, é a caridade; para outras, a obediência; há aquelas que se entregam particularmente à mortificação, ao lado de outras que se caracterizam pela vida contemplativa etc. Desta forma, todas essas virtudes características, levadas à perfeição, representam na Igreja a roupagem esplêndida de que fala o rei Davi: *Ornada de flores variadas, toda resplandecente de ouro e enriquecida de pedras preciosas.*<sup>36</sup> Ora, a virtude que o padre Champagnat escolheu como marca da Congregação é a humildade, com suas companheiras inseparáveis: a modéstia e a simplicidade. Para a prática dessas virtudes propôs aos Irmãos, como modelo de imitação, a humilde, simples e modesta Virgem Maria na casa de Nazaré.

Ao padre Champagnat, que devia ser o exemplo para seus seguidores, Deus concedeu a graça da prática da humildade em grau tal, que ela escondia, como sob um véu, não apenas as outras virtudes, mas também os dons exteriores que caracterizam a maioria dos santos, propostos pela Igreja como modelos e cuja santidade Deus manifesta, por vezes, mediante ações maravilhosas e milagres incontestáveis. Da Virgem Maria, cujas virtudes foram praticadas de modo incomparável, sobretudo a humildade, o Evangelho não diz que tenha realizado coisas extraordinárias durante a sua vida. Entretanto, todos os santos Padres nos garantem que merecia mais graças do que os santos e anjos somados, até mesmo com o seu simples trabalho

<sup>36</sup> Salmo 44, 13-14.

diário no tear. A mesma Virgem Maria afirma que o Senhor fizera nela grandes coisas; mas seria apenas depois da sua morte que todas as nações iriam chamá-la de bem-aventurada. Assim, guardadas as devidas proporções, pode-se dizer algo semelhante do padre Champagnat.

Seu modo de viver foi simples e comum; isto não o impediu de ter vida cumulada de graças, nem que deixasse de praticar virtudes heroicas, sob o véu da humildade. Deus permite que alguns santos sejam exaltados somente depois da morte; assim, em nossos dias, permitiu que alguns fatos providenciais, reveladores da santidade do Fundador, motivassem o Reverendo Irmão Superior Geral a encaminhar a causa de canonização do padre Champagnat junto à Santa Sé. Temos fortes razões que pleiteiam em favor dessa causa gloriosa para os Pequenos Irmãos de Maria. Quando o processo chegar ao seu final, mais tarde, dará aos Irmãos e a seus alunos um santo poderoso no céu, que poderá ser cultuado publicamente como protetor *e ser invocado com segurança*.<sup>37</sup>

Eis algumas dessas razões que me impressionaram e que, a meu ver, merecem atenção particular.

- 1) O fato da fundação da Congregação. Ela nasceu, cresceu e se desenvolveu, apesar dos obstáculos quase intransponíveis que se interpuseram, os quais, por si sós, poderiam tê-la aniquilado.
- 2) O bem que a Congregação realiza no seio da Igreja, em favor dessa juventude tão exposta a perigos, sobretudo hoje, quando o ensino religioso foi banido das escolas públicas, tristemente designadas de “escolas sem Deus”.
- 3) A biografia, escrita por um dos seus fidedignos discípulos. A sua vida é apresentada de modo tão edificante que, depois

<sup>37</sup> Palavras acrescentadas posteriormente no manuscrito com caligrafia diferente.



de lê-la, não podemos impedir-nos de exclamar: “O padre Champagnat é verdadeiramente santo; praticou as virtudes com heroísmo!”

4) Além da sua biografia, há outros documentos, divulgados atualmente em grande número<sup>38</sup>, todos contendo testemunhos incontestáveis da sua santidade.

5) As graças insignes, algumas milagrosas, que grande número de Irmãos e mesmo de pessoas estranhas ao Instituto estão obtendo por sua intercessão.

Deixo a escritor mais eloquente, a alguém com caneta menos enferrujada, menos gasta e menos preguiçosa do que a minha, o cuidado de desenvolver as cinco razões acima. Contentar-me-ei apenas em fazer alguns comentários das três primeiras, pois não tenho dados suficientes para falar das outras duas. Penso que somente o Reverendo Irmão Superior Geral conhece os documentos autênticos que confirmam essas razões.

## PRIMEIRA RAZÃO

Na fundação da Congregação, da mesma forma como aconteceu com a Igreja, o padre Champagnat teve por primeiros discípulos cinco ou seis jovens pobres, analfabetos e que desconheciam os fundamentos da vida religiosa; formados pelo Fundador, ou melhor, pelo Espírito Santo, de quem ele sempre foi instrumento dócil, em breve se tornaram capazes de catequizar crianças do campo, jovens e adultos.

É bonito considerar esses primeiros Pequenos Irmãos de Maria, cheios de humildade, simplicidade e modéstia, percorrendo as aldeias com alegria, escalando penosamente os estreitos

<sup>38</sup> É a época em que se recolheram todos os documentos concernentes ao padre Champagnat para introduzir o processo da sua canonização.

caminhos que conduziam às montanhas, preocupados em reunir em algum galpão, ou onde fosse possível, a juventude do lugar, para repartir-lhes o pão espiritual das verdades religiosas, de cujo conhecimento suas almas estavam sedentas, e para proporcionar-lhes algum ensino elementar, compatível com sua condição.<sup>39</sup>

Quando o padre Champagnat viu a sua obra em dificuldades, por falta de candidatos, que fez? Recorreu à oração, invocando a Virgem Maria, a quem denominava seu recurso ordinário. Então, como por milagre, viu chegarem oito candidatos. Apesar de serem destituídos de recursos e de instrução, em breve, por sua piedade, dedicação e prudência, fez deles novos apóstolos, para o prosseguimento da obra, com resultados positivos. O seu zelo, devotamento, sabedoria e piedade fizeram surgir novos apóstolos para continuarem sua obra com sucesso.

Depois, com a chegada de outros candidatos, que procuravam imitar os primeiros na piedade e na dedicação, a casa de La Valla tornou-se pequena para tanta gente e foi preciso pensar em estabelecer a Congregação nascente em outra, maior. Foi então construído l'Hermitage, como segundo berço da Congregação, da qual La Valla tinha sido o primeiro.

Foi exatamente quando tudo prosperava, e o padre Champagnat era a alma e o sustentáculo da Congregação, que a morte no-lo arrebatou. Diversos Irmãos, após esse duro golpe, acreditavam que a obra, que estava tendo crescimento tão grande, depois de vingar ainda por algum tempo, logo desapareceria por completo. Mas eis que foi exatamente o oposto que aconteceu. Foi a partir de então que ela rompeu os laços que pareciam ainda enfaixá-la.

De todas as partes da França, no centro, no norte e no sul, surgiram, como por encanto, fundações maristas que prepararam ainda outras e mais numerosas fundações. O estimado padre

<sup>39</sup> Provavelmente o Irmão Sylvestre se reporta ao caso explícito do Irmão Lourenço, catequista do Bessat (Biografia de Marcelino J.B. Champagnat, pp. 76 e 77).

dissera, solenemente, em seu leito de morte: *A Congregação é obra de Deus e não minha. Não tenho dúvidas de que, depois de mim, haverá maiores progressos do que durante minha vida.*

Com certeza, ele profetizou, pois sob o generalato do Irmão Francisco, seu sucessor imediato, que chamava a casa de l’Hermitage “o grande relicário onde repousam os restos mortais do padre Champagnat”, as vocações se multiplicaram e numerosas fundações foram feitas, tornando-se necessário pensar em outro centro de administração do Instituto, local mais vasto e mais próximo de uma grande cidade, para prover facilmente a comunidade e, sobretudo, para facilitar as numerosas e importantes relações com as autoridades civis e eclesíásticas.

O lugar escolhido para a nova Casa-Mãe, isto é, a casa principal da Congregação, foi Saint-Genis-Laval, sede de cantão,<sup>40</sup> a poucos quilômetros de Lião. Dali a Congregação continua a desenvolver-se e a consolidar-se sobre bases sólidas, que parecem garantir-lhe longa duração.

Acrescentemos ainda o fato de que as Regras esboçadas pelo padre Champagnat foram revisadas e sancionadas pelo Capítulo Geral, realizado em l’Hermitage<sup>41</sup> como se fosse sob os olhos do piedoso Fundador. O reconhecimento legal do Instituto aconteceu poucos anos após a morte do Fundador e se efetuou nas melhores condições possíveis; na consecução desse objetivo ele despendera suas últimas forças. Também, pouco tempo depois, aconteceu a aprovação da Congregação pela Santa Sé, dando-lhe a faculdade de eleger, canonicamente, o Superior Geral.

A partir de então, o Instituto tomou novo impulso: Irmãos formados nos diversos noviciados da França e do Reino Unido partiram para as ilhas longínquas da Oceania, missão que a Santa Sé confiara à Sociedade de Maria e para onde o padre Champagnat

<sup>40</sup> Cantão: uma das subdivisões administrativas da França. Trata-se de região que delimita zonas eleitorais ou judiciárias mas que não possui órgão administrativo próprio.

<sup>41</sup> Capítulo Geral de 1852, realizado em três sessões. Nele foram aprovadas as Regras Comuns (Constituições), o Guia das Escolas e as Regras de Governo.

já tinha enviado alguns Irmãos, na qualidade de ajudantes dos Padres Maristas. Mais tarde também o continente africano, com seu clima abrasador, viu chegar os discípulos do padre Champagnat. Ultimamente, alguns Irmãos foram enviados para as ilhas Seicheles e para o Canadá. As solicitações da presença dos Pequenos Irmãos de Maria chegam de toda a parte; até a América os reclama! Isso tudo não evidencia que Deus abençoou e continua a abençoar sempre mais a obra do padre Champagnat e que, portanto, era homem segundo o seu coração?

É demonstração de que a Virgem Maria, a quem ele estabelecera como Primeira Superiora, continua governando o Instituto por meio de seus sucessores, os quais se mostram pessoas dignas, mantendo o espírito, o objetivo e as Regras do Instituto e aplicando-se com zelo infatigável no seu desenvolvimento.

Alguém pode pensar que a prosperidade da Congregação talvez tenha sido resultado de meios poderosos, que foram investidos para sustentá-la e fazê-la crescer. Seria uma explicação natural, levando-se em conta que o padre Champagnat era um homem talentoso, capaz e inteligente, qualidades que não devem ser menosprezadas. Seria igual ao que estamos acostumados a ver todos os dias: homens de negócios, dotados dessas boas qualidades, que sabem aproveitar-se das circunstâncias favoráveis para ampliar seus empreendimentos. Poderia ter sido assim. Entretanto, não foi o que aconteceu com a obra do padre Champagnat. E aqui está o milagre! Quem ler atentamente a sua biografia, assim como eu que a meditei em profundidade, certamente exclamará: “Dá pena considerar quão poucos recursos materiais ele teve para fundar a Congregação! Dá pena considerar as perseguições que foram suscitadas continuamente contra ele, para impedi-lo de consolidar o estabelecimento definitivo da Congregação! Realmente, esse homem é um santo!”

Assim como o venerável Cura de Ars,<sup>42</sup> o padre Champagnat tinha capacidade intelectual modesta; ao ler a biografia, verifica-se que seus dotes eram, antes de tudo, de cunho pragmático. Ele afirmava que tinha o seu tesouro no cofre forte da Divina Providência! Então, quais teriam sido os seus grandes meios de sucesso? A oração, a mortificação e o recurso a Maria. Sofreu cruces, contradições, vexames, injúrias e zombarias, que lhe advieram de inimigos, de pessoas amigas e até de quem, por direito, deveria prestar-lhe ajuda. Sim, Deus o submeteu a essa grande prova! Não tinha recursos pecuniários para começar a obra; dispunha apenas do seu modesto ordenado de coadjutor.

Foi preciso construir, com as próprias mãos, ajudado pelos primeiros discípulos, a humilde casa que foi o berço da Congregação; simultaneamente, iniciava-os nos conhecimentos básicos para a tarefa de ensinar. Note-se bem, forneceu-lhes o estrito necessário a partir de alguns pobres donativos recebidos e arranhou momentos para instruí-los durante o tempo destinado ao penoso trabalho da construção.

Também em l'Hermitage sofreu a mesma penúria de recursos pecuniários. Fez empréstimos para a compra do terreno e para a construção da casa. De quanto dinheiro ele dispunha? Em caixa, tinha algumas reservas módicas, ganhas com o suor do rosto de cinco ou seis Irmãos que, por diversas razões, não podendo trabalhar nas escolas, dedicavam-se a pequenos trabalhos de tecelagem, isso depois das longas horas destinadas às orações em comum; dispunha ainda das economias que alguns Irmãos diretores de escolas conseguiam obter, fruto de duras privações, aceitas com sentimentos de piedade filial, pois tinham a intenção de ajudar seu bom Pai.

O padre Champagnat não desanimou, apesar de tantas provações. Quando o criticavam por ser temerário, por encetar um projeto

<sup>42</sup> São João Maria Vianney (1786-1859), sacerdote de grande zelo pastoral e de intensa vida espiritual. Foi pároco (Cura) da cidade de Ars, na França. Canonizado em 1925; é o padroeiro dos sacerdotes diocesanos.

que excedia suas forças e recursos, respondia com a frase dos primeiros cruzados : “Deus o quer!” Acrescentava: “Deus o quer e isso me basta. Deus nunca nos deixou faltar o necessário quanto à alimentação, vestuário e alojamento nos momentos difíceis.”

Quando o Governo, por meio de leis inesperadas, lhe suscitou dificuldades, parecendo que a Congregação seria aniquilada, ele não se deixou abalar e continuou trabalhando. Pela oração, mortificação e, sobretudo, pelo recurso a Maria, sua armadura e defesa, conseguiu triunfar: as dificuldades desapareceram, os negócios se arranjaram da melhor forma possível; e a Congregação que, de início, parecia um simples córrego, tornou-se, pouco a pouco, um grande rio, levando para o vasto campo da Igreja as águas salutares e benfazejas da sã doutrina, malgrado os esforços do inferno para secar a fonte e deter-lhe o curso. Isso tudo não é, por acaso, estrondoso milagre?

## SEGUNDA RAZÃO

Quanto bem faz a Congregação nos lugares onde se estabeleceu com escolas, noviciados e outras casas de formação! Atualmente, é benfeitoria imensa e incalculável! São milhares as crianças que frequentam as escolas dirigidas pelos seguidores do padre Champagnat; nessas escolas, além dos conhecimentos humanos exigidos por sua idade, estado e condição de vida, elas recebem ensino religioso de acordo com a sã doutrina da fé; são formadas com esmero nas práticas da religião católica, sobretudo nos sacramentos, tornando-as aptas a uma vida correta, que as conduzirá à felicidade eterna. Refiro-me à preparação para a primeira comunhão, dia feliz que a pessoa recordará com emoção para sempre. Diz-se que o exilado de Santa Helena<sup>43</sup> qualificava esse dia como o mais belo de sua vida.

<sup>43</sup> Referência a Napoleão Bonaparte.

Mas não são somente as ciências religiosas e humanas que os jovens recebem nas escolas dirigidas pelos Pequenos Irmãos de Maria. Champagnat insistia formalmente em que, antes de tudo, fosse dada aos alunos educação cristã, religiosa, isto é, a formação do coração para a virtude por meio de conselhos, de bons exemplos e, também, pela correção dos seus defeitos, de maneira a fazer deles *bons cristãos e virtuosos cidadãos*. Para tanto, ele pedia aos Irmãos que se empenhassem, sacrificando tudo: tempo, saúde e a própria vida, se fosse preciso. Muitas vezes, dizia-nos: “Deus suscitou esta Congregação para formar santos. No dia do julgamento final, cada Irmão responderá pelos alunos que formou, pela salvação ou perdição de cada um deles”. E acrescentava, cheio de emoção: “Também eu, caros Irmãos, estarei à frente, para prestar contas da perda ou salvação de todos os membros da Congregação.” Quanto bem pode fazer um Irmão estimulado por esses pensamentos, trabalhando com zelo ardente para tornar Jesus Cristo e sua santa Mãe conhecidos, amados e servidos! Quantos pecados serão evitados; quantas pessoas serão preservadas do inferno; quantos predestinados serão levados para o céu!

Que me seja permitida ainda uma reflexão. Não seria o caso de dizer que Deus inspirou ao padre Champagnat a fundação do Instituto especialmente para o tempo em que vivemos? Digo isso porque nunca se viu uma juventude exposta a perigos tão grandes com relação à salvação eterna como atualmente. Com efeito, o que produzem as escolas sem Deus senão o aprendizado da libertinagem desenfreada, da insubordinação e de grandes crimes? Se o homem carrega a semente de todos os vícios desde a sua origem, que não se tornará a juventude atual, alimentada com más doutrinas, solicitada por tantos maus exemplos, excitada por concupiscência vergonhosa? Que será dos jovens

que saem dessas escolas ateias, espalhadas por toda a parte? As noções de moral cívica que nelas se ensina, no fundo, não são apelos à imoralidade disfarçada? Como esses jovens vão enfrentar os embates da vida, as próprias inclinações para o mal, não tendo as verdades do Evangelho para guiá-los, nem a graça para vencer as tentações que este mundo perverso lhes apresenta em forma de cálice encantado, cheio de prazeres, e que, na verdade, só encerra veneno mortal? É uma lástima! Já começam a aparecer notícias sobre esses jovens aviltados e violentos, fruto das escolas públicas, de onde o governo banuiu Deus do ensino e retirou a imagem da cruz, sinal sagrado por meio do qual muitos povos bárbaros foram civilizados.

Eis contra quem a fundação do padre Champagnat é chamada a lutar! É uma tarefa ingente, mas os discípulos não desanimam. Continuamente na luta, são vistos em todos os lugares para onde o zelo os chama. Assim como o Fundador, armados com a oração e o recurso a Maria, como valentes soldados, os Irmãos combatem aqueles que propagam o mal, aqueles que estão revestidos com as armas do inferno. Procuram subtrair de perigos iminentes a multidão de crianças e jovens que frequentam nossas escolas. Por esse ponto de vista é evidente que a obra do padre Champagnat realiza bem imenso no seio da santa Igreja, protegendo aquilo que ela possui de mais caro: a infância. Pelas crianças, o divino Mestre tinha um amor de predileção, chamando-as para perto de si com palavras ternas e paternais: “Deixem vir a mim as crianças. Não lhes proibam, porque o Reino de Deus pertence a elas.”<sup>44</sup>

<sup>44</sup> Mc 10, 14.



## TERCEIRA RAZÃO

De acordo com tudo o que acabamos de dizer, é evidente que o padre Champagnat foi escolhido por Deus para estabelecer a Congregação dos Pequenos Irmãos de Maria. A Congregação, semelhante à árvore vigorosa, já produziu e esperamos que continue produzindo frutos excelentes e numerosos na santa Igreja. Admitindo-se isso, conclui-se que Deus deve ter dado caráter particular de santidade a esse homem, assim como o fez em favor de outros santos que também desempenharam missão importante na Igreja, pois os bons frutos provêm de árvores boas. No Fundador, qual teria sido a seiva poderosa que produziu esses frutos excelentes? Por acaso, não teriam sido as tantas virtudes que praticou? A descrição dessas virtudes está bem relatada na biografia, na segunda parte.

Foi sua FÉ. Tinha fé firme e inabalável, que o tornava obediente às decisões da santa Igreja e repleto de respeito pelo Papa. Tinha fé prática e ativa que o fazia relacionar-se com Deus em toda a parte, evitando até mesmo as menores ofensas. O diálogo que manteve com o Irmão Luís, abordando o tema do pecado venial, demonstra a sua delicadeza de consciência e o cuidado que tinha para evitar tais pecados.

Foi sua CONFIANÇA. Depositava grande confiança em Deus. Dizia-nos: “Para fundar a Congregação, contei unicamente com a Providência Divina”. Também repetiu-nos seguidas vezes: “Se o Senhor não constrói a casa, é em vão que trabalham seus construtores”. Era-lhe familiar, ainda, este dizer: “Foi Deus que tudo realizou entre nós; da nossa parte, somos bons apenas para estragar tudo”. Os temas mais frequentes de suas palestras eram: a confiança em Deus; a sua grande misericórdia; Jesus Cristo, que recebe de braços abertos o filho pródigo; o recurso confiante a

Nossa Senhora. Assegurava que a devoção sincera para com essa Boa Mãe era sinal certo de predestinação, mesmo para quem fosse grande pecador.

Foi sua CARIDADE. Seu coração inflamado de amor a Deus dava-lhe sede ardente pela salvação das almas, constituindo isso o objetivo principal da Congregação. Seu amor ardente à pessoa do divino Salvador deixava-o absorto, quando meditava os adoráveis mistérios do nascimento de Jesus, de sua paixão e, sobretudo, de sua presença na santa Eucaristia. Tinha muita caridade voltada para o próximo, em especial para os pobres, que tratava com muito respeito e em favor dos quais fez muitos sacrifícios.

Foi a sua PRUDÊNCIA. Vigia tanto sobre si mesmo e sobre seu comportamento, que nunca foi surpreendido em falhas, nem as mínimas, na observância do Regulamento. Deu regras muito apropriadas sobre o relacionamento dos Irmãos com as autoridades eclesiásticas ou civis e com as pessoas leigas, regras essas que ele cumpria, dando-nos o exemplo perfeito.

Foi a sua JUSTIÇA. Nunca se pôde repreendê-lo por alguma injustiça ou parcialidade, mínima que fosse, a respeito dos Irmãos. Tratava a todos conforme seu mérito real, sem considerar as qualidades apenas exteriores da pessoa. Era equânime, conseguindo sempre que as pessoas desentendidas entrassem em acordo, mesmo quando parecia impossível a reconciliação. Aliás, por sua profunda humildade, perfeita obediência e grande piedade, virtudes descritas na biografia, deixava transparecer que se desincumbia perfeitamente de suas obrigações de justiça para com Deus, com o próximo e consigo mesmo. Julgava justo fazer do corpo um instrumento de penitência e de mortificação. E quanta penitência ele fez!

Foi a sua FORTALEZA. Essa virtude o ajudou a vencer obstáculos inauditos para alicerçar solidamente a Congregação, para manter paciência inalterável nas provações e incômodos que a Providência lhe enviou. A fortaleza deu-lhe coragem para triunfar do orgulho, que ele considerava o seu defeito dominante. Não vimos homem mais humilde do que ele!

Foi a sua TEMPERANÇA. Nas diversas decisões que teve de tomar, sempre ponderava tudo com cuidado, para verificar se não resultaria alguma ofensa a Deus. Essa virtude lhe deu muita moderação em tudo, mesmo nas coisas permitidas; ajudou-o a governar com muita equidade, de modo que era amado e respeitado por todos os Irmãos, desde os mais simples aos mais importantes. E quanta sobriedade mostrava em relação à bebida, comida, vestuário, casa e ao mobiliário!

Na sua biografia e nos arquivos da Congregação encontram-se descrições de fatos que comprovam a prática, em grau elevado, não só dessas virtudes, mas também de outras, tais como a pobreza, a pureza, a obediência e o amor ao trabalho; o horror à impureza, o zelo pela glória de Deus por meio da educação cristã da juventude e a dedicação na formação vocacional dos Irmãos; a firmeza no cumprimento das Regras, a constância, a paciência e a humildade; sobretudo a devoção à Virgem Maria, a quem estabeleceu, como dissemos antes, como primeira Superiora e pedra angular da Congregação.

Realmente, quando lemos com atenção a sua vida e consideramos: a) quanto lhe custou a fundação da Congregação; b) o grande bem que a Congregação realiza na Igreja, assunto do qual já falei brevemente, mas que será preciso desenvolver mais, falando do grande número de jovens, de candidatos e noviços atraídos para a Congregação por causa do nome que leva e que,

em seu seio, encontram o caminho da salvação; c) as virtudes que praticou em grau tão elevado; quando consideramos tudo isso, podemos esperar que será bem acolhida, em Roma, a introdução do processo da sua canonização.

Ainda seria preciso descrever os inúmeros depoimentos que, de todas as partes, são enviados ao Reverendo Irmão Superior Geral, relatando graças e favores obtidos por sua intercessão. Destes depoimentos, porém, não tenho conhecimento. A Igreja é rigorosa no acompanhamento dos processos de beatificação ou de canonização e na aceitação de novas causas de santidade; por isso, penso eu, é necessário pedir com fervor e constância algum sinal do céu, um milagre autêntico por intercessão do Fundador, pois ele merece este insigne favor.

Termino este capítulo expressando minha opinião a esse respeito, opinião que deixo a juízo do leitor. Eu penso que a Congregação dos Pequenos Irmãos de Maria perdurará até o fim dos séculos e lutará contra o homem do pecado, o anticristo. Penso assim pelas seguintes razões: o fim do mundo, segundo o parecer de muitos, não está muito longe, visto que Deus já nos abriu as três grandes portas da sua misericórdia infinita: a devoção ao Coração de Jesus, a devoção à Virgem Imaculada e o culto a São José. Que mais poderia ter dado ao mundo? Esses três grandes favores do céu, segundo o consenso, estariam reservados para o fim dos séculos.

Portanto, a Sociedade de Maria, embora esteja ainda em sua aurora, é o exército reservado por Deus para combater, com as três poderosas forças citadas anteriormente, aquele a quem a Virgem Imaculada, finalmente, esmagará a cabeça. Outra razão que me leva a pensar assim é um acontecimento do qual, penso eu, sou o único a ter ciência. O fato refere-se a um dos capelães

de l'Hermitage, muito ardoroso pela salvação dos pagãos, muito devoto da Santíssima Virgem e que foi sagrado bispo na ocasião do envio dos primeiros missionários para a Oceania.<sup>45</sup> O padre Champagnat enviou alguns Irmãos à Oceania, para ajudar os Padres Maristas, e ele mesmo demonstrava desejo de ser enviado também. Como eu estava dizendo, esse capelão, certo dia, não desceu ao refeitório, para o almoço, como era costume. O padre Champagnat pediu ao bom Irmão Estanislau que fosse até o quarto dele para verificar se estava passando por alguma indisposição. O Irmão bateu à porta do quarto, mas não obteve resposta. Bateu uma segunda vez, mais forte, e também não obteve resposta. Então, como a chave estava do lado de fora, abriu a porta e entrou. Viu o padre ajoelhado perante o crucifixo, debaixo do qual se encontrava uma estátua da Santíssima Virgem. Tinha o rosto inflamado e radiante, parecendo imerso em profunda meditação. O Irmão percebeu que estava em êxtase e que pronunciava essas palavras: *Rezemos, rezemos! É a Sociedade de Maria, padres e Irmãos, que deve combater contra o anticristo!* Depois, percebendo que tinha sido notado, sem dizer mais nada, desceu ao refeitório, recomendando ao Irmão que guardasse segredo sobre o assunto. Eu soube desse fato por relato do próprio Irmão Estanislau. Ele me narrou isso em certa ocasião, para me animar na vocação.

Então, se verdadeiramente a Congregação dos Pequenos Irmãos de Maria deve subsistir até o fim dos tempos, isso enaltece muito o padre Champagnat. Deus o teria escolhido para formar uma vanguarda de elite dentro do exército que a Virgem Imaculada utilizará para esmagar definitivamente a cabeça da antiga serpente, alcançando vitória memorável sobre o anticristo, aniquilando para sempre o seu império.

<sup>45</sup> Trata-se do padre Jean-Baptiste François Pompallier. Em junho de 1836 em Roma foi sagrado administrador apostólico encarregado da região missionária da Oceania ocidental. região assumida pela Sociedade de Maria e para onde partiram os primeiros missionários Padres e Irmãos Maristas no mês de dezembro daquele ano.

**CAPÍTULO III**

**PEQUENAS NOTAS SOBRE O PADRE CHAMPAGNAT.  
DESCRIÇÃO DE USOS E COSTUMES DO SEU TEMPO.**

## I - A RESPEITO DA CONFISSÃO

No confessionário, o padre Champagnat não era nem severo nem indulgente; mantinha posição justa, tanto que todos os penitentes se encantavam com seus conselhos e avisos. Os pecadores achavam nele um coração transbordante da caridade de Jesus Cristo. Reconduzia-os à prática do bem, falando-lhes mais ao coração do que à cabeça. Percebia-se que tinha sede ardente pela salvação de todos; abraçava-os tão forte e afetuosamente, quando os confessava, que despertava sentimentos de arrependimento e dor; muitas vezes, as lágrimas de ambos se confundiam. No tocante aos tíbios, agia com severidade, exigindo que se tornassem fervorosos, mostrando-lhes as consequências funestas de suas negligências e a imensa perda de graças de que se privavam, das quais deveriam prestar contas, um dia, ao soberano Juiz.

Com relação aos fervorosos, trabalhava para fazê-los avançar na perfeição; não queria que permanecessem inativos; incentivava-os continuamente ao amor e à imitação de Nosso Senhor; exigia-lhes que evitassem as menores faltas e infrações do Regulamento. Com esse modo de proceder conseguiu fazer com que vários Irmãos atingissem alto grau de santidade, conforme se pode ler na biografia de muitos deles.<sup>46</sup>

Fazia tanta questão da confissão semanal que, quando estava muito atarefado, em vez de transferi-la para a semana seguinte, atendia aos Irmãos mais idosos após a missa, quando era seu momento de ação de graças. Dizia que, do sacramento da confissão, nos advêm graças especiais para corrigir não apenas as faltas graves, mas também essa multidão de pequenas imperfeições que impedem o religioso de chegar à perfeição. Convidava alguns noviços ou jovens Irmãos, nos quais percebia forte tentação ou inclinação para certos pecados habituais, a se confessarem até duas vezes por semana. Isso que afirmo está descrito também

<sup>46</sup> O Irmão Sylvestre faz referência ao livro "Biographies de quelques Frères", do Irmão Jean-Baptiste Furet, onde estão descritas vida e virtudes de vários Irmãos dos primeiros tempos da Congregação.

na sua biografia e é atestado por muitos dos seus penitentes. No confessional, tinha o dom particular de captar os que não eram sinceros ou que, por falta de expressão, acusavam antes as circunstâncias do pecado do que a falta em si. Esse dom advinha-lhe de luzes sobrenaturais recebidas? Não sei. Eis um caso que me leva a crer que ele possuía essa luz interior.

Este fato me foi confiado por um amigo íntimo. Certo Irmão noviço tinha tido a desgraça de ser induzido à prática do mal por um aluno pensionista, em uma casa de educação, onde a vigilância era negligenciada. Ignorando a gravidade da falta, o noviço foi confessar-se com o padre Champagnat, que percebeu logo certa ambigüidade na acusação. Ao notar franqueza no penitente, fez-lhe várias perguntas, em tom prudente, para inteirar-se e tranquilizar-se, mas as respostas que obtinha não o satisfaziam plenamente. Em outro dia, em uma confissão posterior, o noviço percebeu que, depois de cada resposta que dava, o venerando padre suspirava e detinha-se em breve oração. Aconteceu, então, que para responder à última pergunta que lhe dirigiu o Padre, o noviço serviu-se de uma expressão que nunca tinha utilizado antes e por meio da qual tudo se esclareceu plenamente. Como se tivessem retirado um fardo pesado das suas costas, o Fundador suspirou e disse: “Eu o compreendo, eu o compreendo”.

Depois, em termos enérgicos, mostrou-lhe a gravidade da falta. Quis saber quantas vezes tinha recaído e quantas vezes tinha recebido a comunhão. Fez-lhe notar que, se não se corrigisse, a Santíssima Virgem não tardaria em expulsá-lo da comunidade, expressão que empregava, às vezes, para significar todo o horror que se devia ter daquele tipo de faltas. Depois, percebendo a sinceridade do penitente e sabendo que tinha sido a ignorância dele o motivo da falha na acusação, deu-lhe a absolvição.



A advertência do Fundador fez com que o noviço, que levava muito a sério a vocação, ficasse sentido e derramasse muitas lágrimas. Algumas horas depois, não aguentando a angústia, chorando ainda, foi ter com o bom padre que, naquele momento, estava ocupado, escrevendo. Olhou-o com atenção e perguntou o motivo da tristeza. “É por causa das palavras que o senhor me disse, há pouco, na confissão”, e citou-as textualmente. O Fundador, mostrando estupefação, com voz acentuada e com firmeza, disse-lhe: “Meu amigo, que palavras são estas? Eu não lhe falei nada disso!” e continuou a escrever. O noviço, ainda triste, retirou-se muito admirado. Depois, refletindo consigo mesmo, lembrou-se do que lhe tinha sido ensinado a respeito das graças especiais que têm os confessores, e acolheu com respeito aquele procedimento do padre Champagnat a seu respeito. Ele testemunhava ainda: “Nunca, depois disso, nem na confissão nem em outro lugar, o padre Champagnat retornou àquele assunto. Dava a impressão de ignorá-lo totalmente”. Afirmava convicto: “O padre Champagnat prestou-me grande ajuda com aquela admoestação, porque, até então, em minhas confissões, eu não sentia tranquilidade e paz, ignorando de onde provinha tal perturbação. Contudo, voluntariamente, não penso ter feito comunhões indignas”.

Como diz um provérbio: “Não há males que não venham para bem”. Efetivamente, esse noviço, mais tarde, já como Irmão encarregado de um pensionato, dizia: “Eu nunca teria compreendido a importância da presença e vigilância constante entre os meninos, nem a terrível falta que comete aquele que as negligencia, se eu não tivesse tido a felicidade de me confessar com o padre Champagnat”.

Para terminar este assunto, recordo que Champagnat nos recomendava que dedicássemos um tempo de ação de graças depois

da confissão. Podia ser feito em outro momento do dia, caso não houvesse modo de fazê-la imediatamente após a confissão. Também nos recomendava não esquecer o cumprimento da penitência recebida, visto que ela é parte integrante do sacramento da penitência; deixar de fazê-la, por negligência, é uma falta a ser declarada na confissão.

## 2 - A RESPEITO DA COMUNHÃO

Se o padre Champagnat insistia em que os Irmãos não faltassem à confissão semanal, insistia mais ainda em que a comunhão de regra, na quinta-feira, no domingo e nos dias de festa, não fosse omitida. Admoestava com vigor os que negligenciavam a comunhão sem motivo.

Certo dia, um desses Irmãos apresentou-se para solicitar-lhe autorização de algo que desejava muito. Com profundo suspiro, denotando emoção, disse-lhe o bom padre: “Oh, meu Irmão, eu ficaria contente se você me solicitasse também outra permissão, que eu lhe concederia com muito prazer”. Naquela época, a cada oito dias, os que planejavam comungar na missa, solicitavam permissão. Isto explica as palavras do padre Champagnat àquele Irmão, pois ele vinha deixando a comunhão há vários dias.

Recordo que proibia publicamente a santa comunhão àqueles que, conscientemente, tivessem tirado dinheiro, roupa, livros, objetos da casa ou de uso dos colegas sem, antes, se confessar ou declarar a falta ao superior. Quando ingressei no noviciado, havia um pequeno grupo de Irmãos que, além das comunhões de regra, estava autorizado a comungar também nas terças-feiras; era a chamada “comunhão de devoção”. Aos sábados, não havia o costume de comungar; era o dia em que o padre Champagnat

confessava os Irmãos. Era assim, no início. Entretanto, em uma ocasião, certo Irmão idoso de uma das escolas, muito piedoso e devoto da Santíssima Virgem, solicitou permissão ao padre Champagnat para comungar no sábado, além das terças-feiras. Foi-lhe concedida a licença. Outros o imitaram, de sorte que, em breve, a comunhão nos sábados se tornou também “comunhão de devoção”. Mais tarde ela foi permitida a todos os Irmãos professos e àqueles que se preparavam para a profissão dos votos, caso a desejassem. Para as comunhões de devoção e para aquelas extraordinárias, era necessário ter permissão especial do superior.

O venerando padre considerava muito importante a preparação para a santa comunhão. Por isso tinha determinado o mínimo de um dia de intervalo entre uma comunhão e outra. Se acontecia alguma festa litúrgica importante, que impedia o “dia de preparação”, as comunhões de devoção e até mesmo as de quinta-feira eram adiadas. Entretanto, houve casos em que permitiu comungar em dois e até três dias consecutivos, por causa da coincidência de datas ou festas especiais. Não permitia a comunhão quatro dias consecutivos, receando que essa continuidade de comunhões levasse à diminuição da sua conveniente preparação; não o permitia por outras razões, das quais, agora, não consigo lembrar-me. Recordo que permitiu a comunhão diária, menos nas quartas-feiras, para certo Irmão, de uma das escolas, que era muito piedoso.

Como era devoto do Sagrado Coração e, tendo em vista o grande crescimento dessa devoção em nossos dias, penso que o piedoso Fundador teria estabelecido uma comunhão de devoção também nas primeiras sextas-feiras do mês; parece ter sido substituída pela comunhão aos sábados. Ele insistia com aqueles que ainda não eram admitidos à comunhão: que permanecessem na Capela durante o tempo da ação de graças, “para compensar a

privação do sacramento por meio de fervorosa comunhão espiritual”, segundo seu modo de falar. Não havia essa obrigação nos dias das comunhões de devoção.

Como digressão, eis um pequeno fato que aconteceu comigo já no quarto dia do meu noviciado. Lembro que ingressei no noviciado em um sábado; portanto o fato que vou narrar aconteceu numa terça-feira, dia em que a comunhão era de devoção. O Irmão Francisco era o encarregado dos noviços. No momento da ação de graças, deixei a capela junto com os outros colegas para ir à sala do noviciado. Como eu estava longe de ter a fé viva do padre Champagnat, que permanecia sempre na presença de Deus, e como eu sabia que o Irmão Francisco ficara na capela fazendo a sua ação de graças, quando cheguei à sala, permiti-me fazer algumas macaquices, para divertimento dos outros noviços. Mas eis que, de repente, o Irmão Francisco entrou na sala! Tinha interrompido sua ação de graças e viera ver o que estava acontecendo. Recebi ali mesmo, na hora, meu primeiro castigo: decorar uma extensa passagem bíblica! O Irmão deu-me o castigo e, sem outros comentários, voltou à capela para terminar seu tempo de ação de graças. Vocês podem concluir como eu fiquei desmotivado para continuar com aquele procedimento.

### 3 - A RESPEITO DOS CANTOS

Embora o padre Champagnat gostasse muito do canto, preferia que, durante a missa, acompanhássemos as orações com o celebrante; até mesmo houve ocasiões em que todos respondiam junto com os coroinhas. Entretanto, tolerava cantos nas missas de quartas e sextas-feiras, mas somente no início, até o momento do Evangelho e no final, depois das abluções. Posteriormente, estendeu a permissão para cantos até o momento do prefácio.

Mais adiante, nas quintas-feiras e domingos, tolerava que se cantasse no momento da comunhão, mas somente depois que a maioria tivesse comungado. Algumas vezes, aos sábados, cantava-se algum hino à Santíssima Virgem, mas somente no começo da missa. Recordo que, nas missas solenes dos dias de festa, não havia cantos; nessas ocasiões o padre Champagnat queria que acompanhássemos a missa inteira no livro das horas. Nisso tudo, ele seguia as determinações da Igreja, suas orientações sobre cantos litúrgicos durante as celebrações. É de se admirar o respeito que ele tinha por tudo quanto dizia respeito ao culto sagrado. Quanto ao harmônio,<sup>47</sup> não sei como ele o julgaria; esse instrumento musical, com sons altos e timbre de cobre, tira à melodia seu caráter religioso, especialmente quando tocado com muita intensidade. O coro fica sufocado e não se entendem as palavras do texto. A harmonia e a música até podem evidenciar o mérito do artista, mas em detrimento da piedade dos fiéis. Sua melodia poderá agradar a alguns ouvidos, mas irritará muitos outros, com certeza. A propósito do harmônio, o caro Irmão Francisco, que tinha o mesmo modo de pensar do padre Champagnat, nos dizia: “O canto em uníssono, o canto suave e simples, sem barulho, é o que mais convém à comunidade. O organista deve saber sustentar o coro sem querer dominá-lo. O harmônio é como se fosse um dos cantores do coro; ora, o cantor tem apenas uma voz”.

Champagnat também queria um cântico no final da devoção do mês de Maria. No noviciado, em todos os dias do mês de maio, essa devoção consistia nas seguintes partes:

1) Ladainha da Santíssima Virgem. 2) O cântico *Inviolata*. 3) Leitura de um exemplo de vida. 4) Recitação do “Lembrai-vos”. 5) Quando possível, depois das orações indicadas anteriormente, havia a bênção do SSmo. Sacramento. 6) Finalizava-se com um cântico.

<sup>47</sup> O harmônio é instrumento musical; assemelha-se a pequeno órgão de sala em que os tubos são substituídos por palhetas livres.

## 4 - A RESPEITO DO RETIRO MENSAL

No meu tempo, o primeiro domingo do mês era dia de recolhimento. Meditava-se sobre a morte e se renovavam os bons propósitos assumidos no retiro anual. Ele era feito não apenas na casa do noviciado, mas também nas outras casas. Nesse dia, na casa de l'Hermitage, o recreio depois da missa solene era substituído por meia hora de meditação sobre os novíssimos.<sup>48</sup> Também se fazia o mesmo no recreio da tarde, depois da recitação das vésperas. O padre Champagnat dirigia pessoalmente a meditação; se não podia estar presente, eram lidos trechos da obra de santo Afonso Maria de Ligório sobre os fins últimos do homem. Era um livro que ele estimava muito.

Todos procuravam manter-se recolhidos durante o dia. Os jogos, durante o recreio após o almoço, também eram suspensos. Tínhamos tempo para reler as resoluções do ano e, se necessário, programar novas resoluções. Os Irmãos eram convidados a recitar a ladainha dos agonizantes, como exercício de reflexão sobre a morte. Em resumo, o dia mensal de recolhimento era uma jornada de renovação na piedade, no fervor e na observância das Regras.

## 5 - A RESPEITO DA DISCIPLINA

Na biografia do Fundador se diz que a ordem, o trabalho e a disciplina eram-lhe atitudes naturais e que recomendava essa última atitude para os Irmãos que trabalhavam nas escolas, considerando-a elemento fundamental para a instrução e a educação. E, como sempre, em tudo era o primeiro a nos dar o exemplo. Dizia que a ordem, o silêncio e a disciplina são as virtudes que conferem à casa a sua característica própria de religiosidade, causando edificação em todos quantos a

<sup>48</sup> Novíssimos são os últimos destinos do ser humano: morte, juízo, inferno, paraíso.

frequentam. Assim, na casa de l’Hermitage percebia-se algo desse perfume de santidade e de recolhimento, que é próprio dos grandes mosteiros, tais como os conventos da Trapa ou da Cartuxa.<sup>49</sup> Já me referi, anteriormente, à importância que o Fundador dava à observância do silêncio, que ele designava “alma da disciplina”. Mas, quando havia faltas contra o grande silêncio,<sup>50</sup> ele era muito severo. Não me lembro de faltas ostensivas nesse ponto. Recordo-me, isso sim, do seguinte episódio que me foi relatado pelo excelente Irmão Jerônimo. Um Irmão, piedoso e cumpridor da regra do silêncio, que estava adoentado, certa noite, na cama, percebeu que seu colchão começava a queimar por causa de um tijolo aquecido, que tinham colocado por baixo, para lhe aquecer os pés. Temendo quebrar a regra do grande silêncio, não pediu socorro, mas foi se encolhendo sobre o colchão, para evitar a parte que queimava e que continuava avançando. Teria acontecido algo grave se, exatamente nesse momento, o Irmão Jerônimo, ao fazer a ronda habitual por toda a casa conforme dele se faz referência na biografia, não tivesse passado por ali e prestado socorro. A narração desse fato me impressionou de tal forma que, por ocasião de minha tomada de hábito, solicitei autorização para ter como nome religioso o nome daquele Irmão, favor que o Fundador me concedeu.

<sup>49</sup> Cartuxa: convento de monges da Ordem Religiosa fundada por são Bruno no séc. XI; Trapa: convento de monges da Ordem religiosa dos Cistercienses reformados no século XVII.

A observância da ordem dentro de casa era tão exigida quanto a regra do silêncio. O Fundador proibia que se andasse de uma sala para outra, deixando a repartição onde se trabalhava, sem permissão. A licença para deixar o local de trabalho era dada mediante a entrega de um cartão, que devia ser devolvido ao regressar; ele permitia verificar se o tempo de ausência tinha sido normal.

Todos os encarregados de algum setor anotavam em caderneta o nome daqueles que vinham ao seu setor sem permissão, daqueles que perdiam tempo ou que faltavam à regra do silêncio durante

<sup>50</sup> O “grande silêncio” nas Casas Religiosas de modo geral era observado desde o final da oração da noite até o primeiro recreio do dia seguinte.

o trabalho. Semanalmente, a caderneta era entregue ao padre Champagnat. Ele punia publicamente todos os que estavam com seus nomes anotados. A cada oito ou quinze dias, o padre Champagnat reunia os encarregados de setores e os chefes dos grupos de trabalho, perguntando-lhes o que não estava bem no contexto geral da casa e aquilo que eles sugeriam para ser melhorado. Indicava-lhes o modo de proceder para terem êxito nos setores e, principalmente, dava-lhes ciência das economias obtidas com o trabalho realizado. Quanto àqueles que não integravam grupos fixos de trabalho, já na véspera, recebiam indicação do encarregado geral, para os trabalhos que deveriam fazer no dia seguinte. Assim, depois da missa, todos se punham prontamente ao trabalho, sem vadiar de um lado para outro, coisa que o venerando padre detestava.

Por gratidão, permitam-me fazer aqui pequena digressão sobre o Irmão Jean-Joseph, chefe do meu setor de trabalho. Era um Irmão piedoso, simples, caridoso e muito regular que, apesar do seu emprego, era capaz de discorrer sobre temas de fé muito mais do que se poderia imaginar. Frequentemente, nos momentos de leitura, com satisfação o Fundador o interrogava sobre assuntos de religião e, sempre, as respostas do Irmão Jean-Joseph eram satisfatórias. Por isso era um Irmão muito estimado. O seu trabalho consistia na tecelagem da seda ou de tecidos, tanto para uso interno da casa quanto para atender pedidos externos. Com isso, obtinha boas somas de dinheiro, que entregava fielmente ao Fundador; sem autorização não retinha para o seu atelier nenhum centavo. Coordenava a oficina de tecelagem e, ao mesmo tempo, exercia o cargo de porteiro e de regulamentário da casa. Por ocasião da inspeção domiciliar de l'Hermitage, foi ele que, com encantadora simplicidade, disse ao Procurador do rei: “Senhor, eu não sei o que é um marquês,



mas vou chamar o padre Superior e ele vos atenderá”. Era tão pontual em dar o sinal nas horas prescritas, que nunca houve atrasos; fazia coincidir a batida do sino com aquela do relógio. Lembro-me de uma única vez que falhou em dar o sinal; então, no jantar, pediu desculpas pelo esquecimento, permanecendo de joelhos no refeitório. O Irmão Jean-Joseph morreu de repente, fulminado por um ataque de apoplexia, durante o recreio, quando jogava bochas. No céu, certamente, foi unir-se ao padre Champagnat, ao qual tanto se dedicara.

Quero dizer ainda uma palavra sobre o espírito de ordem que o amado Fundador queria que reinasse na casa. Ficava desgostoso com aqueles que, sem motivos, se permitiam ir à cozinha ou, então, com aqueles que, sem estarem doentes, passeavam pela enfermaria. Aceitava idas à enfermaria somente se fosse o caso de visitar algum Irmão doente. Ele mesmo visitava os Irmãos doentes todos os dias, para dirigir-lhes palavras de consolo ou para saber se nada lhes faltava. Queria que essa fosse a motivação de todos. Fora dessas visitas de caridade, não gostava daqueles que deixavam o seu setor de ocupação, mesmo que fosse por pouco tempo, por motivos fúteis. Via com pesar os que manifestavam curiosidade, procurando notícias junto às pessoas de passagem ou em publicações externas. Durante o tempo do meu noviciado, não me consta ter visto um único jornal nas mãos de alguém da casa.

A respeito dos curiosos, eis um fato. Certo dia, uma turma de alunos do colégio de Saint-Chamond passou pelos bosques vizinhos de l’Hermitage. Alguns deles aproximaram-se do portão da casa e, sem prevenir o padre Champagnat, executavam árias profanas com seus instrumentos musicais, interferindo no silêncio e recolhimento da casa. Os Irmãos, habituados unicamente ao murmúrio suave e monótono das águas do Gier, ao

ouvirem aquelas músicas estranhas, ficaram curiosos, querendo saber do que se tratava. Alguns, sobretudo os mais jovens, deixaram furtivamente o trabalho e se dirigiram ao portão, para olhar e escutar através das grades; conversavam entre si com voz sumida, receando serem surpreendidos. O Fundador, que percebera tudo, de um lugar onde não podia ser visto, anotou os nomes de todos. Uma vez satisfeita a curiosidade, aqueles Irmãos se retiraram, pé ante pé, sem ruído, uns depois dos outros, para retornarem a suas ocupações habituais. Esta irregularidade aconteceu depois do recreio da tarde. E então, na hora do jantar, logo depois que a oração da mesa tinha sido proferida, o Fundador interpelou cada um dos faltosos, em número de dez, obrigando-os a tomarem a sopa ajoelhados no centro do refeitório; enquanto cumpriam a penitência, foram admoestados enfaticamente pela sua falta de mortificação; entre eles, os de mais idade, receberam censura maior.

## 6 - A RESPEITO DAS PENITÊNCIAS

Para formar religiosos humildes, simples e modestos e para estabelecer a humildade como característica própria da Congregação, o Padre Champagnat não hesitava em aplicar penitências públicas aos Irmãos, quando cometiam faltas contra o regulamento, mesmo que fossem pequenas infrações. Os Irmãos, tanto os jovens quanto os de mais idade, submetiam-se a penitências públicas espontâneas, para praticar a humildade. Lembro-me do caro Irmão Francisco e do estimado Irmão Luís Maria, que foram Superiores Gerais, ajoelhados no meio do refeitório, pedindo perdão à comunidade por faltas cometidas contra o regulamento ou por dissabores causados a alguns coirmãos. Lembro-me de que, no refeitório, havia uma cadeira,

depois substituída por uma mesinha redonda, diante da qual se devia ficar de joelhos para comer. Ela era muito frequentada! Além dessa penitência, motivada por faltas mais notórias, havia várias outras, que não menciono aqui, por estarem relacionadas no regulamento. Havia também as penitências circunstanciais, muito frequentes. Por exemplo, quando alguém quebrava um objeto, devia ficar de joelhos, na entrada do refeitório, com os fragmentos na mão, permanecendo naquela posição até que o venerando padre fizesse sinal para levantar-se.

Eis um caso que aconteceu comigo. Certo dia tive a má sorte de deixar cair a longa pá de ferro que serve para atizar o fogo no forno de pão. Com a queda, uma parte da pá se quebrou. Quando fui declarar o estrago cometido, o bom padre me disse: “Você sabe qual é a penitência!” Então eu retruquei: “Mas, meu Pai, os dois pedaços de ferro são compridos e pesados para que eu os fique segurando na entrada do refeitório!” Admirem sua bondade: sem dizer nada, ficou sorrindo para mim e eu compreendi que estava dispensado daquela penitência costumeira que, por sinal, eu detestava.

Não se deve pensar que a multiplicidade de tais penitências magoassem os Irmãos. Eles as cumpriam com seriedade e satisfação, pois o pesar maior que sentiam era o fato de terem causado desgosto ao bom padre com a infração cometida. Além disso, as penitências eram aplicadas sem zanga e com tanta justiça, que ninguém ousava reclamar. Por amor à justiça, queria que ela fosse praticada também pelos coordenadores de trabalho relativamente aos seus subordinados. Se algum Irmão coordenador procedesse com injustiça, com falta de equidade, então, por meios adequados, recebia forte admoestação.

Eis outro fato acontecido comigo e que demonstra quanto o Fundador fazia questão de que a penitência fosse proporcional à



falta cometida. Certo dia, durante o momento da leitura espiritual, fiz barulho ao tentar fixar uma imagem em um altazinho que eu tinha montado em minha estante. A capelinha recordava outra igual, feita em casa, com minha mãe, pessoa da qual eu sentia muita saudade. O Irmão Mestre de Noviços, incomodado certamente por inúmeras outras leviandades que eu já praticara antes, pois elas me aconteciam seguidamente, deu-me por castigo decorar um texto de mil e duzentas linhas. “Mil e duzentas linhas para decorar”, disse para mim mesmo, “mas isto é enorme comparado com a pequena falta que cometi!”. É verdade que eu sempre cumpria as penitências recebidas, sem reclamar, pois sentia tê-las merecido. Entretanto, aquelas mil e duzentas linhas me pareceram tão injustas que não consegui conter-me e chorei amargamente. Conhecendo a bondade e a justiça do padre Champagnat, atrevi-me a ir até seu quarto, com o coração pesado de aflição e os olhos marejados de lágrimas. Ao notar que eu entrava em seu quarto, perguntou: “Desta vez, que foi, Irmão Sylvestre”? Narrei detalhadamente o motivo de minha amargura. Então, sem falar nada, tirou da gaveta uma folha de papel no alto da qual deixou cair uma gota de lacre derretido, onde estampou o seu selo. Depois, por baixo, escreveu uma só linha, assinou e me entregou a folha de papel, recomendando-me que eu procurasse ser mais silencioso. A frase que ele escreveu foi essa: “Pagamento das mil e duzentas linhas.” Agradei ao padre Champagnat da melhor maneira que pude e logo fui entregar o papel ao meu credor. Quando viu a sua procedência, o bom Irmão Mestre guardou o documento com muito respeito e o meu castigo foi perdoado. Agora, pergunto eu: “O estimado Fundador era justo e bom ou não era?” Pois quero acrescentar ainda, em seu louvor, que ele não voltava ao assunto de alguma falta cometida, mesmo que fosse grave, desde que ela tivesse sido perdoada ou que tivesse sido sanada pela imposição de alguma

penitência. Simplesmente esquecia o assunto. Mesmo se houvesse recaída em uma mesma transgressão, ou se outra falta viesse a recordar a anterior, ele não fazia nenhuma alusão ao assunto e agia como se fossem faltas independentes uma da outra. Esse seu modo de proceder, com justiça e coração que não guardava rancor, granjeou-lhe a afeição de todos os Irmãos. Procedia com retidão e equidade, resultando disso equilíbrio, justiça e imparcialidade em relação aos Irmãos. Que eu me lembre, nunca foi incriminado por tratamento desigual em relação aos Irmãos, atitude que ocasiona mau espírito em certas comunidades. Acho que ele tinha como lema as palavras da Sagrada Escritura: “A cada um conforme suas obras”, ou essas outras, de cunho patriótico: “Todos os franceses são iguais perante a lei”. Também podemos dizer: “Todos os religiosos são iguais no cumprimento das Regras que professam.”

## 7 - A RESPEITO DA EMULAÇÃO

Quando lemos a sua biografia, chama-nos a atenção a importância que dava ao estudo e à preparação das aulas de catequese e como censurava os Irmãos que deixavam de dar o catecismo ou que o preparavam com desleixo. Para estimular os Irmãos sobre esse ponto capital das Regras, em l’Hermitage, quando era possível, ele queria que os mais capazes da sala, por rodízio, apresentassem uma aula de catequese aos demais, sobre o tema da liturgia do dia. O interessado era sempre avisado de antemão para que pudesse preparar-se convenientemente; à sua disposição eram colocados vários modelos de catequese. Então, muitas vezes, incógnito, Champagnat ficava escutando a lição para poder, depois, corrigir os que não se saíam bem e para elogiar aqueles que apresentavam uma boa aula. Apreciava aquelas

aulas em que o Irmão sabia formular perguntas claras e precisas. Pelo contrário, não gostava dos Irmãos que ele chamava de “pregadores”, pois falavam o tempo todo e que, apesar de serem competentes, não sabiam interagir com perguntas apropriadas. Devíamos falar com voz animada, mas em tom moderado; queria que empregássemos termos simples e comparações adequadas. Pessoalmente, fui repreendido várias vezes por causa do tom elevado da minha voz. Como eu não me corrigia, certa vez entrou repentinamente na sala onde eu estava dando catequese e chamou-me a atenção; mas o fez de modo tão sensato que, longe de me humilhar, reforçou minha autoridade. Pena que não soube aproveitar bem daquela sábia correção, porque, mais tarde, nas salas de aula, quantos dissabores inúteis me proporcionei.

Nos domingos e feriados, incentivava-nos a decorar o texto do Evangelho do dia; tanto quanto possível, queria o texto completo, ao pé da letra. Dizia que as palavras do texto eram palavras ditadas pelo Espírito Santo e que, truncá-las, seria uma espécie de profanação. Algumas vezes, ele mesmo vinha escutar nossa recitação, aproveitando para explicar-nos o Evangelho. Fazia-o com tanta ênfase que, para nós, era um prazer ouvi-lo. Ficava muito contente quando, além do Evangelho, éramos capazes de recitar também a Epístola. Maior ainda era sua alegria quando, no Domingo de Ramos, muitos se apresentavam para recitar de cor o texto inteiro da Paixão. Esta recitação era preparada com diversos dias de antecedência. Como recompensa, aqueles que conseguiam recitar de modo correto todo o texto, ganhavam um belo santinho. Eu sei disso, porque ganhei várias vezes.

Por causa de alguns, que não sabiam explicar a justificativa do *Benedicamus Domino*<sup>51</sup> em certos dias festivos, mandava fazer, de vez em quando, um trabalho sobre o tema daquela festividade, para ser lido no refeitório. Durante as leituras em francês e em latim promovia guerra contínua às pronúncias incorretas, à

51 “Bendigamos o Senhor!” Normalmente as refeições eram feitas em silêncio enquanto se ouvia a leitura de algum livro de espiritualidade. Em dias especiais para sinalizar que a refeição podia ser feita em clima normal de conversa o Superior proclamava a expressão: *Benedicamus Domino!* ao que todos respondiam alegremente: *Deo gratias* graças a Deus!

falta de entonação, à má articulação das vogais e consoantes, à falta de pontuação e tudo o que tornava a leitura incorreta. Durante a refeição, diversas vezes, vi-o dedicar boa parte do tempo à tarefa de corrigir o sotaque regional de certos Irmãos, porque seu modo de falar poderia torná-los ridículos diante das pessoas e induzir os alunos a uma pronúncia errada. Lembro-me de um Irmão que, por causa do dialeto da sua terra, pronunciava sempre “on” quando devia ser “an”. Assim, em vez de pronunciar “les anges”<sup>52</sup> ele dizia “les onges”. Impossível enumerar as vezes em que o venerando padre se deu ao trabalho de corrigir a pronúncia bizarra daquele Irmão.

A leitura correta do latim por parte dos Irmãos também era objeto de sua solicitude. Dizia-nos que era importante saber ler bem o latim, porque aqueles que recitam o ofício litúrgico em uma língua que não compreendem estão sujeitos a cometer erros grosseiros; porque, com pronúncia correta, saberiam preparar melhor seus alunos para acompanharem os ofícios litúrgicos da Igreja; porque, finalmente, eles mesmos, os Irmãos, algumas vezes poderiam ser convocados para cantar partes da missa ou das vésperas etc. Além desses motivos, dizia-nos que era importante saber pronunciar bem o latim, por ser língua conhecida do pároco e dos eclesiásticos em geral, os quais se ofenderiam, escutando-a desfigurada por erros de leitura.

Ensinava-nos que, pelo fato de ser a língua da Sagrada Escritura, a linguagem do culto divino e das orações litúrgicas, ela devia ser respeitada até nas suas menores flexões. Por causa disso, como castigo para aqueles que, ostensivamente, cometiam erros, causando distração na oração comunitária, mandava beijar o chão da sala.<sup>53</sup>

O padre Champagnat dava grande valor à caligrafia, considerando-a essencial no ensino primário, tanto quanto o catecismo e a leitura. Além disso, incentivava os Irmãos no aprendizado de

<sup>52</sup> Les anges: os anjos

<sup>53</sup> Ao constatar o esforço de Marcelino para obter dos primeiros Irmãos progressos na leitura e na escrita, não deixa de ser notável o depoimento do Pe. Mayet, cronista dos inícios da Sociedade de Maria, quando anota o seguinte depoimento do Pe. Terraillon sobre a grandiosa missão de M. Champagnat: Ele formou os Irmãos, mesmo sem ter conhecimento aprofundado das coisas que lhes ensinava; ele os ensinou a ler, apesar de não ler corretamente; ele os ensinou a escrever, apesar de não observar corretamente as regras da gramática... (Origines Maristes, doc. 701)



outras matérias: ortografia, redação, aritmética, história, geografia, história sagrada, agrimensura, contabilidade e desenho linear. Vinha um professor de fora para ensinar esse grupo de matérias. Nas férias, recordo que ele convidava um professor para ministrar contabilidade, um tema que, naquela época, começava a ganhar importância. Em resumo, com seu tato, dedicação e competência, incentivava todos os ramos do saber inerentes ao ensino primário. Empenhava-se nisto, mas sempre salvaguardando o tempo a ser dedicado à catequese, aos exercícios de piedade e às obrigações da Regra.

Posso dizer que, além das verificações trimestrais e dos exames que eram aplicados na época das férias, conforme se diz na sua biografia, ele havia estabelecido, para o noviciado, um exercício de recapitulação dominical, que consistia em recordar as lições estudadas durante a semana. O exercício durava aproximadamente uma hora. Aquele que era designado ficava no centro da sala, de pé, e devia responder às perguntas que lhe eram dirigidas pelos demais. Frequentemente, o padre Champagnat presidia o exercício e não deixava de admoestar certos Irmãos, dos quais recebera informações anteriores, que eram negligentes ou preguiçosos nas respostas.

Por tudo o que foi dito, podemos deduzir que era por espírito de fé que o padre Champagnat se dirigia em tudo, mesmo nas pequenas coisas. Há muitos outros usos que foram supressos; não vou falar deles, pois fogem um pouco do meu escopo. Contudo, depois das Regras, os usos e costumes estabelecidos pelo Fundador também são importantes em uma comunidade! Não compreendo como é que, considerando-os superados, alguns Irmãos, sem autorização, estabeleceram outros usos, baseando-se apenas numa apreciação pessoal. Deviam tê-los conservado em sua integridade, pelo menos por respeito.<sup>54</sup>

<sup>54</sup> A frase foi remanejada no manuscrito e está entre linhas. A frase original que foi riscada dizia: “Não dá para compreender como sem serem autorizados alguns subalternos na hierarquia religiosa considerando superados alguns desses usos sob o pretexto de aparência melhor os tenham rejeitado estabelecendo outros em seu lugar motivados mais por suas fantasias e caprichos quando por respeito deveriam tê-los conservado em sua integridade”.

Irmão Sylvestre  
SEGUNDO RELATO

**BIOGRAFIA RESUMIDA DE  
MARCELINO CHAMPAGNAT<sup>55</sup>**

1867-1868  
Saint-Genis-Laval

<sup>55</sup> O título completo colocado pelo Irmão Sylvestre para este Relato é mais longo: verdadeira explicação da finalidade do seu trabalho: “Resumo da vida do padre Champagnat em forma de documento para que possa servir à introdução da sua Causa de Beatificação; comporta também no final uma apreciação geral sobre o estado atual da Congregação.”

## EXPLICAÇÕES DO AUTOR

AO ESCREVER A VIDA do padre Champagnat sob a forma de capítulos, omiti o texto de algumas citações, devido à sua extensão ou porque me seria impossível reproduzi-los inteiramente, só de memória. Limitei-me em resumir os acontecimentos mais importantes. O leitor perceberá que narrei mais longamente os momentos finais da vida de nosso Fundador e que escrevi com mais detalhes alguns outros eventos, deixando de resumi-los. Fiz assim porque, pessoalmente, presenciei o que está descrito nesses fatos, ou porque pedi informações a testemunhas oculares.

Escrito como resumo, o texto é menos atraente do que se fosse escrito com elegância de estilo, com citações textuais, fatos detalhados e comentários mais amplos. Resguardadas essas observações, penso que o leitor encontrará nestas páginas tudo o que é edificante na vida do venerando Padre.

Escrevi neste estilo por obediência e espero que, pelo menos por esta parte, terei algum mérito. Solicito aos leitores que rezem por mim, dirigindo-se ao nosso amado Fundador, pois tem crédito especial junto à Santíssima Virgem, ele que foi um dos seus servidores mais devotados.

## PRÓLOGO DO AUTOR

COMO PRÓLOGO DESTE RESUMO da vida do padre Champagnat, permita-me o leitor indicar as fontes onde hauri os fatos aqui relatados.

1º) Em minhas recordações pessoais, pois vivi durante nove anos sob a obediência<sup>56</sup> do Fundador, a saber, de 1831 a 1840.

2º) Nas conversas que tive com Philippe Arnaud, nascido em Saint-Sauveur (Loire), um dos sobrinhos de Champagnat. Era marceneiro de profissão. Permaneceu vários anos em l'Hermitage, exercendo sua profissão sob o olhar do padre Champagnat; foi seu confidente em tantos assuntos importantes.

3º) Nas frequentes conversas com o caro Irmão Estanislau (Claude Fayolle), de quem fui ajudante durante quase um ano. Nascido em Saint-Médart, ele ingressou em 1822, quando a Congregação contava apenas cinco ou seis membros<sup>57</sup>. Até à morte do Fundador, esteve sempre ao seu lado; foi seu braço direito e sua consolação. Em momentos de partilha de vida, o Fundador comentava com ele assuntos reservados concernentes à família e à Congregação, coisas que somente ele ficou sabendo.

4º) Nos relatos do Irmão Jean-Baptiste Furet, que ingressou na Congregação um mês depois do Irmão Estanislau. O padre Champagnat o consultava com frequência, reconhecendo nele excelente juízo, talento raro para lidar com as pessoas e para dirigir escolas. Como Assistente Geral, ele foi meu superior durante vários anos. Antes, em l'Hermitage, quando o padre Champagnat me nomeou professor dos jovens Irmãos, eu fui seu adjunto.

<sup>56</sup> A expressão “sob obediência” é modo antigo de expressar “viver como religioso”. A obediência era o primeiro voto na profissão religiosa; indicava entrega total da pessoa à vontade de Deus realizada na vontade do Superior.

<sup>57</sup> Na realidade: o Irmão Estanislau foi o décimo Irmão a entrar no Instituto.

5º) Nos relatos do Irmão Francisco, que foi o sucessor do padre Champagnat e primeiro Superior Geral. Os Irmãos mais antigos sabem que o caro Irmão Francisco, quando pediu demissão do cargo, se retirou para l'Hermitage, onde, por diversos anos, desempenhou as funções de diretor da casa. Ora, na mesma época eu estava ali como professor; recordo-me de que falava frequentemente do padre Champagnat.

6º) Nos relatos do caro Irmão Luís Maria, com quem fiz o noviçado. Ademais, ele foi meu diretor na escola de La Côte-St-André durante alguns anos. Por mérito de suas qualidades, acabou sendo convocado pelo padre Champagnat para ajudar no governo da Congregação; posteriormente foi eleito segundo Superior Geral.

7º) Enfim, nos relatos que ouvi dos Irmãos mais antigos, esses que conviveram por vários anos com o padre Champagnat; estão vivos, hoje, mais de quarenta deles. Nos relatos, eu os cito de modo geral, pois alguns nomes me fogem da memória.

8º) Nos relatos de algumas pessoas leigas, não pertencentes à Congregação.

9º) Nos fatos transmitidos oralmente.

No mais, sinto-me tão seguro em afirmar que é verdadeiro tudo quanto estou relatando neste escrito, não digo quanto à forma, mas quanto ao conteúdo que, conscientemente, eu até posso jurar.

CAPÍTULO I

JUVENTUDE DE MARCELINO<sup>58</sup>

<sup>58</sup> No original, não há título para esse 1º capítulo. O indicativo aqui colocado é iniciativa da redação.

1º) Todos os que conheceram o padre Champagnat sabem que ele nasceu na aldeia do Rosey, em Marlhes, paróquia da diocese de Lião, em 20 de maio de 1789. Quando fui mandado para Marlhes, em 1834, para lecionar, tive a felicidade de visitar a aldeia do Rosey e de entrar na casa paterna de Marcelino. Nessa época, a casa ainda pertencia a membros de sua parentela. Recordo-me do seguinte: ao falar de Marcelino, diziam que era o mais jovem dos Champagnat e que sua família era das melhores da região, muito piedosa, sem muito alarde e amiga do trabalho. O moinho que eles utilizavam ainda existia e, pelo que sei, funciona ainda hoje.

2º) Foi no dia da Ascensão de Jesus, conforme seu depoimento, que teve a felicidade de receber o batismo, tornando-se filho de Deus e da “Igreja, nossa mãe”; era a expressão que ele usava, quando nos falava da Igreja. Nesse dia, l’Hermitage celebrava com grande pompa os ofícios litúrgicos da festa. Parece-me vê-lo ainda, nessas ocasiões, radiante de alegria e de felicidade, sobretudo quando celebrava a missa.

3º) O que agora vou descrever, me foi dito tanto por Philippe Arnaud<sup>59</sup> como pelo caro Irmão Estanislau. Quando o pequeno Marcelino José Bento (são os prenomes que recebeu no batismo)<sup>60</sup> estava ainda no berço, sua piedosa mãe percebeu diversas vezes, saindo do peito do filhinho, algo semelhante a pequena chama de fogo que volteava pela cabeça e depois se dirigia para cima, iluminando a sala por breve tempo, antes de desaparecer. Sem dúvida, foi presságio do zelo inflamado que, abrasando seu coração, o tornaria chefe desta grande família religiosa que, a seu exemplo, também arderia de zelo pela salvação das almas, levando a luz da fé até mesmo a longínquos países.

<sup>59</sup> Philippe Arnaud era filho da irmã mais velha de Marcelino. Trabalhou na construção de l’Hermitage como carpinteiro; era muito achegado a Marcelino. Após a morte do Fundador Philippe continuou residindo nas proximidades; transmitiu aos Irmãos que o procuravam muitas confidências sobre Champagnat.

<sup>60</sup> O parêntese está no manuscrito original.

4º) O caro Irmão Estanislau disse-me que o padre Champagnat lhe falou muitas vezes da piedosa mãe e da virtuosa tia. No leito de morte, alegrava-se com o pensamento de reencontrá-las em breve e da felicidade do encontro com todos aqueles Irmãos já falecidos que, com a graça do bom Deus, tinham perseverado na vocação. Disse-lhe também que a tia era freira, expulsa do convento pela Revolução, e que fora ela quem lhe ensinara as orações, o catecismo e a devoção à Santíssima Virgem.

5º) Mãe e tia, percebendo em Marcelino boa disposição para a prática da virtude, se esmeraram por proteger-lhe a inocência, inspirando-lhe grande horror ao pecado e formando-o nas práticas da vida cristã. De quanto me lembro, o Irmão Estanislau nunca falou da influência do pai de Marcelino na educação religiosa do menino, talvez por ser ele um homem muito absorvido pelos negócios temporais. O que sei é que seu pai era pessoa muito direita e que, em todas as circunstâncias, se mostrava capaz, com muitas habilidades. Foi pelo exemplo do pai que Marcelino adquiriu conhecimentos de marcenaria e de outros ofícios que, mais tarde, lhe foram de grande utilidade. Inúmeras vezes eu vi o padre Champagnat, tal como são José, seu santo patrono, de cepilho em mão, consertando móveis, fazendo assalhos etc. Até como pedreiro, vi-o trabalhando melhor que qualquer profissional.

6º) Sabemos, por tradição, que Marcelino passou os primeiros anos de vida em grande inocência e que recebeu com piedade tal a primeira comunhão, que teria edificado os paroquianos de Marlhès. Embora mãe e tia lhe tivessem ministrado algumas lições de leitura, julgaram melhor enviá-lo ao professor da localidade. Decepcionou-se com os modos inconvenientes do professor e deixou a escola, preferindo ajudar os pais nas tarefas da casa e da roça, sem pensar em abraçar outro gênero de vida.



7º) Era grande a penúria de padres na diocese de Lião, por ter a Revolução dizimado ou dispersado grande número deles. Para toda a diocese fora enviada solicitação, em que se pedia aos padres que se empenhassem na tarefa de recrutar jovens dispostos em seguir tão sublime vocação. Naquela época a paróquia de Marllhes era atendida pelo respeitado padre Alliot, do qual ainda se guardavam gratas recordações, quando eu fiz parte da comunidade de lá; ele tinha sido o fundador da nossa escola. Depois, como pároco, veio o padre Duplay, que tinha sido superior do Seminário Maior de Lião<sup>61</sup> em substituição do padre Gardette, confessor da fé durante o período da Revolução. Foi sob a direção do padre Duplay que Marcelino cursou a teologia. Posteriormente, o padre Duplay tornou-se seu amigo íntimo como diretor espiritual extraordinário. Por seus conselhos e encorajamentos, o padre Champagnat triunfou de grandes dificuldades, conforme falaremos mais adiante. Eram dificuldades que ameaçavam aniquilar a Congregação nascente.

Mas, voltando ao jovem Marcelino, sabemos que, certo dia, um sacerdote do seminário maior, natural de Marllhes, estando de férias, foi ter com o padre Alliot, apresentando-se em nome do padre Courbon, vigário-geral, amigo de Alliot, para saber se ele poderia indicar jovens da paróquia desejosos de estudar o latim.<sup>62</sup> Inicialmente, o padre Alliot lhe respondeu negativamente. Depois, reconsiderando, disse: “Na aldeia do Rosey mora uma família, que leva vida discreta, onde há alguns rapazes. Passe por lá e verifique”. Ele foi e acabou convencendo o caçula da casa, que era Marcelino, a se tornar padre, porque a sua ingenuidade, candura e, sobretudo, a sua franqueza tinham-lhe causado boa impressão. Desde que, com muita seriedade, o jovem Marcelino tomou tal decisão, logo pôs mãos à obra na execução de seu projeto, embora os pais parecessem fazer-

<sup>61</sup> Efetivamente o Pe. Claude Duplay foi pároco de Marllhes de 1822 até 1844, mas não foi ele o superior do Seminário de Lião; foi o seu irmão, o Pe. Jean-Louis Duplay, em 1841.

<sup>62</sup> “Estudar o latim” era expressão comum para dizer “estudar para ser padre; ir para o seminário”.

lhe alguma oposição, por causa da sua falta de aptidão e pouco entusiasmo pelos estudos.

8º) Ele mesmo, ao reconhecer que não sabia ler nem escrever e que devia aprender latim, pediu aos pais que o colocassem, durante o ano, na casa do cunhado, professor em Saint-Sauveur. O professor, ao constatar que o sobrinho<sup>63</sup> tinha memória fraca e que fazia progressos medíocres, procurou desaconselhar o rapaz de seu projeto inicial. Entretanto, Marcelino tinha refletido bastante e tomado decisão firme quanto à vocação; nada poderia impedi-lo de prosseguir. Deixou o trabalho na roça, procurou demonstrar comportamento sempre edificante e redobrou sua devoção à Santíssima Virgem, recitando o terço diariamente. Foi então, depois de quase um ano na casa do cunhado, que entrou no seminário menor da cidade de Verrières, não longe de Montbrison, em outubro de 1805.

9º) Várias vezes ouvi dizer que, inicialmente, não foi brilhante nem teve sucesso nos estudos; pensavam mesmo em mandá-lo embora do seminário por estar desprovido dos talentos requeridos para alcançar o objetivo. Por sua insistência junto ao Superior, pedindo que fosse mantido ainda por um tempo, foi aceito. O Superior do seminário achava que, depois de algum tempo, quando percebesse que não obtinha resultados positivos, ele mesmo pediria dispensa do seminário. Entretanto, por sua enérgica determinação nos estudos, constância e dedicação no trabalho, tudo aliado a fervorosas orações, não tardou em provar aos mestres que tinha capacidade, pois até conseguiu concluir duas séries naquele ano. É admirável, portanto, que tenha passado pelos cursos do seminário menor de maneira satisfatória e que, sem maiores dificuldades, tenha sido admitido nos cursos do seminário maior, em outubro de 1812.

<sup>63</sup> Engano do Irmão Sylvestre: não se trata de “sobrinho”, mas “cunhado”.

10º) No tempo que passou em Verrières, Marcelino teve procedimento exemplar, procurando combater os defeitos e adquirir as virtudes cristãs. Sempre cumpria as resoluções que se propunha; quando percebia que havia falhado no cumprimento de alguma delas, impunha-se uma penitência. Pela prática da humildade, empenhou-se duramente no combate ao amor-próprio, vício que queria extirpar pela raiz, por mais difícil e persistente que fosse o combate. Pelas demonstrações de piedade, regularidade e obediência, mereceu a confiança dos superiores, que lhe deram o encargo de vigilante do dormitório. Acrescentemos ainda que, por seu caráter alegre, franco e aberto, soube conquistar a simpatia dos colegas seminaristas e das pessoas empregadas no seminário.

**CAPÍTULO II**  
**O SEMINÁRIO MAIOR**

1º) Pelo que nos foi contado, sabemos que, na entrada do seminário maior, Champagnat tomou a resolução de observar fielmente o regulamento da casa, aceitando-o como expressão da vontade de Deus, única coisa que lhe importava cumprir porque, conforme nos repetiu muitas vezes: “Quem vive segundo o regulamento, vive segundo Deus.” Certamente, inspirava-se no exemplo do padre Gardette, superior do seminário, do qual se dizia que era o regulamento encarnado. Marcelino também foi causa de admiração dos colegas pela seriedade na sua observância. Achou aquele regulamento tão apropriado que, mais tarde, tomou-o como modelo para o regulamento da Congregação. Alguns candidatos do noviciado de l’Hermitage que, antes, tinham passado pelo seminário maior, comentavam que nosso regulamento comportava, mais ou menos, os mesmos exercícios de piedade e as mesmas práticas de devoção do seminário e que viam no padre Champagnat um imitador da regularidade do padre Gardette, antigo superior.<sup>64</sup>

2º) Nas férias, visto que não era possível seguir a rotina do seminário, redigiu para si um regulamento especial, disciplinando-se quanto à liberdade; cumpriu-o com a mesma exatidão do seminário. Sabemos, por resoluções escritas suas, que se sujeitava ao tipo de vida da família, sobretudo no tocante ao horário e aos hábitos das refeições, não querendo que fossem preparados pratos especiais para ele. Não comia nada entre as refeições, sentindo escrúpulos até mesmo em beber água ou saborear alguma fruta. A esse respeito, permito-me citar um episódio, contado pelo caro Irmão Francisco. Dizia-nos ele que, em certa ocasião, passando por uma cerejeira carregada de frutos, Champagnat apanhou uma cereja, levando-a à boca. Então, na mesma hora, recriminado-se pela falta de mortificação, cuspiu fora tudo, como se fosse veneno. Lembro que aplicava salutar repreensão àqueles que, sem necessidade, se permitiam comer frutas

<sup>64</sup> Em 1831, Pierre-Alexis Labrosse deixou o seminário e, orientado pelo padre Gardette, apresentou-se como candidato, em l’Hermitage. Recebeu o nome de Irmão Luís-Maria; chegou ao cargo de Superior Geral, substituindo o Irmão Francisco.

ou simples bagos de uva, fora das refeições. Exigia deles que se confessassem antes de irem à comunhão, pois considerava esta tendência à gula muito inadequada para um religioso.

3º) Voltemos ao seminário maior. Juntamente com a resolução de observar pontualmente o regulamento da casa, prosseguiu no propósito, já iniciado em Verrières, de combater o orgulho, que julgava seu defeito dominante. Fez dele o principal tema do seu exame particular e, nas orações, suplicava ardentemente a virtude da humildade. Quando compreendeu que o importante era vencer o amor-próprio com atos concretos de humildade, foi tomando resoluções diversas, conforme as circunstâncias. Quando percebia ter falhado no cumprimento delas, impunha-se alguma mortificação ou penitência, que cumpria rigorosamente; como mortificação, chegava até a privar-se da refeição.

4º) Praticar aquelas virtudes, opostas ao defeito a ser evitado, era uma tática que muitas vezes nos aconselhou e que ele mesmo praticou; por isso fez progressos na via da perfeição. O seminário maior foi para ele não apenas um tempo de estudos teológicos, mas escola onde se exercitou na aquisição das virtudes e onde procurou corrigir-se daquilo que julgava defeito ou falta de caridade. Ele nos dizia: “Sem saber, às vezes, podemos estar sendo uma cruz para as pessoas com quem convivemos”. A tal respeito, revelou-nos que tinha experimentado muitas contrariedades no seminário, dissabores provocados por parte de um colega de quarto. Seu modo de caminhar, de sentar-se, de assorar-se, de fechar a porta, de abrir a janela etc. desagradavam-lhe e pareciam-lhe modos ridículos. Até que, um dia, compreendeu que o colega também poderia estar sentindo igual desagrado a seu respeito. Então, tomou a resolução de aceitar aqueles dissabores com muita paciência. Cumpriu a resolução pois, como nos disse, nunca se queixou ao colega.

5º) Uma virtude característica, que ele muito desenvolveu durante os estudos de teologia, foi a chama do zelo pela salvação das almas, virtude prefigurada já no seu berço pela pequena chama. Antes, em Verrières, ele já dera mostras de zelo, procurando ajudar os colegas na virtude e no bom comportamento, sobretudo quando eles se permitiam queixas, que muitas vezes eram imaginárias, contra os professores. Animava-os a prosseguirem nos estudos, apesar das dificuldades que surgiam. Continuou agindo dessa maneira também no seminário maior, especialmente em relação aos colegas sobre os quais exercia certa influência. Seu zelo na realização do bem resultou, sobretudo, do exemplo perfeito que procurou ser: seminarista que se prepara com seriedade à mais sublime das vocações.

6º) Seu zelo ardente se manifestava também no tempo das férias, quando podia dedicar-se mais, junto às crianças, na família e na paróquia. Sabemos que, na casa paterna, todos os dias, eram feitas, em comum, as orações da manhã e da noite e a leitura espiritual, além da recitação do terço nos domingos e dias feriados, exercícios que ele próprio presidia. Quando tinha ocasião, não deixava de dar-lhes lições de doutrina cristã, de ensinar-lhes as práticas de devoção, estabelecidas pela Igreja, dando-lhes sábias orientações e bons conselhos. Além dos familiares, tinha solicitude especial pelas crianças. Ele as reunia para ensinar-lhes o catecismo e as orações. As palavras paternais que lhes dirigia tinham a finalidade de inspirar horror ao pecado e de provar a satisfação de crianças bem comportadas. Era amado e respeitado por todos. Dizia uma delas, mais tarde: “O simples fato de lembrar-me dele, fazia-me ter bom comportamento ; levava-me a evitar as ofensas a Deus”.

7º) Entre os seminaristas, o padre Champagnat não era o único inflamado de zelo apostólico. Havia outros que, animados pelo

mesmo ardor, se reuniam, de vez em quando, para planejarem seu futuro apostolado em favor das almas. Certo dia, concordaram com a ideia de fundar uma sociedade de padres, cujo objetivo seria pregar missões populares e trabalhar na instrução da juventude. Ora, como todos professavam devoção particular à Santíssima Virgem, decidiram que a futura sociedade levaria o nome de Maria. À testa dessas reuniões estavam Colin e Champagnat.<sup>65</sup> Eles informaram o projeto dessa sociedade ao padre Cholleton, um dos vigários-gerais da diocese, que não somente aprovou, mas também quis participar de suas reuniões, dando-lhes o apoio de sua direção.<sup>66</sup> Diversas vezes, quando se reuniam, o Fundador manifestava o desejo de que, além dos padres, houvesse também Irmãos, para dar catequese às crianças do povo simples. Como sempre retornava a esta questão, disseram-lhe, um dia: “Encarregue-se você dos Irmãos, já que a ideia é sua”. O padre Champagnat considerou aquela proposição como ordem vinda do céu; a partir de então, nada desejava tanto quanto realizar logo seu projeto. Este relato, que fala das primeiras ideias sobre a nossa Congregação na concepção de Marcelino, me foi confiado pelo Irmão Estanislau e por alguns outros Irmãos.

8º) Entretanto, o pensamento de constituir, mais tarde, uma congregação de Irmãos catequistas não era sua única preocupação; sabendo que se aproximava a data da ordenação e compreendendo toda a santidade da vocação sacerdotal, preparava-se com muitas e fervorosas orações. Foi-lhe anunciado que faria parte do próximo grupo a ser ordenado. Então, no dia 6 de janeiro de 1814, festa da Epifania do Senhor, recebeu a tonsura, as quatro ordens menores e o subdiaconato das mãos de sua eminência o cardeal Fesch, arcebispo de Lião. Estava com vinte e quatro anos e alguns meses. A data foi sempre muito significativa para ele. Não posso esquecer que, em l’Hermitage, a

<sup>65</sup> O Irmão Sylvestre omitiu o nome de Jean-Claude Courveille, verdadeiro líder do grupo responsável pela ideia da Sociedade de Maria.

<sup>66</sup> O padre Cholleton era também um dos diretores do Seminário Maior.



festa comemorativa da sua chegada ao sacerdócio, era celebrada com grande solenidade, “em reconhecimento por tão grande graça recebida”, segundo seu modo de falar. O “*le roi-boit*”<sup>67</sup>, o rei bebe, que era servido no refeitório, e cujo uso se conserva ainda, tinha a finalidade de lembrar o fato à comunidade.

Foi ordenado diácono dois anos depois, em 22 de julho de 1816, quando recebeu a unção sacerdotal das mãos do bispo de Nouvelle Orléans, Dom Louis-Guillaume Dubourg, autorizado pelo cardeal Fesch<sup>68</sup>. Podemos imaginar com que piedade, recolhimento e amor celebrou a primeira missa, tendo-se preparado diligentemente para isso, ele que tinha o coração tão abrasado de amor por Nosso Senhor.

9º) Quase todos os seminaristas que faziam parte do grupo que projetava a futura Sociedade de Maria foram ordenados junto com ele. Então, prevendo que logo chegaria o momento da separação, pois deviam seguir para onde fossem designados, prometeram manter união entre todos, por meio de correspondência frequente, a fim de manter vivo e de realizar, logo que possível, o projeto que haviam idealizado.

10º) Depois de ordenados, alguns estavam preocupados, ansiosos por uma boa destinação. O padre Champagnat não mostrava ansiedade alguma. Certa vez, em l’Hermitage, no final do retiro, antes de ler a lista de colocações dos Irmãos, ele nos recordou que, no seminário maior, aguardando a sua destinação, ele imaginava que seria nomeado para a última paróquia da diocese, por não merecer nada melhor. Pensando daquele modo, dizia-nos, não sofreria frustrações em suas esperanças e, com tranquilidade, se submeteria à vontade de Deus naquilo que lhe viesse. Realmente, não sofreu frustração alguma. Depois da ordenação,

<sup>67</sup> Tradição de fazer brindes no dia 6 de janeiro: “a festa dos reis”. Minúsculas: figuras de porcelana representando um rei eram colocadas no bolo da festa. Cada vez que ao fatiar o bolo aparecia uma delas exclamava-se: “Le roi-boit”, e todos faziam um brinde. Aqui o Irmão Sylvestre emprega o termo “le roi-boit” como substantivo sugerindo que esse era o nome do brinde ou do vinho especial servido naquela celebração anual.

<sup>68</sup> O Cardeal Fesch, por motivações políticas, “precisou” exilar-se em Roma, a partir de maio de 1814. Por isso, a cerimônia de ordenação sacerdotal daquele ano foi realizada por outro bispo, por Dom Louis-Guillaume Dubourg.

foi nomeado coadjutor da populosa paróquia de La Valla<sup>69</sup>, no cantão de Saint-Chamond.

11º) Antes de deixar a cidade de Lião, foi ao Santuário de Nossa Senhora de Fourvière. Na antiga capela, local de tantos votos e orações que são dirigidas a Maria, ele se consagrou de novo a essa Boa Mãe, colocando seu ministério sob sua especial proteção. Não tenho certeza se foi nesta ocasião que foi autorizado a celebrar uma missa solene no santuário; em todo o caso, pelo que recordo de quanto ouvi dizer no meu tempo de noviciado, ele teria celebrado aquela missa com tanta piedade e respeito, com voz tão expressiva, que os assistentes se perguntavam, na saída da capela: “Quem é esse padre, tão digno e piedoso, que celebrou hoje? É um santo?”. Teremos ocasião de falar, mais adiante, que era exatamente esta a impressão que deixava na comunidade todas as vezes que celebrava a eucaristia.

<sup>69</sup> Na época o nome da cidade era escrito em palavra única: Lavalla. Esse termo vem do dialeto e significa “o vale”. O Irmão João Batista na biografia emprega a expressão “La Valla”. O Irmão Sylvestre emprega os dois modos de escrever. Hoje o nome oficial é “La Vall-en-Gier”. Na época de Marcelino a paróquia de La Valla contava aproximadamente 2.500 habitantes.

**CAPÍTULO III**  
**CHAMPAGNAT RENOVA**  
**A PARÓQUIA DE LA VALLA**

1º) Como já tivemos ocasião de dizer, o padre Champagnat colocara-se sob os auspícios de Maria e estava cheio de zelo pela salvação das almas. Este seu zelo começou a manifestar-se no seminário de Verrières; depois, em Lião, foi crescendo de ano para ano. Era dotado de caráter franco, alegre, aberto e conseguia ser delicado e firme ao mesmo tempo. Isso tudo contribuiu para que tivesse sucesso em seu ministério sacerdotal. De alguns Irmãos mais antigos fiquei sabendo que ele reformou toda a paróquia, pois a encontrara mergulhada em grande ignorância religiosa: abandono dos sacramentos, falta de instrução escolar para as crianças e diversos vícios, como a embriaguez, as danças noturnas<sup>70</sup> e a difusão de livros maus. Até então, inexistia escola para as crianças.

2º) Já antes da ordenação, traçara para si um regulamento de vida que se propunha seguir lá onde fosse nomeado como sacerdote; este regulamento foi encontrado entre seus escritos, depois da morte. Quando chegou a La Valla, ao inteirar-se do seu trabalho, ele o completou. Fixou o levantar para as quatro horas. Sua primeira ocupação matinal era a oração e a meditação; depois, celebrava a santa missa. Tal regulamento ele ainda o observava em l'Hermitage, no tempo em que fiz o meu noviciado. A celebração da santa missa, as orações, o estudo de teologia, a visita aos doentes e o atendimento no confessionário lhe absorviam todo o tempo. Costumava deitar-se pelas nove horas da noite ou, mais tardar, às dez.

3º) Depois de rezar e refletir diante de Deus sobre os meios que seriam mais apropriados para lutar contra os vícios da paróquia, estabeleceu o seu plano de ação. Comunicou-o ao pároco, a quem sempre mostrou total submissão; mesmo que fosse para pequenas ações, nada fazia sem consultá-lo, procurando seguir seus conselhos e ordens. Ele o considerava como seu novo superior;

<sup>70</sup> O termo era utilizado para expressar níveis de comportamento socialmente inaceitáveis segundo a mentalidade moral e religiosa da época porque considerados imodestos. As danças ordinariamente se realizavam em alguma casa ou paiol e atraíam a condenação dos líderes cívicos e religiosos preocupados com as ameaças à moralidade pública.

entretanto era muito diferente do padre Gardette, superior que tivera no seminário. Efetivamente, o pároco tinha defeitos de caráter, sobretudo grande susceptibilidade, que deram muito dissabor ao padre Champagnat. Entre outros, tinha um defeito que era muito notório e que, infelizmente, lhe fizeram perder o respeito e a afeição dos paroquianos.<sup>71</sup> O piedoso Fundador deplorava essa situação; apesar disso procurava dedicar-lhe tanta consideração e deferência quanto possível.

4º) Antes de executar o plano de ação que se propusera para extirpar os defeitos da paróquia, tendo observado que os habitantes de La Valla eram pessoas simples, dóceis e de bom coração, mas que tinham pouca instrução e muitos preconceitos contra o pároco, procurou ganhar-lhes a afeição, acercando-se deles com simplicidade e interessando-se por suas ocupações agrícolas, o que conseguiu com facilidade, devido ao excelente caráter com que a natureza o dotara. Dessa forma, jovens ou idosos, as pessoas gostavam de encontrar-se com ele, pois sempre tinha alguma palavra boa para todos. Quando dispunha de tempo, entretinha-se mais demoradamente com alguns, discorrendo sobre os trabalhos na lavoura ou sobre os negócios. Fazia-o de tal modo que sempre conseguia introduzir temas edificantes na conversa, conselhos propícios para encorajar o interlocutor ou para fazê-lo refletir sobre a própria conduta, caso fosse necessário emendar-se. Por seus modos afáveis, por sua simplicidade e dignidade, fazia com que todos se sentissem à vontade; rapidamente, conquistou os corações e a simpatia dos paroquianos.

5º) Era estratégia preliminar com a qual pretendia atrair muitos paroquianos para a igreja, para os seus sermões, que começavam a ser comentados. Como uma resolução sua era a de nunca subir ao púlpito sem ter feito preparação adequada da prédica, já na primeira vez, agradou tanto aos paroquianos que, ao

<sup>71</sup> O pároco de La Valla chamava-se Jean-Baptiste Rebod. Estava com 38 anos de idade, quando Marcelino chegou a La Valla para secundá-lo. O “defeito notório”, de que fala o Irmão Sylvestre, era o alcoolismo. Também era gago. Por causa da dificuldade de expressar-se, relutava em fazer o sermão. O padre Rebod foi transferido de La Valla em 1824. Faleceu em Saint-Chamond no ano seguinte.

saírem da Igreja, comentavam: “Nunca tivemos aqui pregador igual.” Esta fama de pregador, juntamente com sua estratégia de aproximação das pessoas, resultou em forte atração na população toda, para escutá-lo em seus sermões.

6º) Assim como sabia cativar os ouvintes com palavras suaves, insinuantes e calorosas, também sabia dar à voz tonalidade firme, enérgica e mesmo terrível, aterrorizando o auditório, quando se tratava de falar sobre a gravidade do pecado, sobre o juízo final, sobre o inferno e sobre os vícios reinantes na paróquia. Eu mesmo, uma vez, escutei-o falar desses temas assustadores. Quando relembro, ainda sinto arrepios; mas confesso que gostaria muito de ouvi-lo de novo. Não é de estranhar, portanto, que os paroquianos se informassem para saber quando o padre Champagnat seria o pregador da missa dominical; nessas ocasiões afluíam em grande número, e a igreja ficava lotada.

7º) Para reconduzir os paroquianos ao bom caminho, além dos sermões vibrantes e das enérgicas exortações, também se dedicou à catequese das crianças, obtendo resultados maravilhosos. Quis encarregar-se pessoalmente da tarefa, sendo logo autorizado pelo pároco. Dedicava-se às crianças com solicitude especial, demonstrando-lhes muita predileção. Seu jeito bondoso e seu grande talento para ensinar os rudimentos da doutrina cristã tornaram as reuniões atraentes, fazendo com que muitas crianças acessem ao catecismo. Houve ocasiões em que precisaram enfrentar o frio, a chuva e a neve para comparecer; a distância até a igreja, para muitas delas, era longa, de vários quilômetros; apesar de tudo, afluíam em grande número.

8º) A sua forma de dar catequese era simples, clara e metódica. Primeiro, mandava recitar o texto, corretamente, por aqueles que eram capazes de o fazer; para os que não sabiam ler, ele

mesmo repetia o texto. Depois, por meio de perguntas claras e objetivas, assegurava-se de que o texto tinha sido bem compreendido. Se fosse necessário, usava expressões comuns, comparações simples, historietas corriqueiras ou bem significativas. Para todas as lições sempre indicava alguma conclusão prática. Normalmente, terminava a aula com alguma história bonita ou fazendo piedosa exortação. A emulação e disciplina, que caracterizavam suas catequese, eram obtidas não com punições, mas com recompensas e estímulos, de um jeito cujo segredo só ele conhecia. Sua grande preocupação era preparar bem as crianças admitidas à primeira comunhão; não media esforços para conseguir que fizessem esse importante ato com muita piedade e fervor. Para fazê-las pensar na primeira comunhão desde cedo, atraía para o catecismo até mesmo crianças muito novas; nesses casos, não as obrigava a saber as lições do dia. O Irmão Francisco nos assegurava que ele próprio frequentara a catequese do padre Champagnat desde a mais tenra idade.

9º) Ao constatarem o entusiasmo dos filhos pela catequese, ao se encantarem com as histórias e lições repetidas por eles, os pais também tiveram vontade de ir à catequese. Então, especialmente nos domingos, homens e mulheres, jovens e anciãos, foram comparecendo. Por causa disso, nessas ocasiões, mudava um pouco o esquema de suas catequese. Como conclusão prática, sugeria resoluções direcionadas ao combate dos vícios da paróquia e à frequência dos sacramentos por parte dos adultos que os tinham deixado de lado ou que os recebiam muito raramente. Conseguiu frutos abundantes, pois sua catequese e pregações sempre foram bem preparadas e regadas com muita oração. Eram elementos importantes da catequese escolar, que ele sempre nos recomendava: preparação e oração. Mais adiante trataremos dos sucessos que obteve; antes, vamos discorrer sobre os meios que empregou para corrigir os vícios e defeitos dos paroquianos.

10º) Insurgiu-se principalmente contra a embriaguez dos paroquianos, enfrentando trabalho bastante árduo para extirpar tal vício. Nos sermões, reverberava com rigor contra os culpados, alertando-os para os castigos divinos. Entretanto, apesar das pregações e de outros estratagemas que utilizava, o número de bares e de beberões não diminuía, porque, infelizmente, dentro de casa havia o mau exemplo do próprio pároco, que lhe inutilizava os esforços. Ao perceber que suas respeitadas solicitações ao pároco eram ineficazes, querendo ajudá-lo, o padre Champagnat decidiu tomar somente água nas refeições. Deus abençoou seu zelo e grande sacrifício, pois, aos poucos, os bares diminuíram, permanecendo abertos uns poucos, meio desertos, onde se entrava apenas por necessidade. Por causa da aversão que o padre Champagnat tinha por esse vício, nunca tomava vinho puro. Ouvi-o repetir muitas vezes o adágio popular: “Homem beberão não vale um tostão”.

11º) A luta contra as danças noturnas, flagelo que ameaçava os bons costumes, também foi objeto do seu zelo. Do púlpito, depois de pronunciar-se fortemente contra este escândalo, resolveu passar à ação concreta, utilizando-se de certa astúcia: de forma velada, informava-se em quais aldeias haveria danças; então, anunciando catequese para tal dia, ia para a aldeia, mesmo que fosse preciso enfrentar chuva, neve e caminhos barrentos. Se a dança estivesse em andamento, entrava furtivamente e apresentava-se com ar grave e sério. Logo que percebiam sua presença, todos procuravam escapar pela porta ou pelas janelas, movidos pelo respeito à sua pessoa e pelo temor de serem apanhados em falta. Assim, pouco a pouco, também esse tipo de desordem foi desaparecendo da paróquia.



12º) No tocante aos maus livros, quando fazia visita às casas, procurava saber se os possuíam e pedia para vê-los. Se encontrava livros inconvenientes, convidava o dono a queimá-los ou, então, ele os levava consigo, para destruí-los, substituindo-os por livros mais convenientes, que dava de graça. Por seus cuidados, criou-se pequena biblioteca na paróquia, para propiciar boa leitura às famílias. Sabe-se que a quantidade de livros jogados ao fogo não foi grande, pois a maioria dos habitantes era analfabeta. Mas os poucos livros maus existentes tinham sido suficientes para espalhar venenos sutis na paróquia. Disseram-me que, certa vez, recolheu tal quantidade de livros condenados, que teve material para aquecer-se durante um dia inteiro.

13º) Quando iniciou o trabalho na paróquia, encontrou bom número de adultos desleixados quanto à prática religiosa, alguns nem sequer cumpriam o dever pascal<sup>72</sup>. Acabaram voltando à prática religiosa, tocados pelos sermões do venerando padre e pelas exortações que fazia na catequese dominical. Aos poucos, o seu confessionário passou a ser muito frequentado; nas grandes festas, ele era obrigado a permanecer atendendo a maior parte do dia. Os penitentes diziam que ele tinha o dom particular de inspirar-lhes vivo arrependimento das faltas. Seus conselhos comoventes levavam às lágrimas. Muitas vezes, era ele próprio quem chorava, amargurado com as ofensas a Deus ou maravilhado com a misericórdia divina, que perdoa aos pecadores arrependidos. Procurava ocasião apropriada para encontrar-se com aqueles mais empedernidos; na lavoura mesmo ou em algum outro lugar, falava-lhes com muita bondade e alegria. Depois de conquistá-los, muitos lhe prometiam confessar-se e cumpriam a promessa. Pelo que me foi transmitido, sei que as pessoas por ele convertidas, quase todas perseveraram no bem. Graças ao seu zelo apostólico, aos sermões, à catequese, aos bons exemplos que dava, às orações fervorosas diante do Santíssimo Sacramento, à

<sup>72</sup> “Dever pascal” é o mandamento da Igreja que recomenda a recepção dos sacramentos da comunhão e da confissão pelo menos uma vez por ano no tempo litúrgico da Páscoa.

sua grande devoção a Nossa Senhora, em cuja honra estabeleceu a prática do mês de Maria desde que iniciara seu trabalho de coadjutor: em suma, graças a isso tudo, tinha operado grandes mudanças na paróquia, fazendo muitos passarem do mal para o bem. Assim, decorridos poucos anos, a paróquia mudara completamente quanto às práticas religiosas e, o que é importante, a mudança operada mantém-se até hoje.

14º) Suas frequentes visitas aos doentes e seu desvelo em administrar-lhes os sacramentos, quando percebia que o estado de saúde da pessoa era grave, permitiram-lhe confidenciar a certa pessoa amiga, quando deixou de atuar na paróquia, que nenhum doente havia morrido naquele período, sem que tivesse chegado a tempo para oferecer-lhe o conforto dos sacramentos. Quando solicitado para atender doentes, não se demorava; deslocava-se com muita pressa. Antes de qualquer saída, tinha o costume de fazer uma visita ao Santíssimo Sacramento; no regresso, também. Para avaliar quanto suor e sacrifícios esta parte do seu ministério lhe custou, é preciso lembrar que a paróquia de La Valla está situada nas encostas montanhosas do Pilat, região que eu conheço bem. A paróquia é composta de diversas aldeias, disseminadas pelas encostas, separadas por vales profundos, ligadas umas às outras por caminhos perigosos, barrentos, estreitos, sem manutenção. Pode-se imaginar, portanto, as caminhadas difíceis e penosas do estimado padre no exercício da sua função ministerial. Além do atendimento dos doentes graves, também precisava visitar as pessoas enfermas, que desejavam cumprir o dever pascal e que não podiam deslocar-se até a igreja. De todo este trabalho ele se encarregara sozinho, para poupar o pároco.

A este respeito, disseram-nos que, tempestades de neve, caminhos cobertos de gelo, fortes chuvas, escuridão da noite, nada o

detinha, quando se tratava de preparar alguém para bem morrer. Os Irmãos que o acompanhavam nessas visitas disseram que, muitas vezes, se salvou de perigos iminentes, graças à ajuda visível da Santíssima Virgem, a quem sempre recorria. No retorno destas frias e cansativas caminhadas, se não fosse hora de refeição, não comia nada, apenas procurava aquecer-se.

No verão, para subir ou descer aquelas encostas íngremes, o cansaço não era menor. Eu sei disso, pois as percorri tanto no inverno quanto no verão. Por isso posso avaliar a grandeza do seu sofrimento e dedicação ao deslocar-se do presbitério às diversas aldeias da paróquia. Não se deslocava somente para a visita aos doentes; muitas idas e vindas eram motivadas também por seu desejo de restabelecer a união nas famílias, reconciliar os inimigos, aliviar os pobres, consolar os aflitos e trazer para o bom caminho pessoas que se tinham desviado do bem, que falavam mal do pároco. Para isso, possuía o dom especial de repreender e corrigir as pessoas sem as melindrar. Em certa ocasião, penso que foi quando fazia o percurso de La Valla a l'Hermitage, confidenciou ao amigo que o acompanhava: “Se todo o suor que transpirei ao percorrer essas encostas fosse recolhido, penso que haveria o suficiente para tomar banho.” Para completar, seria preciso transcrever mais relatos do Irmão Estanislau e de outros Irmãos que acompanhavam o venerando padre nas suas saídas; poderiam testemunhar a respeito dos sofrimentos e fadigas de tais visitas.

15º) Para finalizar, recordo uma iniciativa sua em favor dos habitantes da sede do município, tendo em vista a santificação dos domingos. Era costume fazer a oração das vésperas logo após a missa solene dominical; faziam esta oração na parte da manhã, para poupar de um segundo deslocamento até à igreja os que vinham de aldeias muito afastadas. Então, para os moradores da sede,

Champagnat propôs também uma oração na parte da tarde. Ela consistia no canto das completas, na recitação da oração da noite e em uma leitura espiritual, leitura que ele sempre comentava, entremeando-a com piedosas reflexões. Conseguiu sempre boa frequência de paroquianos para esta devoção vespertina, fazendo com que a clientela dos bares diminuísse bastante. Aliás, era exatamente este o seu objetivo ao colocar a oração de completas exatamente na hora em que os bares eram mais frequentados.

Finalmente, visto que não havia escola na paróquia, contratou um professor para dar início à instrução e educação das crianças, pois eram muito descuradas. No atinente às escolas, ele estava lançando os fundamentos da sua Congregação, destinada a continuar e aperfeiçoar tão importante tarefa.

Tudo quanto relatei neste capítulo vem da nossa tradição; são temas tão conhecidos entre nós, que ninguém ousará duvidar do que escrevi.

**CAPÍTULO IV**  
**FUNDAÇÃO DA CONGREGAÇÃO**  
**E INICÍO DAS PRIMEIRAS ESCOLAS**

1º) Ao mesmo tempo que trabalhava na reforma da paróquia de La Valla, o padre Champagnat preocupava-se com a missão que a Providência lhe confiara. Foi-nos dito que, julgando-se indigno da missão, rezava a Deus pedindo que o desincumbisse daquele projeto; outras vezes rezava com simplicidade: “Eis-me aqui, Senhor, para fazer vossa vontade”. Carregava o peso da indecisão já por um bom tempo, quando um acontecimento providencial veio dissipar-lhe as dúvidas. Trata-se de um fato que me foi relatado várias vezes; creio tê-lo ouvido também da boca do próprio padre Champagnat.

2º) Em uma ocasião, foram chamá-lo com urgência para confessar um rapaz de 12 anos,<sup>73</sup> que agonizava. Conforme seu costume, deixou tudo e foi apressadamente à casa do doente. Antes da confissão, quis comprovar seus conhecimentos religiosos. Com grande pesar constatou que o rapaz nem sequer sabia da existência de Deus. Sentou-se junto dele durante duas horas, ensinando as principais verdades da religião e instruindo-o sobre o sacramento da penitência. Ouviu-lhe a confissão e suscitou nele sentimentos de pesar e arrependimento. Então, prometendo voltar logo, deixou-o para seguir até outro casario, onde atendeu mais uma pessoa. Mas, infelizmente, o rapaz faleceu nesse intervalo. Embora aflito com esta morte súbita, consolou-se com o pensamento de que, provavelmente, tinha-lhe aberto as portas da feliz eternidade. E dizia para si mesmo: “Quantos meninos, talvez, se encontram nesta mesma situação, correndo o perigo de se perderem para sempre.” Muito impressionado com este pensamento, não titubeou mais em começar logo a Congregação. Decidiu ir logo ao encontro de João Maria Granjon.

3º) João Maria Granjon era um jovem piedoso. Desde o início de seu ministério em La Valla o Fundador se tinha interessado por ele, imaginando-o pedra inicial da Congregação que pretendia

<sup>73</sup> Trata-se do jovem Jean-Baptiste Montagne, que estava com 17 anos de idade e não 12. (“Bulletin de l’Institut”, nº 204, p. 370).

estabelecer. Certo dia, Granjon foi o portador de uma solicitação ao padre Champagnat, para que fosse atender uma pessoa doente. Então, enquanto faziam juntos o caminho, o padre falou-lhe da importância da salvação eterna, da futilidade dos prazeres e riquezas deste mundo. Percebendo que Granjon o escutava com atenção, convidou-o a vir morar na sede da paróquia, com a promessa de dar-lhe algumas aulas de leitura. A isso João Maria aceitou de boa vontade, porque não sabia nem ler nem escrever. Então, em pouco tempo, devido à sua boa disposição, aprendeu essas duas habilidades elementares. Orientado pelo venerando padre, ele também cresceu em piedade e, por causa da sua conduta edificante, era modelo para toda a paróquia. Foi depois do episódio do jovem doente, como escrevi anteriormente, que o padre Champagnat procurou Granjon, para comunicar-lhe o projeto que tinha em mente. João Maria Granjon tinha muita confiança no venerando padre e era dócil em seguir suas orientações. Por isso entrou logo em sintonia com o projeto do fundador, declarando-se disposto a ajudar na sua concretização. Ao despedir-se, o padre Champagnat encorajou-o, assegurando que não tardaria em receber colegas.

4º) A profecia não tardou em cumprir-se. O jovem João Batista Audras, de La Valla, ao ler o opúsculo “Pensai-o bem”, ficou tocado pela graça e resolveu fazer-se religioso. Impelido por tal desejo, foi à cidade de Saint-Chamond, para encontrar-se com o diretor dos Irmãos das Escolas Cristãs e comunicar-lhe suas intenções. O diretor animou-o em seus propósitos, mas objetou-lhe que tinha pouca idade e que não podia recebê-lo em seu Instituto. Desapontado, o jovem regressou a La Valla. No sábado seguinte, foi confessar-se com o padre Champagnat, comunicando-lhe aquilo que buscava. O confessor percebeu no penitente uma alma ainda revestida da inocência batismal; en-

quanto o encorajava a seguir na vocação, teve uma iluminação interior: compreendeu estar diante daquele que seria a primeira pedra da Congregação. Realmente assim aconteceu, porque, infelizmente, João Maria Granjon não perseverou, tendo-se deixado levar pelo orgulho. Naquele momento da confissão, Champagnat nada revelou da sua intuição, mas convidou-o para morar com Granjon, oferecendo-se para dar-lhe algumas lições. O jovem Audras participou isso aos pais, que não lhe fizeram objeção. Passado algum tempo, o padre Champagnat comunicou-lhe seu projeto e o motivo de tê-lo convidado a estar com Granjon. Perguntou-lhe se queria fazer parte da Congregação que pretendia fundar. Respondeu-lhe o jovem: “Estou em suas mãos, padre. A única coisa que desejo é ser religioso!”

5º) Ao constatar a boa disposição dos dois jovens, o padre Champagnat não hesitou em adquirir uma casa que estava à venda, com terreno e horta, pela quantia de seiscentos francos. Como não dispunha senão do módico salário de coadjutor, foi obrigado a pedir empréstimo para essa aquisição. Para tornar a casa habitável, ele mesmo trabalhou nas reformas e na confecção dos móveis indispensáveis. Neste humilde local, semelhante à pobre casa de Nazaré, acomodou os dois primeiros discípulos no dia 2 de janeiro de 1817. Foi o berço do Instituto. Tive a felicidade de visitá-lo muitas vezes. Foi onde o fundador semeou o grão de mostarda. Veremos, mais adiante, quanto se desenvolveu!

6º) À imitação dos antigos conventos, o padre Champagnat subdividiu o horário geral do dia em tempos de oração, estudo e trabalho manual. Não perdia de vista os dois discípulos; fazia-lhes visitas frequentes, comunicava-lhes seus projetos, dava-lhes instrução e os encorajava. Também os ajudava no labor da fabricação de pregos, que era seu único ganha-pão. Os dois jovens viveram assim, na paz e na união, durante todo o inverno. Quando



chegou a primavera, apresentou-se novo candidato, chamado Antoine Couturier<sup>74</sup>. Por ser piedoso e ter bom caráter, revelou-se bom companheiro, causa de edificação e alegria para eles.

7º) Pouco tempo depois, de maneira providencial e bem singular, o irmão mais velho de João Batista Audras veio juntar-se a eles. Certo dia, tinha-se apresentado, a mando dos pais, para levar João Batista de volta para casa. Este, muito convicto quanto à vocação, logo recorreu ao padre Champagnat, pedindo-lhe que interferisse em seu favor. João Cláudio, o irmão mais velho, estava esperando, decidido a não voltar sozinho. Champagnat foi ter com ele; na conversa, com seu jeito alegre e simpático, o Fundador acabou convencendo-o a juntar-se ao grupo, fato que realmente aconteceu algum tempo depois.<sup>75</sup> Posteriormente, um quinto candidato, de nome Barthélemy Badard, rapaz simples e piedoso, juntou-se ao grupo, aumentando a pequena comunidade.

8º) Finalmente, chegou Gabriel Rivat,<sup>76</sup> um menino de 10 anos de idade, que irradiava inocência no seu semblante. Ele, mais tarde, com o nome de Irmão Francisco, substituiria o padre Champagnat, sucedendo-lhe como primeiro Superior Geral da Congregação. Sabemos que, criança ainda, frequentara as aulas de catequese do Fundador e que este o dirigia com solicitude. Então, depois da primeira comunhão, o padre Champagnat dispôs-se a dar aulas de latim para ele, na casa dos Irmãos, e propôs isso aos pais do menino. Seus pais não se opuseram, deixando-o livre para fazer parte da nova comunidade. Ao confiá-lo ao padre Champagnat, a mãe revelou que o consagrara várias vezes à Santíssima Virgem e que, portanto, deixava-o inteiramente à sua disposição.

<sup>74</sup> Na realidade: Antoine Couturier foi o quarto Irmão; o terceiro foi Jean-Claude Audras que recebeu o nome de Irmão Lourenço.

<sup>75</sup> Entrou no mês de dezembro de 1817.

<sup>76</sup> Barthélemy Badard e Gabriel Rivat entraram no mês de maio de 1818.

9º) Para manter o espírito de caridade na sua pequena comunidade, o estimado padre estabeleceu que, reciprocamente, todos se chamassem pelo apelativo de irmão. Jean-Marie Granjon,

Antoine Couturier e Barthélemy Badard conservaram o nome de batismo; por ser devoto de são Luís Gonzaga, Jean-Baptiste Audras escolheu o nome de Irmão Luís; seu irmão mais velho escolheu o nome de Irmão Lourenço e Gabriel Rivat, como já dissemos, escolheu chamar-se Irmão Francisco. Desde o início, o padre Champagnat inspirou-lhes tal temor do pecado, que a mínima falta voluntária os entristecia. Pode-se constatar a veracidade disso, lendo suas biografias. Deu-lhes por modelo a vida humilde e escondida de Nossa Senhora, em Nazaré. Queria que a Congregação fosse caracterizada pelas virtudes de humildade, simplicidade e modéstia; queria que fosse designada com o nome bendito de Maria unido à especificação *Pequenos Irmãos*, para que todos os membros do Instituto se recordassem sempre da devoção especial à Rainha do céu, que devem professar. A humildade verdadeira deveria ser a característica própria que os distinguiria das demais comunidades. Fazia muita questão da designação *Pequenos Irmãos*<sup>77</sup>; quando lhe pediram que suprimisse o qualificativo, por considerá-lo inútil, nunca conseguiram convencê-lo. Assim, há muito tempo, a violeta e o monograma<sup>78</sup> de Maria são considerados emblemas da Congregação. Estas virtudes, tão apregoadas pelo venerando padre, brilharam fortemente nos primeiros discípulos que, além disso, também se distinguiram em outras virtudes. Por exemplo, o Irmão Luís foi exemplo de grande amor a Nosso Senhor; o Irmão Lourenço foi zeloso catequista; o Irmão Antoine distinguiu-se pela modéstia e o Irmão Barthélemy, pela simplicidade. O Irmão Francisco foi modelo de regularidade, de silêncio e de recolhimento. Disso posso falar com conhecimento, pois estive sob sua direção durante sete anos, depois que ele deixou o cargo de Superior Geral. Com exceção do Irmão Jean-Marie Granjon, conheci pessoalmente todos os outros e posso certificar, para louvor do padre Champagnat que, até o fim de suas vidas, foram modelos para mim, mais por exemplos do que

<sup>77</sup> A expressão está sublinhada no original.

<sup>78</sup> Monograma de Maria: são as letras A e M entrelaçadas. Recordam a saudação Ave Maria!

por palavras, das virtudes apregoadas pelo Fundador. Todos morreram com sinais de predestinação que sinalizam santidade de vida. Minha aspiração é ter morte semelhante à deles.

10º) Já disse e quero repetir aqui: o padre Champagnat era cumpridor das regras! Sabia que, sem disciplina e sem regulamento, não conseguiria formar bons religiosos, nem bons professores. Então, aos seus primeiros discípulos entregou pequeno regulamento, passível de modificações à medida que as circunstâncias as exigissem. Embora estivesse à frente de tudo, quis que o grupo, em votação secreta, elegeisse um deles para ser o diretor, com o encargo de presidir as orações comunitárias, dirigir os Irmãos em sua conduta externa e atender às necessidades da casa. O Irmão Jean-Marie Granjon recebeu a maioria dos votos e foi designado para esse cargo importante. Em decorrência de tal nomeação, era responsável, junto ao padre Champagnat, de zelar pelo cumprimento do regulamento; também tinha o dever de avisar, repreender e corrigir, quando necessário, aqueles que, mesmo involuntariamente, descumpriam o regulamento. Champagnat indicou as orações para serem rezadas em comum, determinando o seu horário. Além das orações de todo o bom cristão, rezavam o Pequeno Ofício da Santíssima Virgem, faziam a meditação, a leitura espiritual, o exame de consciência, o exercício da culpa e assistiam à missa. Queria a observância do silêncio sempre, exceto na hora da recreação comunitária. Se houvesse algum motivo sério para falar durante os períodos de silêncio, queria que fosse em voz baixa, especialmente no período do grande silêncio, que se estendia da oração da noite ao momento da meditação, no dia seguinte. O trabalho manual era a ocupação principal, único recurso pecuniário da casa. Entretanto, também havia tempo reservado para aulas e estudo pessoal. O catecismo, desde então, já figurava como tema importante. Ele mesmo, Champagnat, encarregava-se de dar-lhes

lições de leitura e caligrafia, segundo as necessidades de cada um. De modo geral, o regulamento era mais ou menos igual ao que está em uso ainda hoje nas casas de noviciado e na Casa-Mãe. O levantar era às cinco horas; mais tarde foi colocado às quatro horas da manhã; mas o capítulo geral de 1856<sup>79</sup> o fixou para as quatro e meia. O próprio padre Champagnat dava o sinal para esse primeiro ato de obediência. Fazia isso tocando uma sineta colocada na frente da casa dos Irmãos, acionada por meio de um fio que atravessava o espaço entre a casa dos Irmãos e a casa paroquial. O deitar era às 21 horas, como ainda hoje.

11º) A alimentação era frugal: pão em abundância, mas do tipo rudimentar, feito pelos próprios Irmãos, sem aprendizado anterior, pão mal sovado e mal assado; havia também sopa, alguns legumes e água como bebida. Para dormir, colchão de palha, travesseiro cheio de folhas, lençóis de pano grosseiro e cobertores muito pobres. As camas eram de tábuas arranjadas pelo próprio padre Champagnat. Apesar da penúria, da pobreza e do cardápio bem frugal, pelo que ouvi dos primeiros Irmãos, todos eram felizes; sentiam contentamento, porque o padre Champagnat lhes suavizava as privações com sua presença e com palavras amáveis, às vezes levemente picantes, mas em geral muito paternais. Sempre à sua frente em tudo, dava-lhes o exemplo de paciência, humildade, conformidade com a vontade de Deus e das virtudes de um religioso. Foi nessa época que lhes forneceu um traje semelhante ao dos religiosos, para sinalizar que pertenciam a uma mesma corporação. Tive ocasião de conhecer um Irmão cozinheiro que ainda utilizava aquele traje primitivo e que consistia em casaco azul-claro,<sup>80</sup> que descia até o joelho, calça preta e chapéu redondo. Por causa do traje, o povo os apelidava de *Irmãos azuis*; ainda hoje são conhecidos assim pelos habitantes de Saint-Chamond. O azul é a cor dos consagrados à

<sup>79</sup> O Irmão Sylvestre enganou-se na data. Este Capítulo Geral aconteceu ao longo de três sessões, no período de maio ou junho, dos anos 1852, 1853 e 1854.

<sup>80</sup> É do Irmão João Batista a afirmação de que foi Champagnat quem deu aos Irmãos o casaco de cor azul; entretanto, é quase certo que, originalmente, em 1818, se tratava de casaco de cor preta e que teria sido o padre Courville que sugeriu trocar, mudando para o casaco de cor azul.

Santíssima Virgem; por esta razão, nos primeiros anos, Champagnat escolheu-a para caracterizar a Congregação em que a Santíssima Virgem é considerada primeira superiora.

12º) Aquela pequena comunidade formou o núcleo inicial da Congregação; ainda faltava-lhes atuar na missão própria, isto é, no ensino da juventude. Ora, dissemos anteriormente que o padre Champagnat, quando percebeu o desleixo pela instrução e educação dos meninos da paróquia, havia convidado um professor de fora para assumir a escola, até que os Irmãos estivessem aptos para isso. O professor tinha sido formado pelos Irmãos das Escolas Cristãs e conhecia bastante bem seu método de ensino, coisa que interessava muito ao padre Champagnat. O professor foi admitido na comunidade e aproveitava os momentos livres para ministrar aulas aos Irmãos; ensinava como dirigir uma classe, como obter disciplina e como transmitir às crianças os diferentes assuntos do aprendizado. Com tal formação, logo se sentiram preparados para assumir a escola de La Valla e manifestaram sua disposição ao padre Champagnat. Para exercitar os Irmãos na humildade, ele lhes propôs que, primeiramente, como treinamento, exercitassem seus dotes pedagógicos em alguns dos vilarejos do município. Eles aceitaram a proposta. Com a graça de Deus, todos se saíram muito bem, para satisfação dos habitantes e alegria do padre Champagnat.

13º) Nesse meio tempo, por causa de seu comportamento não muito religioso, o professor tinha sido despedido. Então, o padre Champagnat confiou a escola ao Irmão Jean-Marie Granjon. Os habitantes de La Valla, que até então pouco se tinham importado com os Irmãos, quando perceberam a boa disciplina na escola e o progresso no aprendizado dos alunos, compreenderam que os Irmãos não eram somente piedosos fabricantes de pregos<sup>81</sup>, mas bons professores. Isso fez com que o número de alunos

<sup>81</sup> Na região de Saint-Chamond a fabricação de pregos era uma ocupação caseira sobretudo nos meses de inverno.

aumentasse consideravelmente. Famílias que habitavam em vilarejos afastados, querendo para seus filhos a educação dada pelos Irmãos, hospedaram-nos na cidade. Infelizmente, por não terem quem os supervisionasse depois das aulas, os meninos brigavam entre si. Para evitar este mal, o padre Champagnat ampliou a casa e recebeu-os como pensionistas. Também alguns meninos indigentes foram recebidos na casa. Confiando muito na Divina Providência, o bom padre os recebeu, apesar das dificuldades, encarregando-se da sua instrução e alimentação. Àqueles que o criticavam, dizendo que não tinha recursos para sustentar tanta gente, costumava dizer: “A esmola não empobrece ninguém, assim como uma missa não é tempo perdido.” Não se importava com o falatório deles e continuava com suas boas obras.

14<sup>a</sup>) Há algum tempo, o Fundador intuía a vantagem de estar presente o tempo todo na casa, para formar os Irmãos, completar sua instrução, acompanhá-los no exercício de suas funções, corrigi-los e orientá-los. Em vista disso, decidiu morar com eles, apesar das muitas objeções que o pároco lhe apresentou: refeições simples, ambiente geral de pobreza, desconforto de ordem pessoal. Sem ligar a tais objeções, Champagnat deixou o presbitério e foi partilhar a indigência e pobreza dos seus Irmãos, participando de seus trabalhos, quando estava livre.

15<sup>o</sup>) Certamente sofreu muito com este novo modo de vida; mas a decisão firme que havia tomado era a de sacrificar tudo, de suportar tudo, para prosseguir, até ao último suspiro, na obra que a Providência lhe destinara. Embora os Irmãos o estimassem muito, faltou-lhes sensibilidade e percepção quanto aos cuidados e atenção que poderiam prestar-lhe como superior. Assim, ele mesmo arrumava a cama, varria o quarto, limpava os sapatos etc. sem que ninguém se desse conta<sup>82</sup>. Eu falei de quarto. Meu Deus, que pobre quarto! Tive ocasião de vê-lo, pois ainda está lá. Fica

<sup>82</sup> Pensava-se na época que seria depreciar a dignidade sacerdotal o envolvimento de um padre em trabalhos manuais comuns. As mãos do sacerdote haviam sido ungidas para segurar o Santíssimo Sacramento para consagrar para celebrar a missa; portanto não deviam sujar-se em trabalhos profanos... Alguns sacerdotes chegavam a ostentar os punhos das mangas bem visíveis, bem trabalhados com rendas e laços para significar essa dignidade. Tal modo de pensar era estranho ao padre Champagnat. Ele se empenhava arduamente em qualquer tipo de trabalho manual.

ao rés do chão, é muito baixo, estreito e insalubre. Nas paredes estão escritas frases da Sagrada Escritura, sugerindo sérias reflexões. Quanto à alimentação, servia-se dos mesmos pratos da sua pequena comunidade; entretanto, por conveniência, tinha local à parte no refeitório, isto é, comia sozinho.

16º) Para aliviar-lhe a vida mortificada que suportava sem queixar-se, Deus enviou-lhe, em 18 de fevereiro de 1822, um postulante de 21 anos de idade, que se tornaria de grande valor, confidente dos projetos do Fundador, apoio nas suas dificuldades, providencial para a Sociedade. Trata-se do Irmão Estanislau, *Claude Fayette*<sup>83</sup>, nascido em Saint-Médard. Ele percebeu logo a conveniência de prestar pequenas gentilezas ao Fundador. Assim, depois de insistir, conseguiu permissão para ocupar-se da limpeza do seu quarto, para fazer-lhe a cama e cuidar da manutenção da casa ; ele fez-se o servo de todos. Praticamente foi ele que assistiu Champagnat em suas duas doenças, prestando-lhe assistência, tal como o mais devotado dos filhos cuidaria de um pai muito amado. Assim como os outros Irmãos, praticou as virtudes da humildade, simplicidade e modéstia; mas distinguiu-se sobretudo pelo apego à vocação e pelo zelo em animar os jovens Irmãos na vocação. Sua morte foi admirável e muito lastimada. Por seu intermédio é que muitos fatos edificantes da vida de Champagnat ficaram conhecidos entre nós; alguns deles, narrados neste depoimento, me foram contados diretamente por ele.

17º) Apesar de estar morando com os Irmãos e de ocupar-se com a formação deles, o padre Champagnat continuava exercendo sua função de coadjutor, com o mesmo zelo de antes. Desde o início, quando começou a morar com eles, treinou-os no modo de dar catequese às crianças, exigindo que fosse dada todos os dias; por causa do grande número de crianças, viu-se obrigado a realizá-la duas vezes por dia, na paróquia. Ele, sem ser percebido, procurava

<sup>83</sup> No texto do seu manuscrito, o Irmão Sylvestre realçou o nome do Irmão Estanislau, colocando-o em evidência e entre parênteses.

ouvir os Irmãos dando catequese. Depois, durante o tempo da recreação, fazia comentários sobre o que tinha observado, no tocante a erros e defeitos de atuação.

18º) Para permanecer fiel ao objetivo que se propusera ao fundar a Congregação, isto é, dar instrução religiosa às crianças do povo, em determinados dias, como já fizera antes de confiar-lhes a escola de La Valla, ele os enviava pelas aldeias da paróquia, não com a tarefa de ensinar as disciplinas escolares, mas para dar catecismo. Quando chegavam à aldeia que lhes fora assinalada, os Irmãos reuniam em local conveniente todas as pessoas que podiam comparecer: homens, mulheres, jovens e crianças. Iniciavam a aula com um canto; depois faziam perguntas aos jovens sobre assuntos de catequese e procuravam explicar da melhor forma possível os temas. Finalizavam a sessão sugerindo conclusões práticas e narrando-lhes alguma história edificante. Visto que a catequese era bem preparada e que os catequistas procuravam ser autênticos na vivência do que ensinavam, tais sessões produziam muito fruto. Com o tempo, nas aldeias onde atuavam, quase todos os habitantes compareciam. Algumas vezes, às ocultas, o Fundador observava o desenrolar da catequese. Depois, conforme seu costume, no momento da recreação, fazia suas observações e corrigia as deficiências notadas.<sup>84</sup>

20º) A populosa aldeia do Bessat, situada a duas horas de La Valla<sup>85</sup>, onde a neve é abundante no inverno, foi palco do zelo apostólico do Irmão Lourenço. Naquela época, Le Bessat não tinha padre e seus habitantes viviam em grande ignorância religiosa. O Irmão Lourenço solicitou autorização para dar catequese naquela Capela. Depois de muita insistência, como recompensa, logrou a permissão do padre Champagnat. Desde La Valla, todas as semanas, subia para aquela aldeia, carregando provisões para os dias que passaria fora. Em um saco, levava um grande pão, batatas

<sup>84</sup> Depois deste parágrafo, o Irmão Sylvestre passa para o nº 20, saltando o nº 19. Deve ter sido erro de numeração, ou distração, pois, a seguir, também vai saltar o nº 21.

<sup>85</sup> Na época, Le Bessat era atendida pela paróquia de La Valla. Está situada a 1.200 metros de altitude. De La Valla até o Bessat, no inverno, eram necessárias ao menos duas horas de caminhada; o aclave é muito forte.



e queijo. Alojava-se em alguma casa de família, onde preparava sua refeição pessoalmente; comida simples, igual à dos aldeões, talvez até mais frugal. Eis o que me relatou, certo dia, radiante de alegria: “No Bessat, de manhã e de tarde eu percorria o povoado, tocando um sininho para reunir as crianças. Quando estavam junto a mim, ensinava-lhes as orações, o catecismo e a leitura, porque não havia escola no povoado. Aos domingos, todos os moradores reuniam-se na capela. Lá, eu os fazia entoar um canto, rezar o terço e a oração vespertina. Depois, da melhor maneira possível, dava-lhes uma lição de catequese. Oh! Como eu era feliz! Não me importava com a fadiga, com o mau tempo, nem com a camada de neve de vários pés de espessura. Foram os mais belos dias de minha vida!”

O excelente Irmão Lourenço era benquisto de todos os habitantes do povoado, pois nunca deixavam de saudá-lo prazerosamente quando passava. Ficou notório o grande bem que realizou no Bessat e o contentamento do padre Champagnat com ele. A esse respeito, eis um fato. Certo dia em que o Fundador subia para o Bessat junto com nosso zeloso catequista, comentou que sua tarefa devia ser muito penosa. O Irmão Lourenço retrucou, dizendo-lhe que, pelo contrário, a sua tarefa era prazerosa, que não a trocaria por nenhum outro bem deste mundo. O padre, sensibilizado pela virtude do discípulo, sentiu uma emoção tão forte que ficou com os olhos marejados de lágrimas.

22º) O sucesso da escola de La Valla, que o Irmão Jean-Marie dirigia de acordo com as diretivas do padre Champagnat, fez com que outras paróquias também solicitassem Irmãos. Uma das primeiras foi a paróquia de Marlhes, do padre Alliot. Para atender o pedido de Marlhes, o Fundador enviou dois Irmãos, sendo diretor o Irmão Luís. Entusiasmado com a formação que recebera, o Irmão Luís empenhou-se com grande zelo e

dedicação na educação das crianças; tinha-as encontrado mergulhadas em grande ignorância. Já no final do primeiro ano, conseguiu que bom número delas soubessem ler, escrever e fazer contas. Deus abençoou visivelmente a escola, pois o Irmão Luís, cheio de piedade e de fervor, além de professor, era apóstolo zeloso. A catequese era a aula que mais prezava. Todos os dias dava catequese, explicando os temas com tanta unção, que os alunos gostavam de ouvi-lo. Nos sábados, nunca deixava de falar de Nossa Senhora, por quem nutria grande devoção; teve a felicidade de inculcar essa devoção em todos os seus alunos.

23º) Na escola reinava disciplina paternal; as crianças que a frequentavam, pelo seu comportamento, davam alegria e consolação aos pais. Foi então, quando a escola estava em franca prosperidade que, sem sequer informar o pároco, o padre Champagnat transferiu o Irmão Luís para La Valla, pois estava precisando de um Irmão para o noviciado. O pároco ficou melindrado, imaginando que nenhum outro Irmão seria capaz de substituir à altura o Irmão Luís. Apresentou fortes razões, tentando convencer o Irmão a ficar e subtrair-se à ordem formal do padre Champagnat, que o transferia de lugar. Porém, muito obediente, o Irmão Luís assim respondeu ao pároco: “Se meu superior manda, meu dever é obedecer”. Seu ato de obediência foi abençoado por Deus, e a escola, apesar das previsões pessimistas do pároco, continuou a florescer sob a direção do Irmão que o substituiu.

24º) Diversas vezes, o Fundador solicitara ao padre Alliot que realizasse algumas reformas necessárias na escola. Como ele nada fizesse, talvez por falta de recursos ou por estar magoado com a transferência do Irmão Luís, então, certo dia, visitando a casa, Champagnat dirigiu-se ao pároco e anunciou-lhe que iria retirar os Irmãos. Realmente, em 1819, a escola foi fechada. Depois, em 1833, foi reaberta a pedido do padre Duplay, sucessor do padre

Allirot.<sup>86</sup> Eu trabalhei ali no ano de 1834 ou 1835, sob a gestão desse venerando e digno pastor. Algumas reformas tinham sido feitas na casa, mas muito precárias. Por isso, não me admirei de que o padre Champagnat tivesse retirado os Irmãos naquela ocasião.

25º) Foi por essa época que houve a fundação da escola de Tarentaise, município vizinho ao do Bessat. A direção da escola foi confiada ao bom Irmão Lourenço que, apesar dessa nova responsabilidade, sabia achar tempo para continuar seus catecismos no Bessat. Antes da escola de Marlhès ter sido fechada, o senhor Colomb de Gaste, prefeito de Saint-Sauveur, possuidor de uma residência em Marlhès, onde costumava passar o verão com a família, testemunhou a piedade dos Irmãos, a disciplina dos alunos na escola e seu bom comportamento na igreja. Resolveu, então, dotar o município de Saint-Sauveur de escola semelhante. Com esse objetivo, dirigiu-se ao padre Champagnat, que não demorou muito em atender seu pedido. Com a ajuda de Deus, a nova escola teve êxito igual à de Marlhès.

Depois, foi a vez do senhor de Playné, prefeito de Bourg-Argental, cidade não muito distante de Saint-Sauveur. Este prefeito, conhecedor dos elogios que se faziam aos Irmãos, dirigiu-se ao senhor Colomb de Gaste, para inteirar-se de como obtê-los, pois há tempo desejava confiar a escola do seu município a professores religiosos. Ao saber que as condições pecuniárias exigidas pelos Irmãos eram módicas, ficou esperançoso, pois até então aquilo tinha sido impedimento para concretizar a boa obra que planejava; portanto dirigiu seu pedido ao venerando padre, que acabou cedendo-lhe Irmãos, embora com alguma hesitação, tendo em vista que Bourg Argental era município importante e ele fundara a Congregação para atender pequenas cidades do interior. Os Irmãos iniciaram a escola no dia 1º de janeiro de 1822, tendo o Irmão Jean-Marie

<sup>86</sup> As datas lembradas pelo Irmão Sylvestre são imprecisas. A escola de Marlhès foi aberta em 1818 e fechada em 1822; depois, foi reaberta em 1832.

como diretor. Para substituir o Irmão Jean-Marie em La Valla, o padre Champagnat havia chamado o Irmão Luís. A vaidade do Irmão Jean-Marie e sua falta de docilidade obrigaram o Fundador a substituí-lo no noviciado, pois receava que influenciasse os noviços e jovens Irmãos com tais atitudes.

26º) Antes da partida dos Irmãos para Bourg-Argental, Champagnat os reuniu, lembrando-lhes que o Instituto tinha sido fundado para ensinar o catecismo às crianças do interior. Observou-lhes que, nas cidades, a tarefa de ensinar e de dar o catecismo às crianças era tarefa mais exigente, porque os pais, ocupados com seus negócios, quase não se preocupavam com a educação religiosa dos filhos. Acrescentou que, se eram solicitados pelas autoridades para o ensino primário nas cidades, com mais razão Deus os chamava para zelar pela inocência das crianças e para bem prepará-las à primeira comunhão; em uma palavra, para obter de todos que se tornassem bons cristãos e honestos cidadãos. Recomendou-lhes que, ao chegarem ao destino, primeiramente fizessem visita ao Santíssimo Sacramento, depois ao pároco e ao prefeito. Finalizou estas diretivas, que eu aqui estou citando resumidamente, com a recomendação de se mostrarem modelos de piedade e das virtudes próprias de sua vocação.

**CAPÍTULO V**  
**A CONGREGAÇÃO CORRE O RISCO DE**  
**EXTINGUIR-SE POR FALTA DE CANDIDATOS**

1º) Após a fundação das escolas de que falamos no capítulo anterior, o padre Champagnat ficou sem Irmãos disponíveis para novas fundações; não apareciam novos candidatos. Isto causava-lhe aflição. Inicialmente, a Congregação parecera-lhe qual lâmpada brilhante; agora, por falta de óleo para alimentá-la, parecia fadada a extinguir-se. Não desanimou. Sabia que é Deus quem faz surgir as vocações e, por isso, mais do que nunca, rezava com fervor, multiplicava novenas, redobrava as mortificações e, sobretudo, recorria muito a Maria, persuadido de que ela o ajudaria nessa necessidade. Efetivamente, ela o socorreu de maneira surpreendente, quase milagrosa.

2º) Na quaresma de 1822, um mês antes da chegada do Irmão Estanislau na comunidade, apresentou-se um jovem, natural do departamento do Alto Loire, solicitando ingresso no noviciado. Depois de questionar e avaliar o jovem, sabendo que pertencera ao Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, de onde tinha sido desligado, julgou-o não apto para ser aceito. Entretanto, para poder observá-lo melhor, permitiu-lhe permanecer dois ou três dias na casa. Foi tempo suficiente para convencer-se de que sua conduta não era boa; por isso deu-lhe aviso para se retirar. O candidato insistiu em não ser mandado embora. Como artimanha para conseguir que o Fundador o aceitasse, prometeu trazer para o noviciado vários candidatos da sua terra. Diante disso, o padre Champagnat anuiu. O jovem partiu para sua terra, munido de uma pequena carta de apresentação, que o Fundador lhe entregou.

3º) Quando chegou ao seu vilarejo, que distava 15 léguas de La Valla, convenceu oito rapazes desejosos de ingressar na Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs, que o seguissem, dizendo-lhes que os levaria. Prontamente, os oito jovens aceitaram o convite, pois, na região, todos sabiam que ele fazia parte dos

Irmãos das Escolas Cristãs; ignoravam que fora desligado dela. Bastaram poucos dias de preparativos para que todos estivessem prontos. Então a caravana se pôs a caminho e, dois dias depois, já podiam vislumbrar o campanário da igreja de La Valla. Com alguma astúcia, o guia convenceu-os de que precisariam estagiar naquela pobre paróquia, por algum tempo, pois ali os Irmãos das Escolas Cristãs tinham um noviciado; somente depois continuariam a caminhada até Lião, que é para onde eles julgavam estar sendo levados.

4º) A chegada daquele grupo de candidatos, à frente dos quais o padre Champagnat logo reconheceu o guia, muito o surpreendeu. Dirigiu-se a eles, observando-os atentamente dos pés à cabeça e quis saber suas motivações. Então, para estudá-los melhor, fingiu que não poderia recebê-los. Aquilo os decepcionou tanto que muita tristeza e aflição se estamparam em seus rostos. Ao perceber aquela desolação, o Fundador mudou de ideia e permitiu que ficassem até o dia seguinte, quando tomaria uma decisão quanto ao seu acolhimento. Não tendo onde alojá-los, colocou-os no paiol, para dormirem sobre a palha. No dia seguinte, o bom padre, que já estava gostando deles, deu um terço para cada um e lhes falou de Nossa Senhora de maneira tão comovedora que, desde então, segundo me confidenciou um deles, a decisão de permanecer com o padre estava tão arraigada, que nada no mundo faria com que mudassem de ideia.

5º) Depois desse primeiro contato, o padre declarou-lhes que, sendo numerosos, não podia recebê-los sem antes consultar alguns Irmãos mais antigos; enquanto aguardava essa consulta, eles poderiam ficar, se quisessem, mas teriam que executar as tarefas que lhes seriam indicadas. Mandou aviso aos Irmãos que atuavam nas escolas, para que viessem a La Valla na semana santa. Quando a reunião dos Irmãos aconteceu, declarou-lhes que,

pessoalmente, estava disposto a aceitar todo o grupo, até mesmo seu guia. Como nenhum Irmão colocasse objeção, não hesitou mais em admitir todos os jovens. Entretanto, para provar sua vocação, submeteu-os a trabalhos duros, a correções, avisos e repreensões, mesmo em público. Depois de alguns dias, que foram longos e difíceis para os jovens, ele os reuniu novamente; disse-lhes não estar convicto ainda quanto à vocação dos mais jovens e que, por isso, por certo tempo, pretendia empregá-los nas casas de alguns colonos da paróquia, como guardadores dos animais. Dirigindo-se ao mais jovem do grupo, perguntou-lhe se aceitava aquela decisão. Respondeu-lhe : “Sim, padre, desde que, depois disso, sejamos realmente aceitos”. Champagnat, admirando a constância do grupo, e vendo-os dispostos a sempre fazer o que lhes pedia, declarou que, a partir daquela hora, estavam todos aceitos! Quanto ao líder do grupo, passado algum tempo, foi mandado embora por questões de imoralidade. Diga-se de passagem que, pelo mesmo motivo, fora desligado da Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs.

6º) Entretanto, pessoas amigas do padre Champagnat recriminaram-no por acolher tanta gente, não tendo recursos suficientes para alimentá-los. Ele, porém, não se preocupava com tais recriminações, porque estava convicto de que o aumento de candidatos resultava da proteção visível da Santíssima Virgem; dizia que tinha sido Nossa Senhora do Puy que os enviara. Realmente, todos aqueles jovens eram originários da região do Alto Loire. Considerava aquele acontecimento como consolidação e início da prosperidade da Congregação. Com efeito, um Irmão tendo sido enviado à região deles, para conhecer suas famílias e cobrar a módica pensão que pudessem pagar, propagou o nome da Congregação para além da diocese de Lião que, até então, constituía-se na única região onde a Congregação era conhecida. Além disso, os novos postulantes, ao escreverem aos pais,



contando de sua satisfação por estarem em La Valla, atraíram outros candidatos de maneira que, meio ano depois, já havia uma vintena deles no noviciado.

7º) Esse aumento de candidatos ocasionou falta de espaço na casa, sobretudo no dormitório, onde foi preciso colocar dois em cada cama. As camas tinham sido feitas pelo padre Champagnat, que não as tinha planejado para duas pessoas. Por isso, sentindo a necessidade de outro local, apesar de sua pobreza, não duvidou em aumentar a casa. Pode-se dizer que foi ele quem fez quase tudo, sozinho. Apesar de que todos os Irmãos procurassem ajudar, foi ele quem executou todos os trabalhos de pedreiro. Não se envergonhava de apresentar-se aos que o procuravam com a trolha na mão e a batina cheia de terra; mostrava-se sempre alegre, simpático e digno. Àqueles sacerdotes que o censuravam por exercer este tipo de trabalho respondia que se empenhava naquele serviço, não por deleite, mas por necessidade.

8º) Era edificante ver a pequena comunidade trabalhar em silêncio durante a maior parte do dia. O silêncio era interrompido apenas para pronunciamentos de apoio e de ânimo do venerando padre, também para momentos de leituras espirituais. O padre era o primeiro a iniciar as atividades e sempre assumia os trabalhos mais difíceis. Não se queixava da falta de jeito dos Irmãos, porquanto a maioria não estava acostumada a esse tipo de ocupação. Uma vez aumentada a casa, ele mesmo trabalhou na confecção de toda a mobília necessária.

9º) Nos domingos, ensinava-lhes o canto, o catecismo, o modo de ajudar na missa, de fazer a meditação e de praticar as virtudes próprias de um religioso. Suas exortações eram curtas; mas, como sempre, eram inflamadas, especialmente quando falava da Santíssima Virgem. Procurava inspirar sólida devoção pela Boa Mãe, devoção de que ele próprio dava constante exemplo.

10º) Apesar da dissipação originada pelo trabalho externo de reforma da casa, aquilo não foi prejudicial aos Irmãos. Pelo contrário, fez crescer o apego à vocação e levou os Irmãos à prática das virtudes. A caridade era grande; ajudavam-se com prazer todas as vezes que a ocasião se apresentava. O regulamento estabelecido era observado com exatidão. Conforme o testemunho de um Irmão daquela época, nunca alguém se permitiu ficar na cama depois do sinal de levantar. Se alguém faltasse ao regulamento, não esperava ser repreendido; de joelhos, em público, ele mesmo cumpria penitência. Muitos pediam ao Fundador permissão para dedicar algum tempo da recreação para ir à capela, para visita ao Santíssimo Sacramento, ou pediam para recitar o terço ou para executar alguma tarefa manual.

11º) Também nas outras comunidades reinava este bom espírito de piedade, dedicação, fervor e caridade. Como ainda não estavam definidas as regras do apostolado a ser feito, alguns Irmãos, além do ensino, entregavam-se a obras de caridade, visitando pessoas doentes, prestando-lhes ajuda conforme a necessidade. Outros esmolavam donativos para empregá-los no cuidado e preparação da primeira eucaristia das crianças e para satisfazer às carências de muitos indigentes da paróquia. Em La Valla, todas as tardes, durante o inverno, os Irmãos davam catequese suplementar, além daquela que era dada na escola. Tinha duração de hora e meia. As crianças e os jovens da paróquia participavam em grande número. Essa dedicação dos Irmãos influenciava também os pais das crianças e jovens, fazendo com que muitos deles fizessem a Páscoa, pois muitos descuravam essa prática. Quando ficaram sabendo do bem que os Irmãos realizavam nas escolas, párocos de outras localidades solicitaram Irmãos ao padre Champagnat. Foi assim que, nos anos de 1822 e 1823, três novas escolas foram abertas: as de Saint-Symphorien-le-Château, Boulieu e Vanosc.

## CAPÍTULO VI

# PRIMEIRA CONTRARIEDADE:<sup>87</sup> A CONGREGAÇÃO PASSA PELO PERIGO DE SER DISSOLVIDA

<sup>87</sup> As “ameaças” ou “contrariedades” anunciadas pelo Irmão Sylvestre são abordadas uma por vez: em capítulos subsequentes (capítulos VII, VIII e X) e não neste único capítulo, como ele deixa subentender na pequena introdução.

Neste capítulo tratarei de dificuldades e ameaças enfrentadas pelo padre Champagnat, por causa da fundação da Congregação, no período de 1817 a 1830. A tradição existente entre nós, os documentos escritos, o relato dos Irmãos mais antigos, notadamente do Irmão Estanislau, do qual recebi estes depoimentos, tudo isso me parece suficiente para garantir a veracidade, pelo menos em termos gerais, do conteúdo deste capítulo.

1º) Como todas as obras de Deus, a Congregação foi fundada à sombra da cruz, implantada no coração sensível do venerando Fundador, desde o princípio. Vimos que, desde o início da fundação, o pároco de La Valla se opôs tenazmente à determinação do padre Champagnat de ir morar com os Irmãos. Na mesma época, foi criticado e censurado por sacerdotes e pessoas amigas, que o julgavam imprudente, ambicioso, orgulhoso, com ideias extravagantes. Alguns criticavam tudo na nova comunidade: o regulamento, o traje e o tipo de vida. As críticas assumiram proporção tal, que a autoridade diocesana julgou seu dever ocupar-se seriamente do caso.

2º) O padre Bochart, vigário-geral, a quem o assunto incumbia diretamente, mandou chamar o padre Champagnat e lhe repetiu tudo o que se dizia a seu respeito. O Fundador contestou, dizendo-lhe que, efetivamente, reunira uns dez jovens em La Valla com o objetivo de prepará-los como catequistas, porque a paróquia não tinha professor e que, então, viera-lhe a ideia de formar mestres para atuar junto às crianças do interior; disse-lhe que era tão somente o formador daqueles jovens, não seu superior. O padre Bochart informou-lhe que ele mesmo tinha fundado uma instituição parecida, em Lião, e pediu-lhe que integrasse seus jovens na comunidade que ele havia fundado. O padre Champagnat, sem prometer nada, polidamente tratou de encerrar o assunto, despedindo-se dele.

3º) Ao sair de lá, Champagnat foi entrevistar-se com o padre Courbon, primeiro vigário-geral da arquidiocese, que era, como ele, natural de Marlihes. A arquidiocese de Lião estava vacante naquela ocasião. Do vigário-geral recebeu apoio e encorajamento para prosseguir na obra dos Irmãos. Decidiu, então, aconselhar-se também com o padre Gardette que, como já dissemos anteriormente, era seu diretor espiritual e conselheiro. Este o encorajou, assim como já o fizera o padre Courbon, afirmando que a fusão proposta pelo padre Bochard não lhe parecia boa ideia. Aconselhou-o a não esmorecer diante das contrariedades; pelo contrário, por causa delas, deveria dedicar-se mais ainda à obra dos Irmãos.

4º) Passado algum tempo, ao ver que o padre Champagnat não seguia suas orientações, o padre Bochard ameaçou transferi-lo de La Valla e fechar a casa dos Irmãos. O bom padre, que tinha sido chamado a Lião, voltou de lá muito triste e aflito. Todavia, como de costume, não contou aos Irmãos a intenção do vigário-geral. Em situação tão delicada, o Fundador recorreu às suas armas de defesa favoritas: a oração, a mortificação e o recurso a Maria, o seu recurso ordinário, expressão que utilizava frequentemente, quando desejava obter favores particulares, expressão que eu mesmo ouvi dele várias vezes. Também celebrou missas na capela conhecida pelo nome de Nossa Senhora da Piedade, que ficava próxima de La Valla; suplicou à Virgem Maria que tomasse sob a sua proteção a obra dos Irmãos. Pediu orações especiais à comunidade; fez uma novena de jejuns a pão e água e, por iniciativa própria, peregrinou até La Louvesc, onde está o túmulo de são João Francisco Régis, um de seus protetores.

5º) Mas a provação não estava encerrada. O padre Bochard voltou à carga pela terceira vez, utilizando qualificativos um tanto duros e ofensivos, dando-lhe a entender que, definitivamente,

iria mandar fechar a casa de La Valla. O padre Dervieux, pároco em Saint-Chamond, cantão do qual dependia a paróquia de La Valla, pressionado certamente pelo padre Bochart, mandou chamar o Fundador e lhe repetiu as mesmas inventivas do vigário-geral. O dano maior que se produziu foi que a forte oposição do padre Bochart à obra do Fundador e sua intransigência na maneira de tratá-lo, vazou para o domínio público, acarretando comentários injuriosos contra o venerando padre. O pároco de La Valla, que vinha criticando o padre Champagnat desde a fundação e que, até mesmo em público, na igreja, o desacreditou algumas vezes, aproveitava a ocasião para denegri-lo junto ao padre Bochart. Até mesmo o sacerdote que era seu confessor habitual colocou-se do lado de seus opositores, recusando-lhe atendimento. Que dura provação! Quanta angústia deve ter experimentado no coração, sentindo-se abandonado por quem lhe dava apoio até então. Seja como for, tinha ainda outro apoio, do qual falarei adiante.

Em meio a esse mar de contrariedades, Champagnat não desanimou. Teve a ideia de partir para a América,<sup>88</sup> para lá trabalhar na salvação das almas. Quando comunicou tal projeto aos Irmãos, todos se prontificaram em acompanhá-lo, mesmo que fosse até os confins do mundo; portanto Champagnat não via claro o futuro de sua obra. Esperava que chegassem, a qualquer momento, alguns policiais de Saint-Chamond com a ordem de desocupar a casa, pois o padre Dervieux, baseando-se em novas denúncias, comunicara-lhe formalmente tal propósito; naquela entrevista não deu chances para o padre Champagnat se explicar; simplesmente, fechou-lhe a porta!

Entretanto, aquela provação estava chegando ao fim, embora muitas outras ainda se seguissem, pois a vida dos santos é uma sequência delas. O coração do venerando padre, saturado de

<sup>88</sup> Nas pegadas da Espanha e Portugal, a França preocupou-se em colonizar nas Américas. Em 1627, o francês Champlain fundou Quebec, matriz da Província de língua francesa do Canadá atual. A colonização francesa avançou pelo Rio Mississipi. Próxima à embocadura, foi fundada Nouvelle Orléans. Na guerra dos sete anos, 1756-1763, a França perdeu o Canadá para os ingleses; sobram colônias francesas nos EUA, que Napoleão vendeu aos norte-americanos. Assim, Nouvelle Orléans e o território da Louisiana, nos EUA, se ligam à história marista. Havia sacerdotes franceses assistindo os colonos dessas regiões. Dom Louis-Guillaume Dubourg, que ordenou sacerdote a Champagnat, era bispo designado de Nouvelle Orléans.

pesares e de críticas, finalmente sentiria alívio; suas fervorosas orações, mortificações e preces cheias de confiança em Maria seriam atendidas plenamente.

6º) Quando passava por tão delicado momento, o piedoso Fundador recebeu a notícia de que Dom Gaston de Pins acabara de ser nomeado administrador apostólico da diocese de Lião. Compreendeu, então, que deveria tratar o assunto da Congregação com o novo bispo e não mais com os vigários-gerais. Após fervorosa oração, inspirado pelo céu, escreveu carta a Dom Gaston de Pins, relatando-lhe a fundação dos Irmãos e o estado atual da Congregação. Afirmou sua disposição de dar-lhe continuidade ou não, submetendo-se de antemão àquilo que lhe fosse determinado. Enviou o texto da carta ao padre Gardette, seu amigo íntimo, de que falamos anteriormente e que não o tinha abandonado durante aquelas contrariedades todas; solicitou-lhe que corrigisse o texto, que fizesse os acréscimos necessários e que entregasse a carta, pessoalmente, ao bispo. O padre Gardette encarregou-se prazerosamente do recado e, ao fazê-lo, teceu merecidos elogios ao padre Champagnat e à finalidade religiosa de sua obra.

Dom Gaston de Pins ouviu com interesse o relato do padre Gardette. Pediu-lhe, então, que escrevesse ao padre Champagnat, comunicando que desejava falar-lhe pessoalmente e que lhe dava a garantia de sua cordialidade. Logo após ter recebido a carta, o padre Champagnat foi a Lião encontrar-se com o padre Gardette que, por sua vez, o apresentou a Dom Gaston de Pins. Ao chegar, o padre Champagnat ajoelhou-se e pediu a sua bênção. Com muita cordialidade, o venerando Prelado deu-lhe a bênção, estendendo-a também para toda a comunidade. Seguiu-se demorada conversa, no fim da qual o bispo o autorizou

a prosseguir em sua fundação, permitindo-lhe providenciar um traje próprio para os Irmãos e a receber deles os votos religiosos. Além disso, prometeu-lhe ajuda para a construção de uma casa mais ampla. Com o coração transbordante de gratidão, o padre Champagnat subiu ao Santuário de Nossa Senhora de Fourvière, para agradecer sua augusta protetora e para consagrar-se de novo plenamente ao seu serviço. Como se vê, o padre Gardette e Dom Gaston de Pins, naquela ocasião, impediram a ruína da Congregação. Por isso, com muita justiça, são merecedores de eterna gratidão por parte dos Irmãos. Em seu retorno a La Valla, Champagnat comunicou aos Irmãos os favores que o céu acabava de conceder-lhes; convidou-os a fazerem orações de agradecimento a Nossa Senhora pela notável proteção recebida.

7º) Logo depois, um contratempo de outro gênero, anuviou-lhe a felicidade. Durante sua ausência de La Valla, que tinha sido de alguns dias, o pároco havia convidado um sacerdote para ajudá-lo durante o período pascal. Este sacerdote cismou que a paróquia deveria tê-lo como pároco; para conseguir seu intento, influenciou os paroquianos a participarem de um abaixo-assinado, solicitando a mudança do pároco. O padre Champagnat, que teria boas razões para pedir aquela substituição, repreendeu severamente os paroquianos pelo que tinham feito e manifestou seu desacordo com tal sacerdote. A petição, portanto, caducou. A substituição do pároco aconteceu posteriormente, não porém por aquele pretendido sacerdote e, sim, pelo padre Bedouin, venerando sacerdote, homem segundo o coração de Deus, que mereceu total confiança, respeito e submissão por parte do padre Champagnat. O bispo oferecera o cargo de pároco ao padre Champagnat, mas ele preferiu não aceitar; na ocasião, alegando que precisava dedicar-se aos Irmãos, solicitou que



fosse desonerado de suas funções de coadjutor. Foi liberado das suas responsabilidades na paróquia na festa de Todos os Santos, em 1824. Os habitantes de La Valla fizeram-lhe pedidos e ofertas vantajosas para que permanecesse atuando na paróquia. Ele recusou, dizendo que sua decisão estava tomada e que somente continuaria com os encargos paroquiais se recebesse ordem formal do bispo; portanto, a partir daquela data, estava inteiramente livre para dedicar-se à obra dos Irmãos. Vejamos o que ela se tornará.

**CAPÍTULO VII**

**SEGUNDA CONTRARIEDADE:  
A CONSTRUÇÃO DE L'HERMITAGE  
ACARRETA NOVAS DIFICULDADES**

1º) Seguindo o conselho de Dom Gaston de Pins, devia planejar a construção de uma casa mais vasta, pois aquela de La Valla já não comportava todos os Irmãos e porque novos postulantes se apresentavam. Apesar de prever que seu empreendimento iria suscitar muitas críticas, confiou mais do que nunca no auxílio da Providência Divina e na proteção da Santíssima Virgem, que sempre o haviam socorrido. Decidiu, portanto, seguir o conselho do bispo.

2º) Estava com este projeto há algum tempo; via-o, agora, respaldado pela mais alta autoridade da diocese; entretanto preocupava-se com a escolha do local. Não queria fazer a construção em La Valla, paróquia muito afastada de um centro conveniente de comunicação e onde a construção poderia melindrar o coadjutor que o substituíra.

Quando descia de La Valla para Saint-Chamond, observava com interesse um vale solitário, atravessado pelo Gier, um riacho que desce do monte Pilat. Aquele lugar, chamado les Goths,<sup>89</sup> e que, depois, se denominou l’Hermitage, lhe parecia bem adequado para construir aquilo que seria o segundo berço do Instituto. Ficava próximo de Saint-Chamond e tinha tudo o que se poderia desejar para uma casa que abrigaria bom número de religiosos e que seria propícia para os estudos. Tinha fixado sua preferência por aquele local, mas ainda quis visitar outros terrenos, acompanhado de alguns Irmãos, para ver se encontraria algo melhor. Não encontrou. Então, definiu l’Hermitage como local escolhido e decidiu que para lá remanejaria a sua pequena comunidade.

3º) Começou pela aquisição do terreno, que lhe custou doze mil francos. Somente chegou a esse total com empréstimos e contando com a Providência divina, que nunca lhe faltou.

<sup>89</sup> A ortografia atual é “Les Gaux”. Escrevendo “Les Goths” é possível que Irmão Sylvestre estivesse fazendo menção à invasão dos Godos no século V. Efetivamente, há ruínas de um aqueduto romano nas proximidades, a 5 quilômetros do local.

Logo que o projeto da construção veio a público, uma sarai-vada de críticas e de zombarias recaiu sobre ele, sem que se levasse em conta o seu caráter sacerdotal, ademais da aprovação que tinha do bispo. Foi tratado de temerário, obstinado e até mesmo de louco. Por acaso, qualificativos mais injuriosos não foram dirigidos ao divino Mestre? Ao saber de todas essas críticas, o padre Champagnat não se ofendeu, pois apenas a vontade de Deus era a bússola que o norteava em suas ações. Começou, então, a nova construção destinada a abrigar pelo menos cento e cinquenta pessoas, tendo uma capela condizente com o total de pessoas previsto. O orçamento da construção somado com o valor da compra do terreno dava o total de sessenta mil francos. Todos sabiam que ele não dispunha de recursos para chegar a tal soma.

4º) Para diminuir as despesas, Champagnat convidou todos os Irmãos, nas férias de 1824, para que, na medida das forças de cada um, todos ajudassem na construção. Todos se mostraram dispostos a dar algo de si, edificando a casa que seria consagrada à Boa Mãe e que se tornaria um viveiro de apóstolos da educação cristã da infância. Os pedreiros profissionais faziam o trabalho principal e os Irmãos se encarregavam de preparar todo o material necessário. As dependências da casa e capela foram terminadas logo, de modo que os Irmãos puderam lá instalar-se já no verão de 1825. A inauguração e bênção da capela aconteceu no dia 15 de agosto do mesmo ano. O padre Dervieux, pároco de Saint-Chamond, cujos sentimentos a respeito do padre Champagnat tinham mudado completamente, foi delegado pelo bispo para presidir a cerimônia. O ano 1824, gravado na porta da capela indica não o ano da bênção da casa, mas a data da colocação da pedra fundamental da construção, benta pelo padre Cholleton, vigário-geral, no começo de maio de 1824.

5º) Para abrigar seu pessoal durante a construção, o venerando padre tinha alugado um barracão do outro lado do Gier, que foi ajeitado da melhor forma possível. A pobreza era tal que, por ocasião da bênção da primeira pedra, não havendo nada de bom para ser oferecido como almoço ao vigário-geral, o padre Champagnat foi obrigado a conduzi-lo à casa de um amigo. As refeições eram como as de La Valla: pão, sopa, legumes, queijo e, de vez em quando, um pouco de toucinho. A água do Gier, apreciada pelas suas qualidades de pureza e de limpidez, era a única bebida; nada mais que água. Champagnat residia com os Irmãos naquele pobre barraco. Por falta de um espaço melhor para colocar sua cama (ele tinha por costume escolher sempre o pior para si), colocou-a em uma espécie de varanda externa, coberta apenas em parte. Visitei várias vezes aquele barracão; vendo-o, é possível avaliar quanto ele e os primeiros Irmãos sofreram durante a construção.

6º) Durante o período da construção, observava-se o regulamento como se fazia em La Valla: às quatro horas o padre dava o sinal de levantar; o silêncio era guardado durante o trabalho; a cada hora, para recordar a presença de Deus, prática predileta do estimado Fundador, recitavam-se as orações: “Glória ao Pai, Ave Maria” e a invocação “Jesus, Maria, José, tende piedade de nós!” Uma capelinha dedicada a Nossa Senhora fora erigida no bosque pelo próprio padre. Lá, todos os dias, ele rezava a missa. Por causa do pouco espaço, apenas o celebrante, os dois acólitos e alguns Irmãos mais antigos ficavam no seu interior; os demais permaneciam do lado de fora em respeitoso recolhimento. Nesse local, de manhã, antes da missa, fazia-se a meditação; ao meio-dia, realizava-se a visita ao Santíssimo e, à noite, recitava-se o terço. Visitei o local onde estava a pequena capela e, vendo-a, me perguntava qual não deveria ser a surpresa e a

comoção das pessoas que passavam pela estrada que ladeia o vale, ao ouvirem as vozes expressivas dos Irmãos, os cantos piedosos e os hinos litúrgicos que saíam do meio do bosque. Os Irmãos mais antigos relatam que muitos transeuntes voltavam-se em direção ao local da capela, descobriam a cabeça e faziam respeitosa saudação.

7º) De manhã, depois da missa, dirigiam-se imediatamente ao trabalho, com o venerando padre sempre à frente. Com a trolha na mão, ele trabalhava boa parte do dia em meio aos pedreiros, desafiando em destreza e habilidade os mais práticos dentre eles. À noite, ele recitava o breviário, acertava as contas e previa os trabalhos para o dia seguinte. Depois de tudo isso, pergunto-me: “Quanto tempo lhe sobrava para o descanso?” Só Deus o sabe!

8º) Ao analisar alguns acontecimentos durante a construção, pode-se constatar a visível proteção da Santíssima Virgem sobre o padre e seus companheiros. Eis alguns fatos que me foram contados por Irmãos que ajudaram na edificação da casa. Um operário caiu de grande altura e se teria machucado bastante, caso batesse em enormes pedras, no chão; felizmente, conseguiu agarrar-se em um galho de árvore, salvando-se. Sofreu apenas grande susto. Outro, quando passava por uma tábua meio podre do terceiro andar, ela se quebrou e ele ficou suspenso nos andaimes, segurando-se por uma mão. Aflito, recorreu a Nossa Senhora. Um colega operário, mesmo com o perigo de cair, foi em seu socorro, salvando-o de morte certa. Um terceiro, ao subir uma escada, levando aos ombros enorme pedra, estava para chegar ao último degrau quando, não aguentando mais, deixou-a escapar. Ao pé da escada estava um Irmão que, com toda a certeza, teria a cabeça esfacelada não fosse um providencial desvio do corpo, no exato momento da queda. Ao padre Champagnat, a morte iminente do Irmão lhe parecera tão certa

<sup>90</sup> O Irmão Sylvestre colocou aqui longo parágrafo que, depois, rejeitou, indicando na margem: “isto é nulo”. Eis a passagem rejeitada: “Recomendava-lhes como um dos seus principais deveres manter constante vigilância sobre os alunos, formá-los à civilidade, à ordem e limpeza, ao amor ao trabalho, ao respeito pelas autoridades eclesiásticas e civis. Queria que os alunos se confessassem seguidamente e, pelo menos, uma vez por mês os mais novos; queria que fossem bem preparados para a primeira comunhão; queria que tivessem devoção ao anjo da guarda, aos santos padroeiros, às almas do purgatório e, sobretudo, à Virgem Maria, uma vez que, por causa da sua vocação, os Irmãos deveriam propagar essa devoção. Para chegar a estes resultados, ordenou aos Irmãos que fizessem o catecismo duas vezes por dia, e aos sábados o catecismo de Nossa Senhora, incentivando-os a terminar as catequeses com algumas histórias apropriadas, para deixar no coração das crianças impressões indeléveis dessa terna devoção”.

que, de longe, vendo aquilo, lançou-lhe a absolvição. O pavor que experimentou aquele Irmão foi tão grande, que ficou trans-tornado por vários dias. Sem tardança, Champagnat mandou que se fizessem orações, agradecendo tão grande favor; no dia seguinte, a missa foi rezada em ação de graças pela visível pro-teção de Maria Santíssima. A quem atribuir estas marcas palpá-veis de proteção divina senão às orações que o padre Champag-nat dirigia frequentemente a Maria, pedindo que protegesse a todos, afastando os perigos? Quanto a ele, apesar da dureza dos trabalhos que enfrentava, nunca se machucou.

9º) Apesar de ocupar os Irmãos nos trabalhos da construção durante boa parte do dia, não descuidava sua formação religio-sa. Sabia achar momentos para isso no final da tarde, sobretudo nos domingos; nestas ocasiões ensinava-lhes a maneira de se tornarem sempre mais aptos à missão que deveriam desempe-nhar. Suas instruções, exortações e conselhos, versavam quase sempre sobre as virtudes da vida religiosa, a correção dos defei-tos, a maneira correta de participar da missa e de frequentar os sacramentos, a caridade e a correção fraterna. De maneira es-pecial, esforçava-se para inculcar-lhes sólida devoção à Santís-sima Virgem, que lhes era apresentada como modelo de todas as virtudes, especialmente modelo de humildade. Incutia-lhes também grande zelo pela salvação das crianças, tema sobre o qual voltava com muita frequência.<sup>90</sup>

10º) Por fim, para que os Irmãos se recordassem dos diversos assuntos que tinham sido objeto de suas conversas durante a construção da casa, deu-lhes um resumo escrito, que ainda hoje se conserva.<sup>91</sup> Para o louvor dos primeiros Irmãos, deve-se dizer que souberam aproveitar muito bem as instruções do Fundador, porque, no decorrer de todo o tempo da construção, foram modelos de virtude para os operários, que

não se cansavam de admirá-los. Mais do que isso, eles também acabaram por imitá-los, guardando o silêncio, praticando a modéstia e a caridade entre eles.

11º) Quando o ano escolar de 1824 estava terminando, todos os Irmãos que tinham ajudado na construção começaram a planejar a volta para seus postos. Antes de partirem, ele lhes pregou um retiro de oito dias. Sugeriu-lhes as resoluções que deveriam tomar para passar bem o ano, recomendando, como resolução principal, a prática habitual do exercício da presença de Deus que, para ele, era meio eficaz para se chegar à perfeição religiosa.

A construção como tal estava concluída; faltavam os acabamentos internos, que foram realizados durante o inverno, sob a coordenação do Fundador. Ele, com sua presença contínua entre os marceneiros e os outros operários, além de dar-lhes o exemplo de trabalhador incansável, colaborava muito para reduzir as despesas da construção.<sup>92</sup>

<sup>91</sup> Este “resumo por escrito, que ainda hoje se conserva”, elaboração pessoal de Marcelino, seria um documento precioso, do ponto de vista histórico, para estudo da espiritualidade marista nos primórdios. Infelizmente não há mais resquícios deste documento. Nas anotações do Irmão Francisco e do Irmão João Batista aparecem expressões e afirmações bastante semelhantes, fazendo-nos supor que provêm desta fonte primeira. O Irmão André Lanfrey desenvolveu este tema num dos seus trabalhos de pesquisa: “*Un chaînon manquant de la spiritualité mariste*” (Um elo faltante da espiritualidade marista).

<sup>92</sup> Aqui também o Irmão Sylvestre havia colocado longo parágrafo (que seria o parágrafo 12º) e que rejeitou, assinalando na margem: “isto é nulo”. Eis como era o parágrafo: Finalizemos este capítulo indicando a fundação de dois estabelecimentos importantes: Charlieu e Chavanay, ambos no departamento do Loire. O pedido de Charlieu foi feito pelo pároco e pelo prefeito. O pedido de Chavanay foi feito pelo pároco, Pe. Gaucher, que veio pessoalmente a l’Hermitage pedir Irmãos. Chegando a Charlieu, os Irmãos encontraram os alunos mergulhados em grande ignorância e de comportamento não muito bom; entretanto, pelo seu zelo e devotamento, os Irmãos conseguiram em pouco tempo, transformá-los em alunos piedosos, instruídos e afeiçãoados a eles. Em Chavanay houve este particular interessante: uma delegação de pessoas importantes da cidade foi a l’Hermitage buscar os Irmãos para a escola. A acolhida deles foi tão calorosa que, já no final do terceiro dia, quase todas as crianças do município frequentavam a escola.



**CAPÍTULO VIII**

**TERCEIRA CONTRARIEDADE:  
DIFICULDADES SUSCITADAS POR UM DOS  
CAPELÃES DA CASA, QUE PRETENDIA PASSAR POR  
SUPERIOR DA CONGREGAÇÃO.**

1º) No capítulo segundo deste relato, mencionei as piedosas reuniões de um grupo de seminaristas maiores, quando discorriam e planejavam a futura Sociedade de Maria. Dois seminaristas daquele grupo, em 1825, já como sacerdotes, vieram juntar-se ao padre Champagnat em l'Hermitage: o padre Jean-Claude Courveille, que tinha sido pároco de Epercieux, e o padre Jean-Baptiste Terraillon, que tinha sido capelão das Irmãs Ursulinas, em Montbrison.

O Fundador, depois das contrariedades que sofrera e do grande trabalho que tivera com a construção de l'Hermitage, esperava poder desfrutar um pouco de repouso e usufruir, com seus Irmãos, o cêntuplo prometido pelo Evangelho. Enganava-se. Deus tem maneiras diferentes de dar esse cêntuplo. Para as almas privilegiadas, isto é, para os que praticam virtudes heroicas, esse cêntuplo consiste em muitas tribulações, pesares, aborrecimentos e sofrimentos que, ao centuplicar-lhes as cruzes, centuplicam também seus méritos na terra e, com isso, sua felicidade no céu. Foi este o caso para Champagnat: mais cruzes o aguardavam.

2º) O padre Courveille, que no tempo do seminário maior tinha sido o primeiro a apresentar a ideia da fundação da Sociedade dos Maristas, pretendia que os Padres Maristas e, com mais razão, também os Irmãos, lhe deviam obediência, a título de superior de todos. O padre Champagnat, que se julgava indigno de estar à frente dos Irmãos, deixou-o agir e submeteu-se. Os Irmãos, entretanto, acostumados com a contínua presença e atuação do padre Champagnat entre eles, viam nele seu fundador e não davam importância ao novo superior, por ser desconhecido para eles. Ao constatar que os Irmãos continuavam a dirigir-se ao padre Champagnat e que seu título de Superior Geral não representava nada diante dos Irmãos, o padre Courveille resolveu fazer-se nomear oficialmente como superior, para poder gover-

ná-los. Para alcançar esse objetivo, nas férias de 1825, procurou conquistar a confiança dos Irmãos, mostrando-lhes grande tolerância e prestando-lhes agrados de toda a espécie.

3º) Quando julgou oportuno, reuniu os Irmãos para dizer-lhes que a Sociedade dos Maristas, a que todos pertenciam, estava destinada a atuar em outras localidades e a exercer funções diversas. Em consequência, o padre Champagnat, o padre Terrailon ou ele mesmo poderiam ser designados, de um dia para o outro, a outras destinações; por causa dessa possibilidade seria interessante que, enquanto estavam à disposição dos Irmãos, fosse feita a escolha daquele que desejavam para governá-los na qualidade de único superior. Depois de algumas explicações complementares, pediu aos Irmãos que escrevessem em uma cédula o nome de preferência de cada um, e saiu da sala. Passado algum tempo retornou à sala, recolheu os votos e foi lendo o escrutínio: “padre Champagnat, padre Champagnat, padre Champagnat ... e, sempre, padre Champagnat”, salvo dois ou três nomes diferentes. Meio contrariado, voltou-se para o Fundador e lhe disse com certa mágoa: “Parece que combinaram entre si para nomeá-lo”. O venerando padre, sem ofender-se com aquelas palavras malévolas, pediu que a votação fosse anulada. Compreende-se facilmente que o padre Courveille concordou de boa vontade. Então, Champagnat dirigiu-se aos Irmãos, alertando-os de que não o deviam escolher só pelo fato de que ele sempre estivera à sua frente. Disse-lhes que, pelo fato de dedicar-se muito aos trabalhos manuais, ele não tinha as mesmas condições que tinham os outros dois padres para conduzi-los pelos caminhos da espiritualidade, tanto quanto sua vocação de religiosos o exigia. Acrescentou, ainda, que os padres Courveille e Terrailon, pela seriedade com que se ocupavam nos estudos de tais assuntos, tinham mais capacidade

para dirigi-los. Finalizou suas palavras convidando os Irmãos a implorarem as luzes do Espírito Santo e a invocar a Santíssima Virgem, para que a segunda votação fosse feita corretamente. Entretanto, o segundo escrutínio deu resultado igual ao da primeira votação. Então, dirigindo-se ao padre Champagnat, assim falou o padre Courveille: “Pois bem, eles o querem como superior; que assim seja!” Com efeito, os Irmãos não queriam outro nem sequer lhes passara pela mente eleger o padre Courveille. Apesar de eleição tão expressiva, manifestando o desejo dos Irmãos em favor do Fundador, o padre Courveille não perdeu a esperança de fazer-se superior; porém, antes de relatar as artimanhas que ele utilizou para alcançar seu objetivo, vou narrar algo do seu contexto.

4º) Naquele ano de 1825, no começo de novembro, foi aberta a escola de Ampuis, por iniciativa do pároco local, padre Hérard, antigo missionário na América do Norte, que assumiu todas as despesas. Com aquela inauguração, as obras dirigidas pela Congregação já eram dez e o Fundador planejou visitá-las todas. Aqui, permito-me abrir um parêntese, para narrar sua mortificação nessas viagens de visita às casas. Fazia as viagens a pé, apesar dos caminhos quase impraticáveis por causa das chuvas abundantes naquela época do ano. Sua alimentação era fraca, consistindo normalmente em sopa e algumas frutas, a menos que o convidassem para tomar a refeição na casa paroquial. Não tomava vinho durante a viagem; contentava-se com um copo de água, quando a sede o atormentava. Cuidava pouco de si; não era exigente em relação ao próprio corpo. Sei disso por alguns Irmãos que viajaram com ele e pelo relato de Philippe Arnaud que, ao acompanhá-lo em longa viagem, afirmou ter passado pela tentação de abandoná-lo, para ir alimentar-se em alguma taberna, tamanha a fome que sentia.

5º) Retornemos ao padre Courveille. Na ausência demorada do padre Champagnat, não descansou em seu propósito e, por vias tortuosas, arquitetou retomar o título de superior. Escreveu cartas repletas de recriminações aos Irmãos que estavam nas escolas, por não se terem manifestado em seu favor; também manifestou seu despeito aos Irmãos de l'Hermitage. Quando o padre Champagnat retornou, criticou abertamente o seu modo de dirigir os Irmãos, tanto no aspecto espiritual, quanto na administração dos bens materiais. Retirou-lhe o encargo de administrador e assumiu, pessoalmente, as finanças da casa. Então, durante sua gestão, como a contabilidade tinha mais saídas do que entradas, acusava sempre o padre Champagnat como responsável por essa diferença.

6º) Nesse meio tempo, as viagens cansativas que fazia, somadas às contrariedades incessantes que o padre Courveille lhe proporcionava, causaram grave doença ao Fundador. Apesar de muito debilitado, tentou prosseguir normalmente com as tarefas habituais. Foi muito cansativo para ele fazer a celebração de Natal daquele ano; no dia seguinte, esgotado e doente, obrigou-se a ficar de cama. A doença progrediu rapidamente; agravou-se tanto que alguns pensavam que o seu fim estava chegando. Nesta ocasião, o padre Courveille, não se sabe bem por que, mostrou-se muito atencioso para com o Fundador, pedindo orações por sua cura, tanto dos Irmãos de l'Hermitage, como dos que estavam nas demais casas, e ele mesmo não omitiu nada em termos de cuidados pelo doente.

7º) Infelizmente, nas redondezas, espalhou-se o boato de que Champagnat estava às portas da morte. Aquilo fez com que diversos credores, temerosos de não serem ressarcidos, fizessem ameaças de desapropriar a casa e a mobília. Nessas circunstâncias, o Irmão Estanislau, sempre muito dedicado

ao Fundador e à Congregação, foi até Saint-Chamond e, dirigindo-se ao padre Dervieux, suplicou-lhe, com lágrimas nos olhos, que socorresse a casa, pois ela estava para ser hipotecada pelos credores. O padre o consolou, prometendo que se encarregaria de pagar as dívidas. Com efeito, alguns dias depois, pagou o equivalente a seis mil francos.

8º) Entretanto, o que mais contristava o bom Irmão Estanislau era o desânimo que tinha tomado conta dos Irmãos e dos noviços, ao verem o amado superior tomado por uma doença que lhes parecia terminal. O padre Courveille, nessa ocasião desesperadora, em vez de consolar e acalmar os Irmãos, procedia com rigor e sem tato, repreendendo-os de maneira ofensiva; chegou ao ponto de anunciar aos Irmãos que iria encaminhar ao arcebispado o pedido para ser transferido de l'Hermitage. Aquelas palavras causaram desânimo entre os Irmãos; desde então alguns deles começaram a preocupar-se com o próprio futuro, planejando abandonar l'Hermitage porque, como diziam, “não sentiam paz; o ambiente não era mais como antes.” Ao constatar que alguns Irmãos estavam decididos a abandonar a vocação, o Irmão Estanislau conversou com cada um deles; empregando arrazoados convincentes e muitas súplicas, conseguiu demovê-los daquele intento. Também não hesitou em dialogar com o padre Courveille, pedindo-lhe que não utilizasse procedimento tão rigoroso. O padre Courveille, preocupado sobretudo com as dívidas pendentes, respondeu às observações do Irmão dizendo que não pretendia arcar com os prejuízos e que, se o padre Champagnat viesse a falecer, ele deixaria l'Hermitage e que todos fariam o mesmo. Quanto a modificar o seu modo de proceder em relação aos Irmãos, não quis conversa.

9º) O excelente Irmão Estanislau, que assistia o padre Champagnat dia e noite, não querendo causar-lhe preocupações maiores, tinha evitado, até então, de falar-lhe da maneira dura como o padre Courveille tratava os Irmãos; também não tinha revelado que a intenção de vários Irmãos era de se retirarem. Entretanto, quando percebeu pequena melhora no doente, contou-lhe tudo. Também aos Irmãos ele comunicou aquele início de recuperação do doente. Isto reconfortou vários deles, despertando-lhes a esperança de o terem novamente à frente de tudo. Quando soube do que estava acontecendo, coisas alarmantes para seu coração, o padre Champagnat conversou com o padre Courveille, solicitando-lhe tratamento mais paternal para os Irmãos; ele, porém nada fez. Depois, ao saber que haveria uma reunião da comunidade durante a qual o padre Courveille aplicaria severa repreensão a um dos Irmãos, o padre Champagnat pediu ao Irmão Estanislau que o ajudasse a erguer-se, que o amparasse e o conduzisse até a sala da reunião. Mal apareceu na sala, houve aplausos de júbilo por parte dos Irmãos e todos os rostos irradiavam contentamento, demonstrando o grande afeto que nutriam por ele. Quanto ao padre Courveille, não podendo suportar tanta manifestação de apreço, esquivou-se e, furtivamente, saiu da sala. Então o padre Champagnat pediu a palavra e falou aos Irmãos, afastando-lhes os temores e animando-os na vocação.

10º) Quando soube que a saúde do Fundador tivera uma leve melhora, o padre Dervieux veio buscá-lo, oferecendo-se para hospedá-lo em sua casa paroquial, onde lhe prodigalizou cuidados especiais de recuperação. Aquele digno sacerdote tinha mudado seu modo de pensar em relação ao Fundador, reconhecendo que eram somente calúnias as coisas que lhe tinham sido atribuídas anteriormente. A partir de então, apreciou sempre mais os méritos e virtudes do Fundador.

11º) Neste meio tempo, por não conseguir que os Irmãos deixassem de dirigir-se ao padre Champagnat, o padre Courveille mudou sua tática persecutória, imaginando envolver o arcebispo no ato de retirar-lhe o cargo de superior. Para isso, começou a denegri-lo junto ao bispo, fazendo acusações de que recebia candidatos sem vocação, que dava aos Irmãos pouca instrução profana e que lhes dava insuficiente formação religiosa. Apesar de não dar muito crédito às acusações, Dom Gaston de Pins julgou ser do seu dever enviar o padre Cattet, um dos vigários-gerais, para fazer uma visita canônica à casa de l'Hermitage. Quando foi informado disso, o padre Champagnat, que ainda estava recuperando-se na casa do padre Dervieux, voltou logo para l'Hermitage a fim de acolher o vigário-geral. O padre Cattet saudou-o com frieza e foi questionando-o sobre vários assuntos, enquanto fazia visita detalhada na casa. Examinou os Irmãos e os noviços, fazendo-lhes perguntas sobre o catecismo e sobre conhecimentos gerais. Alguns Irmãos, porque fazia pouco tempo que tinham chegado, ainda não sabiam ler e escrever; além disso, a construção da casa impedira-os de se ocuparem por mais tempo nos estudos. O padre Cattet não pôde disfarçar seu desagrado com tudo o que viu e proibiu o padre Champagnat de fazer outras construções.

12º) O padre Courveille, vendo que suas intrigas tinham obtido êxito, andava ufano, pensando que, finalmente, alcançaria seu objetivo. Entretanto, completara-se a medida! Não demorou em receber punição e o seu castigo foi aquele que Deus inflige normalmente aos orgulhosos. No arcebispo, ficaram sabendo de uma grave falta que ele cometera e deram-se conta de que não deviam dar tanto crédito às denúncias que fazia, nem ao zelo excessivo pelas observâncias regulares que ele pretendia demonstrar. Enquanto isso, para apaziguar os remorsos da consciência,



o padre Courveille refugiou-se no mosteiro trapista de Aiguebelle, local em que, como se pode pensar, ele procuraria corrigir-se do orgulho. No entanto, pensando que sua falta tivesse passado despercebida, escreveu uma carta, comunicando que somente retornaria para l'Hermitage sob a condição de ser aceito como superior da casa. Quando as causas da sua saída foram esclarecidas, então, por orientação do bispo, os padres Champagnat e Terraillon enviaram-lhe uma resposta conjunta, pedindo que ficasse onde estava e que não voltasse a l'Hermitage. Disso tudo eu concluo que, apesar das artimanhas dos homens para alcançar suas ambições, quem tem a última palavra é Deus. Sempre se realizará a passagem do Evangelho: “Quem se humilha será exaltado e quem se exalta será humilhado”.

13º) Na mesma época, outra dura prova sofrida pelo estimado padre foi a necessidade de desligar do Instituto o seu primeiro discípulo. Sabemos que o Irmão Jean-Marie Granjon, levado pelo orgulho e, por julgar que os Regulamentos de então não eram suficientemente apropriados para que ele pudesse avançar nos caminhos da perfeição religiosa, abandonou a escola de Bourg-Argental, onde era diretor, para ir a um mosteiro trapista, sem preocupar-se em ter alguém para substituí-lo na escola. Depois de algum tempo, desiludido, regressou para l'Hermitage e, ajoelhando-se aos pés do bom padre, pediu-lhe perdão de sua falta. O padre Champagnat lhe perdoou e o acolheu novamente, na esperança de que estivesse curado de sua ambição. Infelizmente, ainda conservava o germen do orgulho, pois começou a imaginar que deveria ser grande santo, como são Luís Gonzaga! Em vista disso, deixando de lado a obediência, por conta própria foi praticando inúmeras mortificações e austeridades que, infelizmente, acabaram por afetar-lhe o juízo. Então, visto que perturbava o andamento

normal da comunidade com suas extravagâncias, o venerando padre viu-se forçado a desligá-lo do Instituto.

14º) Outro Irmão, de nome Etienne Roumesy, inicialmente muito afeiçoado ao padre Champagnat, apresentava qualidades notáveis para a direção de escolas e para cargos de administração. Depois de certo tempo, o Fundador nomeou-o para o cargo de administrador da casa de l'Hermitage. Lá, o Irmão se desgostou da função e, sonhando com cargos mais altos, um dia, sem avisar ninguém, abandonou a comunidade, julgando que faria o bem, de forma melhor, em outros lugares. Não realizou o bem aparente que imaginava. Acabou morrendo na miséria e privação. Foi mais uma vítima do orgulho e da desobediência.

15º) De modo diverso aconteceu com o Irmão Luís, verdadeiro discípulo do padre Champagnat. O demônio, invejoso da fidelidade do Irmão, começou a sugestioná-lo para que abandonasse a vocação de Irmão, para tornar-se sacerdote. Provavelmente ele teria sucumbido à tentação se não fosse tão humilde quanto obediente. Revelou seu projeto ao padre Champagnat. O Fundador percebeu que, apesar dos conselhos dados, o Irmão permanecia obcecado pela ideia. Então, proibiu-o formalmente de continuar alimentando aquele pensamento. Como era religioso de muita docilidade, o Irmão Luís obedeceu e, com isso, a tentação desapareceu.

Destes três casos podemos concluir: o orgulho e a desobediência foram a causa da perda da vocação dos Irmãos Jean-Marie Granjon e Etienne Roumesy. A humildade e a docilidade ajudaram o Irmão Luís na vocação, garantindo-lhe a perseverança. Ele morreu com sinais de predestinação. Sua vida santa foi fruto da obediência e da abertura de coração ao Fundador.

16º) Ao concluir este capítulo, penso não estar enganado quando afirmo que Dom Gaston de Pins, arcebispo de Lião, o padre Gardette, superior do Seminário Maior, e o nosso excelente Irmão Estanislau foram os mediadores que Deus suscitou para auxiliarem o padre Champagnat na consolidação definitiva da Congregação, enquanto o padre Bochard, apesar de suas boas intenções, o padre Courveille e o pároco de La Valla, iludidos provavelmente pelo demônio, fracassaram em seus propósitos de aniquilar a obra dos Irmãos. Merecem gratidão os três primeiros e que o julgamento dos outros três seja reservado a Deus.

**CAPÍTULO IX**  
**OS VOTOS RELIGIOSOS**

1º) A saída dos dois Irmãos de quem falamos anteriormente, as tentações do Irmão Luís e o desejo de Champagnat de conservar na vocação os Irmãos que passavam por aborrecimentos, dificuldades e fortes tentações, determinaram-no a vinculá-los à vida religiosa pela emissão dos votos. No começo, fazia-se apenas uma consagração, que era a promessa de ensinar às crianças o catecismo e os princípios elementares da leitura e do cálculo; prometia-se, também, obedecer ao superior, guardar a castidade e nada possuir, pessoalmente. Não eram votos mas, no fundo, como se vê, eram já os componentes dos três votos religiosos. Se, por um lado, o Fundador percebia que a simples promessa não era suficiente para assegurar a perseverança no Instituto, por outro, acalentava o conselho do bispo, que o autorizava a receber a profissão religiosa dos Irmãos, pela emissão dos três votos simples de pobreza, de castidade e de obediência. Acabou decidindo-se por implantar a obrigatoriedade dos votos. Na verdade, são os votos que caracterizam o estado de vida próprio do religioso.

2º) Foi no retiro de 1826 que aconteceu a emissão dos primeiros votos. Eram de duas espécies: votos perpétuos e votos temporários. Os votos temporários eram feitos por três anos; decorrido esse período, havia a possibilidade de renová-los. No entanto, podiam ser emitidos por tempo mais curto. Eu me lembro que, na primeira vez que fui admitido aos votos temporários, eu os fiz pelo período de um mês apenas. Mais tarde, depois da morte do Fundador, o padre Colin, Superior Geral da Sociedade de Maria, a quem o padre Champagnat, antes de morrer, entregara todos os seus encargos de fundador, considerando que os votos temporários de pobreza e de castidade, em certas circunstâncias, podiam ocasionar alguns inconvenientes, decidiu que os votos temporários abrangeriam

apenas o voto de obediência e assim este seria renovado até a profissão perpétua. No início, a profissão dos votos era feita sem grandes cerimônias. Mais tarde é que lhe foi dada a solenidade que apresenta hoje, mas sem acréscimo de novas obrigações. Quanto ao voto de estabilidade, nunca ouvi o padre Champagnat falar dele. Entretanto, posso afirmar que, no Capítulo Geral de 1856,<sup>93</sup> circulou entre os capitulares um manuscrito do Fundador, no qual se podia ler, claramente, sem outras explicações: “Os Irmãos deste Instituto farão os três votos de pobreza, de castidade, de obediência e o voto de estabilidade”. Tive ocasião de ver o manuscrito<sup>94</sup> e constatar que se tratava realmente de sua caligrafia. Pelas cartas que dele eu havia recebido, não tenho nenhuma dúvida quanto a isso.

93 Erro de data. O Capítulo Geral a que o Irmão Sylvestre se refere desenvolveu-se em três sessões anuais: 1852, 1853 e 1854.

94 O manuscrito que circulou entre os capitulares pode ter sido um dos cadernos de anotações de Champagnat, onde se lê: “Os Irmãos de Maria farão votos simples de castidade, pobreza, obediência e estabilidade na Sociedade”. (“Origines des Frères Maristes”, doc. 28 “fragment de Règle”, parágrafo 19).

**CAPÍTULO X**

**QUARTA CONTRARIEDADE:  
DIFICULDADES OCASIONADAS PELA FALTA DE  
SUBMISSÃO DE ALGUNS IRMÃOS**

1º) A perda dos Irmãos que tinham saído por causa do orgulho e da desobediência foi compensada pela entrada de bons candidatos, que os substituíram com vantagem. Além disso, a emissão dos votos passou a ser uma espécie de freio, ajudando a conservar a vocação. A Congregação dava mostras de progresso e prosperidade; continuamente chegavam pedidos para a fundação de escolas. Foi dessa época a fundação das escolas de Saint-Paul-en-Jarret e Neuville-sur-Saône. Antes de tratar do tema principal deste capítulo, permito-me dizer uma palavra sobre o estabelecimento de Neuville, pela predileção que Champagnat parecia demonstrar por ele, dadas as frequentes visitas feitas ao local. Isso servirá de introdução para o tema deste capítulo.

Duas personagens o atraíam em Neuville: o pároco local e o senhor Tripier, benfeitor que havia arcado com os gastos da fundação da escola, custeando todas as despesas. O senhor Tripier, venerando ancião, era homem de fé e cristão decidido. Repetidas vezes recomendava ao Irmão Diretor que não deixasse de recorrer a ele, quando a comunidade estivesse necessitando de alguma coisa. Tinha tomado a decisão de empregar sua considerável fortuna em obras de caridade e em favor dos pobres, decisão que manteve até a morte. Era devido a isso que Champagnat o tinha em elevada estima.

Pároco de Neuville era o padre Durand, grande amigo do Fundador. Aliás, todos os padres da diocese reconheciam nele um homem de profundo conhecimento teológico, de equilibrado bom senso e de piedade autêntica. O Fundador colocava-o a par de todas as coisas importantes relacionadas com o Instituto; os Irmãos da comunidade de Neuville diziam que, muitas vezes, o padre Durand, cheio de zelo, os exortava assim: “Mesmo realizando milagres, se vocês não forem observadores do regulamento, serão maus religiosos! Quem deixa de cumprir as Regras, deixará a ba-



tina também!” Não gostava dos Irmãos que violavam o regulamento da vida em comunidade, sem absoluta necessidade. Certo dia, tendo encontrado um Irmão que passeava pela rua, sozinho, admoestou-o com estas assustadoras palavras: “Irmão, preferiria encontrar-me com um lobo a encontrar você desacompanhado”.

3º)<sup>95</sup> Ele tinha razão porque, apesar da vigilância do Fundador, procedimentos abusivos começavam a aparecer em certas casas. Alguns Irmãos diretores se permitiam frequentar ambientes externos facilmente; outros multiplicavam visitas às comunidades próximas, acarretando despesas contra a pobreza e desrespeitando o regulamento. Ao saber de tais abusos, o Fundador escreveu aos culpados e, paternalmente, procurou reconduzi-los à ordem e à obediência do regulamento. Tendo alguns deles menosprezado suas advertências, nas férias tiveram de fazer o exercício da culpa diante de todos e receberam severa penitência. Todos reconheceram seus erros e prometeram emendar-se, com exceção de três deles, os mais culpados. Estes, exasperados com tal humilhação, começaram a protestar, tachando o Fundador de tirano. Um deles, que por muito tempo tinha sido bom religioso, faltou de respeito ao Fundador de forma muito grosseira. Depois, acabou abandonando a vocação. Ao retirar-se, com voz assustadora, assim confidenciou a um coirmão que procurava dissuadi-lo de dar aquele passo: “Volto para o mundo. Retiro-me porque estou condenado. Deus me abandonou”.

4º) Antes de prosseguir no relato das consequências do mau espírito que se apoderara daqueles que tinham desprezado a correção infligida por Champagnat, quero descrever como era, então, o hábito religioso dos Irmãos. Foi por causa dessa vestimenta que aconteceu a revolta de que falarei neste capítulo; essa revolta me foi contada, em detalhes, pelo Irmão Estanislau. Farei um relato abreviado dos fatos.

<sup>95</sup> Neste capítulo, no original, a numeração dos parágrafos está incorreta: faltam os números 2 e 6 e o 14 está repetido.

Conforme escrevi em páginas anteriores, o bispo autorizara o Fundador a dar um traje religioso completo para os Irmãos, em substituição ao traje adaptado que estava sendo usado, até então, em La Valla. O novo hábito consistia numa batina preta, semelhante à dos padres, e um pequeno manto, tudo de pano rústico. A batina era fechada na frente com botões do mesmo estofado. Para completar, havia ainda um chapéu triangular, um rabá branco e sapatos, que eram fornecidos pela casa. Não se usavam meias tricotadas. Depois da emissão dos votos perpétuos, Champagnat completou o traje, acrescentando uma cruz, exposta no peito, e um cordão. Os Irmãos de votos temporários usavam apenas o cordão, como é ainda hoje.

5º) Depois de consultar algumas pessoas influentes, das quais recebeu ponderadas observações, o venerando padre decidiu fazer algumas alterações, isto é, modificou o traje dos Irmãos nos seguintes itens: decidiu que os botões da batina seriam substituídos por colchetes desde o alto da batina até o meio do corpo e que o restante dela seria costurado até em baixo; decidiu que o manto teria apenas um colchete na altura do pescoço; não seriam mais permitidas as meias tricotadas e que elas deveriam ser substituídas por meias simples, de pano, costuradas. Aproveitou também para mudar o método de leitura, proscrevendo a soletração antiga com a denominação das consoantes e dando-lhes o método de leitura atual, que está em voga na Congregação, aplicado por toda a parte. Eis algumas razões que alegou para justificar as mudanças: na batina, com o tempo, os botões se gastam e se soltam, deixando partes abertas, o que causa certas inconveniências. No tocante às meias, sendo elas de pano, a casa central iria fornecê-las, resguardando assim a uniformidade. Quando se fizesse necessário consertá-las, os próprios Irmãos poderiam costurar, sem necessidade de recorrer a mulheres, pois isso era um inconveniente a

evitar. Quanto ao novo método de leitura, se fosse aplicado com seriedade e integralmente, ele garantia que as crianças fariam o dobro de progressos no aprendizado. Por causa dos muitos questionamentos sobre este último item, Champagnat pediu que todos procurassem utilizá-lo, pelo menos como teste, durante um ano, para depois avaliá-lo. Permitiu o uso das meias tricotadas para aqueles que ainda as tinham, menos durante a participação na missa. Quanto às batinas, determinou que seriam confeccionadas, a partir de então, com colchetes e não mais com botões; mesma determinação em relação ao manto.

7º) Nas férias do ano seguinte, bom número de Irmãos criticaram o novo método de leitura, julgando-o ruim. O Fundador, percebendo-os muito agitados, procurou apaziguar os ânimos, fazendo-lhes compreender que, por não terem experimentado o novo método, ou por não o terem aplicado corretamente, estavam rejeitando algo que lhes era desconhecido; estavam criticando sem conhecimento de causa. Realmente, os Irmãos que tinham aplicado corretamente o método durante o ano, davam razão ao estimado padre, pois o novo método acelerava bastante o aprendizado dos alunos; afirmavam ainda que eles se submetiam de boa vontade àquela maneira de ensinar.

8º) Quanto à batina, não houve maiores queixas, porque souberam que a batina dos Irmãos das Escolas Cristãs também era fechada com colchetes. Essa constatação foi razão suficiente para calar aqueles que, porventura, quisessem defender o uso da batina com botões.

9º) Entretanto, foi a questão das meias de pano que provocou uma quase revolta na comunidade. O padre Champagnat precisou agir com firmeza para fazer com que as meias de pano, a batina com colchetes e o novo método de leitura fossem aceitos por

todos. Ele tinha rezado e pedido o parecer de pessoas experientes. Depois de se convencer, tomou a decisão. Daí em diante nada lhe faria mudar a resolução tomada.

10º) Dado que, inicialmente, a batina com colchetes e o novo método de leitura tinham suscitado descontentamento em alguns Irmãos, os mais irritados entre eles, impelidos pelo demônio da insubordinação, planejaram aproveitar-se da repugnância que as meias de pano estavam causando entre os Irmãos para formar numeroso grupo de protesto contra as reformas propostas pelo Fundador, reformas que, em si, eram bem razoáveis e tinham finalidade religiosa. Para alcançar seu objetivo, propuseram um debate sobre o uso das meias de pano. Segundo eles, as meias de pano apresentavam muitos inconvenientes e, com muita ênfase, procuraram mostrar os pontos negativos do seu uso. O Fundador refutou com veemência todas as suas objeções, mostrando-lhes que tinham apresentado argumentos contraditórios entre si. Quando lhes falou das razões pelas quais achava que as meias de pano superavam com vantagem as meias tricotadas, eles ficaram sem argumentos para responder. Disse-lhes que as meias tricotadas eram mais mundanas, por isso os queixosos as queriam conservar; acrescentou que as meias de pano eram mais simples, mais adequadas ao estilo religioso e que eram mais cômodas, pois ele fizera a experiência, utilizando-as em suas viagens. Terminou sua fala com as palavras seguintes, que os Irmãos de Maria devem considerar determinantes: “Portanto, estabeleço as meias de pano como opção definitiva!” Desde então, sem apresentar reclamação alguma, a grande maioria aderiu àquela determinação.

11º) Contudo alguns cabeças exaltadas, nos quais o espírito religioso já ia à deriva, formaram um complô para forçar o Fundador a reconsiderar suas determinações. Primeiro, conseguiram a adesão de alguns jovens Irmãos; depois, conquistaram alguns

mais antigos e, finalmente, conseguiram que até mesmo um dos capelães da casa estivesse a seu lado. Nos recreios, o assunto das conversas era sobre a batina com colchetes, o método de leitura e, sobretudo, as meias de pano. A dificuldade maior estava em conseguir reverter a decisão do venerando padre nestes três temas importantes.

12º) Foi num daqueles dias, quando se entretinham muito com o assunto das meias de pano, que souberam da intenção dos vigários-gerais da diocese, que faziam visita em Saint-Chamond, de passar também por l'Hermitage. Os descontentes, então, decidiram elaborar rapidamente um abaixo-assinado para ser apresentado aos visitantes, pedindo que interviessem em favor da preservação dos antigos costumes. Contavam para isso com a ajuda do capelão que os apoiava. Diversos Irmãos assinaram o documento, mas não em número suficiente. Então, para conseguir maior número, um dos líderes entrou em uma sala de aula e sem que o professor percebesse, apanhou as assinaturas dos Irmãos, sem dar-lhes tempo de ler o assunto da petição; ficou muito eufórico com o êxito de sua façanha.

13º) Entretanto, um dos primeiros Irmãos, cujo nome não recordo, ao perceber esta rebelião contra a autoridade, logo se reuniu com outros Irmãos de sólida piedade, para lhes propor a realização de um protesto enérgico contra aquela infame artimanha. Juntos, foram ter com o padre Champagnat, relatando-lhe tudo o que estava acontecendo e renovando seu acatamento irrestrito às normas relativas à batina, às meias de pano e ao método de leitura. Ademais, solicitaram autorização para fazerem um abaixo-assinado contrário ao dos revoltosos.

14º) O bom padre, extremamente emocionado com tal demonstração de obediência e afeição, falou-lhes da satisfação

que sentia por seu bom espírito; pediu-lhes que, por enquanto, invocassem as luzes do Espírito Santo e o auxílio da Virgem Maria; disse-lhes que ele também refletiria no assunto diante de Deus e que, no final da sua oração de discernimento, ele os convocaria novamente. Nesse ínterim, o Irmão que liderava o grupo fiel, encontrou-se com um dos Irmãos antigos, que se deixara seduzir e assinara a petição dos revoltosos. Admoestou-o com firmeza e deixou-o muito comovido, quando lhe descreveu o grande sofrimento pelo qual estava passando o bom padre, que até perdera o apetite e o sono por causa daqueles gestos de insubordinação. Arrepentido, esse Irmão foi ter com o Fundador, caiu de joelhos a seus pés e, com muita humildade, pediu-lhe perdão; depois, no refeitório, perante toda a comunidade, repetiu o seu gesto de arrependimento. Aquele ato de humildade fez com que outros Irmãos, assinantes da petição contra as normas, se arrependessem e pedissem perdão em público. Ainda assim, os revoltosos, endurecidos cada vez mais em seu coração, zombavam daqueles gestos de arrependimento.

Vejam como a Boa Mãe veio em socorro de Champagnat. Exatamente quando os insubmissos pensavam triunfar, pois suas manobras estavam indo bem, chegou a notícia de que os vigários-gerais não mais fariam a visita a l'Hermitage; tinham sido convocados com urgência para a sede da arquidiocese, em Lião. Imagine-se a decepção dos revoltosos, sobretudo dos que comandavam aquela atrevida trama.

14º) Então, aqui quero ressaltar o grande espírito religioso de que estava repleto o Fundador; depois de ter refletido e rezado muito, durante um dia inteiro, mandou chamar o grupo dos Irmãos que lhe declarara submissão e comunicou-lhes que havia decidido mandar embora da Congregação todos aqueles que não quisessem conformar-se com as três normas adotadas. Pediu-lhes

que fossem à capela e que lá, secretamente, do lado da parede sul, preparassem um altar com a estátua da Santíssima Virgem guarnecido com muitas velas e adornos. E que, depois da oração da noite, quando toda a comunidade se dirigisse à capela, eles deveriam ler sua declaração, afirmando que acatavam e pediam o novo método de leitura, as meias de pano e a batina com colchetes. Todos esses preparativos foram executados em surdina, sem que ninguém da casa percebesse, exceto, claro, os assinantes do manifesto favorável.

15º) Como era costume, após a oração da noite, antes de recolher-se, a comunidade subiu à capela para a visita ao Santíssimo. Todos ficaram surpresos, vendo a estátua de Maria naquele belo altar, rodeada de tantas luzes. Terminadas as orações de praxe, o venerando padre, que estava ajoelhado ao pé do altar-mor, levantou e voltou-se para os Irmãos. Neste momento, um dos Irmãos antigos aproximou-se do altar e leu a declaração contrária ao abaixo-assinado dos descontentes e cujo texto terminava com a manifesta aceitação da batina com colchetes, das meias de pano e do novo método de leitura. Então, assumindo aquele seu tom de voz enérgico que, às vezes, atemorizava os ouvintes, o Fundador, apontando o altar da Santíssima Virgem, exclamou: “Pois bem! Todos aqueles que querem ser verdadeiros filhos de Maria, que passem para cá, para o lado de sua bendita Mãe!” E eis que, sem hesitar, a maioria dos Irmãos precipitou-se para aquele lado. Entretanto alguns Irmãos, assustados, ou por não terem entendido bem, ficaram em seus lugares, imóveis como estátuas. Uma segunda vez o padre proclamou: “O lugar dos que querem ser bons filhos de Maria é ao lado do seu altar; os que não querem obedecer que permaneçam no lado oposto!” Desta vez foi bem compreendido, pois todos se juntaram ao lado do altar de Maria, menos os dois líderes da rebelião, que permaneceram sentados onde esta-

vam. Tomando novamente a palavra e dirigindo-se àqueles chefes do complô, o padre Champagnat os questionou, perguntando se pretendiam permanecer onde estavam. A resposta deles foi um “sim” frio como o gelo!

16º) No dia seguinte, conforme sua promessa, Champagnat mandou embora os dois revoltosos. No mesmo dia em que foram expulsos, todos aqueles Irmãos que se tinham deixado engambelar pelos rebeldes, pediram perdão e testemunharam publicamente seu pesar pela falta cometida; na verdade, muitos nem se tinham dado conta da gravidade e das consequências de seu ato. Posteriormente, do Irmão Jean-Baptiste ouvi dizer que apenas dois dos que tinham assinado o manifesto dos rebeldes perseveraram na Congregação. Hoje, ao refletir sobre as dificuldades que Champagnat enfrentou para fundar a Congregação, sem querer sinto muita comoção; tenho sentimentos de tristeza pelo que sofreu e tenho sentimentos de admiração pela proteção da Santíssima Virgem, manifestando-se nos momentos oportunos, para firmar e consolidar a Congregação, exatamente nos momentos em que parecia soçobrar. Essa foi e sempre será a característica das obras dos santos que, iguais a Champagnat, tiveram a missão de dar à Igreja os mais belos adornos de sua coroa.

17º) Quero terminar este capítulo dizendo que duas novas escolas foram abertas no começo do ano escolar de 1827, a saber: Saint-Symphorien d’Ozon e Valbenoîte. Sobre esta última fundação acrescento algo mais, não somente porque vi os Irmãos chegarem a essa localidade, mas pelo procedimento do venerando padre. Era pároco de Valbenoîte o padre Rouchon, digno e venerando sacerdote que, assim como o padre Champagnat, tinha fundado uma Congregação parecida com a dos Irmãos Maristas. Mas faltavam-lhe candidatos; em vez de aumentar, diminuía. Teve, então, a ideia de unir seus membros aos Irmãos do padre



Champagnat. Para sondar essa possibilidade, em certa ocasião, veio a La Valla com toda a sua comunidade, composta de dez membros. Depois que os Irmãos do padre Rouchon visitaram tudo e perceberam a pobreza da casa de La Valla; a comida simples e escassa; quando sentiram que tudo contrastava bastante com o aspecto burguês e as maneiras refinadas que tinham, desistiram da ideia. Foram embora sem mais explicações. Aconteceu, porém, que naquela Congregação, algum tempo depois, houve muitos desentendimentos. Eu fui testemunha do mau espírito reinante entre eles e de que, como consequência das divergências, a maioria foi embora e a Congregação se dissolveu. Foi então que o padre Rouchon bateu novamente às portas do padre Champagnat, para solicitar Irmãos para a sua escola, em substituição dos egressos; ele mesmo se encarregaria dos gastos de fundação da escola. O padre Champagnat atendeu seu pedido, enviando quatro Irmãos a Valbenoîte. Recordo ainda hoje o dia em que os Irmãos chegaram; quando entraram na igreja; da profunda genuflexão que fizeram diante do altar; recordo a boa impressão que causaram em toda a paróquia por sua piedade, modéstia e recolhimento; mostraram-se dignos filhos de Champagnat.

Permito-me, ainda, acrescentar o seguinte. Quando se tratou de assinar o contrato, o padre Champagnat, como fazia também nas outras escolas, fixou em 400 francos anuais o pagamento a ser dado para cada Irmão. O padre Rouchon quis barganhar: “Mas, padre Champagnat, 400 francos não é demais, sobretudo para o terceiro Irmão, o cozinheiro? Para ele não bastariam 300 francos?” Champagnat, que nunca avaliava os Irmãos por sua capacidade intelectual, mas por seus méritos diante de Deus, deu-lhe a entender que não aceitava mensurar seus Irmãos sob aquela ótica de valores e manteve a exigência de pagamento igual para cada um deles. Eu ouvi este episódio da boca do padre Champagnat

ou, talvez, do padre Rouchon. Não me lembro bem. Em todo o caso, posso afirmar que é fato verdadeiro, não tanto quanto à forma como relatei, mas quanto ao conteúdo.

18º) Assim, o grãozinho de mostarda continuava a desenvolver-se. Em 1829, foram abertas duas novas escolas: em Millery, no Departamento do Ródano, e em Feurs, no Departamento do Loire. Por causa da prosperidade das escolas neste último Departamento, o conselho departamental consignou a importância anual de 1.500 francos para ajudar o padre Champagnat a manter o noviciado de l'Hermitage, isso sem que ele nada tivesse solicitado. Foi esse gesto de benevolência que deu ao venerando padre a ideia de pedir a aprovação do Governo para a Congregação. Por causa das novas leis do ensino de 1828, ele precisava daquela autorização do governo para isentar os Irmãos do serviço militar. Depois de ter redigido o pedido e as demais peças do dossiê, que seria encaminhado ao Conselho Real da Instrução Pública, entregou tudo ao bispo, Dom Gaston de Pins, que tinha sido elevado à honra de Par de França<sup>96</sup> e que, por causa desta dignidade, facilmente conseguiria o deferimento da petição. Com efeito, conseguiu pleno êxito no encaminhamento daquela petição. Estava tudo pronto para ser assinado pelo Rei Carlos X, quando, exatamente naqueles dias, estourou a Revolução de 1830. Tudo foi tão repentino que, infelizmente, o Rei precisou partir imediatamente para o exílio, sem que o documento fosse assinado. A luta para obter a aprovação do Instituto vai ser a cruz mais pesada e a de maior duração, pois estender-se-á até a morte do Fundador; ela deve ter sido uma das causas da sua morte. Deus, porém, por outros meios, amparou a Congregação. Apesar da não aprovação do governo, ela continuou a prosperar, como relatarei no próximo capítulo.

<sup>96</sup> Pair de France, Par de França, título de nobreza da Câmara Alta francesa; essa dignidade vigou entre 1814 e 1848.

**CAPÍTULO XI**

**A CALMA DO PADRE CHAMPAGNAT  
DURANTE OS ACONTECIMENTOS DE 1830**

1º) A revolução de 1830 destronou a casa real dos Orléans e colocou em seu lugar a casa real dos Bourbons. Por esta causa, o rei Carlos X não pôde assinar o documento de legalização do Instituto e Champagnat precisou aguardar a chegada de dias melhores para pleitear novamente a autorização. Enquanto isso, tratava de animar os Irmãos, pois estavam inquietos e temerosos, vendo as consequências da Revolução: símbolos religiosos destruídos, sacerdotes insultados e suas escolas ameaçadas de fechamento. Cansados de ouvir as ameaças sinistras dos libertinos, quando se deparavam com alguém de batina, alguns Irmãos sugeriram ao padre Champagnat que comprasse trajes civis para serem usados em caso de necessidade. Longe de atender ao pedido, ele argumentou que a mudança do traje não os defenderia, que seria a mesma coisa do que proteger-se com teias de aranha. Mais do que nunca deveriam colocar toda a sua confiança na proteção da Virgem Santíssima, pois ela é, segundo a Sagrada Escritura, “terrível para o inferno como exército em ordem de batalha”. Quanto a ele, estava despreocupado e não temia ameaças. Deixou o Bispo e os vigários-gerais admirados, quando, apesar dos tempos conturbados, lhes pediu permissão para acolher na vida religiosa mais um grupo de postulantes. Efetivamente, uma cerimônia de entrada no noviciado aconteceu no dia 15 de agosto daquele ano, festa da Assunção da Santíssima Virgem. Em outra ocasião, em um domingo, comunicaram-lhe que, à tarde, a casa seria invadida por um bando de revolucionários determinados em abater a cruz do campanário de l’Hermitage. Ele não se alterou nem um pouco com o boato; manteve o horário habitual da casa e, como de costume, às duas e meia da tarde, todos foram à capela para cantar as vésperas.

2º) Dado que as férias se aproximavam, algumas pessoas aconselharam o Fundador a não convocar os Irmãos para o

retiro, autorizando que fizessem o retiro e as férias nas próprias casas. Ele, no entanto, avaliando que a reunião dos Irmãos em l'Hermitage seria útil mais do que nunca, para confortá-los na vocação, não seguiu o conselho e acabou por realizar o retiro, como de costume, em l'Hermitage que, por sinal, foi um ótimo retiro. Em nenhum momento os Irmãos foram importunados. Quando as férias terminaram, cada um regressou tranquilamente para suas comunidades de trabalho. Apesar de artimanhas e contrariedades por parte das autoridades de alguns lugares, as escolas dos Irmãos continuaram a prosperar, como no passado.

3º) Todavia houve dificuldades na escola de Feurs, por causa de um Irmão que violou o regulamento que proíbe familiaridades com as crianças. Esse Irmão acabou sendo caluniado. O Prefeito, inimigo jurado dos Irmãos, depois de tê-los humilhado de mil maneiras, estabeleceu algumas condições muito exigentes para que a escola continuasse funcionando. Aquilo obrigou Champagnat, com grande pesar seu, a tomar a decisão de fechar a escola. Foi a primeira a ser fechada desde o começo da Congregação. Quanto à escola de Marlhes, de que já falamos anteriormente, tinha sido suspensa provisoriamente. Foi nessa época, março de 1831, que tive a felicidade de ingressar no noviciado!

*Portanto, nesta altura do meu relato, eu deveria falar do meu relacionamento com o Fundador; falar das virtudes que ele praticou durante os nove anos em que o tive como superior. Certamente isto seria muito interessante; entretanto, essa digressão prejudicaria o apanhado geral que estou fazendo sobre sua vida. Por isso pretendo escrever sobre isso mais adiante, dando-lhe título de Apêndice. Entretanto, espero que tudo o que estou relatando da vida do padre Champagnat seja considerado como confirmação daquilo que já sabemos e que nos foi transmitido por tradição.<sup>97</sup>*

<sup>97</sup> No manuscrito do Irmão Sylvestre este trecho está colocado numa das margens, mas com indicação de que o seu lugar é antes do 4º parágrafo. Quanto ao Apêndice, de que ele faz o anúncio, será o seu Terceiro Relato.

4º) Para compensar a perda do estabelecimento de Feurs, a Divina Providência proporcionou ao Fundador ocasião de abrir a escola de Côte-Saint-André, que forneceu para a Congregação numerosas vocações e abriu caminho para outras escolas importantes. O padre Douillet, respeitado sacerdote, era o superior do Seminário Menor daquela cidade; assemelhava-se ao padre Gardette em termos de regularidade. Ele havia tentado fundar uma Congregação semelhante à do padre Champagnat. Para tanto, reunira um grupo de jovens, preparando-os para atuarem na escola municipal. Depois, por julgar-se incapaz de levar avante essa obra e por estar aborrecido com as exigências do governo relativas à escola, resolveu oferecer sua pequena comunidade ao padre Champagnat. Ele viajou até Côte-Saint-André para estudar as condições e aceitou a oferta, pressentindo que aquilo era da vontade de Deus. Assim, alguns dias depois, o padre Douillet levou sua pequena comunidade, de seis ou sete membros, para l'Hermitage. Parece-me ainda vê-los entrarem no pátio da casa e serem recebidos com muita afabilidade. Ficaram encantados com tudo e não tiveram muita dificuldade para habituar-se. Então o Fundador enviou Irmãos para substituí-los na Côte-Saint-André. Graças à boa orientação que lhes deu o padre Douillet e à dedicação dos Irmãos, essa escola prosperou e alcançou tal reputação no Departamento do Isère, que Champagnat considerou tudo como visível manifestação da proteção divina sobre a Congregação, pelo grande número de candidatos que lhe chegaram daquele Departamento e pelas escolas que lá foram sendo abertas, cada ano.

## CAPÍTULO XII

# NOVAS TENTATIVAS PARA OBTER A AUTORIZAÇÃO GOVERNAMENTAL

Apesar de não conseguir o resultado pretendido, quero descrever a maneira singular e inesperada com a qual a Providência Divina o ajudou.

1º) Como vimos, a Congregação estava em franco progresso, com o noviciado sempre cheio de bons candidatos. Tornava-se necessária, cada vez mais, a obtenção da isenção do serviço militar para os Irmãos. Uma lei de 1833 dispensava somente os professores que tivessem o diploma, documento que não se obtinha facilmente. O padre Champagnat decidiu encaminhar um novo processo para obter do Governo o reconhecimento legal da Congregação. Atualizou os estatutos, deixando-os em conformidade com a nova lei e depois solicitou a um deputado, amigo do Instituto, que apresentasse o dossiê ao senhor Ministro. Ao mesmo tempo, determinou aos Irmãos que fizessem orações pelo bom êxito dessa importante questão. Embora a requisição tivesse sido acatada favoravelmente pelo Conselho da Universidade, o rei, por visível má vontade, recusou o deferimento.

2º) Então, que fez? Colocou toda a sua confiança no socorro do alto e logo teve uma resposta. Eis a maneira como foi atendido. Em um encontro providencial, ele conheceu o padre Mazelier, fundador de uma Congregação, em Saint-Paul-Trois-Châteaux, Departamento do Drôme. A Instituição tinha o objetivo de ministrar o ensino cristão à juventude e era uma Congregação com autorização legal para toda a região do Dauphiné; seus Irmãos e Noviços eram isentos do serviço militar. Após a obtenção do diploma, podiam permanecer ou não na Congregação, já que não tinham votos. Como os dois fundadores tinham o objetivo comum de trabalhar apenas para a maior glória de Deus, não tiveram dificuldades em se entender e acertaram o seguinte arranjo. O padre Champagnat enviaria a Saint-Paul-Trois-Châteaux os Irmãos que estariam sujeitos à lei do serviço



militar. Ficariam lá, como se fossem daquela Congregação, até a obtenção do diploma. Depois, voltariam para l'Hermitage ou para as escolas. Assim foi feito e a nossa Congregação continuou a funcionar normalmente, como se tivesse sido autorizada.

3º) O que é surpreendente, no entanto, é a constatação de que a lei de 1833, que tinha o objetivo de dificultar a atuação nas escolas das congregações religiosas, produziu o efeito contrário. Isso aconteceu porque, obrigado a formar os professores em suas Escolas Normais, o Estado acabou por jogar na sociedade um punhado de professores sem religião, interessados apenas em seus ganhos. Eram o flagelo das comunidades e causavam desgosto nas paróquias. Por causa desse mal-estar, muitos párocos e prefeitos continuaram a dirigir-se ao padre Champagnat, pedindo-lhe com insistência que lhes mandasse Irmãos para suas escolas, pois queriam educação cristã para as crianças. Desse modo, apesar da falta de autorização legal, as escolas continuaram prosperando. Com frequência o padre Champagnat recebia elogios dos párocos, que ressaltavam a piedade dos Irmãos e a boa educação que ministravam.

**CAPÍTULO XIII**

**A CONGREGAÇÃO CORRE O RISCO DE  
PERDER SUA IDENTIDADE E EXISTÊNCIA**

1º) É sabido que Deus não deixa seus santos sem provações por muito tempo; é seu modo habitual de recompensá-los. Aconteceu para Champagnat que, exatamente quando recebia elogios e cumprimentos por sua obra, o demônio do meio-dia tramava a sua ruína.

O padre Pompallier, que era capelão em l'Hermitage, embora constatasse o progresso da Congregação, começou a imaginar que ela se encaminhava para a decadência e que a maneira de governar do padre Champagnat acabaria por minar-lhe a vitalidade, provocando sua ruína. Essa ideia dominou-o tanto, que logo se transformou em firme convicção, fazendo com que acreditasse que era seu dever comunicá-la aos superiores do arcebispado. Em sua acusação, relatou que Champagnat, apesar de ser modelo de piedade e de virtude, não tinha talento algum como administrador e como formador de religiosos educadores. Aquilo era evidente, segundo seu modo de pensar, porque o venerando padre se ocupava quase exclusivamente com trabalhos manuais. O padre Pompallier não percebia que eram as orações do Fundador que atraíam as bênçãos do céu sobre toda a Congregação, fazendo-a prosperar.

Por fim, esse capelão concluía seu parecer, sugerindo ao bispo a união da comunidade do padre Champagnat com a Congregação dos Clérigos de Saint-Viateur, cujo noviciado funcionava em Vourles, sua paróquia natal. Diga-se de passagem que aquela comunidade de Sain-Viateur, embora dedicada ao ensino, também exercia algumas funções eclesiásticas; além disso, o seu regulamento e o seu modo de trajar eram diferentes dos Irmãos de Maria.

2º) Vendo a sinceridade com que o padre Pompallier fazia aquelas observações, Dom Gaston de Pins encarregou-o de tratar do assunto com o padre Querbes, fundador dos Clérigos de Saint-Viateur e, ao mesmo tempo, pároco de Vourles. O bispo acreditou nele, porque o padre Pompallier era um sacerdote provector, como

eu mesmo tive ocasião de comprovar durante o tempo de meu noviciado em l'Hermitage. Nesse meio tempo, o prelado mandou chamar o padre Champagnat para manifestar-lhe seu desejo de unir os Pequenos Irmãos de Maria com os Clérigos de Saint-Viateur, sem expor-lhe, diretamente, as observações apresentadas pelo padre Pompallier. Alegava, isto sim, a falta de autorização legal da nossa Congregação, enquanto a do padre Querbes já era autorizada oficialmente. O padre Champagnat, estupefato com proposta tão inesperada, em um primeiro momento mostrou-se disposto em obedecer. Depois, permitiu-se apresentar ao prelado as dificuldades que adviriam de tal união, pois haveria a perda da identidade das duas comunidades, visto que as normas e regulamentos, a maneira de trajar, o modo de vida e até os objetivos eram muito diferentes nas duas congregações. Quanto à isenção do serviço militar, relatou ao senhor bispo o modo como a Divina Providência lhe tinha propiciado solução, através dos entendimentos com o padre Mazelier, superior dos Irmãos de Saint-Paul-Trois-Châteaux.

3º) Apesar daquelas ponderadas justificativas, o bispo pediu-lhe que refletisse sobre a proposta, por ser assunto importante. Naquela ocasião, Champagnat também foi muito pressionado por um dos vigários-gerais, que insistia em que ele obedecesse ao desejo do bispo. Foi em vão! O padre Champagnat permaneceu firme em suas objeções. Por fim, tendo recebido melhores informações, o prelado compreendeu que o Fundador tinha razão. Convidou-o para almoçar no arcebispado e lhe disse, claramente, que tinha sido mal informado a seu respeito; felicitou-o por ter dado provas de bom senso, opondo-se à pretendida reunião. Mais tarde, ao ver nossa Congregação bem desenvolvida, Dom Gaston de Pins dizia que se arrependeria muitíssimo daquela possível união, pois a Congregação não se teria mantido conforme o padre Champagnat a tinha fundado.

**CAPÍTULO XIV**  
**IMPRESSÃO DAS REGRAS**

1º) As Regras impressas de um Instituto Religioso são como brasão que faz com que as Congregações se distingam umas das outras. Diante do fato que narramos no capítulo anterior, se o venerando padre as tivesse já impressas, disporia de uma razão a mais para opor-se à estranha fusão que o padre Pompallier propunha. Champagnat justificou o seu propósito de imprimir as Regras no fato de que as casas do Instituto cresciam em número e que era cada vez mais difícil manter exatidão e igualdade nos manuscritos das Regras<sup>98</sup> para todas elas. Quis imprimi-las, portanto, porque sabia que constituiriam meio seguro para obtenção da uniformidade em toda a Congregação. Finalmente, quando se decidiu, mandou imprimir apenas os regulamentos que já estavam consolidados pelo uso e pela experiência, com a ressalva de que, posteriormente, poderiam ser modificados e complementados, segundo a necessidade e as circunstâncias.

2º) Embora fossem poucas, sem muito detalhamento, antes de imprimir quis revisar todas elas, consultando os Irmãos nas reuniões costumeiras das férias, ou solicitando o parecer pessoal dos principais Irmãos sobre a adoção de certos artigos. Fez mais: reuniu-se com Irmãos capacitados, durante meio ano, empregando várias horas por dia, quando possível, para discutir cada artigo, separadamente. Para itens importantes, que suscitavam discussões, adiava a tomada de decisão, examinava, rezava, mortificava-se e até jejuava, para assegurar-se da vontade de Deus.

3º) Depois que tudo tinha sido cuidadosamente discutido, submeteu o manuscrito a algumas pessoas esclarecidas, capazes de dar sua apreciação sob outros pontos de vista. Acharam tudo bem ordenado, faltando apenas alguns detalhes. Ele não ignorava isso, pois fizera o essencial do regulamento, deixando os detalhes para serem acrescentados posteriormente, à medida que fossem confirmados pela experiência. Era um regulamen-

<sup>98</sup> Manuscritos referentes às Regras existiam já antes de 1837. (“Origines des Frères Maristes”, volume I, doc. 28)

to resumido; ainda não aprofundava normas para o governo do Instituto, as obrigações dos votos e as maneiras de bem educar os alunos. Eram assuntos que ele pretendia desenvolver ainda. Tanto isso é verdade que, não tendo conseguido redigir tais normas em vida, foi em seu leito de morte que encarregou o Irmão Francisco e seu Conselho de tratarem disso. Quando enviou as Regras impressas aos Irmãos, recomendou-lhes que as acatassem como expressão da vontade de Deus, como caminho que os levaria ao céu; contudo deixou claro que não pretendia obrigar os Irmãos a cumpri-las sob pena de pecado. Disse apenas que a violação de algum artigo sempre seria prejudicial à perfeição religiosa.

**CAPÍTULO XV**

**DEDICAÇÃO DO PADRE CHAMPAGNAT EM  
FAVOR DO RAMO DOS PADRES MARISTAS**



Depois da impressão das Regras, que era um de seus ardentes desejos, começou a dedicar-se a dois assuntos de grande importância: a autorização governamental definitiva da Congregação e a aprovação dos Padres Maristas por parte da Santa Sé. Vou empregar um capítulo para cada assunto, começando pelo que se refere aos Padres Maristas.

1º) Pelo que sabemos por tradição e por tudo o que eu mesmo vi e ouvi a respeito dos trabalhos do padre Champagnat em favor dos Padres Maristas, não tenho nenhum receio de afirmar que ele bem merece o título de cofundador da Sociedade dos Padres Maristas. Para comprovar isso, é preciso voltar vinte anos no tempo e recordar aquilo que escrevi no capítulo segundo.<sup>99</sup> No seminário maior, entre aqueles que tinham tido a ideia de fundar uma sociedade de religiosos com o nome de Maria, os líderes principais eram Colin e Champagnat. Aqueles piedosos seminaristas, para se comprometerem, tinham acordado manter correspondência entre si, dos diversos lugares em que estivessem depois da ordenação. Em 1823, a diocese de Belley, que até então fazia parte da diocese de Lião, voltou a ser independente. Isso fez com que os membros do grupo ficassem divididos em duas dioceses diferentes, o mesmo acontecendo com os seus dois principais líderes. O padre Champagnat ficou na diocese de Lião, em l'Hermitage, à frente da Congregação dos Irmãos, enquanto o padre Colin ficou na diocese de Belley, como superior do seminário menor daquela diocese. Compreende-se facilmente, portanto, que os membros da futura Sociedade de Maria, que tinham ficado na diocese de Lião, se agrupassem ao redor do padre Champagnat, e aqueles que tinham ficado na diocese de Belley formassem grupo com o padre Colin. Mas, nos dois grupos, o pensamento comum era reunirem-se em uma comunidade só, quando possível.

<sup>99</sup> É o Capítulo II deste Segundo Relato, parágrafos de 7 a 10.

2º) Por sua humildade, o padre Champagnat reconhecia o padre Colin como superior, acatando seu parecer. Procurava encontrar meios apropriados para reunir seu grupo de Lião com o grupo do padre Colin. Ora, o padre Colin fazia outro tanto com o grupo da diocese de Belley. E foi da reunião desses dois grupos que se formou a Sociedade dos Padres Maristas. Vejamos, agora, tudo quanto fez o padre Champagnat, na diocese de Lião, para chegar à concretização disso. Pelo muito que fez, será fácil demonstrar que ele tem muito mérito e que se justifica o título de cofundador que lhe atribuo.

3º) Recordemos que, depois da construção de l'Hermitage, dois sacerdotes do grupo inicial foram juntar-se ao padre Champagnat. Eram eles o padre Courveille e o padre Terraillon. Já falamos da triste história de Courveille. Quanto a Terraillon, tendo-se ele desgostado do trabalho em l'Hermitage, afastou-se e acabou sendo nomeado vigário da paróquia de Notre Dame, em Saint-Chamond. Assim, depois das férias de 1826, o padre Champagnat estava sozinho. A obra da Sociedade, com a saída deles, parecia muito comprometida na diocese de Lião. Aliás, embora erradamente, atribuía-se ao padre Champagnat a causa dessas saídas e desistências. Então, quem iria substituí-los?

4º) Sempre confiante na Divina Providência, o padre Champagnat não desanimou. Depois de muito rezar e refletir, como era seu costume em momentos difíceis, escreveu ao Bispo, solicitando-lhe ajuda. Antes, porém, entrevistou-se com o padre Gardette, para relatar-lhe sua triste situação e pedir-lhe apoio na requisição que fazia junto ao prelado. Na ocasião, escreveu também ao padre Barou, vigário-geral, com quem mantinha boas relações. Destas cartas relativas à obra dos padres, cujos originais estão nos arquivos do Instituto, para abreviar, cito apenas os dados mais singificativos. Ao padre Barou ele manifesta grande

mágoa por causa da saída dos seus dois adjuntos. Comunica-lhe que, estando com dezesseis escolas sob sua responsabilidade, terá dificuldades para visitá-las; diz serem necessárias tais visitas para certificar-se da observância regular por parte dos Irmãos e para tratar com as autoridades etc. Sente-se impossibilitado de fazer estas visitas porque, em l’Hermitage, o cuidado de tudo quanto se refere ao espiritual, bem como do material, absorve-lhe todo o tempo. Termina a carta solicitando como ajudante o padre Séon, professor na escola de Saint-Chamond, sacerdote que demonstrava afeição pela casa e pelos Irmãos.

5º) O padre Champagnat, depois de interessar em seu favor o padre Gardette e o vigário-geral, escreveu ao arcebispo. Na carta, mostra sofrimento ao falar da triste situação em que se encontra a obra dos Padres Maristas na diocese. Reitera a confiança na compreensão do bispo, lembrando que ele sempre protegeu a obra, essa mesma obra que o demônio, agora, tenta destruir. Afirma não estar desanimado e que continua confiando em Jesus e Maria. Termina manifestando a esperança de que o arcebispo ficará sensibilizado com a situação descrita e com as informações que também lhe passaram os padres Gardette e Barou. Como muito desejasse ter o padre Séon como adjunto, o Fundador foi encontrar-se com o padre Barou, vigário-geral, dizendo-lhe com convicção que, “assim como Deus quer a obra dos Irmãos, pois a prosperidade da Congregação o comprova, assim também quer a obra dos Padres”. Insistiu em ter o padre Séon em l’Hermitage, acreditando ser esta a vontade de Deus. Então, ambos se ajoelharam e rezaram com fervor. Depois, ao se levantar, o vigário-geral, esclarecido por grande luz interior, como ele mesmo revelou mais tarde, disse ao Fundador: “O senhor terá o padre Séon; vou falar deste assunto hoje mesmo com o arcebispo”.

6º) Efetivamente o padre Séon foi enviado como ajudante do padre Champagnat. Era sacerdote piedoso, dedicado, de juízo reto, que lhe prestou grandes serviços, seja na direção dos Irmãos, seja na administração dos bens materiais. Algum tempo depois, o diácono Bourdin, sacerdote de grande futuro, o padre Pompallier, de quem já falamos, e o diácono Chanut vieram juntar-se ao padre Champagnat. Enquanto isso, na diocese de Belley, outros sacerdotes faziam o mesmo, agrupando-se junto ao padre Colin. O que lhes faltava era conseguir a reunião dos dois grupos, determinando um centro comum para isso. O padre Champagnat propusera fazê-lo em segredo, mas o padre Colin não aceitou tal procedimento. Como a maior dificuldade para reunir os dois grupos estava na diocese de Lião, o padre Colin encarregou o padre Champagnat de resolver o assunto.

7º) Ele aceitou o encargo de boa vontade e logo pôs mãos à obra. Escreveu várias cartas e empreendeu muitas viagens até o arcebispado para tratar da reunião dos Padres Maristas de l'Hermitage com os de Belley, a fim de que, reunidos em um só grupo, pudessem escolher o superior de ambos. Em uma das cartas ao padre Cattet, vigário-geral, agradece o seu grande interesse em favor da obra dos Irmãos, dizendo-lhe que a obra dos Irmãos nada mais é do que um ramo da Sociedade dos Padres Maristas e que esta última é que está destinada a ser, efetivamente, a Sociedade de Maria. Afirma que está dedicando-se há quinze anos à Sociedade de Maria, sem duvidar de que se trata de obra querida por Deus. Ao finalizar, pede-lhe que, conforme promessa feita anteriormente, autorize a fazer parte da Sociedade os sacerdotes que manifestarem interesse, desde que tenham as condições requeridas para tal vocação.

8º) O padre Cattet relatou ao bispo os termos da carta do padre Champagnat; também relatou o progresso e a prosperidade do

ramo dos Irmãos. Então, Sua Excelência concordou com o pedido do padre Champagnat, consentindo que os padres de l'Hermitage entrassem em acordo com os de Belley, para a escolha de um superior. O padre Cholleton, quando diretor do seminário maior, tinha apoiado as reuniões do grupo que planejava a Sociedade de Maria; ele foi designado por Dom Gaston de Pins para encarregar-se dos assuntos da nova Congregação, em substituição do padre Cattet. Desde então, diminuíram as dificuldades para a busca de unidade nos dois grupos, objetivo que se tornava necessário, por causa dos acontecimentos de 1830.

9º) Conseguida tal autorização, o padre Champagnat combinou com o padre Colin que os padres do grupo de l'Hermitage iriam a Belley, para eleger um deles como centralizador dos dois grupos. Foram para Belley, portanto, onde fizeram um retiro de oito dias e elegeram o padre Colin. Desde os tempos do seminário maior, muitos já o consideravam como diretor. Foi eleito como centralizador dos dois grupos, não como superior propriamente dito, pois como superior legítimo, reconheciam tão somente o bispo de suas respectivas dioceses. Pelo que acabo de dizer, vê-se que o padre Champagnat foi o principal promotor da reunião dos dois grupos, dando início à Congregação dos Padres Maristas. Seu zelo em promovê-la era tão forte que o padre Colin, mais calmo, o convidara, diversas vezes, a moderar-se.

10º) Isso era tão notório, que alguns Irmãos pareciam melindrados com essa grande dedicação à obra dos padres. A um Irmão, que lhe objetara ter sido escolhido pela Divina Providência somente para a obra dos Irmãos e que Deus não lhe pedia aquela dedicação extra, ele respondeu que estava disposto a dar sangue e vida pela obra dos Irmãos, mas compreendia que

a obra dos padres era necessária e que, portanto, até o seu último suspiro, trabalharia para que alcançasse êxito. O Irmão retrucou, fazendo-lhe ver que, por causa da sua grande predileção pela Congregação dos padres, outros Irmãos mostravam-se ciumentos. Respondeu que não era motivo para estarem assim; que Deus queria as duas obras; que seriam abençoados na proporção em que trabalhassem pela união mútua. Disse ainda que pertencia à Sociedade de Maria e que, por isso, não deixaria de consagrar-lhe seus esforços por toda a vida.

11º) Depois da eleição do reverendo padre Colin, os padres de l'Hermitage, junto com o padre Champagnat, voltaram para a diocese de Lião onde estavam disponíveis para ajudar na condução dos Irmãos, para ajudar nas paróquias ou promover missões populares na diocese.

12º) Uma propriedade, denominada Grange-Payre, tinha sido doada ao padre Champagnat por sua proprietária, piedosa senhora. Champagnat achou que o local conviria muito bem para estabelecer a comunidade dos padres, separando-os dos Irmãos, pois seu ministério e seus regulamentos eram diferentes. O senhor bispo e o padre Colin gostaram da proposta. Quando o projeto estava para ser concretizado, o padre Rouchon, pároco de Valbenoîte, que acabara de adquirir o convento dos beneditinos, ofereceu suas dependências para o grupo dos Padres Maristas, desde que aceitassem ajudá-lo nos serviços da paróquia. A proposta foi aceita e o padre Séon foi designado superior da comunidade de Valbenoîte. Os padres Bourdin e Chanut foram nomeados professores no seminário menor de Belley e substituídos em l'Hermitage pelos padres Servant e Forest. Algum tempo depois, eles foram substituídos pelos padres Matricon e Besson. Posso afirmar que estes dois últimos foram de grande ajuda ao padre Champagnat e que

ficaram com ele até à morte. Conheci todos esses bons padres. Certifico que foram verdadeiros discípulos do padre Champagnat, pois praticavam a humildade, a simplicidade e o espírito de família, virtudes que ele lhes inspirava, o que se tornou característica própria da Sociedade dos Padres Maristas e dos Pequenos Irmãos de Maria.

13º) Enquanto o padre Champagnat se dedicava com zelo ardente à obra dos padres, o padre Colin, com não menos esmero, após sua eleição como superior geral, trabalhava em prol da aprovação da Sociedade dos Padres Maristas pela Santa Sé. Esta importante aprovação era ardente aspiração do Fundador, que a julgava necessária e suficiente naquele momento, enquanto aguardava que acontecesse, mais tarde, a mesma aprovação para os Irmãos. Isto aconteceu somente após sua morte, quando os dois ramos, dos Padres e dos Irmãos, ficaram separados. Até então, ele queria que todos os Irmãos, mais na teoria do que na prática, considerassem o padre Colin como Superior Geral.

Depois de munir-se de todos os documentos necessários, o padre Colin viajou para a Cidade Eterna com o objetivo de solicitar o reconhecimento oficial da Igreja, aprovação absolutamente necessária, pois a Sociedade apresentava seus membros como missionários, disponíveis para todo o mundo católico. A documentação levada a Roma, como de costume, foi submetida a longo e sério exame na Congregação dos Bispos e Regulares.

14º) Enquanto se aguardava com impaciência o resultado do processo que o padre Colin apresentara em Roma, o venerando padre nos fazia rezar muito por esta intenção. Finalmente, em 11 de março de 1836, Sua Santidade, Gregório XVI, publicou o Breve de autorização<sup>100</sup>, confiando à Sociedade dos Padres as missões da Polinésia. Posso afirmar que Champagnat ficou tão

<sup>100</sup> Na verdade, o Breve de aprovação “Omnium Gentium”, de Gregório XVI, é de 29 de abril de 1836. (cfr. “Origines Maristes”, doc. 384)

feliz ao receber essa notícia que, imediatamente, no-la comunicou, deixando entrever o grande contentamento que sentia no coração. Depois, sem demora, escreveu ao padre Colin, solicitando-lhe permissão para emitir os votos religiosos. Como resposta, o padre Colin disse-lhe que, embora o Breve pontifício autorizasse a eleição de um Superior Geral, ele não se considerava apto a receber os votos de religião, porque a sua escolha como superior era anterior ao Breve de autorização. Disse-lhe ainda que estava muito edificado com suas disposições e que aguardava o mesmo dos demais padres.

15º) Provavelmente, tendo sido escolhido como superior naquela primeira eleição, o padre Colin poderia ter aceito o pedido do padre Champagnat. Entretanto, em sua humildade, ponderou que para receber os votos religiosos, seria necessária a eleição canônica. Então, no retiro daquele ano, estando os padres reunidos em Belley, pediu que se procedesse a uma nova eleição, obedecendo às diretivas do Breve pontifício; ele mesmo, na ocasião, demitiu-se do cargo de superior, que vinha ocupando até então. No encerramento do retiro, procedeu-se à eleição e, por unanimidade de sufrágios, o padre Colin foi confirmado no cargo de superior geral. Alguns até pensaram em votar no padre Champagnat, mas compreenderam que a obra dos Irmãos, por ele fundada, ocupava-o muito e que, encarregar-se também dos padres, seria demais. Sabiam também que, se fosse eleito, sua humildade e obediência entrariam em conflito, provocando-lhe grande embaraço. Todavia, como prova de reconhecimento pela dedicação em prol da concretização da Sociedade dos Padres Maristas, foi nomeado assistente do padre Colin. Naquela ocasião, seguindo o desejo que já expressara antes, emitiu os votos religiosos com indescritível contentamento. Então, a seu exemplo, os demais padres também o imitaram.



16º) Estando a Sociedade dos Padres Maristas constituída e aprovada pela Santa Sé, eu pergunto: “Quem conduziu a bom termo essa obra?” Evidentemente, foram os padres Champagnat e Colin. Portanto, se este último é considerado fundador, não se deveria considerar o padre Champagnat cofundador, tendo em vista tudo quanto fez e que eu relatei neste capítulo? Depois da eleição do padre Colin, o estimado Fundador regressou a l’Hermitage para iniciar a preparação do retiro anual e para acolher os Irmãos das escolas. Recordo muito bem que o Fundador nunca esteve tão enternecedor e comovente em suas conferências, avisos e exortações, como no retiro daquele ano.

17º) A Santa Sé, conforme dissemos anteriormente, confiara a missão da Polinésia à Sociedade de Maria. Para o primeiro grupo de missionários, o padre Champagnat forneceu três Irmãos, na qualidade de ajudantes dos padres.<sup>101</sup> O padre Pompallier foi sagrado bispo e nomeado superior da missão. Há muito tempo, tinham-se dissipado os seus preconceitos contra o padre Champagnat. Agora, mais do que nunca, apreciava o Fundador e a boa direção que era dada à Congregação. Dos quatro sacerdotes que embarcaram para a missão, três tinham sido formados pelo padre Champagnat, em l’Hermitage, a saber: Dom Jean-Baptiste François Pompallier, o padre Servant e o padre Forest. Eis os outros sacerdotes que foram recrutados pelo Fundador, que passaram por l’Hermitage, que receberam sua influência e formação: padres Séon, Bourdin, Chanut, Matricon, Besson e Terrillon. Este último, acolhendo os pedidos do venerando padre, deixara a sua paróquia de Notre Dame, em Saint-Chamond, para voltar à Sociedade. O padre Champagnat experimentou grande satisfação ao ver estes nove sacerdotes se ligarem definitivamente à Sociedade de Maria pelos três votos perpétuos.

<sup>101</sup> Os três Irmãos são: Mariae-Nizier, (J.B.Delorme,) companheiro do P. Chanel, que ingressou na Congregação com 16 anos e que faleceu em Londres, em 1874, ao regressar das missões; Joseph-Xavier, (J.M.Luzy), que ingressou com 30 anos e que faleceu em 1873, em Vila Maria, Nova Zelândia; Michel (Antoine Colombon), que ingressou com 19 anos, mas que não perseverou como religioso.

18º) Quando viu partir o primeiro grupo de missionários, enviados pela Sociedade de Maria para a evangelização dos povos selvagens da Polinésia, Champagnat sentiu grande desejo de acompanhá-los. Comunicou seus sentimentos ao padre Colin. Este, admirando-lhe o zelo, fez-lhe compreender que sua missão não era evangelizar os infiéis diretamente, mas formar apóstolos para tal missão. O padre Champagnat não insistiu, achando não ser digno de tal favor. Em sua humildade, dizia: “Não me querem para isso, porque sabem que não presto para nada”. Em compensação, esmerava-se na tarefa de preparar bons Irmãos para as missões; pedia que rezássemos muito pelo bom êxito das missões. Nas palestras, ao nos falar disso, dizia que devíamos agradecer ao Senhor a graça concedida à Sociedade de Maria de evangelizar os infiéis, pois, por causa desta obra de misericórdia espiritual, muitas bênçãos seriam derramadas sobre o Instituto. Ele nos assegurava que haveria mártires nas missões e que gostaria de ser um deles. Considerava obrigação nossa rezar muito pela salvação dos infiéis da Polinésia, pois tinha sido a Santíssima Virgem que encarregara a Sociedade de Maria de trabalhar pela conversão deles.

19º) Como conclusão deste capítulo quero dizer que, antes de partir para as missões, o bispo Pompallier, no retiro de 1836, benzeu a nova capela, recém-construída pelo padre Champagnat; ela completava as construções anteriores. O Fundador trabalhara ativamente em tudo, fazendo-se de pedreiro sempre que dispunha de algum tempo livre. Ao terminar estas várias ampliações, sobretudo da capela, talvez pressentindo a morte, deixou escapar estas palavras: “É a última construção que faço.” Eu estava presente na cerimônia da bênção da nova capela e parece-me ter ouvido, pessoalmente, pronunciar tais palavras. Foi uma profecia, porque oito meses depois ele faleceu.<sup>102</sup>

<sup>102</sup> Parece haver confusão na memória do Irmão Sylvestre, dado que o padre Champagnat faleceu em 1840, três anos e meio após a finalização da capela e não oito meses depois. O Irmão Jean-Bapiste Furet também recorda a mesma frase, dizendo que Champagnat a teria pronunciado em 1836, por ocasião da bênção da nova capela de l'Hermitage. (Biografia de Marcelino J. B. Champagnat, p.196)

**CAPÍTULO XVI**

**ÚLTIMAS TENTATIVAS PARA CONSEGUIR  
A AUTORIZAÇÃO GOVERNAMENTAL**

1º) Já relatei os dois pensamentos que mais preocupavam o padre Champagnat, depois da impressão das Regras: o reconhecimento legal do Instituto e a autorização dos Padres Maristas pela Santa Sé. No capítulo anterior mostrei o que ele fez, relativamente ao segundo assunto. Agora pretendo escrever sobre o grande esforço que despendeu para conseguir a autorização legal, embora todos os seus trabalhos e fadigas não lhe tenham permitido chegar a bom termo. Aquilo que nos foi ensinado por tradição, os escritos existentes sobre o assunto, mais o meu testemunho pessoal, tudo vai servir para isso que me proponho escrever.

2º) Em 1836, alguns Irmãos e noviços estavam sujeitos a serem convocados para o serviço militar. Era necessário isentá-los. Conseguia-se isso enviando-os a Saint-Paul-Trois-Châteaux. Mas havia certos inconvenientes, fáceis de compreender. Por assim dizer, eram Irmãos sob tutela, colocados em outra Congregação. Por saber que o governo interpunha menos dificuldades para isentar do serviço militar os membros das Congregações autorizadas para o ensino, o padre Champagnat julgou conveniente recomençar as tentativas nesse sentido, tal como já o havia feito de 1829 a 1834. Depois de rezar e pedir muitas orações nessa intenção, no dia 19 de agosto de 1836, viajou à capital. Infelizmente, ao chegar a Paris, soube que o senhor Sauzet, então Ministro da Instrução Pública, com quem contava encontrar-se, não estava mais no governo; todo o Ministério acabava de ser mudado. Foi obrigado a regressar a l'Hermitage.

5º)<sup>103</sup> Em 1838, munido de cartas de recomendação, viajou novamente a Paris, confiando ter melhor sorte. O então Ministro da Instrução Pública, senhor Salvandy, que estava determinado a não conceder a autorização, não queria, entretanto, recusá-la abertamente, como tinha feito o senhor Guizot, em 1834. Fez com que o assunto se arrastasse por

<sup>103</sup> No original do Irmão Sylvestre, na numeração dos parágrafos que seguem, os números 3, 4 e 6 faltam; no entanto não há interrupção na narrativa.

muito tempo, apresentando sempre novas exigências ao padre Champagnat, com a finalidade de fazê-lo desistir. Na carta de 23 de janeiro de 1838, que o Fundador enviou a l'Hermitage, afirmava que o processo avançava muito lentamente; dizia estar determinado a prosseguir até o fim; que se ocupava continuamente do assunto; que não cessava de visitar pessoas influentes; que procurava marcar audiência com o Ministro, mas que ele, por uma razão ou outra, sempre estava indisponível. Na ocasião em que, finalmente, conseguiu ser atendido, o Ministro lhe disse que o dossiê estava incompleto. Depois, quando os documentos faltantes foram anexados, o Ministro alegou que, antes de tudo, o processo deveria passar pela aprovação do Conselho da Instrução Pública ou Conselho da Universidade. Imagine-se o espanto do Fundador que, até então, não ouvira falar do tal Conselho. Embora lhe fosse garantido que tudo estaria concluído em três semanas, ele desconfiou de uma espera maior e começou a admitir que havia má vontade da parte do Ministro; que este não iria aprovar o requerimento. Em outra carta dizia que, por graça de Deus, estava bem de saúde, apesar das muitas correrias; aquilo que o inquietava era a demora do senhor Ministro em pronunciar-se sobre o caso; que a causa da sua inquietação era a situação de quatro Irmãos que poderiam ser convocados para o serviço militar naquele ano; que ele não os tinha destinado para Saint-Paul-trois-Châteaux na esperança de que obteria a autorização governamental em tempo.

7º) Champagnat conseguiu ter contato com cada um dos conselheiros da Instrução Pública. Assim, quando seu requerimento chegou ao Conselho, a maioria se pronunciou favorável à sua aprovação. Pensava, portanto, que todas as peças estavam em ordem. Até mesmo o senhor Lachèze, deputado pelo Departamento do Loire, que, juntamente com outros deputados tinha trabalhado muito nesta causa, dizia ao padre Champagnat

que apostava dez contra um que a aprovação sairia. Realmente, o que faltava era apenas a boa vontade do Ministro para formular a ordem e fazer com que o rei a assinasse. Mas, como já dissemos anteriormente, o senhor Ministro não tinha nenhuma vontade de conceder a autorização. Isso ficou comprovado mais adiante, em 1849, após a morte do Fundador, quando foram feitas novas tentativas, e o processo logrou pleno êxito. Foi a confirmação das palavras que o padre Champagnat disse aos Irmãos, em seu leito de morte, expressando o pesar de não ver a Congregação autorizada legalmente: “Fiquem certos de que a autorização não lhes fará falta; ela será concedida quando for absolutamente indispensável.”

8º) Portanto, apesar das palavras encorajadoras do senhor Lachèze e de outros que lhe sugeriam de retornar a l’Hermitage, pois a autorização lhe seria enviada logo após, ele desconfiava de tais promessas e, escrevendo a l’Hermitage, dizia que, mais do que nunca, era preciso rezar o “*Nisi Dominus aedificaverit domum*”<sup>104</sup>. Terminava, declarando-se submisso à vontade de Deus e recomendando aos Irmãos que continuassem rezando muito por essa intenção.

9º) O senhor Salvandy, não sabendo mais o que fazer para dificultar o processo, pois percebia que as instâncias de Paris não eram contrárias àquele pedido, mudou de tática e declarou ao Fundador que, antes de redigir o documento de autorização, precisava consultar os prefeitos dos departamentos do Rhône e do Loire, para saber se eles não se opunham à autorização da Congregação. Dois meses depois, as duas prefeituras consultadas tinham aprovado o pedido do padre Champagnat e os documentos referentes a isso tinham sido protocolados no Ministério. Não havia mais nada a contestar. Então o Ministro recorreu à astúcia. Disse ao Fundador que precisava conhecer o parecer do Superior Geral dos Irmãos das Escolas Cristãs, porque,

<sup>104</sup> Frase inicial do salmo 127: “Se o Senhor não construir a casa, em vão trabalharão seus construtores.”

no caso de autorizar, receava prejudicar aquela Congregação. O venerando padre, portanto, solicitou tal parecer. Embora expressando algumas ideias que pareciam concordar com o Ministro, a resposta obtida foi favorável à autorização. Então, vencido também neste ponto, o senhor Salvandy recorreu a outra astúcia. Sabendo que Champagnat prezava muito os estatutos e regulamentos da Congregação, deu-lhe a entender que se ele utilizasse os estatutos de outra congregação já autorizada, seria mais fácil atender-lhe o requerimento. Champagnat retrucou, dizendo-lhe que os estatutos da Congregação estavam aprovados pelo Conselho da Instrução Pública. O Ministro, que ignorava isso, não soube mais o que responder.

10º) Contudo, ainda dispunha de uma última cartada, que julgava invencível. Disse ao Fundador que os pareceres favoráveis dos prefeitos do Loire e do Rhône não eram suficientes; eram necessários os pareceres dos Conselhos Gerais daqueles dois Departamentos. A razão daquela exigência é fácil de compreender: o Ministro tinha influência direta sobre esses conselheiros e, em consequência, o parecer deles estaria de acordo com o que ele pensava. Contra sua expectativa, o Conselho Geral do Departamento do Loire pronunciou-se pela autorização. Entretanto, o Conselho Geral do Departamento do Rhône deu parecer contrário! Então, baseando-se nesta única razão, o Ministro recusou o deferimento. Foi o último ato das representações impostas ao padre Champagnat pelo senhor Salvandy, exigindo-lhe longas e penosas caminhadas pelas ruas da capital, porque por espírito de pobreza, normalmente se deslocava a pé. Tantas decepções, incômodos e privações alteraram visivelmente seu temperamento robusto; essas frustrações foram o início da doença que o levou, a passos largos, à sepultura.

11º) Antes de deixar Paris, escreveu nova carta, cujo texto ainda temos em l'Hermitage. Afirma que, segundo suas previsões, o

requerimento tinha sido rejeitado; que ele não estava desanimado, porque tinha certeza de que a autorização viria no momento aprazado, isto é, quando fosse absolutamente indispensável. Vimos, anteriormente, que repetiu essas mesmas palavras em seu leito de morte. As suas palavras se tornaram realidade em 1850.<sup>105</sup>

12º) Qual era o estilo de vida do estimado padre em Paris, quando não estava ocupado nessas constantes e penosas andanças? Eis o que se pode dizer, segundo o que foi transmitido por tradição e segundo o testemunho de um Irmão que o tinha acompanhado na viagem.<sup>106</sup> Alojava-se no Seminário das Missões Estrangeiras porque lá, segundo dizia, comprazia-se com a regularidade e o bom espírito dos seus moradores. Sabemos, por outro lado, que ele próprio era modelo de piedade, regularidade, caridade, humildade, modéstia e mortificação para todos os bons sacerdotes daquela casa. Quando tinha momentos livres, rezava, lia ou visitava igrejas, sobretudo as dedicadas à Santíssima Virgem. Os monumentos profanos, assim como as outras maravilhas da capital, não lhe despertavam a curiosidade. É por isso que, em uma das palestras que nos deu, afirmava que tinha sido fácil para ele viver recolhido nas ruas de Paris, tanto quanto nos bosques silenciosos de l'Hermitage.

13º) Seu lazer consistia em dirigir-se à escola de surdos-mudos, para aprender seu método de ensino, e poder transmiti-lo, depois, aos Irmãos. O padre Dubois, superior do Seminário das Missões Estrangeiras, sacerdote de comprovada virtude, elogiando o Fundador, assim dizia a um Irmão: “É o homem mais virtuoso que conheci; nunca vi tamanha humildade, mortificação e resignação à vontade de Deus. Ele encanta e edifica todos os nossos jovens padres; eles disputam o privilégio de servi-lo na celebração da missa.”

<sup>105</sup> Data incorreta. A Congregação dos Pequenos Irmãos de Maria foi aprovada pelo governo francês em 20 de junho de 1851.

<sup>106</sup> Trata-se do Irmão Marie-Jubin, falecido em 1º de janeiro de 1897.



14º) Ao deixar Paris, o padre Champagnat viajou até Saint-Pol-en-Ternoise, para fundar um estabelecimento, a pedido do senhor Salvandy, e isso no momento mesmo em que ele lhe recusava a autorização. O Fundador, para colocar o Ministro em constrangimento, aceitou abrir aquela escola, provando-lhe assim que a Congregação não prejudicava os Irmãos das Escolas Cristãs; ao serem convidados a abrir uma escola naquele município, eles tinham respondido que não o poderiam fazer antes de dez anos.

15º) Depois de acertar a fundação daquela escola, Champagnat retornou a l'Hermitage; voltou muito esgotado. Sua primeira doença, em 1825, deixara-lhe uma incômoda dor no lado, que se manifestava quando caminhava muito. Agora estava com gastrite muito avançada; nas viagens alimentava-se pouco, ou distanciava as refeições. Ao perceber que a saúde de Champagnat declinava cada vez mais, o padre Colin pensou em dar-lhe um sucessor. Já há algum tempo, concluía que padres e Irmãos não podiam estar sob o mesmo regulamento, devido à finalidade diferente de cada ramo. O cargo de superior único seria muito pesado e exigiria muito. Ele achava que a direção dos Irmãos deveria ser feita por alguém que conhecesse bem o regulamento, os costumes e o estilo de vida deles, isto é, deveria ser feita por um Irmão e não por um padre. O padre Colin também estava convencido de que cada ramo deveria ter seu regulamento e seu governo próprios, isto é, o superior deveria ser escolhido em cada ramo. O padre Champagnat pensava diferente. Ele sempre sonhara com uma Sociedade única, de Irmãos e padres. Manteve essa ideia até a morte. O padre Colin procurava dissuadi-lo, tendo-lhe dito diversas vezes que não deveria contar sempre com os padres para continuar sua obra. Também teria dito que, caso acontecesse sua morte, uma solução seria colocar

a Congregação à disposição do bispo. Mas o padre Champagnat se opôs a esta ideia, porque seria restringir a Congregação a uma única diocese, o que não era o seu modo de pensar. No fundo, Champagnat queria que os Irmãos estivessem sob a direção do Superior Geral dos Padres Maristas e que, se fosse impossível, aceitaria que seus Irmãos se governassem a si próprios, assim como já faziam os Irmãos das Escolas Cristãs.

16º) O estado de saúde do padre Champagnat piorava. Não admitindo a ideia de um superior único para os dois ramos, o padre Colin foi ao arcebispado, onde informou a situação e pediu os poderes necessários para proceder à eleição de um superior geral para o ramo dos Irmãos. O bispo deferiu-lhe o pedido e o encarregou de proceder à eleição. Assim, com essa finalidade, o padre Colin esteve em l'Hermitage, durante o retiro de 1839. Convenceu o padre Champagnat da necessidade de nomear um dos Irmãos como diretor geral. O padre Champagnat concordou e marcou a eleição para o encerramento do retiro.

17º) A eleição aconteceu no final dos santos exercícios. O cerimonial tinha sido determinado pelo padre Colin, de comum acordo com o padre Champagnat. Não vou relatar aqui todo o acontecido, visto que se encontra nos arquivos da Congregação. Como eu estava presente nessa eleição, posso dizer que fora estabelecido que, dos três mais votados, um seria escolhido superior e os outros dois seriam declarados assistentes. Feito o escrutínio, com grande satisfação de todos, o padre Colin proclamou diretor geral o Irmão Francisco e assistentes os Irmãos Luís Maria e João Batista Furet. O Fundador ficou satisfeito com a eleição, pois o Irmão Francisco era quem já o estava ajudando constantemente no governo do Instituto. Ao Irmão Francisco, havia algum tempo, ele associara o caro Irmão Luís Maria, cuja capacidade, mais tarde, foi

muito elogiada por Sua Eminência o Cardeal de Bonald. O caro Irmão João Batista, embora ausente, pois na ocasião era diretor em Saint-Pol-en-Ternoise, na escola que Champagnat acabara de fundar, era Irmão de larga visão, muito versado nas ciências religiosas e o principal conselheiro do venerando padre no tocante à direção das escolas. Os três escolhidos eram muito estimados pelos Irmãos. Assim, o Fundador ficou com menos preocupações quanto ao futuro da obra, sabendo que era dirigida também por Maria, aquela que ele havia estabelecido como Primeira Superiora. Apesar da saúde precária, naquela ocasião irradiava euforia e estava muito agradecido.

CAPÍTULO XVII

ÚLTIMA DOENÇA  
DO PADRE CHAMPAGNAT

1º) Com a eleição do Irmão Francisco, que o deixava menos ocupado com os trabalhos da administração da Congregação, era de esperar que Champagnat, em razão da sua fragilizada saúde, se desse um pouco mais de descanso. Não foi o que fez. Após as férias de 1839, quando as aulas recomeçaram, admirei-me muito ao vê-lo chegar à escola de La Côte-Saint-André, onde eu lecionava. Apesar de sua extrema fraqueza, viera em companhia de outro sacerdote para pregar retiro aos alunos de nosso internato, cujo número já era de 90 pensionistas. Estava tão extenuado que dava pena! Nas refeições, seu estômago tolerava apenas certos alimentos, em quantidade bem reduzida. Certo dia, achando-se na sala de estudos dos Irmãos, teve forte crise de vômitos. Foi quando o ouvi dizer, com inquietação: “Eu ainda conseguia digerir ameixas. Mas vejam só, hoje, por duas ou três que comi no almoço, sou obrigado a vomitá-las. Oh! Compreendo...” E não disse mais nada.

2º) Apesar da aparência sofrida, os alunos não se cansavam de olhá-lo e de admirá-lo. Havia algo nele que os atraía. Muitos quiseram se confessar com ele. Recordo-me de um de meus alunos, que tendo-se dirigido a ele para a confissão, me dizia, depois: “Irmão, ele me contou tudo! Oh, como estou feliz!” Os alunos comentavam entre si: “É um santo!” O padre Douillet, diretor da casa, sacerdote piedoso, perspicaz e bom conhecedor das pessoas, também nos repetiu, diversas vezes: “O padre Champagnat é um santo.”

3º) Foi por esta época que Dom Bénigne Troussel d’Héricourt, bispo de Autun, decidiu estabelecer em sua diocese uma casa de formação para Irmãos ensinantes. Para isso, comprou o castelo de Vauban e ofereceu-o aos Irmãos de Maria, com a finalidade de instalarem ali um noviciado. Depois daquele retiro dos alunos, o padre Champagnat viajou desde La Côte-Saint-André até

Autun, a fim de tratar daquele importante assunto. Posteriormente, quando lecionei naquela casa, fiquei sabendo que, na ocasião da assinatura do contrato de doação, o bispo ficara comovido ao perceber tanta humildade e modéstia no Fundador. Foi então que, muito emocionado, abraçou o padre Champagnat, exclamando com emoção : “Graças a Deus, eis-me Marista!” Foi a última fundação de Champagnat. Ao comparar o rico castelo com a pobre casa de La Valla, ele ficou um tanto preocupado com as diferenças de ambiente. Para que a casa apresentasse aspectos mais simples, mandou remover tudo quanto pudesse parecer contrário ao voto de pobreza. Durante o tempo de minha estada naquela casa pude constatar que, efetivamente, tinham sido retirados diversos objetos de luxo, especialmente os magníficos espelhos que adornavam os salões.

4º) Das suas últimas viagens, pelo fato de quase não poder ingerir alimentos sólidos, regressou muito fraco a l’Hermitage. Seu estômago aceitava apenas caldos e um pouco de leite; por causa da gastrite acentuada, algumas vezes vomitava. Apesar disso, continuou a seguir os exercícios da comunidade. Dirigia-se ao refeitório mais para estar presente, pois não comia nada. Sentia grande satisfação em estar com os Irmãos.

5º) Apesar da grande fraqueza, certo dia, levado pelo amor ao trabalho, foi arrancar pedras junto com os operários contratados. Dessa vez, porém, foi vencido e teve que desistir, pois as ferramentas lhe caíram das mãos. Os que presenciaram o fato não contiveram as lágrimas. Alguém o pegou pelo braço e o reconduziu ao quarto: foi seu último dia de trabalho manual. No início da quaresma, além da fraqueza geral, foi acometido de violenta dor nos rins e apresentou muito inchaço nas pernas. Apesar de tudo, continuou observando o regulamento da casa, tanto quanto possível.

6º) Durante o mês de março, consagrado a São José, recitou a ladainha desse santo com grande fervor, pedindo a graça da boa morte. No dia da festa do santo, ainda conseguiu proceder à bênção do Santíssimo na capela. Mas declarou, depois, que não teria a felicidade de realizá-la outra vez, na festa do ano seguinte. Foi a partir da festa de São José, patrono do mês, que teve a certeza de seu fim próximo, pois começou a pôr em ordem todos os negócios, tanto espirituais como temporais. Relativamente aos bens temporais, consultou os principais Irmãos, as pessoas mais capazes de orientá-lo e chamou um notário, diante do qual fez seu testamento, sob as formas da lei, deixando tudo em favor dos Irmãos, sem levar em consideração os laços de parentesco.

7º) Quanto aos assuntos espirituais, fez confissão geral ao padre Maîtrepierre, confrade e amigo íntimo, que tinha vindo visitá-lo. Contaram-me que sua confissão foi acompanhada de sentimentos profundos de compunção e dor. Nada a estranhar, pois ficava comovido e até chegava a chorar só de ouvir falar que alguém houvesse ofendido a Deus. Como acontecia aos grandes santos, por vezes, receava e tremia pensando no julgamento de Deus, mas logo acalmava-se de seus temores e inquietações, colocando sua confiança em Jesus e Maria.

8º) Na quinta-feira da Semana Santa, apesar de fraco, foi a cavalo até a Grange-Payre, para celebrar a missa. Foi esta casa que, em outros tempos, ele oferecera aos Padres Maristas; nela tinha aberto um pensionato; gostava de visitá-la, porque distava apenas dois quilômetros de l'Hermitage. Após a ação de graças, dirigiu pequena exortação aos pensionistas, dizendo-lhes que era grande favor de Deus a graça que eles tinham de ser educados por mestres que lhes ensinavam o caminho do céu, mais pelos exemplos do que pelas palavras. Disse-lhes que

o maior de todos os males era o pecado e que, por isso, deviam ter-lhe horror. Falou-lhes também da devoção à Santíssima Virgem, assegurando-lhes que, se todos os dias recitassem a oração do “Lembrai-vos”, ela, certamente, os preservaria da desgraça de ofender a Deus e lhes obteria a salvação. Ao retornar a l’Hermitage mostrava-se muito satisfeito por ter realizado a visita àquela casa, acrescentando que não a veria de novo.

9º) Apesar dos sofrimentos que experimentava, fez a celebração de abertura do mês de maio, com a bênção do Santíssimo Sacramento. Foi a última vez. Quando foi deixado no quarto, ouviram-no dizer: “Acabou-se para mim! Sinto que vou morrer”. Nesse momento, muito contente, o Irmão Estanislau entrou no quarto. O venerando padre quis saber por que estava alegre. Respondeu o bom Irmão: “É porque todos os Irmãos, neste mês de maio, rezam pelo senhor e esperam obter sua cura”. Disse-lhe o Fundador: “Você se engana, caro Irmão. Até o final do mês experimentarei ainda muitas dores”. Suas palavras eram verdadeiras, conforme terei ocasião de relatar a seguir.

10º) Já nos primeiros dias do mês de maio, mês que apreciava muito, por ser consagrado a Maria, um dos primeiros Irmãos foi visitá-lo e manifestou preocupação, se acontecesse sua morte. Disse-lhe o estimado padre que não devia temer nada, porque a Divina Providência velaria pelo Instituto; que ele mesmo tinha sido apenas simples instrumento, do qual Deus se servira; que Deus continuaria a abençoar o Instituto depois de sua morte; que o seu sucessor faria ainda melhor do que ele. Para o Irmão Estanislau, que se lamentava e chorava, disse: “Pobre Irmão! Você acredita que a prosperidade da Congregação se deve a mim; você se engana ao pensar assim; você mesmo provará que, após minha morte, o Instituto será ainda mais florescente; então, você vai convencer-se de



que, realmente, foi Deus que tudo fez entre nós”. Estava de tal modo convencido da ação da Providência sobre sua obra, que não cessava de lembrar isso aos que iam visitá-lo e que se lamentavam, pensando no vazio que haveria após seu passamento. Deixava entender que se julgava mais prejudicial do que útil à Congregação; que era entrave à sua marcha e obstáculo à sua prosperidade. Eu penso que ele queria expressar a convicção de que suas orações junto de Deus, após a morte, seriam bem mais eficazes e seriam a causa da prosperidade do Instituto. Provavelmente era esse o seu pensamento, quando disse aquelas palavras ; pronunciou-as movido unicamente pelo seu grande espírito de humildade.

**CAPÍTULO XVIII**  
**RECEBE O SACRAMENTO**  
**DOS ENFERMOS**

1º) No dia 3 de maio, festa da Santa Cruz,<sup>107</sup> ainda celebrou a missa; quando terminou, disse que, provavelmente, era a última vez que subia o altar. Suas dores aumentavam consideravelmente. Os Irmãos sofriam com a situação, pareciam imersos em desolação, choravam, imaginando que o iriam perder em breve. Champagnat também chorava, não pelas dores físicas, mas por ver os Irmãos profundamente entristecidos. A partir de então, não dissimulava mais a certeza da morte próxima.

2º) Seguindo os preceitos da Santa Igreja, quando julgou ser o dia oportuno, ele mesmo pediu e recebeu o sacramento que dá amparo aos moribundos na luta suprema. Pediu ao Irmão Estanislau que preparasse na sala da comunidade todo o necessário para a recepção do sacramento dos enfermos; sacramento que traria consolação àquele que havia amado a Deus durante a vida; que havia trabalhado para sua maior glória, enfrentado duros combates; que só esperava a coroa da justiça, prometida aos servos fiéis. Estando tudo preparado, às cinco horas da tarde, todos os Irmãos, noviços e postulantes foram à sala da comunidade e dispuseram-se ao longo dela. Logo depois chegou o venerando padre, revestido de estola e sobrepeliz. À sua chegada, vendo seu ar sereno, que contrastava tanto com o rosto pálido, marcado pelo sofrimento, muitos ficaram comovidos e choraram. Em meio a tantas demonstrações de ternura e afeição, ele dirigiu-se à poltrona; recolheu-se e ficou em silêncio profundo; depois fez sinal para que começassem a cerimônia. Em primeiro lugar, recebeu a Unção dos Enfermos. Ele próprio tirou as meias para a unção dos pés, não querendo que ninguém lhe prestasse ajuda. Depois da Unção dos Enfermos, recebeu o sacramento do Viático. Demonstrava humildade e amor tão ardentes que a emoção se apoderou de todos; reinava profundo silêncio na sala; apenas se escutava a respiração dos

<sup>107</sup> Na liturgia antiga dizia-se festa da “Invenção da Santa Cruz”; era comemorada a descoberta dos restos da verdadeira cruz de Nosso Senhor. O achado teria sido feito por Santa Helena, mãe do Imperador Constantino.

presentes. Ele permanecia absorto, voltado para aquele que sua fé viva tornava presente, como se o visse com os próprios olhos. Parecia não ver nada ao redor, nem nada ouvir. Permanecia em completa imobilidade. No fim de alguns minutos, abriu os olhos e voltando-os para a comunidade em pranto, com voz fraca, fez comovedora exortação, que relato a seguir.

3º) Ao começar pelas palavras do livro santo: “Lembra-te dos fins últimos e nunca pecarás”, disse-nos que, apenas quando se está no último momento da vida, é que se compreende quanto tais palavras são eficazes para impedir que se cometa o pecado. Quando se está próximo de comparecer perante Deus, tem-se um pesar enorme não apenas por tê-lo ofendido, mas também por ter trabalhado tão pouco pela própria salvação. Depois, citando o salmo do rei Davi: “Como é belo, doce e agradável viverem juntos, como irmãos”, recomendou-nos o amor mútuo, lembrando que somos irmãos, e que Maria é nossa Mãe comum; que devemos tornar a vida agradável, ajudando-nos mutuamente, cumprindo o preceito da caridade uns com os outros. Formulou o desejo de que a obediência fosse sempre companheira da caridade; disse não ter queixas quanto a faltas de obediência, mas desejava que seu sucessor lhes pudesse dar o mesmo testemunho, sendo a obediência o melhor caminho para o paraíso.

4º) Com o coração transbordante de alegria, exclamou: “Oh, como é bom morrer na Sociedade de Maria! É a maior consolação que sinto, hoje.” Continuou suas palavras, concitando todos a perseverarem na vocação, garantindo a salvação para todos quantos perseverassem nela. Sentindo a voz fraquejar, terminou suas palavras pedindo perdão por maus exemplos que tivesse dado, reconhecendo, porém, não ter magoado ninguém voluntariamente. Nesse relato, estou fazendo ape-

nas um pálido resumo de suas palavras. Quando pediu perdão, os Irmãos se ajoelharam, soluçando. Um dos capelães exclamou: “Cabe a nós pedir perdão ao bom padre!” Mas os Irmãos não o ouviram, pois as faculdades da alma e os sentidos do corpo pareciam estar tolhidos pelas fortes emoções. Ele mesmo, apesar de sua coragem e energia, não conseguiu vencer a comoção e retirou-se para continuar a ação de graças em seu quarto. Essa cena plangente e comovedora aconteceu na segunda-feira, dia 11 de maio de 1840. O Irmão que me descreveu isso estava presente na ocasião; ele chorou e ficou emocionado ao relatar-me essas cenas.

5º) Naquele dia começou-se uma novena a Santa Filomena, pela qual o padre tinha devoção particular. No final da novena, houve uma leve esperança de cura, pois a dor nos rins e o inchaço das mãos e pernas tinham diminuído. Até conseguiu sair do quarto e ir à capela para uma visita ao Santíssimo Sacramento. Ainda caminhou até a sacristia para ver o novo armário dos paramentos. Ao Irmão Estanislau confidenciou que era bonito, mas que não teria ocasião de utilizá-lo.

6º) Concluo este capítulo relatando algumas inquietações que teve depois de ter recebido a Unção dos Enfermos. Reprendia-se por não ter insistido bastante na importância do trabalho e por ter sido indulgente com os preguiçosos. Era escrúpulo seu, porque bem sabemos que sempre teve horror à ociosidade. A esse respeito eu sei muito bem que ele não suportava desleixo nem preguiça durante o trabalho manual. Tanto isso é verdade que, certa vez, ao ver um dos primeiros Irmãos arrancar pedras de um modo displicente, pediu a outro Irmão que lhe levasse um travesseiro para descansar no local do trabalho. Foi lição eficaz para aquele Irmão!

7º) Também inquietava-se com o pensamento de não ter realizado todo o bem que Deus esperava dele. Então, foi o caro Irmão Francisco quem conversou com ele, dissipando esses temores, mostrando como Deus lhe concedera a grande graça de ser o fundador de uma Congregação destinada a fazer grande bem na Igreja; mostrando-lhe que, nesta tarefa, ele empregara suas forças, seu tempo e sacrificara sua saúde. Com esses colóquios, a confiança e a tranquilidade voltavam ao seu coração.

8º) Também reprendia-se por não ter fundado uma instituição agrícola para meninos órfãos. Temia que Deus lhe pedisse contas disso, porque tinha recebido grandes ofertas para empreender esse tipo de obras. Novamente foi o Irmão Francisco quem o consolou, mostrando-lhe que seria uma obra com finalidade diferente da Congregação; que não poderia ocupar-se de uma sem prejudicar a outra; que o cuidado dos Irmãos lhe absorvia todo o tempo; que aquilo seria uma realização a ser feita, talvez, mais tarde. (Hoje essa atuação é realizada pelos Irmãos, em Nouméa)<sup>108</sup>. Ficou satisfeito com a resposta e não tratou mais do assunto.

9º) Sabemos que nosso bom padre tinha grande atenção pelos Irmãos doentes, pois se preocupava em que não lhes faltasse nada; sabemos que se ocupava deles como a mãe se ocupa do filho sofredor. Apesar disso, reprendia-se, agora, na doença, avaliando que não se dedicara bastante por eles. Era escrúpulo, preocupação própria de pessoas santas que, quanto mais crescem no amor de Deus, tanto mais crescem na caridade para com o próximo e, por isso, pensam não ter feito bastante para ajudar o próximo.

<sup>108</sup> A frase aparece intercalada, no original. O Irmão Sylvestre se refere, sem dúvida, ao internato agrícola de Néméara, na Nova Caledônia, anunciado na Circular de 25 de janeiro de 1887, do Irmão Théophane, Superior Geral. Por causa desta indicação, pode-se deduzir que o Irmão Sylvestre escreveu a sua obra no último ano de vida; ele morreu em dezembro de 1887. (Volume VII das Circulares, p. 322).

**CAPÍTULO XIX**  
**TESTAMENTO**  
**ESPIRITUAL E MORTE**

1º) A pequena melhora de saúde que se verificara no final da novena a Santa Filomena não durou muito. A dor nos rins redobrou de intensidade; as mãos e pernas incharam de novo; os vômitos eram quase contínuos. Apesar de tudo, procurava manter-se na presença de Deus, fazendo os exercícios de piedade e rezando muitas jaculatórias. Recitou o breviário até não poder mais segurar o livro nas mãos.

2º) Percebendo que seu fim era iminente, comunicou aos Irmãos Francisco e Luís Maria que desejava escrever seu testamento espiritual. O Irmão Francisco objetou-lhe que aquilo poderia cansá-lo demais. Apontando para o Irmão Luís Maria, ele disse: “Não será cansativo. Ele se encarregará de redigir o que eu ditar.” Então, à medida que expressava seus conselhos, o Irmão Luís Maria anotava. No final, o texto foi lido, e o Fundador aprovou, achando que estava conforme seus sentimentos. Pediu, então, que o texto fosse apresentado aos Irmãos, reunindo-os em seu quarto, quando lhe fossem aplicar a indulgência *in articulo mortis*. Foi a última reunião dos Irmãos em seu quarto; realizou-se depois da oração da noite. Não transcrevo o texto do testamento, pois ele está no livro das Regras; ele é, por assim dizer, a quintessência das Regras.

(Entretanto, quero assinalar que o parágrafo quinto do testamento original, guardado em nossos arquivos, foi omitido. O parágrafo refere-se à obediência que os Pequenos Irmãos de Maria devem ao Superior Geral dos Padres Maristas. Ele foi omitido porque antes da impressão das Regras, por ocasião do primeiro Capítulo Geral, realizado depois da morte do Fundador, o padre Colin se demitiu do cargo de superior dos Irmãos, em favor do Irmão Francisco, passando-lhe todos os poderes e direitos sobre os Irmãos. Desde então, esse parágrafo quinto não tinha mais razão de ser para os Irmãos).<sup>109</sup>

<sup>109</sup> Nos originais do Irmão Sylvestre, todo o parágrafo entre parênteses aparece numa das margens da folha.



3º) Todos os Irmãos, com muita atenção e grande recolhimento, escutaram a leitura do testamento. No final, caíram de joelhos, pedindo perdão ao Fundador e suplicando-lhe que não os esquecesse. A esse pedido o venerando padre reanimou-se um pouco e com voz paternal disse: “Esquecê-los? Isso é impossível para mim.” Então o Irmão Francisco pediu que desse sua bênção não somente para os Irmãos presentes, mas ainda pelos ausentes e para todos os que, no futuro, fariam parte da Congregação. Champagnat juntou as mãos e pronunciou bem distintamente a fórmula litúrgica, traçando o sinal da cruz sobre todos.

4º) Em toda a parte faziam-se orações pela cura do estimado padre. Todas as comunidades dos arredores tinham sido convidadas a fazê-las. Na casa, evitavam-se ruídos que pudessem causar fadiga ao doente. Puseram-se tapetes nos corredores próximos do seu quarto; os Irmãos que precisavam passar perto tomavam o cuidado de tirar os sapatos. O padre Bélier, antigo missionário da diocese de Valence, admirou-se ao ver tantas atenções e disse que aquilo era algo do cêntuplo prometido aos bons religiosos. Champagnat não era difícil de ser atendido. Era muito agradecido aos que cuidavam dele; aos que ficavam no quarto durante a noite, deixava que dormissem, embora corresse o risco de sofrer a falta de algum cuidado. Ficava satisfeito com qualquer serviço que lhe fosse prestado, mesmo o mais insignificante. Nas crises mais violentas e em outros momentos, repetia: “Meu Deus, seja feita a vossa vontade.” Apesar de seus sofrimentos, sempre recebia com bondade os Irmãos que iam visitá-lo; dirigia-lhes algumas palavras de conforto e ajuda, conforme o posto e as necessidades de cada um.

5º) Quando a sós com o Irmão Francisco, disse que lastimava o pesado encargo que estava deixando-lhe. Para sair-se bem nessa responsabilidade, animava-o a manter seu espírito de

zelo e de oração e a ter grande confiança em Deus. Também para o Irmão Luís Maria, em conversa confidencial, pediu que ajudasse o Irmão Francisco, sem desanimar em face dos obstáculos que o inimigo do bem poderia suscitar no seu cargo de assistente ; disse-lhe que Maria, recurso habitual, o ajudaria. Para o Irmão Estanislau, também em um momento em que estava a sós, expressou reconhecimento por todas as atenções que dele estava recebendo e recomendou-lhe vivamente que zelasse pelos noviços e candidatos, animando-os na vocação, sobretudo quando os visse aborrecidos ou quando estivessem tentados de abandoná-la.

6º) A doença se agravava rapidamente. Já não podia tomar alimento algum; sentia muito ardume no estômago e até mesmo os líquidos, caldos e cremes eram rejeitados. Para se reconfortar em meio a tantas dores, desejava receber a comunhão, mas os vômitos constantes o impediam de fazê-lo. Lembrou-se de recorrer com plena confiança ao anjo da guarda, cuja imagem lhe tinham trazido. Foi atendido. Os vômitos cessaram por um tempo e pôde comungar. Mas a doença prosseguia seu curso. Depois dessa comunhão, aconselhou a prática do silêncio nas casas religiosas como meio absolutamente necessário para manter o espírito de recolhimento e de oração. Recomendou também a fuga da ociosidade porque, na hora da morte, o grande pesar que se tem é o tempo desperdiçado.

7º) Na tarde desse dia recebeu a visita do padre Colin; na manhã do dia seguinte, a do padre Mazelier, amigo a quem confiara os Irmãos atingidos pela lei do serviço militar. Ficou muito emocionado com essas duas visitas. Entreteve-se demoradamente com o padre Colin, a quem pediu perdão por todos os desentendimentos que teve com ele e lhe recomendou os Irmãos. Edificado com sua profunda humildade, o padre

Colin dirigiu-lhe algumas palavras de encorajamento, dando-lhe provas de muita afeição. Com o padre Mazelier conversou sobre os Irmãos que lhe enviava cada ano para subtraí-los da obrigação do serviço militar. Pediu que tomasse conta deles. Na despedida, o padre Mazelier pediu-lhe que cuidasse dos seus, quando estivesse no céu.

8º) Parece-me que foi depois dessas duas visitas que pediu para ser levado à enfermaria; assim causaria menos incômodo aos que cuidavam dele. O Irmão Francisco objetou-lhe que aquilo iria perturbar os que eram atendidos e dormiam lá. Disse ele: “Pois bem, então, ao menos, me coloquem numa cama de ferro.” Para satisfazer seu desejo, trocaram sua cama. Foi sobre esse leito que exalou seu último suspiro, conforme relatarei.

9º) Como havia predito ao Irmão Estanislau, pelo final do mês de maio os sofrimentos se tornaram muito intensos, quase insuportáveis. Contudo, continuava com as jaculatórias, atos de contrição, preces de confiança e de resignação à vontade de Deus. Movia o olhar para as imagens da Santíssima Virgem, de São José e dos santos padroeiros, afixadas na cortina de seu leito. Frequentemente pegava a cruz de profissão e beijava-a com amor. Retirava as mãos de sob as cobertas para pegá-la, como se fosse algo necessário a que se agarrar.

10º) Na segunda-feira, primeiro de junho, o padre Dutreuil, pároco da igreja de Saint-Pierre, em Saint-Chamond, veio visitá-lo. Deu-se um pequeno fato que mostra a mortificação de Champagnat relativamente ao próprio corpo. Como o visitante se debruçasse sobre ele, para dar-lhe um abraço afetuoso, exclamou: “Não, senhor pároco. Estou muito sujo para que me abrace”. Edificado com aquela expressão, saída do fundo do coração, o sacerdote procurou animá-lo da melhor forma

possível e disse-lhe até que poderia comungar, pois os vômitos tinham diminuído. Antes de retirar-se, o pároco pediu-lhe a bênção. O Fundador recusou, dizendo-lhe que era ele quem devia abençoá-lo. Finalmente, depois de breve contestação, ele venceu e, segundo seu desejo, foi o padre Dutreil que o abençoou. Ao sair, pediu a Champagnat que o fizesse participante dos méritos de seus sofrimentos.

11º) Os últimos dias do venerando Fundador foram de contínuas orações jaculatórias, de suspiros dirigidos a Jesus e a Maria. Dois pensamentos o consolavam: o fato de morrer como religioso e a lembrança do céu, morada feliz onde poderia ver todos os Irmãos que o tinham precedido. Muito convicto, dizia ter certeza de que se salvariam todos os membros da Congregação que nela morressem e que, quando estivesse junto à Boa Mãe, lhe faria tantas súplicas que ela, certamente, a todos daria a salvação. Considerando a grande graça de morrer na Sociedade de Maria, de ter esse sinal de predestinação, não cessava de rezar em ação de graças. Parecia já antegozar da felicidade do céu.

12º) No dia 4 de junho, tendo diminuído os vômitos, favor que ele dizia ter conseguido por suas preces a São José, pediu que lhe dessem o sacramento do Viático mais uma vez. Apressaram-se em atender a seu desejo ardente. Seria a última vez; pressentia-se isso. Recebeu o santo Viático com fé e fervor e com visíveis atos de amor dirigidos a Nosso Senhor. Na sexta-feira, 5 de junho, seus sofrimentos foram muito intensos. Não sei como descrevê-los, apesar de estar presente, de ter testemunhado suas dores.

Como digressão, permito-me relatar agora a casualidade que me fez estar junto ao leito de morte do padre Champagnat, naquela sexta-feira. Para mim, revelar esse fato é um dever, tendo em vista a gratidão que devo a ele.

13º) No período da doença do Fundador, fui acometido por uma terrível tentação, semelhante àquela do Irmão Luís, de que falei em outro lugar<sup>110</sup>. Aconselhado por alguém que, de direito, devia ter toda a minha confiança, eu estava resolvido a sair do Instituto. Contudo, não querendo aventurar-me em decisão tão importante sem a aprovação do padre Champagnat, escrevi-lhe uma carta a esse respeito, ignorando a gravidade da sua doença. Vejam como demonstrou sua solicitude para comigo: leu minha carta, mas como não tinha condições de responder, encarregou o Irmão Luís Maria de responder, dando-me ordem de me apresentar em l’Hermitage; depois comunicou-lhe as palavras que deveria dizer-me, caso Deus o chamasse a si antes de minha chegada. Quando recebi a convocação, apressei-me em viajar para l’Hermitage, onde cheguei na sexta-feira, dia 5 de junho, por volta do meio-dia. Quis logo apresentar-me ao venerando padre que, nessa tarde, estava sofrendo forte crise, anúncio da agonia próxima. Entrei no quarto e fiquei de joelhos na cabeceira de sua cama, chorando. Ele fez sinal para que eu me levantasse e segurou com afeto meu braço, sem pronunciar palavra alguma. Ajoelhei-me novamente ao pé de sua cama e voltei a chorar. Fiquei ali alguns minutos, aniquilado, até que me fizeram sinal para retirar-me. Eu devia regressar nesse mesmo dia. Antes da partida, o Irmão Luís Maria me chamou à parte e disse-me: “O Padre Superior, no seu leito de morte, pediu-me que lhe dissesse que acredita firmemente na sua vocação”. Na escola, depois de meu regresso, refleti muito naquelas palavras que, para mim, eram sagradas. Todavia, a tentação de abandonar a vocação me voltou ainda mais forte. Imaginava que o Fundador, talvez, não me tivesse compreendido bem. A ideia de abandonar a vocação era forte e eu já pensava em colocá-la em prática. Porém, para tranquilizar a consciência e porque as palavras de Champagnat sempre me voltavam ao pensamento, resolvi escrever ao padre

<sup>110</sup> Tentaçao de abraçar o sacerdócio. O “caso Irmão Luís” é narrado no capítulo VIII deste Segundo Relato, parágrafo 15.

Colin. Ele me respondeu, dizendo que eu deveria dirigir-me ao Irmão Francisco e fazer o que ele determinasse. Foi o que fiz. A resposta do Irmão Francisco foi a repetição das mesmas palavras do estimado Fundador, isto é, que ele também acreditava firmemente em minha vocação, que dela me dava garantias diante de Deus. A partir de então, não hesitei mais e, nas férias seguintes, fiz a minha profissão. Gratidão para sempre ao padre Champagnat pela ajuda que me deu na vocação; espero que, perseverando, ela será a causa de minha salvação.

14º) Eu disse que, quando estive com o padre Champagnat, ele sofria dores atrozes. Recordo-me, entretanto, que em meio àquele paroxismo da dor, mantinha ar sereno. Seus olhos lânguidos, conservavam o brilho da bondade; os lábios esmaecidos davam-lhe ainda aquele ar de benignidade que conquistava todos os corações. Depois que fui embora, eu soube que, não tendo mais forças para pronunciar os nomes de Jesus e de Maria, fazia com que, amparando sua mão, ele pudesse salvar aquelas imagens com o gesto. Quando se percebeu, na tarde daquela sexta-feira, que o fim estava chegando, vários Irmãos se ofereceram para passar a noite junto dele, para receber sua última bênção. Ele deu a conhecer que não era preciso. Fizeram-lhe companhia, naquela noite, dois Irmãos mais antigos. Por volta das duas horas e meia da madrugada, Champagnat acenou para a lâmpada, dizendo que estava por apagar-se. Eles contestaram, afirmando que ela continuava acesa normalmente. Pediu, então, que fosse aproximada da cama. Mesmo assim, não consegui distinguir melhor. Então, com voz moribunda disse: “Ah, compreendo. É a minha vista que se vai.” Depois de algum tempo, entrou em agonia, suavemente, como em sono pacífico. Naquela hora, toda a comunidade já estava reunida na capela para o canto da Salve Regina, prática

que ele estabelecera por ocasião dos nefastos acontecimentos de 1830. Chegando a notícia, logo foram iniciadas as invocações da ladainha de Nossa Senhora, antes do canto. Ainda não as tinham acabado quando sua alma, purificada por tantos sofrimentos, evoluiu-se para junto do bom Mestre, por quem seu coração esteve abrasado de amor durante toda a vida e também para junto daquela que, tantas vezes, invocara com fervor angélico, considerando-a a Primeira Superiora. Segundo o ardente desejo que tinha, esta morte santa aconteceu em dia de sábado. Foi no dia 6 de junho, véspera de Pentecostes, às quatro horas e meia, exatamente quando ele costumava presidir o canto da Salve Regina.

15º) Sua morte encheu de pesar toda a Congregação; mas era uma dor abrandada pela certeza que todos tinham de que estava no céu. Vivera como santo e morrera como santo, tal como diz o provérbio “tal vida, tal morte”. A passagem deste mundo para o outro, longe de desfigurá-lo, tinha-lhe deixado os traços de dignidade e de bondade que foram características suas durante toda a vida; por isso não era desagradável estar junto do leito fúnebre e contemplá-lo. Individualmente, ou em grupos, todos lhe testemunharam seu respeito e veneração, beijando-lhe os pés com respeito, fazendo breves orações ou rezando o ofício dos defuntos.

16º) Na segunda-feira, dia 8 de junho, houve os funerais. Na véspera, domingo à tarde, o corpo tinha sido colocado num caixão de chumbo que, por sua vez, estava dentro de outro, de carvalho. Estava revestido com as vestes sacerdotais. Seu corpo ainda conservava certa flexibilidade, sem rigidez completa. Na presença do padre Matricón, dos Irmãos João Maria, Luís e Estanislau, foi colocada dentro do caixão uma placa metálica, em forma de coração, com a inscrição *Ossa Champagnat*,

1840. O corpo foi levado ao cemitério pelos Irmãos professores. Estava acompanhado pela maioria dos padres da região e dos principais representantes da cidade de Saint-Chamond e, naturalmente, por toda a comunidade de l'Hermitage. Muitos caminhavam chorando. A piedade e o recolhimento de todos eram o testemunho de que estavam conduzindo à derradeira morada um grande servo de Deus. Sobre seu túmulo foi elevado um monumento simples e modesto, ao pé do qual, depois da inscrição que indica nome, títulos e dia da morte, como epitáfio, foram escritas essas palavras da Sagrada Escritura *Pretiosa Domino mors sanctorum ejus*.<sup>111</sup>

Para satisfazer o desejo daqueles que querem saber o que aconteceu com a obra do padre Champagnat e para torná-lo mais estimado ainda, pretendo dar, a seguir, um apanhado geral sobre a Congregação. Vou dar-lhe o título de *Conclusão*.

A.M.D.G.<sup>112</sup>

<sup>111</sup> Para o Senhor, é preciosa a morte dos seus santos.

<sup>112</sup> *Ad Maiorem Dei Gloriam* = Para a maior glória de Deus.



**CONCLUSÃO DO AUTOR:**

**APANhado GERAL**

**SOBRE A CONGREGAÇÃO**

Abordarei os seguintes itens:

1. O padre Champagnat foi escolhido por Deus para fundar a Sociedade dos Pequenos Irmãos de Maria.
2. O objetivo da Congregação.
3. O seu espírito identificado pelo nome que tem.
4. O seu maravilhoso desenvolvimento.
5. O bem que a Sociedade realiza.
6. Minha opinião sobre sua duração.

## 1º) O PADRE CHAMPAGNAT FOI ESCOLHIDO POR DEUS PARA FUNDAR A SOCIEDADE DOS PEQUENOS IRMÃOS DE MARIA.

No capítulo 2º deste Relato, vimos que foi durante os anos do seminário maior que se formou nele a ideia de fundar uma Congregação de Irmãos professores, sobretudo para as crianças do campo, com o objetivo de ensinar-lhes a doutrina cristã; era um pensamento que lhe voltava ao espírito muitas vezes. Dissemos também que, nas férias, Champagnat manifestara propensão natural para reunir as crianças das redondezas, para ensinar-lhes o catecismo. Evidentemente, eram indícios de que Deus tinha sobre ele desígnios particulares e que o chamava para trabalhar em prol da salvação da juventude. No entanto, subestimava-se e se julgava inepto para tal missão. Foi preciso receber um mandato neste sentido, para empreender o que sonhava. Diz-se que, nas reuniões do seminário maior, repetia muitas vezes: “Precisamos de Irmãos! Precisamos deles para ensinar o catecismo!” Então, certa vez, quando insistia nisso com veemência, seus companheiros lhe disseram: “Pois bem, encarregue-se dos Irmãos, já que é ideia sua.” Nesse momento, a voz imperiosa que sentia dentro de si e que o impelia em tal direção, fê-lo compreender a frase como manifestação formal da vontade de Deus. A partir daí, decidiu-se pela obra, não poupando trabalhos, nem sacrifícios, nem a própria vida para concretizá-la, persuadido de que Deus a pedia. Na sua humildade, considerava-se mero instrumento, indigno servidor, do qual Deus se servia para executá-la. Desde então, até à morte, empregou todo o seu tempo na edificação do Instituto, cuja consolidação acabou por lhe arruinar a saúde. Prova evidente de ter sido escolhido por Deus é o grande êxito obtido pela Congregação, mesmo sem contar com grandes recursos humanos e, sobretudo, o fato de ter conseguido sua aprovação pelas autoridades da Sé Apostólica.

## 2º) O OBJETIVO DA CONGREGAÇÃO

Deus escolheu o padre Champagnat para fundar a Congregação; certamente, além da finalidade geral de todas as Congregações religiosas, que é a santificação de seus membros, inspirou-lhe uma finalidade mais específica. Qual é ela? Como eu já disse anteriormente é o ensino cristão da juventude, especialmente das crianças do campo. É a finalidade específica da sua obra. O ensino das outras matérias, que constituem o objetivo do ensino primário, são apenas chamariz que atrai as crianças, para ministrar-lhes o ensino cristão e prepará-las para a primeira comunhão. Note-se que é uma finalidade única e não múltipla. Champagnat não queria que os Irmãos tivessem outros objetivos, mesmo que fossem bons, tais como cuidar da sacristia, dos doentes nos hospitais etc. Igualmente, não queria que o ensino fosse além das matérias que são próprias do núcleo da instrução primária, como seria o caso de dar aulas de latim. Segue-se disso, desse objetivo único, que tudo na Congregação concorre para que o resultado seja o surgimento de bons Irmãos professores. Vimos, anteriormente, que ele cogitava a possibilidade de escolas que preparassem para diversas profissões; o Irmão Francisco, a quem comunicou a ideia, dissuadiu-o daquele propósito, alegando que seria prejudicial à Congregação naquele momento em que já governava a Congregação. Então, não se pensou mais nisso. Contudo, a direção de casas para órfãos e abandonados sempre esteve entre os seus propósitos. A prova disso é que ele nomeou Irmãos para o Abrigo Denuzière, de Lião, com a finalidade de ministrar educação primária, sobretudo religiosa, àquelas crianças abandonadas; o objetivo principal não era propriamente ensinar-lhes uma profissão.<sup>113</sup>

<sup>113</sup> Em Lião, no tempo do Fundador, os Irmãos cuidavam da “Providence Saint-Nizier” (Abrigo Saint-Nizier). Quanto à “Providence Denuzière”, ela foi assumida mais tarde, em 1882, no generalato do Irmão Nestor. (“Repertoires”, pp. 588-589)

### 3º) O SEU ESPÍRITO IDENTIFICADO PELO NOME QUE TEM

1º) Que significa o termo “Pequenos”, no início do nome da nossa Congregação? Antes de dar a resposta, convém recordar que todas as congregações, além das virtudes que lhes são comuns e que formam a essência do seu modo de vida, se distinguem por alguma virtude especial, que passa a ser brasão ou característica distintiva. Assim, para algumas congregações é a caridade; para outras, a obediência, a mortificação, a contemplação etc. Todas essas virtudes particulares, praticadas com esmero, representam na Igreja uma roupagem resplandecente, tal como o canta o Rei Profeta: “Ornada de flores variadas, toda fulgurante de ouro e de pedras preciosas”.

2º) Como já escrevi anteriormente, a virtude que o padre Champagnat escolheu como característica da Congregação é a humildade e suas companheiras inseparáveis, a modéstia e a simplicidade. O modelo que deu aos Irmãos para realizá-la, foi o exemplo da vida modesta da Santíssima Virgem Maria na humilde casa de Nazaré. Ele queria que os Irmãos, dentro do espírito de sua vocação, realizassem todo o bem possível, mas sem alarde, sem ostentação, ignorados, “sem trombetas”, segundo expressão sua.

3º) Portanto, se Deus escolheu Marcelino Champagnat para fundar nosso Instituto, também lhe inspirou o objetivo e o espírito próprios da Congregação. Também lhe concedeu a graça de praticar a virtude da humildade em grau tal, que pudesse ser modelo acabado para seus discípulos. Neste meu resumo da sua vida, se observarmos bem, veremos a humildade sempre presente, como a ofuscar todas as demais. Vimos quanto ele batalhou para adquiri-la e para vencer vestígios de amor próprio. Batalhou nesse

campo durante o tempo do seminário menor, no seu ministério sacerdotal em La Valla e na fundação da Congregação.

4º) Deus é admirável em seus santos; ele os conduz à santidade por diversas vias; favoreceu a prática dessa virtude em nosso venerando Fundador, não permitindo que fizesse coisas maravilhosas e extraordinárias em vida. Entretanto, sob o véu da humildade, praticou as virtudes teológicas e morais em alto grau; isso é atestado por tradição, por fatos relatados e por numerosos documentos. Apesar de que os Evangelhos não relatem coisas extraordinárias operadas pela Virgem Maria, todos os santos padres atestam que ela, com seu trabalho simples no tear, adquiriu mais méritos do que os anjos e os santos juntos. O adjetivo “Pequenos” indica que a virtude da humildade deve ser inerente a todos os Pequenos Irmãos de Maria, porque, segundo o modo de pensar do Fundador, ele é tomado no sentido de humildade. “Pequeno Irmão de Maria” ou “Humilde Irmão de Maria” são expressões sinônimas.

5º) O substantivo “Irmão”, que vem logo depois do termo “Pequeno”, indica que todos os membros da Congregação devem viver em fraternidade, como filhos de uma família, na qual a Santíssima Virgem é a mãe. Consequentemente devem amar-se, apoiar-se, ajudar-se, para terem vida agradável, tal como são as alegrias e satisfações em uma família. Tanto no ramo dos padres, como no dos Irmãos, o espírito marista é o espírito de família, de simplicidade, de sem-cerimônias, de afeição cordial. Como ele nos disse no seu Testamento Espiritual: “Que se possa dizer dos Irmãos o que se dizia dos primeiros cristãos: Vede como se amam!”

6º) O termo “Maria”, no final do nome, indica outro aspecto de nosso espírito. No pensamento do venerando Fundador, é

ter uma devoção tal, que leve os Irmãos a recorrer à Santíssima Virgem em todas as necessidades espirituais e corporais, com a simplicidade de uma criança; que leve os Irmãos a serem propagadores do seu culto, fazendo-a honrada e amada por todos, particularmente pelos alunos que lhes são confiados. Além de torná-la conhecida e amada, esta devoção deve levar os Irmãos a se esforçarem, pessoalmente, por imitar suas virtudes, particularmente a humildade, já que é a marca própria da Congregação. Para saber como foi a devoção do venerando padre em relação a essa Boa Mãe, exemplo de como deve ser a devoção dos Pequenos Irmãos de Maria, remeto o leitor à segunda parte do livro das Regras comuns. No rico, sólido e magnífico capítulo que trata deste assunto, aparecem exemplos da prática dessa devoção por parte do padre Champagnat. Tudo o que ali se diz, ele realmente praticou, como eu mesmo e muitos outros fomos testemunhas oculares.

## 4º) O SEU MARAVILHOSO DESENVOLVIMENTO

1º) Assim como a Igreja, a Congregação do padre Champagnat teve como primeiros discípulos cinco ou seis jovens pobres, analfabetos, que desconheciam até mesmo os elementos básicos da vida religiosa. Em pouco tempo, formados por ele, isto é, formados pelo Espírito Santo, de quem ele era instrumento, tornaram-se aptos para catequizar as crianças e até as pessoas adultas da paróquia de La Valla. É consolador reconhecer que, a exemplo do Fundador, os primeiros discípulos eram humildes, simples e modestos; que se deslocavam pelos povoados; escalavam os montes com alegria, apesar do frio, chuva e neve; percorriam caminhos estreitos, pedregosos e lamacentos, para reunir, em simples galpões, a juventude do lugar, a fim

de repartir com eles o pão das verdades religiosas de que suas almas tanto necessitavam; empenhavam-se em ministrar-lhes conhecimentos básicos, adaptados às suas idades.

2º) Quando o padre Champagnat viu que a falta de candidatos poderia levar ao desaparecimento da obra, recorreu à oração e à mortificação; dirigiu-se com fervor àquela que era seu recurso habitual, a bem-aventurada Virgem Maria. Então, miraculosamente, oito jovens entraram no noviciado. Infelizmente, quase todos eram desprovidos de recursos e tão ignorantes quanto os primeiros candidatos. Não desanimou. Com zelo, dedicação, senso prático e piedade, fez deles novos apóstolos que continuaram a obra com muito êxito. Depois, com a chegada de outros, formados do mesmo jeito, a casa de La Valla tornou-se pequena para conter aquela comunidade nascente. Começou, então, a planejar a obra em escala maior.

3º) A casa solitária de l'Hermitage, com seu terreno pitoresco, foi o segundo berço do Instituto. La Valla tinha sido o primeiro. Mas houve muita decepção, nesse começo brilhante de prosperidade, quando a morte veio subtrair o padre Champagnat, ele que era a alma e o sustentáculo da querida Congregação. Por causa da sua morte muitos pensavam que a obra acabaria, apesar do seu começo tão promissor; pensavam que ela vegetaria ainda por algum tempo e acabaria por desaparecer. Era pensamento fundamentado na prudência humana apenas. Mas era Deus quem tinha a última palavra! Foi exatamente naquela circunstância que a Congregação rompeu as amarras que pareciam segurá-la. No centro, no sul e no norte da França, como por encanto, foram surgindo escolas que, por sua vez, preparavam o surgimento de outras mais. Durante sua vida e também no leito de morte, o Fundador predissera: “A Congregação é obra de Deus e não minha. Não tenho dúvida

alguma de que, depois de minha morte, haverá mais progressos do que nos dias de minha vida.” Estava certo. Sob o governo de seu sucessor, as vocações surgiram numerosas e novas fundações se multiplicaram. A casa de l’Hermitage, “o grande relicário do padre Champagnat”, como a chamava o Irmão Francisco, já não era suficientemente espaçosa para continuar como casa central do Instituto. Foi necessário construir sede mais vasta, próxima a uma grande cidade, para facilitar as compras necessárias à comunidade e agilizar as comunicações, sempre mais numerosas e importantes, com as autoridades civis e eclesíásticas. Saint-Genis-Laval, cantão que dista poucos quilômetros de Lião, foi escolhido para sede da nova Casa Geral da Congregação. L’Hermitage permaneceu como sucursal, vista por todos como preciosidade.

4º) A Congregação continuou a crescer, desenvolvendo-se com firmeza sobre bases sólidas, que parecem garantir existência duradoura. Em l’Hermitage, as Regras esboçadas pelo padre Champagnat foram revistas e sancionadas pelo primeiro Capítulo Geral; é como se tivessem sido aprovadas sob as vistas do piedoso Fundador, porquanto lá repousam seus sagrados restos. O reconhecimento legal do Instituto, tarefa em favor da qual Champagnat esgotara suas energias, aconteceu poucos anos depois de sua morte, em condições bem mais favoráveis. Ainda no governo do Irmão Francisco, seu sucessor, ocorreu a aprovação do Instituto pela Santa Sé, com o poder de eleger canonicamente um Superior Geral e de emitir os votos simples de religião.

5º) Em decorrência desse grande favor, o Instituto tomou grande impulso. Dos diversos noviciados da França e do Reino Unido partiram Pequenos Irmãos de Maria para as longínquas terras da Oceania, para levar a mensagem da boa nova.



Mais tarde, também para as terras escaldantes da África foram enviados os discípulos do padre Champagnat; recentemente foram enviados para o vasto território do Canadá. Tudo isso evidencia que Deus abençoou e continua abençoando a obra e que o padre Champagnat foi um homem segundo o coração de Deus, escolhido para fundá-la.

6º) Alguns poderão pensar que não há nada de maravilhoso nesse desenvolvimento, sendo ele fruto dos grandes recursos investidos. Seria modo de pensar bem simples, concluindo-se que o padre Champagnat teria sido tão somente alguém de muito talento, um grande empreendedor. Mais ou menos, seria como aquilo que estamos vendo todos os dias: industriais inteligentes que, em pouco tempo, sem muitos recursos, constroem grandes empresas, porque sabem aproveitar as circunstâncias e porque têm habilidades para ampliar os negócios. Isso é verdade para os homens do mundo; entretanto não foi assim com o padre Champagnat. O desenvolvimento da obra, antes de tudo, é maravilhoso e verdadeiro milagre; é comprovação do heroísmo e das virtudes do Fundador.

7º) De tudo quanto narramos neste resumo da sua vida, de tudo quanto foi dito sobre a fundação da Congregação, por acaso não estamos diante de verdadeiro prodígio, vendo a prosperidade da obra apesar da pobreza inicial, dos poucos recursos de que dispunha o Fundador, das perseguições contínuas que foram suscitadas contra ele, querendo impedi-lo de consolidar seu objetivo? Igual ao venerável Cura de Ars, o Fundador era de capacidade mediana para os estudos, conforme vimos no início da sua formação; não era um erudito. Entretanto, como ele mesmo dizia, toda a sua riqueza estava no cofre da Providência; somente na Providência ele confiava.

Os segredos do seu sucesso foram estes: a oração, mortificação, profunda humildade e, sobretudo, o recurso a Maria. Foi também a aceitação em espírito de fé das cruzes, contrariedades, vexames, injúrias e zombarias, tanto da parte dos inimigos, como da parte de pessoas amigas, daqueles que deveriam ajudá-lo; Deus lhe tinha reservado também essa grande provação.

8º) Sem recursos financeiros para começar a obra, sacrificou seu modesto salário de coadjutor. Ajudado pelos discípulos, usou as próprias mãos para reformar a modesta casa que serviu de berço para a Congregação. Ao mesmo tempo que construía, iniciava os candidatos nos princípios da vida religiosa e os instruía, ministrando-lhes os conhecimentos elementares que eles, depois, iriam ensinar. Realcemos isto: os momentos de formação eram subtraídos do tempo destinado ao trabalho que lhes fornecia o estrito necessário para sua subsistência.

9º) Em l'Hermitage, a mesma pobreza! Fez empréstimos para poder comprar o terreno e para construir a casa, porque os recursos de que dispunha eram somas módicas, provenientes do trabalho de cinco ou seis Irmãos que, por não estarem nas escolas, fabricavam tecidos e vendiam para o público externo; provinham também das economias que os Irmãos diretores das escolas obtinham, fruto de privações feitas com espírito filial, na intenção de ajudar o bom Pai. Mesmo enfrentando prementes necessidades, Champagnat não perdia o ânimo; prosseguia com sua obra e redobrava a confiança em Deus. Sua confiança parecia crescer na mesma proporção em que aumentava a penúria que enfrentava. Ao ser criticado de temeridade e imprudência, comprometendo-se em projeto que ultrapassava suas forças e recursos, respondia com a mesma frase dos antigos cruzados: “Deus o quer! Isto me basta”. Também

eram suas estas palavras: “Nunca nos faltou o necessário, quer em alimentos, quer em roupa e alojamento, mesmo quando estivemos em situações difíceis”.

10º) Quando inesperadas leis do Governo lhe suscitaram empecilhos de todo o gênero, parecendo que iriam prejudicar a obra, não se abalou. Contornou as dificuldades e prosseguiu. Triunfou com as seguintes armas de defesa: oração, mortificação e o recurso a Maria. Com elas, as dificuldades esvaíam-se, as pendências se resolviam e a ajuda sempre chegava a tempo. Sua obra, de início semelhante a insignificante córrego, pouco a pouco se tornou rio que, aumentando sempre, está levando por toda a parte, no vasto campo da Igreja, as águas salutares e benfazejas de nossa santa religião, malgrado as investidas do inferno para secar a fonte e deter seu curso. Isso tudo não é verdadeiro milagre?

## 5º) O BEM QUE A SOCIEDADE REALIZA

1º) Qual o bem que a Congregação realiza no extenso campo da santa Igreja? Para o século atual, é um bem incalculável. São milhares as crianças que frequentam as escolas mantidas pelos discípulos do padre Champagnat. Juntamente com os conhecimentos humanos que lhes são transmitidos, de acordo com seu estado e condição, elas recebem aquilo que é mais importante: o ensino da religião em sua pureza original, isto é, de acordo com o ensino dos Apóstolos, dos Concílios e das decisões do Soberano Pontífice. Ademais, essas crianças são formadas com o maior cuidado nas práticas da religião católica; são preparadas com esmero para a primeira comunhão, sacramento que poderá ser causa da sua felicidade eterna; a primeira comunhão, que sempre recordamos com emoção; dia feliz, “o

mais belo dia de minha vida”, segundo a exclamação do ilustre exilado da ilha de Santa Helena. Não é somente o ensino religioso e as ciências humanas que a juventude recebe nas escolas dos Pequenos Irmãos de Maria: conforme o objetivo traçado pelo Fundador e que está muito bem formalizado nas Regras, os Irmãos se comprometem, sobretudo, com a educação cristã dos alunos, isto é, com a tarefa de iluminar suas mentes com as luzes da fé; de orientar seu coração para a prática das virtudes, com exemplos e palavras; de corrigir seus defeitos; de ensinar a maneira de vencer as paixões nascentes; de fazer deles bons cristãos e honestos cidadãos! Para a realização desse objetivo os Irmãos estão dispostos a sacrificar tudo: tempo, saúde e a própria vida. Repetia-nos: “Antes de tudo, Deus quis esta Congregação para formar santos. Assim, no dia do juízo, cada um será interrogado e responderá pela salvação de seus alunos; verá se, por culpa própria, foi responsável para eventual perdição de algum deles.” E acrescentava com muita emoção: “Eu mesmo, Irmãos, estarei à frente de todos vocês para prestar contas da salvação ou da perda dos membros da Congregação”. Quanto bem, portanto, poderá realizar o Irmão que permanecer motivado por esse pensamento e que, cheio de zelo, trabalhar para servir a Deus e para tornar Jesus Cristo e sua santa Mãe conhecidos e amados! Evitará que muitos pecados se cometam; arrancará das garras do inferno inúmeras almas; enviará para o céu grande número de predestinados!

2º) Faço agora outra reflexão. Não será verdade que, em sua misericórdia, Deus teria inspirado ao padre Champagnat a fundação da Congregação exatamente para o tempo em que estamos vivendo? Com efeito, nunca se viu a juventude exposta a tão grandes perigos como agora. As escolas sem Deus, que aparecem por toda a parte, nada mais são do que locais onde

há libertinagem desenfreada, insubordinação audaciosa e crimes hediondos.<sup>114</sup> Se, desde seu nascimento, o ser humano traz em si a semente dos vícios, o que não se tornará essa juventude exposta a toda a sorte de más doutrinas, levada ao mal pelos piores exemplos, excitada por vergonhosa concupiscência? Que tipo de juventude sairá dessas escolas ateias? É verdade que ensinam certa moral, disfarçada sob o adjetivo de cívica. Entretanto, no fundo, não passa de imoralidade camuflada e totalmente pagã. Quem amparará tais jovens nos combates que precisarão travar contra si próprios, tendo apenas essa pretensa moral? Sem as luzes do Evangelho para guiá-los, sem a graça que lhes dá fortaleza para vencer? Quem os ajudará, quando os maus deste mundo lhes apresentarem a taça encantada dos prazeres, cheias de venenos mortíferos? Os jornais já estão noticiando essa geração ignóbil e feroz, fruto das escolas públicas; escolas de onde o governo banuiu o ensino de Deus e retirou a imagem da cruz, sinal sagrado que ajudou a civilizar os povos bárbaros! Aí está contra quem a Congregação do padre Champagnat foi chamada a lutar. A tarefa é difícil, mas os discípulos não desanimam. Sempre na luta, por toda a parte onde são chamados, são vistos empunhando as armas da oração, do zelo e do recurso a Maria, a exemplo do Fundador. Lutam contra inimigos audaciosos, pagos por autoridades voltairianas e ímpias; combatem como soldados valentes, procurando subtrair daquele ensino nefasto a massa enorme de jovens que frequentam suas escolas. É evidente que a obra do padre Champagnat realiza bem imenso na Igreja, trabalhando com aquilo de mais sagrado que ela tem: as crianças pelas quais o Bom Mestre manifestava predileção, chamando-as a si com palavras ternas e paternais: “Deixai vir a mim as crianças. Não as impeçais. O Reino dos céus é daqueles que a elas se assemelham.”<sup>115</sup>

<sup>114</sup> As leis de laicização das escolas francesas datam de 1881; portanto já vigoravam há cinco anos, quando o Irmão Sylvestre faz seu relato.

<sup>115</sup> Lucas 18, 15-17.

3º) Não falemos apenas do bem que a Congregação faz em favor das 80.820 crianças e jovens que, atualmente, recebem o benefício da educação cristã ministrada pelo zelo e dedicação dos Pequenos Irmãos de Maria.<sup>116</sup> Falemos de um bem maior: o benefício de acolher no interior da Congregação 4.007 pessoas, a saber: 3.172 Irmãos, 209 postulantes e 626 juvenistas. Todas essas pessoas, talvez, no mundo, se perderiam. Porém, no seio da Congregação, lutam ou se preparam para combater contra Satã e trabalham eficazmente na própria santificação. Como é bonito imaginar mais de três mil Irmãos revestidos do hábito de Maria, todos eles lutando com coragem contra os defeitos e contra as más tendências da natureza humana corrompida. Como é bonito imaginá-los frequentando os sacramentos várias vezes por semana e submetendo-se ao Regulamento diário que lhes determina a programação do tempo de trabalho, de descanso e do seu passado, quanto à quantidade e qualidade. Como é bonito imaginá-los sacrificando sua liberdade, deixando-se conduzir pelos superiores, renunciando às alegrias de uma família. Fazem tudo isso em favor da própria salvação; mas também para encher o céu de predestinados, porque, com seu exemplo e ensino, atingem essas quase 90.000 crianças! Isso, as escolas sem Deus não fazem. Este grande número de educadores religiosos e de alunos poderia ser ainda mais numeroso, se as perseguições dos maus não viessem entrar continuamente a marcha admirável da obra do padre Champagnat.

4º) Também se deve considerar o bem realizado em favor dos postulantes, esses jovens que deixam o mundo, onde poderiam correr perigos em relação à salvação e onde, talvez, alguns já tenham sofrido dano em sua alma. Não é grande consolação para a Igreja vê-los dirigidos por mestres hábeis, aprendendo a

<sup>116</sup> Os dados estatísticos que o Irmão Sylvestre apresenta são do ano 1886.

reprimir as paixões, reforçar o caráter e vencer os maus hábitos? Vê-los tornarem-se verdadeiros apóstolos de Jesus Cristo, depois que passam pelo cadinho de purificação, que é o noviciado?

5º) Outro belo espetáculo é considerar os grupos de candidatos jovens, nossos futuros noviços. Depois da primeira comunhão, na idade em que são mais queridos na família, abandonam o mundo para se consagrarem a Deus, ensaiando os primeiros passos da vida religiosa. Muitas vezes, por circunstâncias providenciais, é que se apresentam. Como é edificante, cada quinze dias, vê-los aproximarem-se da comunhão com piedade e modéstia angelicais! Quantas vezes as lágrimas me encheram os olhos, ao ouvi-los cantar, com voz sentimental e harmoniosa, os cânticos de ação de graças! Quanta submissão a seus formadores; quanta afabilidade em seus relacionamentos; quantos semblantes puros e cândidos, olhares serenos e singelos! Que diferença com os colegas que deixaram no mundo, muitos dos quais já enveredados pelos descaminhos do mal. Essas crianças são viveiros de candidatos, garantindo o futuro da Congregação e alegrando o coração da Igreja. A fundação dos juvenatos é concretização de uma promessa do padre Champagnat que, ainda em vida e também no leito de morte, repetiu várias vezes que a Congregação era obra de Deus; que, nos momentos mais difíceis, quando tudo pareceria perder-se, ele enviaria abundantes meios para socorrê-la. Portanto, não duvido de que foi uma inspiração de Deus que os sucessores do padre Champagnat tivessem a ideia de abrir juvenatos. Aliás, o Fundador já os admitia em princípio, recebendo candidatos com pouca idade, quase crianças; disso tenho experiência própria. Deve ser magnífica a tríplice coroa do nosso Fundador no céu; coroa formada pelas crianças, pelos candidatos e pelos Irmãos, todos gozando da felicidade

eterna por terem feito parte da sua Congregação; muitos deles participando desde tenra idade, quando ainda traziam a veste cândida da inocência!

Embora pintado com tênues cores, eis aí o retrato de todo o bem que a Congregação do padre Champagnat realiza na Igreja. Pergunto eu, agora: será que a Igreja não o reconhecerá como homem segundo o coração de Deus, isto é, um santo? Um santo cujas virtudes ficaram ocultas sob o véu da mais profunda humildade?

## 6º) MINHA OPINIÃO SOBRE A CONGREGAÇÃO

1º) Minha opinião é que nossa Congregação irá até o fim dos séculos e que, portanto, está destinada a combater o Anticristo. Eis as razões que me levam a pensar desse modo. O fim do mundo não parece estar longe, segundo declarações de sábios doutores e de textos do Livro Sagrado. A Escritura afirma que o fim do mundo será precedido por grandes perseguições. Vemos que Deus, por assim dizer, está derramando sobre o mundo os últimos tesouros de sua misericórdia, a saber: o culto ao Sagrado Coração de Jesus, o culto à Virgem Imaculada e também a são José, seu casto esposo. Que mais teria ele para nos dar? É crença generalizada que Deus reservou esses três grandes favores para o fim dos tempos. Nesse sentido, acredito que a Sociedade de Maria, embora esteja ainda nos seus albores, é o exército que Deus escolheu para lutar contra o Anticristo; fará isso por meio dessas três devoções, pois nosso Instituto presta culto especial ao Sagrado Coração de Jesus, à Imaculada Conceição e a são José.



2º) Além dessa razão, apresento também um fato que confirma esse meu modo de pensar. Acho que sou o único a ter conhecimento dele. Aconteceu com um dos capelães de l'Hermitage, cheio de ardor missionário pela salvação dos infiéis, grande devoto da Santíssima Virgem e que, posteriormente, foi sagrado bispo: o padre Jean-Baptiste Pompallier. Certo dia ele não apareceu no refeitório, na hora do almoço. Champagnat mandou o Irmão Estanislau ao seu quarto para saber se havia algum problema. O Irmão bateu à porta do quarto; não houve resposta; a chave estava do lado de fora. Bateu mais forte; mesmo silêncio. Então, sem bater de novo, abriu a porta e viu o padre ajoelhado diante de uma estátua da Santíssima Virgem, sob uma imagem de Jesus. O Irmão Estanislau me contou que o padre tinha o rosto inflamado, radiante, parecendo estar em meditação profunda. Enquanto o Irmão o contemplava naquele êxtase, o piedoso capelão se levantou e pronunciou com voz bem acentuada: “Meu Irmão, rezemos, rezemos! É a Sociedade de Maria, padres e Irmãos, que deverá combater contra o Anticristo”. E sem dizer mais nada, vendo que se tinha traído, desceu ao refeitório, recomendando ao Irmão Estanislau que guardasse segredo sobre o assunto. Supondo-se que seja verdadeira tal predição, quanta glória para o padre Champagnat ter sido escolhido por Deus para ser o formador desse exército de elite, de que a Santíssima Virgem Imaculada se servirá, para esmagar definitivamente a cabeça da serpente infernal, personificada no homem do pecado, o Anticristo!

Irmão Sylvestre  
TERCEIRO RELATO

## APÊNDICE

Compreende três capítulos:<sup>117</sup>

1. Meu relacionamento com o Padre Champagnat.
2. Coisas edificantes: virtudes, fatos, reflexões.
3. Particularidades sobre o Padre Champagnat; alguns usos e costumes da sua época.

<sup>117</sup> No original a relação destes capítulos foi acrescentada posteriormente a lápis.

## PRÓLOGO DO AUTOR

NO CAPÍTULO XI<sup>118</sup>, prometi escrever, com o título de APÊNDICE, o meu relacionamento com o Padre Champagnat durante os nove anos em que tive a felicidade de tê-lo como Superior, especialmente durante o tempo da minha formação. Depois, quando estive atuando nas escolas, o meu relacionamento com ele foi normal, como o de todos os Irmãos colocados nesse tipo de trabalho. Não pretendo entrar em detalhes sobre suas virtudes e sobre tudo o que poderia relacionar-se com elas, pois seria muito demorado. Do seu modo de proceder, falarei somente o que presenciei pessoalmente ou que ouvi relatar por testemunhas oculares.

<sup>118</sup> Assunto anunciado no final do 3º parágrafo, Capítulo XI, Segundo Relato.

**CAPÍTULO I**

**MEU RELACIONAMENTO  
COM O PADRE CHAMPAGNAT**

## 1 - MINHA CHEGADA A L'HERMITAGE

1º) L'Hermitage! Nome bendito! Quantas lembranças piedosas despertam na memória! Quão doce emoção sinto ao pensar nessa santa casa, onde tive a felicidade, entre tantas, de ingressar como noviço, no terceiro domingo da quaresma, no mês de março de 1831. Era um sábado! Sempre considereei graça insigne o fato de ter ingressado nesse dia especialmente consagrado a Maria, nossa Boa Mãe. Possa eu morrer, igualmente, em dia de sábado!

2º) Ainda me vejo entrando no modesto quarto do Fundador em companhia de outro postulante da minha região<sup>119</sup> e do Irmão que nos conduzia. Recordo a impressão que tive, quando vi seu talhe alto e majestoso. Apresentava-se bondoso e sério ao mesmo tempo. Inspirava respeito. Tinha as faces emagrecidas, os lábios pouco salientes, parecendo sorrir, os olhos penetrantes e perscrutadores. A sua voz era forte e sonora, pronunciando as palavras com clareza, bem articuladas, sem laconismo nem prolixidade. Todo o seu corpo era bem proporcionado. Assemelhava-se a um desses modelos de santidade que vemos estampados nos quadros, tipo são Vicente de Paulo, são Francisco de Assis, o venerável Cura de Ars etc.

3º) Muito delicadamente, mas sem afetação, pediu que nos sentássemos. Então, a mim e a meu companheiro fez diversas perguntas, indagando nossas motivações para entrar na vida religiosa, querendo saber se estávamos dispostos a renunciar à nossa vontade própria, se amávamos a Santíssima Virgem e, ainda, outras indagações de que não me lembro. Depois disso, embora ele me achasse muito novo, pois eu estava com 12 anos e três meses, disse que acolhia a ambos. Visto que tínhamos sido recomendados pelo padre Rouchon, pároco de Valbenoîte, do qual era amigo, não deu muita importância à minha pouca

<sup>119</sup> Trata-se do postulante Joseph Roux que, posteriormente, recebeu o nome de Irmão Martin, ("Repertoires", p. 372)

idade, nem à minha estatura, um pouco baixa para aquela idade. Em um grande caderno, formato *in-folio*<sup>120</sup>, que estava em sua biblioteca, inscreveu nossos nomes, anotando também todos os pertences que trazíamos em nossa módica bagagem. Dado que o padre Rouchon se encarregara de pagar a nossa pensão, ele não tratou desse assunto conosco. Disse ainda algumas palavras de encorajamento e nos confiou aos cuidados do Irmão Francisco, que era o mestre de noviços naquela ocasião. Quanto ao padre Champagnat, era ele quem dava permissão para comungar, cada quinze dias; somente com ele fazíamos a direção espiritual, seja na confissão ou fora dela.

## 2 - INÍCIO DA MINHA FORMAÇÃO<sup>121</sup>

1º) Antes de continuar, peço ao leitor que preste atenção em tudo o que fez por mim o venerando Padre, procurando corrigir meus defeitos e conservar-me na vocação. Ver-se-á que foi a sua grande paciência, acompanhada de solícita paternidade e de constante firmeza, que acabou por triunfar sobre o meu caráter leviano, dissipado, parecendo inadequado à vida religiosa. Não vou alongar-me em detalhes para não ultrapassar os limites que me fixei para este resumo da biografia.

2º) Eu era dotado de temperamento vivo, leviano e levado facilmente à dissipação. Desde os primeiros dias do meu noviciado deixei-me envolver em atos pueris e em levandades que logo me acarretaram avisos, advertências, ameaças e correções. Também recebi muitas penitências, que cumpri sem replicar; mas, na verdade, eu pouco me corrigia. Em vista disso, seria normal que o Fundador me mandasse embora; chegou a ameaçar-me algumas vezes, mas vendo que eu era sério e compenetrado, quando se tratava de assuntos religiosos,

<sup>120</sup> Este caderno, infelizmente, não existe, a não ser que a página correspondente ao registro de entradas daquele ano tenha sido arrancada.

<sup>121</sup> No original, o Irmão Sylvestre coloca o título “Minha entrada no noviciado.” Tendo em vista que ele vai tratar deste tema mais adiante, resolvemos inserir um título novo Início da minha formação, deslocando o título dado pelo Irmão Sylvestre para o capítulo seguinte.

tratou-me com paciência, permitindo que eu permanecesse ainda por algum tempo, para avaliar minha vocação e para verificar até que ponto eu tinha apreço à vida religiosa. A essa altura, um acontecimento providencial tirou-o das dúvidas e incertezas a meu respeito. Um carreteiro da minha região veio fazer alguns negócios em l'Hermitage. Às escondidas, entregou-me uma carta vinda de meus pais, exigindo pronta resposta. Não sabendo o que fazer, pois sentia escrúpulos de abri-la às escondidas, entreguei-a ao padre Champagnat, informando-o como ela chegara às minhas mãos. “Está bem, caro amigo”, disse-me ele, quando me retirei. No dia seguinte, disse-me que o assunto da carta era insignificante e que eu não precisava preocupar-me. Soube, posteriormente, que a carta era uma armadilha do demônio, trazendo insinuações para fazer-me voltar para casa. Com aquela atitude eu tinha cumprido um artigo das Regras, ainda desconhecidas para mim; aquilo confirmou a apreciação do Fundador sobre a minha vocação. A partir de então, empregou todos os meios possíveis para conservar-me nela. Que profundo conhecimento do coração humano ele tinha, percebendo naquele gesto, que aparentava ser insignificante, forte indício de vocação!

3º) Por causa das minhas leviandades, muitas vezes coloquei à prova a sua paciência; apesar de tudo, não mais me ameaçou de mandar-me embora. Sua bondade a meu respeito, mesmo nas travessuras, foi paternal. Eis um exemplo. Certa vez, depois da oração da noite, quando toda a comunidade se dirigia da sala de exercícios para a capela, à qual se acedia por longa escada de 40 degraus, permiti-me uma brincadeira bastante curiosa. Como era um pouco escuro, pensei que o Irmão que vinha logo atrás de mim fosse um colega ao qual, vez por outra, eu pregava peça. Então comecei a lhe dificultar a subida, fazendo zigue-zagues à

sua frente, de modo que não podia avançar senão com muita dificuldade; ele manifestava seu enfado com suspiros profundos. Quando chegamos à entrada da capela voltei-me para ver a cara que fazia. Ó decepção, era o próprio padre Champagnat! Por causa daquilo fiquei esperando um castigo exemplar, mas nada aconteceu. No sábado, quando fui ter com ele para solicitar as permissões de costume, primeiro fez pequena alusão jocosa sobre o assunto, depois recomendou que eu fosse mais ajuizado. Apenas isso. Nunca mais voltou a falar sobre aquela leviandade.

4º) Para corrigir minha dissipação, escalou-me para trabalhar em diversos setores: na cozinha, na forja, na padaria, na confecção de velas etc. Em toda a parte eu fazia traquinagens. Então, depois de alguns dias em um setor, por causa das brincadeiras e do meu mau jeito, pediam ao bom Padre que me transferisse para outro emprego. Por exemplo, uma vez, trabalhando nas luminárias, ele veio conferir como eu desempenhava a função. Da minha parte, querendo mostrar-lhe que sabia das coisas, acabei me atrapalhando e deixei cair uma vasilha de óleo, cujo conteúdo respingou a sua batina. Foi descuido de minha parte e eu merecia ser castigado; entretanto, ele limitou-se a dizer-me que prestasse mais atenção naquilo que eu fazia. Apesar do ocorrido, não me transferiu daquele emprego. Mais tarde, com a intenção de fixar-me em algo mais duradouro, colocou-me no setor de tecelagem, sob a orientação de um Irmão mais antigo, que era bom, pacato, paciente, de notável piedade, mas muito sério.

5º) Antes de ir para o setor de tecelagem, encarregou-me de cuidar de duas cabras, animais de estimação, que ele havia comprado por indicação médica para fornecer leite aos Irmãos doentes de tuberculose. Eu nunca tinha lidado com aqueles animais chifrudos. Davam-me muito trabalho! Um dia resolvi atar uma cabra à outra por meio de longa corda que eu segurava

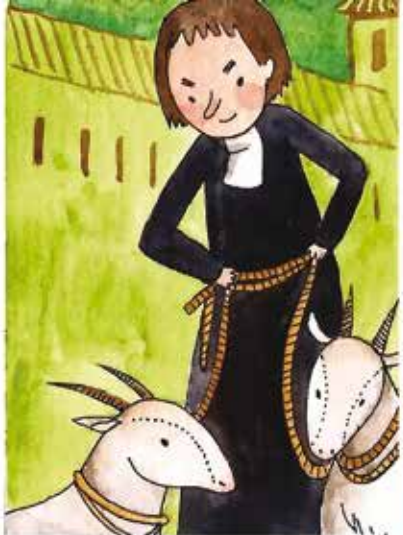




pelo meio. Daquele modo levei-as até o alto dos rochedos, mais ou menos à altura de cem metros. Lá no alto, irritadas pelo fato de estarem amarradas, elas se debatiam, querendo escapar, ora pela direita, ora pela esquerda. Debateram-se tanto que acabaram por deixar-me todo enrolado e, cada uma puxando para o seu lado, me jogaram no chão; elas também caíram, enroladas nas cordas. Então, como pelotão único, rolamos de rochedo em rochedo, montanha abaixo, até o sopé. Ao ver a cena, o Fundador, que não estava longe, imaginou que o desastre seria grande; que eu ficaria com o corpo todo esfacelado. Felizmente não aconteceu nada. Os animais e eu, meio tontos, nos levantamos apenas arranhados. Soube depois, que enquanto caíamos, ele fizera uma prece por mim. Na hora do recreio, enquanto eu contava a aventura, ele sorria e acrescentava algumas palavras jocosas; depois, assumindo um tom mais sério, disse: “Vi você em perigo tão grande que, de onde me encontrava, lhe dei a absolvição. Agradeça a Deus o fato de você não ter-se machucado”. Não duvido que foram as suas orações que me salvaram de tão grande perigo.

### 3 - MINHA ENTRADA NO NOVICIADO

1º) A partir desse episódio e desde que comecei a trabalhar no setor de tecelagem, tornei-me um pouco mais comportado. Foi então que solicitei ao venerando Padre a graça de receber a batina. Cheguei a reiterar o pedido diversas vezes. Ao ver minha insistência, apesar das travessuras que ainda me escapavam, decidi aceitar-me como noviço. Quão grande foi meu júbilo e felicidade, quando recebi a notícia! Eu estava tão feliz que, ao revestir a batina para que o Irmão alfaiate pudesse ajustá-la nas minhas medidas, me pus a pular e a saltar de alegria, distraíndo com isso



os colegas. Naquele momento, ao ver-me brincar, um dos padres capelães deu-me severa repreensão. Fiquei assustado, temendo que o início do meu noviciado fosse adiado. Graças a Deus não aconteceu nada. No dia seguinte, festa da Assunção de 1831, fui admitido à tomada de hábito com outros quatro colegas. A cerimônia foi presidida pessoalmente pelo Fundador. Não sei se ele teve conhecimento da minha leviandade da véspera. O que sei é que, muitas vezes, com grande paciência, ele dissimulava minhas travessuras. Presumo que também naquela vez desconsiderou a falta, para não estragar minha felicidade e alegria.

2º) Sempre temos algum defeito no qual recaímos, ensina a fábula de La Fontaine. Isto é verdade, especialmente se não extirpamos o defeito, ou quando o combatemos com displicência. Foi o que aconteceu comigo. Nos primeiros meses do meu noviciado, tudo ia muito bem. No entanto, por falta de maior vigilância e por esquecer as resoluções e promessas feitas, pouco a pouco voltei aos antigos defeitos. Comecei a receber novas advertências, correções e castigos em público. O Fundador demonstrava grande afeição por mim; mas ao ver que eu não me emendava e percebendo que certos Irmãos mais antigos não aprovavam a persistente paciência que usava a meu respeito, cogitou realizar aquilo que já projetara fazer anteriormente, isto é, mandar-me embora da Congregação, pelo menos por determinado tempo. Antes, porém, quis submeter-me a alguma provação bem forte que lhe servisse de indicativo sobre o que fazer comigo; para concluir com mais certeza se eu amava a vocação de verdade; parece que ele começava a duvidar disso a meu respeito. Aguardou, pois, que eu fizesse alguma estripulia maior, para aplicar-me a provação planejada. Não precisou esperar muito.

3º) No meu setor de trabalho achava-se também outro Irmão, mais jovem; certo dia ele pediu o favor de cortar-lhe o cabelo.





Prontifiquei-me para isso e, fingindo que lhe prestava tal serviço, fiz uma bela tonsura no alto da sua cabeça; por sinal, achei que estava bem feita por ser a minha primeira tentativa! Champagnat percebeu aquela tonsura quando o referido Irmão foi fazer o exercício da culpa.<sup>122</sup> Perguntou quem lhe tinha feito aquilo. Balbuciando, ele declinou o meu nome. O Fundador me chamou para o meio da sala, deu-me admoestação tão forte que fiquei atemorizado; depois, com olhar sério, me ordenou: “Vá tirar este santo hábito! Com o tempo verei se você merece usá-lo de novo ou não. Retire-se. E, antes que seja tarde demais, trate de colocar um fim a essas infantilidades.” Tive que obedecer àquela ordem, imediatamente.

4º) Esforcei-me bastante para me corrigir e voltei a solicitar a batina diversas vezes. Alguns Irmãos mais antigos intercederam por mim, sobretudo o Irmão Estanislau, que tinha muita influência junto ao venerando padre. Foi tudo em vão. Respondia sempre com estas palavras que, para mim, eram desanimadoras: “Resolveremos isso mais tarde!” Minha provação continuava. Certo dia foi anunciada a visita do vigário-geral, padre Cattet, à nossa casa. Após a recepção formal, ele foi conduzido à sala da comunidade, onde estávamos reunidos, para nos dirigir algumas palavras de encorajamento. Como havia vários Irmãos jovens na sala, começou a interrogá-los, para ver se sabiam o catecismo. Nessas alturas, o Fundador aproximou-se de mim e me disse em surdina, mas de maneira a ser ouvido pelos meus vizinhos: “Meu caro amigo, se você quiser voltar a ser noviço vá para o meio da sala, coloque-se de joelhos, faça o exercício da culpa ao senhor vigário-geral; não deixe de citar a falta pela qual você foi castigado com a perda da batina; com grande humildade, peça-lhe que o autorize a revesti-la novamente”. Disse isto e afastou-se sem acrescentar nada mais. Fiquei indeciso por

<sup>122</sup> O “exercício da culpa”, ou revisão de vida, era atividade feita em clima de oração, comunitariamente, onde cada qual se acusava de faltas externas contra o regulamento da casa; contra as disposições gerais da vida religiosa.



uns momentos. Depois, como a vontade de reaver a batina era forte, levantei-me decidido, coloquei-me de joelhos no centro da sala e, chorando muito, fiz aquilo que Champagnat me tinha aconselhado. O vigário-geral, no seu modo de ver as coisas, julgou minha falta como brincadeira sem malícia. Mais tarde eu soube que também Champagnat, no fundo, me julgava da mesma maneira e que o seu objetivo ao castigar-me era o de corrigir-me e de dar a todos um exemplo de como se devem respeitar as coisas santas. Então o vigário-geral mandou que eu me aproximasse dele; abraçou-me e disse: “Vá solicitar a sua batina! Quero vê-lo revestido com ela antes da minha despedida.” Agradei-lhe afetuosamente e saí correndo. Voltei dali a pouco, de batina, para apresentar-me ao ilustre visitante. Ele dirigiu-me ainda algumas palavras de encorajamento, abraçou-me novamente, despediu-se da comunidade e retirou-se.

5º) A mudança que se operou em mim por causa daquela forte correção, somada ao sinal visível de apego à vocação que eu demonstrava, fizeram com que eu conquistasse para sempre a afeição do Fundador. Além de não falar mais em mandar-me embora, alguns dias depois, ele teve a bondade de destinar-me para trabalhar em uma escola, embora eu tivesse apenas catorze anos de idade.

6º) Na verdade, se o bom Deus não me tivesse dado a graça de submeter-me àquela provação, minha vocação teria acabado ali, pois eu soube que era projeto do estimado padre mandar-me para casa no dia seguinte daquela visita. Quero acrescentar ainda que ele nunca mais fez referência às minhas infantilidades nem à cena dramática daquela provação, que serviu para me corrigir, embora não completamente.



## 4 - MINHA PRIMEIRA DESTINAÇÃO

1º) Eu colocara à prova, durante ano e meio, a paciência do venerando padre. Considerem, agora, quanto era bom o seu coração; vejam como esquecia logo as faltas, sobretudo se a gente se corrigia com sinceridade. Apenas alguns dias depois do episódio que acabei de narrar mandou-me chamar e disse-me: “Meu caro amigo, vou destiná-lo para a comunidade de Ampuis, onde você será o cozinheiro e ajudará o Irmão diretor na sala de aula. É um dos nossos melhores estabelecimentos. Mais tarde, quando você estiver bem treinado nesse emprego, retirarei o Irmão que você vai substituir. Assim, pois, vá preparar as suas coisas. Partiremos juntos. E, dado que o caminho é longo, quase trinta quilômetros, iremos a cavalo; desta forma o cansaço será menor. Prepare-se depressa, porque eu tenho que regressar ainda hoje à tarde; antes de partirmos, não esqueça de passar pela cozinha para comer alguma coisa e fortificar-se”. Preparei tudo, rapidamente, e em menos de meia hora estava de volta no quarto do Fundador, levando em uma sacola o meu enxoval. Admirem sua solicitude: quis verificar se eu levava tudo quanto era necessário! Depois, como surgissem ainda alguns assuntos urgentes para resolver, que o reteriam por mais de uma hora, indicou o caminho que eu deveria seguir e pediu-me que fosse adiante, caminhando; ele me alcançaria depois. Fiz uma visita à capela, onde me recomendei à Santíssima Virgem, a São José e ao Anjo da Guarda, e parti. Eu estivera tão pouco atento, quando me indicou o caminho, que logo me perdi; tinha andado somente dois quilômetros quando ele, a cavalo, me alcançou. Admirou-se de que eu estivesse ainda tão perto de l’Hermitage depois de todo aquele tempo. Sem me repreender, desceu do cavalo e me fez montar no seu lugar; ajustou os estribos conforme meu tamanho; deu-me as rédeas e indicou a



maneira de dominar o animal; recomendou-me seguir em frente e esperá-lo na aldeia Croix-de-Mont-Vieux. De sua parte, ele seguiria por uns atalhos, a fim de me alcançar o mais depressa possível. Marcou o trote do cavalo, conduzindo-o pelas rédeas por alguns instantes, antes de deixar-me. Ao reler esta cena, não fica patente que, em vez da figura de um superior, o que mais transparece é a figura de um bom pai preocupado com o filho?



2º) Vejam vocês como eu era criança ainda! Eu imaginava que encontraria uma cruz à beira da estrada com a inscrição Croix-de-Mont-Vieux, do tipo das “cruzes de missão”<sup>123</sup>. Mas era simplesmente o nome de uma aldeia, distante 10 quilômetros do local da nossa separação. Portanto, olhando todas as cruzes e até mesmo todos os postes do caminho, fui seguindo sempre em frente, sem ter encontrado aquela inscrição. Assim, sempre a cavalo, atravessei uma população que, depois, me disseram ser Pélussin. Quando estava para atravessar um segundo povoado, perguntei onde eu estava. Responderam-me: “Aqui é Chavanay”. Como eu sabia que lá temos Irmãos, pedi para me indicarem a direção da escola. Quando lá cheguei, por causa da minha baixa estatura, fui motivo de grande gozação entre as crianças, porque, sem saber, eu tinha entrado na sala dos alunos iniciantes. Imediatamente, o Irmão diretor me trancou na cozinha; mandou seus alunos embora, pois não conseguia fazê-los voltar à ordem; levou o cavalo para a cocheira, porque eu o deixara ali, à entrada, preso em simples argola; só então veio conversar comigo, querendo saber o motivo da minha viagem. Mas naquele momento bateram à porta. Era Champagnat chegando. Ao ver-me, sem rancor, foi logo dizendo: “Então, é aqui que você está? Por acaso isso é Croix-de-Mont-Vieux?” Depois, dirigindo-se ao Irmão diretor: “Essa é boa! Hoje de manhã coloquei estas botinas novas, contando fazer parte do caminho a cavalo e eis que esse jovem Irmão, sem querer, me fez caminhar um longo percurso, criando-me bolhas nos pés!” Então, com voz mais paternal, dirigindo-se a mim, desabafou: “Na verdade não entendo como você pode ser tão distraído a ponto de cruzar Croix-de-Mont-Vieux sem dar-se conta”. Muito pesado lhe respondi: “Meu pai, asseguro-lhe que observei bem todas as cruzes e postes sem encontrar a inscrição Croix-du-Mont-Vieux”. Os Irmãos puseram-se a rir e o bom padre com

<sup>123</sup> No encerramento das “missões populares”, os fiéis costumavam dirigir-se a algum lugar proeminente da paróquia, para erguer uma grande cruz, como lembrança das resoluções tomadas durante a missão. Muitas dessas cruzes de missão ainda são visíveis na paisagem rural da França.





eles. Disse-me: “Menino, você devia saber que Croix-de-Mont-Vieux não é uma cruz, mas é o nome do povoado que você cruzou antes de chegar a Pélussin”. A seguir, dirigiu-se ao Irmão Diretor: “Eu preciso estar de volta a l’Hermitage hoje à tarde. Em vista disso, encarrego-o de levar este jovem Irmão a Ampuis, amanhã”. E, para mim, despedindo-se: disse: “Meu caro amigo, comporte-se! Desempenhe bem a sua função de cozinheiro.” Ainda trocou algumas palavras com os outros Irmãos e partiu.

## 5 - MEU REGRESSO A L’HERMITAGE

1º) Desde que cheguei a Ampuis, após alguns incidentes bastante curiosos<sup>124</sup> não narrados aqui por estarem fora do meu objetivo, pus mãos à obra. Pois bem, o Irmão diretor, que não gostava de gente de pequena estatura, após dois meses de tentativas, resolveu livrar-se de mim, sob o pretexto de que eu não era bom na cozinha. Em vez de me falar francamente sobre a questão, valeu-se de uma artimanha: alegou estar precisando de outro chapéu e pediu que eu fosse a l’Hermitage para buscá-lo. Caí na sua armadilha, pois ao aceitar prazerosamente o encargo da viagem, não a cavalo, mas a pé, sem o saber eu era portador de uma carta na qual ele pedia a minha transferência. Cheguei a l’Hermitage são e salvo, graças a Deus. Depois da minha visita ao Santíssimo, logo fui ter com o Fundador que me acolheu muito bem. Entreguei-lhe a carta. Notei que, à medida que a leitura avançava, o seu rosto se tornava mais sério. Terminada a leitura, disse-me em tom lacônico: “É, meu caro amigo, parece-me que o seu Irmão diretor não está muito contente com você; ele pede-me a sua transferência”. Deu-me as razões do pedido. Eu procurei desculpar-me dos diversos agravos de que era acusado. Disse ao Fundador que a principal razão pela qual

<sup>124</sup> Ver a descrição desses incidentes curiosos em “Annales de l’Institut”, nº 168 a 175, relativos ao ano de 1832.



o Irmão diretor solicitava minha transferência não era nenhuma daquelas apontadas na carta; a razão principal era a minha baixa estatura. Como prova, disse-lhe que o Irmão diretor não queria que eu o acompanhasse à igreja com receio de provocar risadas do público. O bom Padre compreendeu, pois quando terminei de me desculpar, disse-me com bondade: “Tudo bem, meu caro amigo! Entretanto, peço-lhe que, por ora, você volte a trabalhar no atelier de tecelagem. Mais adiante eu o convocarei novamente.” Regressei, pois, ao meu antigo ambiente de trabalho em l’Hermitage. Aquela transferência fraudulenta não me deixou ressentido. Eu gostava muito de estar na casa de l’Hermitage. Ter ficado afastado dela durante dois meses fez com que eu a estimasse mais ainda.

2º) Nos primeiros parágrafos deste capítulo tivemos ocasião de admirar a bondade, a paciência e a firmeza do venerando padre; nestes dois últimos, fica muito patente a sua solicitude pelos jovens Irmãos, até nos mínimos detalhes, assim como a justiça em relação a eles. Ele não apoiou a trapaça que me impingiu o Irmão diretor, pois não me dirigiu repreensão alguma. Depois de certo tempo que passei no atelier de tecelagem, novamente deu mostras da confiança que depositava em mim, encarregando-me de dar aulas para os Irmãos estudantes. Nomeou-me para lecionar na escola de Marlhés, sua terra natal; depois na escola de La Côte-Saint-André, dois estabelecimentos muito importantes na época. Conforme já escrevi em página anterior, foi durante meu tempo de atuação neste último estabelecimento que ele veio a falecer. De lá, escrevi-lhe diversas cartas. Nas suas respostas, quanta bondade e afeto! Muitas palavras de incentivo e encorajamento! Teria muita satisfação em apresentar aqui algumas das suas respostas. Infelizmente aquelas cartas me foram surripiadas ou, então, foram extraviadas. Apenas uma delas sobrou-me. Como conclusão deste capítulo, transcrevo-a aqui.



*Notre-Dame de l'Hermitage, 25 de novembro de 1837.*

*Caríssimo Irmão Sylvestre,*

*Meu caro amigo, desejo ardentemente que Jesus e Maria abençoem suas boas disposições. Sua franqueza não deixará de ser abençoada e você conquistará o prêmio da vitória. Coragem! Recomendo-lhe que seja bem franco, sempre, ao dialogar com seus superiores e diretores.*

*Nós recebemos, há pouco, uma carta dos nossos missionários que estão em viagem para a Oceania. Logo mais, lhe mandaremos uma cópia. O Padre Bret morreu durante o percurso para Valparaíso. Os demais estão de boa saúde, muito contentes na vocação, ansiosos por chegarem logo ao destino. O zelo pela salvação dos habitantes daquelas ilhas lhes interessa mais que tudo.*

*Rezemos, rezemos pela salvação deles e daqueles que nos são confiados. O preço da salvação dos franceses é o mesmo da salvação daqueles idólatras, isto é, o sangue de um Deus. Diga ao caríssimo Irmão Louis-Marie (ele era o meu diretor) que a situação dele não deixará de ser abençoada. Nós não nos esquecemos de nenhum de vocês.*

*Atualmente estamos fazendo os preparativos para ir a Paris. Reze muito, recomendando a Deus essa tarefa, para que aconteça somente o que é da vontade de Deus, nada mais. Fazer a sua santa vontade, isso é tudo! Seria vão agitar-se por outra causa. Só a vontade de Deus!*

*Adeus, meu caro amigo. Deixo-o nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria.*

*Tenho a honra de ser, em Jesus e Maria, seu devotado pai,  
Champagnat, superior dos Irmãos Maristas.*

Nesta carta, por acaso, não fica bem visível sua bondade, seu grande espírito de fé, seu zelo pela salvação das almas, seu talento para encorajar os jovens Irmãos, a fim de conservá-los na vocação?

Eu teria ainda muitos outros fatos pessoais para relatar. Penso fazê-lo no próximo capítulo, à medida que aparecer ocasião, quando eu recordar fatos da sua vida.

**CAPÍTULO II**

**COISAS EDIFICANTES:  
VIRTUDES, FATOS, REFLEXÕES.**

## I - O EXERCÍCIO DA PRESENÇA DE DEUS <sup>125</sup>

1º) A recordação frequente da presença de Deus foi o exercício espiritual predileto do padre Champagnat. De certa forma, foi a alma da sua alma. Vendo-o tranquilo, sereno e recolhido, dava para perceber que se mantinha na presença de Deus. Recordo que, ao iniciar a meditação, às vezes, o Fundador começava com as palavras: *Quo a facie tua fugiam*.<sup>226</sup>... Pronunciava a frase com tom de voz tão compenetrado e solene, que produzia sentimentos inexprimíveis na alma, induzindo-nos a tão profundo recolhimento, que percebíamos apenas a respiração uns dos outros. Quantas vezes aquela sua maneira de falar me ajudou a evitar o pecado, a me preparar para a oração! Ele sempre insistia no exercício da presença de Deus, dizendo-nos que é o exercício de piedade que supre com vantagem todos os outros, permitindo-nos avançar a passos de gigante em direção à santidade. Recomendava, caso esquecêssemos de estar na presença daquele “no qual vivemos, nos movemos e somos”, pelo menos voltássemos a pensar em Deus nos momentos do toque do sino, recordando a bondade de Deus que vela sobre todas as nossas ações.

2º) O seu semblante grave e recolhido, fruto deste santo exercício, era semblante que, à primeira vista, inspirava respeito e temor; apesar disso, nada o impedia de ser alegre e brincalhão em alguns casos. Nos recreios, por exemplo, estava conosco para dar início aos jogos; sua presença assemelhava-se à atitude recomendada por são Paulo: “alegrar-se no Senhor”; mantinha sua dignidade de superior e de ministro de Jesus Cristo. Que eu me lembre, nunca o escutei dizer uma só palavra menos caridosa ou inconveniente; da mesma forma, nunca percebi o mínimo gesto de familiaridade da sua parte; mantinha-se bem alerta quanto a isso; sentiria escrúpulo de pegar alguém pela mão, acariciá-lo ou tocar suas vestes, sem razão. Nas horas de

<sup>125</sup> No original, não existe título para este primeiro tema. O título foi colocado por ocasião dos trabalhos de tradução e revisão.

<sup>126</sup> Palavras do Salmo 138, 7: *Quo abeam procul a spiritu tuo? Et quo a facie tua fugiam?* Aonde irei, longe do teu Espírito? Como fugirei da tua face?

jogo, quando alguns Irmãos se permitiam essas coisas, não raro ouvíamos repetir esta expressão: “Jogo de mão, jogo de vilão!” Em uma palavra, dava para perceber que, em toda a parte, o seu procedimento era de alguém que se colocava sob o olhar de Deus; parecia ver com os olhos da fé, assim como vemos com os olhos do corpo. Por tudo o que relatei, podemos avaliar quanto e com que intensidade deve ter progredido no caminho da perfeição, segundo as palavras que Deus dirigiu a Abraão: “Anda na minha presença e serás perfeito”.<sup>127</sup> Por acaso, a santa Virgem de Nazaré não tinha também essa prática?

## 2 - TEMOR DE DEUS E HORROR AO PECADO (SEU ÚNICO MEDO)<sup>128</sup>

1º) Compreende-se facilmente que, por estar habitualmente na presença de Deus, o Fundador tivesse tão grande temor do pecado. Assim, nas instruções, voltava com frequência sobre esse mal, que ele denominava “o mal dos males”. Quando nos pintava a fealdade e as funestas consequências do pecado, ficávamos cheios de temor; sentíamos calafrios na alma! Ao saber de ofensas feitas a Deus sentia tão grande tristeza que, muitas vezes, seus olhos se enchiam de lágrimas. Era sobretudo quando falava dos pecados contra o sexto mandamento<sup>129</sup> que o seu tom de voz ficava mais enérgico, aumentava de intensidade, impactava o auditório e provocava aquele temor salutar que leva ao afastamento desse vício; não suportava seus atos contagiosos.

2º) Cito um fato ocorrido em La Valla, no ano da construção de l’Hermitage. Posso citá-lo porque conheci o jovem que, infelizmente, foi responsável pela terrível cena que vou descrever. Durante a construção da referida casa, aconteceu que, em La Valla, esse jovem, que era postulante, cometeu o mal com um dos alunos pensionistas. Na época, para obter recursos, alguns alunos

<sup>127</sup> Cfr. Gênesis 17, 1.

<sup>128</sup> O complemento entre parênteses, no original, foi acrescentado a lápis.

<sup>129</sup> O sexto mandamento: “Não cometerás adultério” era utilizado como fonte de instrução contra qualquer pecado ou transgressão de natureza sexual. Na vida religiosa, referia-se ao voto de castidade.

pensionistas eram admitidos na casa, pois a comunidade padecia de grande pobreza. Quando soube do fato, imediatamente o venerando padre subiu de l'Hermitage para La Valla. Quando chegou, com grande pesar soube que a falta já tinha sido divulgada entre os Irmãos e pensionistas. Então, sem perda de tempo, mandou que todo o pessoal da casa se reunisse em uma das salas. Ele entrou, revestiu-se com sobrepeliz e estola, chamou o culpado para o meio, colocou no chão um grande crucifixo e mandou o jovem pisá-lo, passando por cima. Ao mesmo tempo, advertiu-o severamente com essas palavras aterradoras: “Monstro que você é! Pise na imagem de nosso Deus! Esta profanação será menos horrenda do que a falta que você cometeu!” O culpado, ao sair, estava tão assustado e atordoado que quase não encontrava a porta, embora ela estivesse aberta à sua frente. Depois de tê-lo empurrado para fora, Champagnat mandou buscar água benta e com ela aspergiu toda a casa. Repetia com tristeza as palavras do rito: *Asperges me...* Depois da aspersão, prostrou-se de joelhos e fez ardente prece, pedindo a virtude de pureza para todos. Essa cena chocante impressionou de tal maneira os que a testemunharam que, durante o recreio que se seguiu, ficaram em silêncio, sem vontade de falar ou conversar. Isto não me surpreende, porque silêncio semelhante aconteceu no meu tempo, depois que eu escutei uma palestra sobre a enormidade do pecado. Eu, que era sempre o mais tagarela do grupo, fiquei tão assustado que não tive coragem de dizer uma só palavra no recreio seguinte. Talvez, alguns pensem que o castigo acima referido foi exagerado ou severo demais. É preciso saber que, lembrando-se das palavras de Jesus sobre o mal de se escandalizar uma criança, o venerando padre quis, com aquele gesto, inspirar aos discípulos todo o horror que se deve ter por essas faltas, que são enormes para quem, por vocação, é chamado a cuidar das crianças e a exercer escrupulosa vigilância sobre a inocência delas.

3º) Nem sempre era assim, com maneiras tão enérgicas que Champagnat procurava corrigir as faltas daqueles que, diretamente, não eram culpados pela falta em si, mas que, por outro lado, não eram assaz solícitos em evitar situações que levavam àquelas faltas. Às vezes ele agia por vias indiretas, como é o caso que narro a seguir. Antes de narrá-lo, porém, é preciso recordar que o padre Champagnat se insurgia sempre, com muito zelo, contra os Irmãos diretores que, desobedecendo às Regras, tinham relacionamentos repreensíveis com as pessoas leigas, com os alunos e, sobretudo, com as mulheres. Ora, certo Irmão diretor se achava em falta, relativamente a essa última situação. Apesar de advertido seguidamente sobre seu procedimento errado, continuava a infringir o regulamento. Ao perceber que o Irmão não se corrigia e que sua conduta era do conhecimento de vários Irmãos diretores, bem como de pessoas leigas, ele empenhou-se para conseguir que cessasse logo a violação daquela Regra, pois era das principais observâncias a serem seguidas. Eis o estratagema que empregou. Certo dia, nas férias, estando rodeado por diversos Irmãos diretores, o que não era raro, convidou-os a se sentarem em um banco do pátio. O Irmão em questão estava presente. Champagnat, que não o perdia de vista, sentou-se a seu lado. Então, como de costume, para alegrar o grupo, começou a contar-lhes uma história. Apenas começada a narração, ergueu-se de repente, tomou o lenço e levou-o ao nariz como se estivesse sufocado por algum cheiro desagradável, e disse: “Ó, como isso cheira mal!” E foi sentar-se em outro lugar. Então guardou o lenço no bolso e continuou a narração da sua história. Os Irmãos diretores ali presentes, quase todos conhecedores do procedimento do confrade, entenderam com facilidade o gesto do venerando padre ao trocar de lugar no banco. Também o entendeu o culpado. E a lição foi boa, pois ele se emendou completamente.

4º) Como disse anteriormente, o único temor que Champagnat tinha era do pecado. Não se intimidava com as perseguições dos maus, nem com tudo quanto pudesse ser tramado contra ele ou contra a sua Congregação. Eis um episódio que prova isso. Alguns meses depois do meu ingresso no noviciado, quando eu trabalhava no setor de tecelagem, certo dia, olhando pela janela, percebi alguns policiais que perambulavam de cá para lá, do lado de fora. Então, a campainha tocou. O bom Irmão Jean-Joseph, chefe do setor de tecelagem e, ao mesmo tempo, encarregado da portaria, foi atender. Quem era? Era o procurador do rei acompanhado de um pelotão de policiais. Sem dar-se a conhecer como tal, o procurador do rei perguntou ao Irmão que, por sinal, era meio ingênuo: “Aqui, na casa, vocês têm um marquês”? O bom Irmão respondeu imediatamente: “Senhor, desconheço o que seja um marquês, mas o padre Superior lhe dirá se temos um aqui na casa. Queira aguardar, vou chamá-lo”. Em lugar de aguardar na sala de visitas, o procurador acompanhou o Irmão até o jardim, onde estava Champagnat. “Aqui está este senhor, que pergunta se temos um marquês”. Foi então que o visitante declarou ser um procurador do rei. Disse o venerando padre: “É muita honra para nós, recebê-lo”. Depois, ao ver os policiais, acrescentou em tom firme e seguro: “Compreendo. Vocês vieram fazer-nos uma inspeção domiciliar. Pois vão fazê-la em regra!” Naqueles tempos, na região, corriam boatos de que a nossa casa escondia armas em seus subterrâneos; que os Irmãos faziam exercícios militares, à noite; que davam abrigo a certo marquês. Por causa daqueles boatos é que Champagnat acrescentou: “Disseram-lhes, sem dúvida, que temos subterrâneos na casa; portanto começaremos a inspeção exatamente por lá!” Que subterrâneos eram esses? Nada mais do que uma espécie de túnel, que se estendia ao longo de uma das alas do edifício, construído com a finalidade de proteger a casa das águas do rio



Gier. Nele havia um lavatório e uma fonte. Quanto ao restante, era local desocupado e lamacento. Foi para lá que o Fundador conduziu inicialmente o procurador do rei, acompanhado por dois policiais, dizendo-lhes com fina ironia: “Vejam nossos subterrâneos; inspecionem tudo e verifiquem se temos algo que possa inquietar o governo”. O procurador logo compreendeu que tudo quanto se dizia a respeito da casa nada mais era do que pura calúnia. Recordo ainda a expressão embaraçada do procurador e dos dois policiais, com os sapatos recobertos de lama. Quanto ao Fundador, parecia contente. Acompanhava-os com passo firme e não demonstrava nenhum temor ou inquietação.

5º) Bastante contrariado, o procurador queria encerrar a visita. Como Champagnat insistisse em que toda a casa fosse inspecionada, ele deu ordem aos dois policiais de continuarem a inspeção pela casa; quanto a ele, retirou-se para a sala de visitas. Quando chegaram ao refeitório, os policiais bateram com a coronha no assoalho para sentir a repercussão; a batida produziu som seco. Foram adiante e entraram na sala de tecelagem que ficava no mesmo nível do refeitório. Como não batessem no assoalho, disse-lhes o Fundador: “Senhores, aqui embaixo temos uma adega secreta. Vou mostrá-la”. Dizendo isso, fez-nos sinal para arrastarmos uma máquina de fiar lã que dissimulava a entrada; ficou em evidência uma tampa. Ele retirou a tampa e convidou os policiais para descerem. Era um porão que nunca tinha sido utilizado. Visto que os policiais não mostravam interesse em averiguar, insistiu em que a inspeção fosse feita. Então, um deles começou a descer; estava no meio da escada quando um degrau se quebrou e o policial caiu no fundo. O porão tinha relativa profundidade. Felizmente a queda não teve consequências sérias; apenas precisou limpar o uniforme que tinha ficado sujo de barro. Desanimados, os dois já pensavam em ir embora, quando o padre Champagnat

os obrigou a subirem ao primeiro andar. Foi com indiferença que eles o acompanharam. Chegados à porta do quarto do padre Pompallier, um dos capelães da casa, que estava ausente naquele dia, perceberam que ela estava trancada. Champagnat pediu para buscarem a chave. Como não a encontravam, os policiais disseram não ser necessário, que já era suficiente a inspeção realizada. Disse-lhes o Fundador: “Não, senhores! Devemos entrar aqui! Se não o fizermos, mais tarde vão dizer que é onde se encontram as armas e o marquês”! Dito isto, mandou buscar um machado com o qual, em um só golpe, fez saltar a fechadura e abriu a porta. Os policiais entraram e viram apenas duas cadeiras, uma simples cama e uma mesinha. Do jeito como o venerando padre era decidido, compreende-se que a inspeção não se alongou. Quando terminaram, ele convidou aqueles homens a tomarem um refresco. Aceitaram prazerosamente, desculpando-se daquela missão penosa. O procurador disse ao Fundador que nada receasse pois aquela inspeção traria benefícios para a casa; mostrou-se gentil, encorajando-o a concluir a parte da construção que estava inacabada. Champagnat respondeu-lhe que não estava muito animado em continuá-la, por saber de casas religiosas que os revoltosos tinham fechado. Na despedida, ainda uma vez o procurador repetiu que a visita, longe de ser prejudicial, acabaria por trazer-lhe vantagens. Com efeito, alguns dias depois, aquele procurador publicou um artigo em um jornal. Tivemos conhecimento do artigo pela leitura que um dos capelães fez para nós no momento do recreio. Além da descrição da visita em si, recorro que o artigo falava positivamente da casa, descrevia a simplicidade, pobreza e modéstia dos seus moradores e terminava com um grande elogio ao superior da casa. Sim, era evidente que o único medo do Fundador era o pecado! Naquela ocasião, estando entre soldados, não

aparentava temor nenhum; levava-os de um lado para outro da casa com desenvoltura; parecia um general que, com autoridade, comandava os seus soldados.

### 3 - SUA HUMILDADE

Dizer quão humilde era Champagnat é coisa difícil. Só Deus sabe. Com efeito, se retomarmos com atenção o que foi escrito nesta resumida biografia da sua vida, veremos que sempre praticou tal virtude. Não alimentava alto conceito de si. Julgava-se indigno de estar à frente da Congregação; dizia ser estorvo para o seu progresso; acreditava sinceramente que, depois da sua morte, ela experimentaria um progresso maior. Recomendou tanto a prática dessa virtude, que acabou por designá-la característica própria da Congregação. De resto, basta ler o capítulo das Regras que trata da humildade para compreender com que espírito ele queria que ela fosse praticada pelos Irmãos. Ali está a descrição exata do modo como ele mesmo a praticava. Sendo impossível relatar aqui os episódios da sua vida que revelam o grau de perfeição com que praticava a humildade, por serem numerosos, permitam-me relatar pelo menos um deles, do qual eu fui testemunha. Certo dia, de carruagem, com ele e alguns coirmãos, estávamos indo para La Côte-Saint-André. Outro sacerdote também havia embarcado e tomara lugar ao lado de Champagnat. Edificado com o recolhimento dos Irmãos e desconhecendo quem era o venerando padre, perguntou-lhe em voz baixa quem eram aqueles Irmãos com os quais se deparava pela primeira vez. Respondeu-lhe: “São Irmãos que se ocupam da instrução da juventude”. Então quis saber quem era o fundador. Resposta: “Não se sabe muita coisa. Trata-se de uma Sociedade que se formou pouco a pouco

graças ao desvelo de certo coadjutor, que reuniu alguns jovens aos quais, depois, outros se foram juntando”. Ao perceber que nossos olhares se dirigiam para o padre Champagnat, ele compreendeu a razão daquela resposta evasiva. Disse-lhe: “Muito bem. Não firmos a modéstia”. Depois, ao ver o embaraço em que sua pergunta colocara o Fundador, mudou de conversa. Pelo que nos transmitiram, também pelo que eu mesmo tive ocasião de verificar, demonstrava notória aversão pelos que buscavam qualquer tipo de cumprimento, louvor ou lisonja. Não duvido de que, de propósito, ele tenha propiciado determinadas ocasiões de humilhação para certos Irmãos, com o propósito de extirpar neles todo e qualquer resquício de amor próprio. Trabalhou muito para corrigir esse vício sempre que via despontar sinais de ambição ou de vanglória, quer entre os que ocupavam a liderança de cargos simples, como entre aqueles que ocupavam cargos mais importantes. Também os mais jovens não escapavam das suas fortes correções, sempre que percebia tendência para a dominação e o orgulho. Recordo-me de que, em certa ocasião, fora deixada uma poltrona na sala da comunidade. Um jovem Irmão sentou-se nela, assumindo ares de pessoa importante. Ao entrar na sala, o Fundador surpreendeu-o naquela postura. Além de repreendê-lo, retirou-o asperamente da poltrona. Aquela correção me impressionou de tal forma, que sinto repugnância até hoje em aceitar lugar em uma poltrona, mesmo que minha recusa, por vezes, possa ser considerada falta de cortesia. Champagnat muito receava que os Irmãos se deixassem levar por louvores e adulações. Quando percebia que um Irmão era muito aplaudido em uma localidade, e que se comprazia com os elogios, transferia-o para outro posto. Ridicularizava os elogios, tachando-os de ninharias. Chegou a proibir que os Irmãos aceitassem presentes e homenagens dos alunos no dia de sua festa. Enfim, quando me referi ao padre

Gardette, em alguma outra parte deste relato, disse dele que era a “regularidade encarnada”, tal era o seu modo de proceder. Creio que, da mesma maneira, posso dizer do padre Champagnat que ele era a “humildade encarnada”, tão natural era para ele a prática dessa virtude.

#### 4 - ORAÇÃO E MEDITAÇÃO

A pessoa que habitualmente anda na presença de Deus é humilde. Isso é inegável. Também se pode dizer que é pessoa de meditação e oração. Era assim o Fundador. Apesar de suas numerosas ocupações, sempre comparecia à sala de oração para estar conosco. De passagem, devo dizer que na sala de oração não havia bancos, nem cadeiras, nem genuflexórios e nenhum aquecimento no inverno. A sua fé, piedade e fervor, assim como sua postura e as palavras inflamadas que pronunciava, tudo isso levava ao fervor os mais tíbios e mantinha acordados aqueles que sentiam sono. Quando ele fazia a oração em voz alta, falava com sentimento e pronunciava tão claramente as palavras e as sílabas, que não perdíamos nada. Não era lento nem muito rápido e fazia somente as pausas necessárias para a boa compreensão. Não fazia parada exagerada, mas sabia respeitar convenientemente os sinais ortográficos. Em uma palavra, ele não lia a oração; recitava-a com fervor, com energia e compreensão. Os sentimentos do seu coração se manifestavam nas palavras; isso era tão notório que nós mesmos ficávamos motivados à piedade e à devoção. Desejava que as orações vocais sempre fossem bem feitas; mandava recomeçar e, às vezes, até punia aqueles que liam com precipitação ou aqueles que liam gaguejando. Lembro-me de tê-lo ouvido dizer que se deve rezar com atenção, respeito e ênfase tal como se estivéssemos nos dirigindo a uma grande

autoridade. Certo dia um sacerdote visitante assistiu à nossa oração; não me lembro se foi a oração da manhã ou da noite. Ele ficou de tal modo impressionado com a piedade, seriedade e unção com que Champagnat fazia a oração, que saiu afirmando que guardaria a lembrança dela por toda a vida.

## 5 - MORTIFICAÇÃO

1º) O religioso dado à meditação, isto é, que reza muito e que reza bem, também será alguém dado às práticas de mortificação. Temos muitos exemplos disso na vida do piedoso Fundador. Neste ponto, o seu conselho era de que não devemos preocupar-nos muito com o corpo. Recusava tudo quanto fosse prazeroso; algumas vezes chegava a privar-se do necessário. No refeitório, geralmente ele era o primeiro a terminar a refeição. E que fazia, então, até que toda a comunidade terminasse de comer? Interrogava-nos sobre o tema da meditação do dia e, sendo necessário, dava-nos explicações do assunto. Os livros que líamos durante as refeições eram obras instrutivas, edificantes e de muito interesse. Nas duas últimas semanas da quaresma, líamos o livro do padre Alleaume sobre os sofrimentos de Jesus Cristo, obra pela qual ele tinha muito apreço. Quanto aos seus atos de mortificação, posso afirmar que nunca tomava algo entre as refeições, a não ser por absoluta necessidade. Era muito frugal durante as viagens. Proibia que os Irmãos comessem algo fora do refeitório, tais como frutas ou guloseimas. Se alguém faltava a esse ponto, queria que se acusasse a ele ou ao Irmão Superior antes de ir à comunhão. Detestava essas pequenas faltas de mortificação, porque, segundo nos ensinava, são faltas que acabam levando o religioso ao vício da gula, que é algo diametralmente oposto à perfeição

religiosa. Conheço um Irmão que ficou tão impressionado com o rigor com que o venerando padre se opunha a esse defeito, que ainda hoje não se permite colher qualquer tipo de fruta para comer, sem absoluta necessidade.

2º) As suas refeições eram de curta duração. Além disso, não queria que lhe servissem pratos saborosos, com muito tempero. Certa vez, apesar da estima que tinha pelo Irmão Estanislau, deu-lhe por penitência comer de joelhos no centro do refeitório, porque o prato que lhe tinha sido servido apresentava excesso de manteiga. Vinho puro, café e licores eram bebidas ignoradas por ele; pelo menos nunca vi que as tomasse, embora nas grandes solenidades tolerasse que lhe fosse servido vinho puro, mas queria que se acrescentasse um pouquinho de água, nem que fosse apenas uma colherada. Nos dias de grande calor, quando o trabalho manual tivesse sido intenso e pesado, permitia que se bebesse água misturada com umas gotas de vinagre, para matar a sede; mas ele não bebia, mortificava-se e nunca o vi tomar esse refresco. Quanto aos alimentos em si, de acordo com o depoimento de vários Irmãos cozinheiros, nunca foi possível adivinhar o prato de que mais gostava ou daquilo que não gostava; parece que preferia os pratos comuns aos mais elaborados. Sabe-se que assaz elogiou um Irmão diretor pelo sabor de seus queijos brancos, isso porque a comunidade daquele superior era tão pobre que, nos vários dias em que ele precisou ficar hospedado com eles, o queijo branco foi praticamente o único prato servido. A mortificação que mais lhe custava talvez tenha sido a de levantar-se de manhã, com pontualidade, logo ao primeiro sinal do sino. Um Irmão me contou que, certo dia, viajando juntos, o Fundador lhe teria confidenciado ser grande sacrifício para ele interromper o sono pela manhã e que, até então, ainda não conseguira acostumar-se. Sabemos que fez esse

sacrifício todos os dias de sua vida, até que a doença o obrigou a ficar de cama. Em si, o levantar-se de manhã não é ato heroico de mortificação, mas é grande sacrifício a sua repetição prolongada por toda a vida e a prontidão do levantar-se. Diz-se que, a exemplo de São Vicente de Paulo, na segunda batida do sino já não era encontrado na mesma posição da batida anterior.

3º) Embora Champagnat tenha usado o cilício e a disciplina<sup>130</sup>, objetos que pude ver e tocar depois de sua morte, devo dizer que o sacrifício que ele mais nos recomendava, por ser do agrado de Deus, era a mortificação dos sentidos e das paixões; também o sacrifício decorrente do exato cumprimento das responsabilidades de cada um. Assim, acima de todas as mortificações e de todas as penitências corporais, colocava o cumprimento exato das Regras, dizendo-nos que essa mortificação, além de ser a mais meritória, também podia substituir todas as demais. Insistia muito no artigo das Regras que trata do silêncio e da pontualidade nas orações comunitárias. Não poupava ninguém, quando se tratava de punir aqueles que eram demasiadamente tagarelas e aqueles que se mostravam lerdos para se dirigirem ao local onde a obediência os chamava. Nisso tudo ele era sempre o primeiro a dar o exemplo.

4º) Considerava já ser penoso o trabalho na sala de aula, sobretudo quando desempenhado com o zelo e a dedicação prescritos nas Regras. Por isso não prescreveu outras mortificações corporais para os Irmãos além do jejum dos sábados, do qual não dispensava ninguém. Sabendo que as melhores mortificações são aquelas que ficam ocultas sob o véu da humildade, isto é, aquelas que só Deus conhece, pode-se deduzir que foi exatamente esse tipo de mortificação que ele mais praticou. Eram as mortificações da Santíssima Virgem, na casa de Nazaré; também deveriam ser as preferidas de todos os Irmãos.

<sup>130</sup> O cilício e a disciplina eram objetos que causavam desconforto físico, utilizados para exercer autodisciplina. Veja um complemento de informação sobre isso na nota de rodapé nº 29.



## 6 - SUA GENEROSIDADE

1º) Tanto o padre Champagnat era exigente consigo mesmo, quanto era compreensivo, liberal e generoso para com os outros, sobretudo em relação aos Irmãos. Queria que fossem servidos com abundância, quando necessitavam de alguma coisa, tanto no vestir, como no comer. Por exemplo, quanto ao dinheiro para as viagens feitas por obediência, preferia que levassem mais do que o estrito necessário. Recordo-me daquilo que me contou certo Irmão. Quando se preparava para viagem de curta distância, o Fundador quis dar-lhe dinheiro para o trajeto. O Irmão recusou, protestando com honestidade que não tinha necessidade. Resposta do Padre: “Leve-o assim mesmo. Nunca se sabe o que poderá acontecer no caminho”. Ao dizer isso, abriu a gaveta onde guardava as economias da casa; havia apenas três moedas de um franco. Apesar disso, retirou uma das moedas e entregou ao Irmão. Redobrava de atenção e cuidado sobremodo em favor dos Irmãos acamados, enfermos e idosos. Recordo que, em l’Hermitage, embora o vinho fosse raro devido à pobreza da casa, ele mandava colocar um frasco de vinho puro na gaveta<sup>131</sup> do refeitório de dois Irmãos idosos. Também o Irmão padeiro tinha direito a uma garrafa de vinho cada vez que exercia aquele seu cansativo trabalho. Normalmente, depois de algum trabalho pesado, ou quando partíamos de viagem, ou quando regressávamos cansados, com liberalidade autorizava tudo o que fosse preciso para nos restabelecermos.

2º) Eis um episódio que mostra sua preocupação em favor dos Irmãos que atuavam nas escolas, desejando que o seu passado fosse conveniente, igual ao que se praticava na casa mãe. O estimado Irmão Luís Maria, após a sua tomada de hábito, tinha sido enviado à escola de La Côte-Saint-André. Percebeu logo que a alimentação dos Irmãos era insuficiente, por causa

<sup>131</sup> Era um costume monástico: os monges ocupavam sempre o mesmo lugar à mesa. A mesa tinha uma gaveta para cada comensal.

Nas gavetas eram guardados os talheres, prato e copo de uso pessoal. A primeira mesa da comunidade dos Irmãos, em La Vallà, feita pelo Fundador, mostra este tipo de gaveta.

do intenso trabalho que lhes dava a direção do pensionato, estabelecimento escolar que o Padre Douillet entregara para os Irmãos. Realmente, o Irmão diretor daquela comunidade tinha a reputação de ser parcimonioso; mandava preparar refeições bem simples; a carne era servida muito raramente. Sem queixar-se pessoalmente, o Irmão Luís Maria julgou-se na obrigação de contar o caso ao padre Champagnat. O Fundador foi àquela comunidade e, em presença do Irmão Luís Maria, determinou que o Irmão diretor comprasse dois quilos de carne por Irmão, cada semana. De passagem, digo que foi naquela ocasião que regulamentou tal quantidade não só para a comunidade de La Côte-Saint-André, mas para todas as casas, com a possibilidade de ser aumentada a quota, mais tarde, conforme circunstâncias locais. Esse Irmão diretor, talvez por ter entendido que a ordem do Fundador tinha sido um simples conselho, prosseguiu com o mesmo tipo de alimentação, acrescentando somente algumas bagatelas em dias festivos. Nas férias, quando soube que o Irmão diretor não levava em conta suas ordens, Champagnat o destituiu do cargo e colocou o Irmão Luís Maria em seu lugar. O termo “pão duro”, da linguagem vulgar, empregado por uns poucos Irmãos para caracterizar o Fundador, não é acertado. O que se pode dizer é que era pessoa sensata e ecônomo prudente. Nada lhe causava tanto desgosto quanto ver as coisas serem mal usadas ou se deteriorarem por falta de cuidado. Era ponderado quando se tratava de compras, despesas e do atendimento das necessidades pessoais. O seu coração transbordava de caridade não apenas em favor dos Irmãos, mas em favor de todos. Recordo que nas escolas onde havia crianças pobres, no reinício das aulas, ele queria que lhes fossem distribuídas roupas usadas; as peças eram lavadas e remendadas, se fosse o caso, para que as pudessem usar sem repugnância. Às custas da casa mãe mantinha quatro ou cinco pessoas idosas e doentes, que

tratava com bondade paternal; queria que os Irmãos agissem da mesma forma em relação a eles. Recordo que fui repreendido e castigado, certa vez, por estripulias que fiz, embora sem malícia, nas dependências deles. Aqueles idosos foram atendidos e bem cuidados até a morte. Entre eles havia um que era desequilibrado mental; foi atendido por quarenta anos, apesar de possuir uma repugnante doença.

<sup>132</sup> Os dogmas da Imaculada Conceição e da Infalibilidade Papal foram definidos, respectivamente, em 1854 e em 1870.

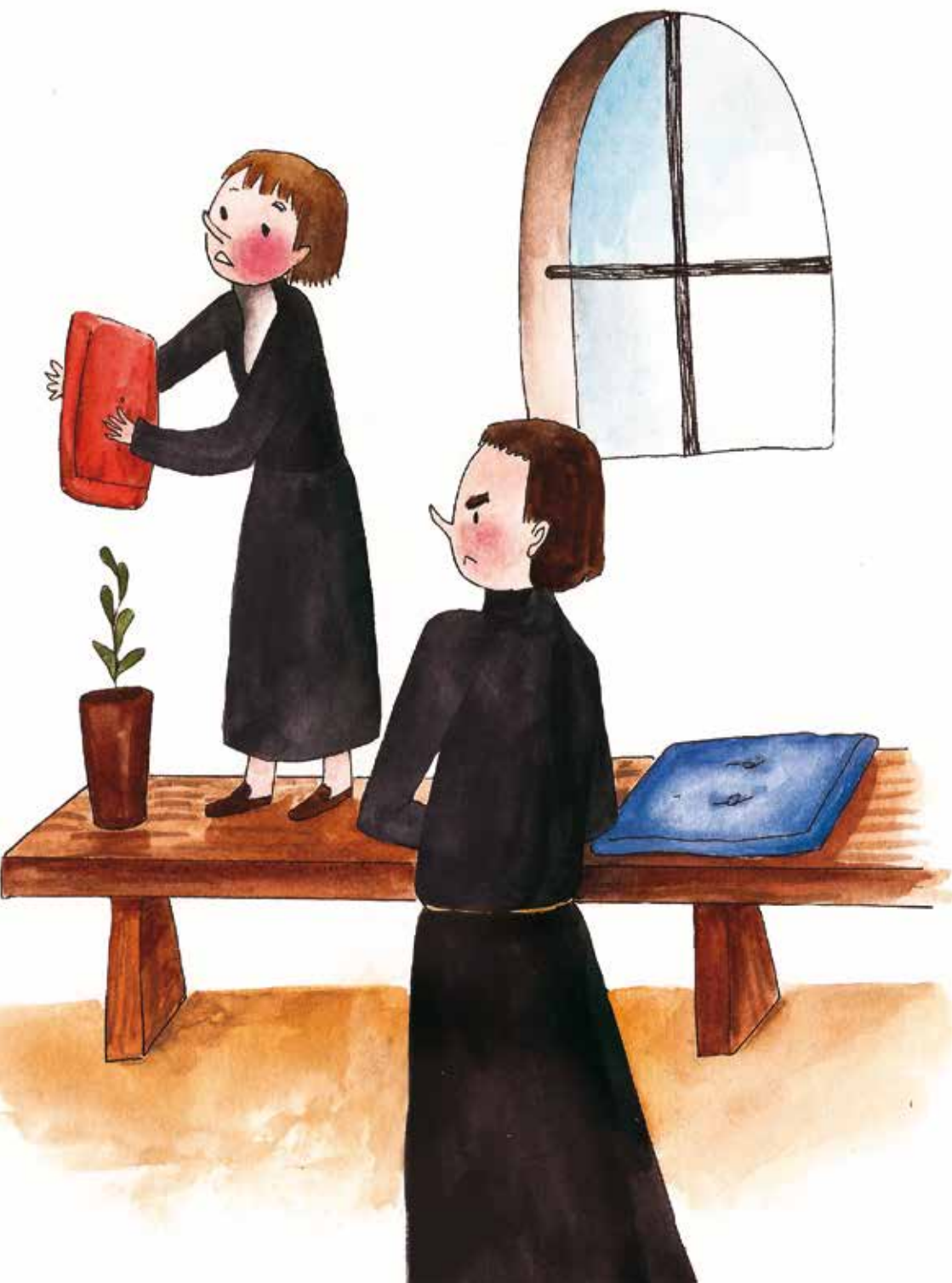
Sua definição, especialmente do último dogma, gerou considerável debate, também na França. O Irmão Sylvestre quer mostrar que Champagnat é filho leal da Igreja.

<sup>133</sup> A palavra deriva de Gália, nome romano original da França. No século XVII, o rei Luís XIV se preocupa com o problema religioso, tomando-o como ingrediente político. As ideias galicanas atingiram alguma vertente de “autonomia” do episcopado francês, conflitando-se, de certo modo, com o Papa. O Concílio Vaticano I, em 1870, declarou a “infalibilidade do Papa”; o galicanismo, então, perdeu a sua importância.

## 7 - SUA FÉ

1º) Não é da fé prática do Fundador que vou tratar aqui, pois disso falarei mais adiante, mas da fé, virtude teologal. Pelo que sabemos por tradição, nunca se encontrou o menor erro em seus pronunciamentos ou escritos. Amava a santa Igreja de todo o coração; a ela dedicava inteira submissão; ela era a referência em questões de fé. Não só aceitava as verdades dogmáticas já definidas como artigo de fé, mas também aquelas que, na época, não tinham sido definidas ainda, como a Infalibilidade do Papa e a Imaculada Conceição<sup>132</sup>. No tocante aos assuntos sobre os quais a Igreja não se manifestara oficialmente, seguia os ensinamentos de conceituados teólogos, grandes em sabedoria e santidade, tais como são Tomás de Aquino, santo Afonso Maria de Ligório e são Francisco de Sales, que ele citava frequentemente nas suas palestras.

2º) A respeito do seu apego e submissão ao soberano Pontífice, que dizer? Quando recebia uma encíclica, fazia-nos ficar de pé durante todo o tempo da sua leitura, por mais longa que fosse. Acreditava na infalibilidade do Papa e queria que todos os Irmãos ensinassem isso aos alunos. Manifestava aversão natural pelo galicanismo<sup>133</sup> que, naquela época, tinha partidários na diocese de Lião. Fazia questão de empregar somente as orações



litúrgicas aprovadas pela Igreja; não queria que se fizesse a menor alteração nelas. A seguir, relato um exemplo disso.

3º) Para ajudá-lo no governo do Instituto, Champagnat decidiu transferir o prezado Irmão Luís Maria da escola La Côte-Saint-André onde, por sinal, estava se saindo muito bem. Nas férias, para animá-lo a vir a l'Hermitage, propôs-lhe a tarefa de melhorar o Ofício Parvo da Santíssima Virgem, em uso na Congregação; queria que fossem acrescentadas algumas festas e memória de santos; queria que o novo Ofício pudesse substituir o breviário, livro de orações que cogitara para os Irmãos, inicialmente. Disse ao Irmão Luís Maria que ninguém era mais capacitado do que ele para fazer tal trabalho, pois dominava muito bem o latim e conhecia os ritos da santa Igreja. O Irmão, obediente, aceitou a tarefa com prazer. Caiu na armadilha. Deixou o cargo que tinha em La Côte-Saint-André; dedicou-se com afinco ao trabalho. Devo dizer que labutamos com muito ardor naquilo, pois eu fui o seu auxiliar, como copista. Certo dia, quando o trabalho estava quase concluído, o Fundador veio ao nosso escritório. Imediatamente lhe mostramos como estava ficando o futuro Ofício. Examinou-o com atenção. Depois de refletir por alguns instantes, assumiu um tom sério e disse ao Irmão Luís Maria: “Que é isso, meu caro amigo? Que estamos pretendendo? Apenas saímos da casca e já nos arvoramos em revisores, à nossa maneira, de um texto do Ofício que foi redigido e aprovado pelo Concílio de Trento para toda a Igreja? Vamos, vamos! Interrompam isso, imediatamente. Estão dispensados desse trabalho”. Assim, o texto do Ofício permaneceu como era. Entretanto, o objetivo dele fora atingido, pois outro Irmão assumira a direção da escola em La Côte-St-André. Para o erudito Irmão Luís Maria, foi ocasião de receber bela lição sobre o respeito que se deve ter pelas orações litúrgicas da Igreja romana; naquela época, o Ofício Parvo,

segundo o breviário lionês, não era completamente conforme ao do Concílio de Trento, o único admitido na Congregação. Por causa desse seu modo de pensar, observava escrupulosamente todas as rubricas, até as mínimas, considerando-as sagradas. Fazia questão de que os Irmãos escalados para os ofícios e cerimônias na igreja o fizessem com exatidão. Para isso, nos domingos, promovia uma aula prática, ensinando a sua recitação digna e integral. Quanto ao conceito que tinha sobre a Imaculada Conceição da Santíssima Virgem, é como se já fosse um dogma para ele; falava dela de maneira explícita. Em l'Hermitage, a festa de 8 de dezembro era celebrada sempre com muita solenidade. A invocação: “Ó Maria concebida sem pecado...” era jaculatória muito frequente para ele. Exortava-nos a recitá-la seguidamente, sobretudo nas tentações contra a pureza. Recomendava que fizéssemos boa instrução aos alunos sobre esse grande privilégio de Maria e que os convidássemos a invocar com frequência a Santíssima Virgem sob o título de Imaculada, com a invocação acima, ou recitando esta outra oração: “Por vossa santa virgindade e vossa Imaculada Conceição etc...”<sup>134</sup>

## 8 - OBEDIÊNCIA AOS SUPERIORES E DEFERÊNCIA PARA COM A HIERARQUIA

Assim como era grande sua submissão, respeito e apego ao Soberano Pontífice, da mesma forma se comportava em relação aos seus superiores. Com grande espírito de fé, tinha-os como representantes de Jesus Cristo e depositários da sua autoridade. Como já tive ocasião de citar exemplos disso, agora pretendo relatar apenas a sua atitude por ocasião das visitas a l'Hermitage do padre Colin, que ele considerava como Superior Geral dos Padres e dos Irmãos Maristas, embora, de fato e de direito,

<sup>134</sup> O texto completo desta oração é: “Por vossa santa virgindade e vossa Imaculada Conceição, ó Virgem pura e Rainha dos Anjos, fazei que meu corpo e minha alma sejam puros. Amém”. (“Directoire de la solide piété”, p. 316).

fosse ele, Champagnat, o Superior dos Irmãos. A acolhida que dava ao padre Colin era sempre caracterizada por grande deferência; quando ele vinha a l’Hermitage, todos deviam estar bem arrumados, como se fosse domingo ou dia de festa. Para a celebração da missa, ele usava a mais bela e rica casula; os cantos eram acompanhados pelo órgão. Era dia de muita alegria para toda a comunidade. O padre Champagnat ficava radiante, deixando transparecer grande contentamento. Fazia com que todos os Irmãos percebessem que ele estava recebendo o visitante não como simples confrade ou amigo íntimo, mas como representante de Jesus Cristo. Conforme já dissemos anteriormente, ele nada fazia de importante sem consultar o padre Colin e considerar o seu parecer.

Penso que também seria oportuno relatar a deferência e o respeito que demonstrava pelos Bispos, particularmente por aqueles com os quais se relacionava; porém, isso alongaria muito meu relato. Visto que já falei um pouco disso, contentar-me-ei com o relato de um acontecimento de que fui testemunha ocular. Antes, é preciso lembrar que o padre Champagnat não gostava de fazer concorrência a outras Congregações dedicadas ao ensino. Chegou a recusar escolas importantes, por saber que os Irmãos do venerando de la Salle<sup>135</sup> estavam na mesma cidade ou já tinham atuado no local; ele retirava os seus Irmãos se os lassalistas eram chamados para estabelecer-se na localidade. Esse foi o fato que aconteceu em Vienne, onde Champagnat tinha aberto uma escola na paróquia de Saint-André-le-Bas, a pedido do pároco, padre Michon. Depois de quatro anos, a escola progredia normalmente, apesar de que, por falta de fundos, o estabelecimento não fosse totalmente gratuito e tivesse alguns alunos pagantes. Ora, o pároco de outra paróquia, a de Saint-Maurice, chamada catedral (porque outrora ela tinha sido

<sup>135</sup> O Irmão Sylvestre utiliza os termos “Irmãos de la Salle”, ou “Irmãos das Escolas Cristãs”, ou “Irmãos Cristãos”, em relação ao Instituto Religioso fundado por São João Batista de la Salle. Em português, popularmente, são designados “Irmãos Lassalistas”.

residência do arcebispo), estava chateado, talvez porque não fora ele o primeiro a tomar a iniciativa de chamar os Irmãos. Ele aguardava ocasião favorável para reparar aquilo que achava ser sua omissão. A ocasião apresentou-se quando o padre Michon foi transferido. Então, o pároco de Saint-Maurice, por processos desleais, que me obrigo a silenciar, mandou vir os Irmãos das Escolas Cristãs, que chegaram em número de quatro. Antes de abrirem a escola, anunciaram que não somente suas aulas seriam completamente gratuitas, mas que ainda receberiam todos os alunos que se apresentassem. Compreende-se facilmente que, a partir daí, diversos alunos pagantes da nossa escola, assim como alguns gratuitos, nos abandonaram. Isso não impediu que continuássemos com as aulas, até mesmo com maior ardor. Entretanto, o venerando padre, que detestava a concorrência entre as Congregações, escreveu ao Irmão diretor, orientando-o a fechar o estabelecimento. O Irmão diretor comunicou ao padre Champagnat que o novo pároco de Saint-André-le-Bas se manifestara abertamente, do alto do púlpito, em favor dos Irmãos Maristas, dizendo que continuaríamos a lecionar também para aqueles alunos, cujos pais, atraídos pela gratuidade, pensavam em colocá-los com os Irmãos das Escolas Cristãs. O venerando padre, que não queria penalizar o novo pároco, nem dar-lhe um desmentido, resolveu, antes de tomar uma decisão, consultar o Bispo da diocese e ater-se ao seu conselho. Com essa finalidade, escreveu ao bispo de Grenoble<sup>136</sup>, que se pronunciou pela saída dos Pequenos Irmãos de Maria. Assim, o Fundador nos manteve somente até as férias de 1836; depois deixou o campo livre aos Irmãos das Escolas Cristãs. Penso que o padre Champagnat, legitimamente, poderia ter conservado aquele posto, uma vez que a escola estava em pleno crescimento e que, além disso, abria possibilidade para mais escolas no Departamento de Isère.

<sup>136</sup> Trata-se de Dom Philibert de Bruillard, bispo de Grenoble, de 1826 a 1853.



A humildade do padre Champagnat, o respeito pelo bispo, que poderia ter-se dispensado de consultar, foram as causas da perda dessa localidade importante, onde, por ocasião de nossa saída, ainda ministrávamos o ensino a mais de 80 alunos pagantes. Quanto a mim, senti muito deixar aquela escola, especialmente os excelentes alunos que eu tive lá.

## 9 - DEVOÇÃO AO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

1º) Assim como Champagnat tinha grande respeito pelos representantes de Jesus Cristo, da mesma forma, em grau maior, tinha-o pelo próprio Jesus Cristo. Este respeito manifestava-se quando oficiava a santa missa. Dava a impressão de perceber visivelmente a Nosso Senhor e de lhe falar, tal era sua atitude grave e recolhida, assim como a expressão feliz que seu rosto irradiava. Tive a felicidade de ajudá-lo no altar, várias vezes. Embora eu fosse estouvado e leviano por natureza, sempre fui tomado por sentimentos de profundo respeito, ao ver sua piedade, a atenção que dava às rubricas e o tom compenetrado com que pronunciava as palavras da sagrada liturgia. Enunciava a expressão: *Domine, non sum dignus*<sup>137</sup> com tal sentimento de humildade, que as pessoas que o escutavam ficavam profundamente impressionadas.

<sup>137</sup> *“Domine, non sum dignus ut intres sub tectum meum; sed tantum dic verbo et sanabitur puer meus”* (Mt 8, 8). “Senhor, não sou digno de que entres sob meu teto; mas dize uma palavra e o meu filho ficará curado”. Palavras do centurião, aproveitadas pela Igreja na missa.

2º) Experimentávamos grande emoção religiosa nas procissões do Santíssimo Sacramento, pois ele as realizava com tanta grandiosidade e pompa, quanto o permitia a pobreza de l’Hermitage. Percebíamos que levava o ostensório com recolhimento tão profundo, que se poderia comparar ao recolhimento da Santíssima Virgem, quando viajou para visitar a parente Isabel; Maria era um ostensório vivo, levando em seu casto seio o mesmo Deus que está contido no pão eucarístico. Ele

insistia conosco para fazermos frequentes visitas ao Santíssimo Sacramento e estabeleceu que, comunitariamente, deveriam ser feitas três: uma pela manhã, ao levantar; outra ao meio-dia; a terceira à noite, antes de irmos dormir. Quanto a ele, repetia a visita ao Santíssimo muitas vezes. Pelo que sabemos por tradição, era aos pés do altar que ele encontrava solução nas dificuldades, que buscava luzes para bem dirigir a Congregação, atraindo sobre ela as bênçãos do céu. Sem dúvida, o seu grande amor por Nosso Senhor foi fruto de suas frequentes visitas ao Santíssimo Sacramento.

## 10 - ATITUDE RESPEITOSA NA CAPELA E CUIDADO COM OS OBJETOS DO CULTO

Champagnat era muito severo na punição das faltas cometidas na capela. Quase nunca perdoava tais faltas. Recordo-me de que, certo dia, quando fazíamos o exercício do mês de Maria<sup>138</sup>, como ainda se faz hoje, um jovem Irmão, leviano e pouco piedoso, distraiu seus vizinhos com atitude e gestos irreverentes na capela. Motivado pelas palavras do livro sagrado “o zelo de vossa casa me devora” e imitando Nosso Senhor, que castigou com chicotadas os profanadores do templo de Jerusalém, o venerando padre aproximou-se do jovem estouvado, aplicando-lhe uma punição severa, o que espantou toda a comunidade. Depois, disfarçando sua emoção, continuou a leitura que estava fazendo. Como é fácil concluir, o jovem culpado aprendeu a lição e procurou nunca mais repetir a falta. O Fundador exigia também que fossem tratados com muito respeito os objetos destinados ao culto divino; queria que estivessem sempre em bom estado de asseio e limpeza. Não tolerava que alguém cuspsisse no assoalho da capela, que assoasse o nariz e que escarrasse, mesmo que

<sup>138</sup> Isto é, devoções próprias do mês de maio.

fosse no lenço, durante o momento central da missa. Eis um fato que aconteceu durante meu noviciado, no concernente ao desrespeito aos objetos do culto sagrado.

Um jovem Irmão, que trabalhava na sacristia, certo dia, estouvadamente ou talvez por gula, permitiu-se beber certa porção de vinho no cálice. Pego em flagrante delito, Champagnat o trancafiou sozinho em uma sala, durante três dias; depois disso mandou-o embora. Essa falta que poderia parecer simples, devido ao caráter leviano do jovem, penalizou tanto o coração do venerando padre, que chegou a perder o apetite. A partir disso, imagine-se o horror que tinha pelas comunhões indignas. Quando falava desse assunto, era enfático. Imprimia na alma um sentimento de medo que era impossível cometer tal sacrilégio. O seu princípio era que nunca alguém devia dirigir-se à mesa da comunhão sem confissão anterior, estando com dúvidas; sem que a consciência formulasse claramente um juízo de “sim” ou “não”, para não se expor a alguma comunhão indigna. Manifestava grande respeito por tudo quanto se relacionasse com coisa santa. Por exemplo, se encontrava, caídos pelo chão, pedaços de hábito religioso, santinhos, folhetos de oração, livros e outros objetos de piedade, ele os recolhia. Chegava até a recortar dos papéis os santos nomes de Jesus e de Maria, quando previa que poderiam ser usados de modo profano.

## II - CONFIANÇA EM DEUS

Não vou demorar-me sobre esta virtude, porque há muitos exemplos dessa prática na sua biografia. Por experiência própria, ele sabia que a Providência Divina nunca abandona aqueles que nela colocam total confiança. Muitas vezes, ouvi-o dizer: “É a Providência que tudo fez entre nós”! Já relatei o

modo como ele respondia às pessoas que o criticavam por estar sempre aumentando as edificações e por dar acolhimento a tanta gente, sem dispor de fundos suficientes. Dizia: “Apesar de passar por grandes penúrias, nunca nos faltou o necessário para prosseguir; a Providência sempre foi meu cofre forte; nela sempre tenho crédito para conseguir os recursos necessários.” Essa realidade, isto é, o fato de que a Providência Divina o socorreu sempre, nos momentos de maior precisão, permitindo-lhe fazer coisas maravilhosas, é algo realmente notório na sua vida. O Irmão Jerônimo, que era padeiro em l’Hermitage, disse-me certa vez: “Eu não compreendo aquilo que acontece com minha farinha: estou utilizando-a há tempo e ela quase não diminui! Com simples cálculo, posso mostrar que a quantidade de farinha comprada é insuficiente para fornecer pão para toda a casa. Para mim, há aqui algo milagroso”. Quando não havia dinheiro para comprar farinha, sabemos que Champagnat rezava e, então, ou o dinheiro chegava ou, o que é mais maravilhoso, a farinha aumentava.

## 12 - DEVOÇÃO À SANTÍSSIMA VIRGEM

1º) A devoção do padre Champagnat à Santíssima Virgem parece ter sido inata nele; é como se ele a tivesse sugado com o leite materno. Pelo que sabemos, sua virtuosa mãe e a piedosa tia foram as pessoas que lhe inspiraram tal devoção. Desde que conseguiu balbuciar as primeiras palavras, ensinaram-lhe a pronunciar os santos nomes de Jesus e de Maria. Quando atingiu a idade da razão, elas transmitiram-lhe sentimentos de respeito, confiança e amor para com a Boa Mãe; sentimentos que elas mesmas vivenciavam. Pode-se dizer que a Santíssima Virgem, sabendo que ele seria escolhido por Deus para fundar

uma Sociedade que levaria seu nome e que propagaria sua devoção por todo o mundo, sobretudo entre a juventude cristã, concedeu-lhe a graça de grande devoção, para poder comunicá-la com ardor à família religiosa que fundaria. Para não me alongar, pois já escrevi sobre isso, quero recordar o capítulo das Regras que fala da devoção à Santíssima Virgem; com grande acerto o capítulo poderia ser intitulado “Maneira como o padre Champagnat praticava a devoção à Santíssima Virgem!” Todos sabemos que a denominava Recurso Ordinário e primeira Superiora da Congregação. Ele mesmo, em relação à Santíssima Virgem, considerava-se humilde servidor.

2º) Provocava nossa admiração e amor, quando nos falava da grandeza, da bondade, do poder e das virtudes da Boa Mãe. Não cessava de expressar sentimentos muito belos, dos quais o seu coração transbordava. Recordo-me de que, na confissão, apertando-me o braço, seguidamente me repetia: “Amemos Maria, caro amigo! Amemos muito, amemos calorosamente!” Usava também outras expressões desse gênero, que não eram palavras vazias, mas eram centelhas de fogo saídas de um coração abrasado de amor.

3º) Quando visitava as escolas, nunca deixava de falar dessa devoção aos alunos. Pedia que recitassem as orações da manhã e da noite, para assegurar-se de que as sabiam de cor. Depois, normalmente, perguntava quais orações sabiam rezar em honra da Santíssima Virgem. Recomendava, especialmente, a oração do “Lembrai-vos”. A esse respeito, eis um fato que aconteceu comigo. Eu devia estar com 10 anos de idade, quando ele visitou a escola onde eu estudava. Terminada a visita, distribuiu alguns santinhos para colegas meus, aos quais havia feito perguntas e que tinham acertado a resposta. Ele já estava para retirar-se, quando me percebeu num canto pouco iluminado da sala.

Virou-se para mim e disse: “E este menino ali no fundo, que não interroguei, será que sabe recitar a oração do “Lembraivos”? Prontamente eu a recitei, com voz firme, forte e sem erro algum. Disse-me então: “Muito bem, meu amiguinho, gostaria muito de dar-lhe uma recompensa, mas já distribuí todos os santinhos. Deixe-me ver se ainda encontro algo.” Ao dizer isso, começou a procurar nos bolsos. Que sorte! Tinha ainda um belo livrinho! Então, com olhar de bondade que calou fundo no meu coração, gentilmente me entregou aquele brinde; depois foi embora. O livrinho continha orações e histórias edificantes. O que aconteceu com tal livrinho? Não sei. Lastimei muito tê-lo extraviado, pois estava comigo até quando entrei no noviciado; queria guardá-lo como lembrança do padre Champagnat. Ao entregar-me o livrinho como presente, quem sabe, não teria ele solicitado à Santíssima Virgem que me concedesse a vocação religiosa? O certo é que, dois anos depois desse fato, eu ingressei como postulante em l’Hermitage, mesmo sem saber muito bem o que eu desejava ser, pois era muito criança; porém o venerando padre sabia. Ele tinha certeza de que eu estava sendo chamado para ser um Pequeno Irmão de Maria. É por isso que, conforme tudo o que já narrei, ele se empenhou tanto para conservar-me na vocação.

4º) Tantas vezes ouvi Champagnat garantir a salvação para todos quantos morressem como membros da Congregação que, acredito, deve ter sido essa promessa que me segurou na vocação até o dia de hoje; que me ajudou a triunfar de inúmeras tentações; que me reanimou, quando eu queria desistir; que me impulsionou a sempre agir bem. Será que ele tinha essa certeza por causa de alguma revelação? Eu acho que sim.

5º) Para ele, era certeza. Ele justificava a afirmação com as razões seguintes.

a) De todos os Irmãos falecidos no Instituto, não recordava nenhum que tivesse deixado este mundo sem vestígios certos de predestinação.

b) Baseava-se nas palavras de Jesus Cristo que, no Evangelho, promete o céu aos que deixam tudo para segui-lo e que perseveraram até o fim.

c) Por causa da devoção especial que os Irmãos professam à Santíssima Virgem e porque, como afirmam diversos santos doutores da Igreja, ela é sinal certo de predestinação.

d) Por causa da promessa que a Santíssima Virgem teria feito a São Simão Stock de que nenhum daqueles que morressem revestidos do escapulário seriam condenados. Os Irmãos não revestem esse pequeno hábito, mas revestem outro maior, que os cobre e que os identifica, ostensivamente, como membros da família de Maria.

6º) Cito outro fato característico, do qual fui testemunha, que demonstra quanto nosso venerando Fundador fazia questão de que morressem revestidos do santo hábito não só os Irmãos, mas também os próprios postulantes. Um deles, gravemente enfermo, se sentia muito frustrado ao pensar que a morte o levaria antes de se tornar Irmão Marista. O bondoso padre Champagnat, que conhecia a piedosa aspiração do rapaz, não quis que ele levasse o desapontamento para o túmulo. Depois de administrar-lhe o sacramento do Viático pediu que trouxessem o manto, peça do hábito dos Irmãos. Benzeu o manto e o estendeu sobre o leito do agonizante, dizendo-lhe: “Meu caro amigo, neste momento, eu o recebo como membro da Congregação. Como sinal de admissão, eu o cubro com este manto, que simboliza o santo hábito de

que você tanto desejava revestir-se!” Pode-se adivinhar a grande satisfação que deve ter dado ao postulante e a gratidão suscitada nele pelo favor que lhe tinha sido proporcionado.<sup>139</sup>

7º) O procedimento do Fundador que acabei de relatar me traz ao pensamento a seguinte reflexão. Não se poderia concluir que teria pleno cabimento entre nós, sobretudo entre os nossos alunos, uma Ordem Terceira de Pequenos Irmãos de Maria, como graça e fonte de muitas vocações? Por certo seria excelente maneira de estender para outros, para quem não é da Congregação, o nosso espírito: propagar a devoção à humilde Virgem de Nazaré; difundir a prática da humildade, simplicidade e modéstia; vivenciar o espírito de família. Donde me vem essa ideia? Não sei. Talvez seja inspiração que me envia o padre Champagnat. O meu grande desejo é vê-la tornar-se realidade algum dia.

8º) Termino este tema da devoção à Santíssima Virgem, sobre o qual haveria ainda muita coisa para dizer, narrando um fato que me foi contado pelo Irmão Estanislau. Posteriormente, também outros Irmãos me falaram desse episódio. Levado por sua paternal solicitude, certo dia, Champagnat decidiu ir a Bourg-Argental, acompanhado pelo Irmão Estanislau, para consolar um Irmão que estava muito mal. Depois de encorajar aquele Irmão da melhor maneira que pôde, quis regressar na mesma tarde, embora insistissem com ele para pernoitar lá, devido à hora tardia e ao mau tempo. Aconteceu que, no regresso, depois de mais ou menos duas horas de caminhada, estavam perdidos na neve; caminhavam ora para a direita, ora para a esquerda, sem saber se estavam avançando ou recuando, porque impetuoso vento lhes fustigava o rosto com muita neve. Parecia certo que caminhavam para a morte. O Irmão Estanislau, esgotado pelo cansaço e sufocado pela tormenta, já não tinha coragem para prosseguir; também o venerando padre sentia-se desfalecer. Que fazer em

<sup>139</sup> É possível que se trate do postulante Jean-Barthélemy, sobrinho do Fundador. Era filho de Jean-Pierre Champagnat. Este Jean-Pierre, casado com Jeanne-Marie Ravel, teve nove filhos. Quase toda a sua família foi dizimada pela tuberculose. No mês de outubro de 1833, o Fundador acolheu em l'Hermitage a Jean-Pierre e quatro de seus filhos, todos atacados pela doença. Acolheu-os num gesto de caridade, para que pudessem receber tratamento melhor durante a doença. Todos morreram em l'Hermitage e foram enterrados no cemitério da comunidade. Jean-Pierre, o pai, faleceu ainda em 1833. Depois, faleceram: Jean-Baptiste, com 5 anos, em março de 1834; Marie-Anne, com 14 anos, em agosto de 1834; Jean-Barthélemy, em setembro de 1834, “que morreu com 18 anos, tendo sido admitido no Instituto no seu leito de morte”. Finalmente, em dezembro de 1837, faleceu o “pequeno Marcelino”, com 5 anos de idade. (“Annales de l'Institut”, n° 34 da “Première Partie”. Também “Bulletin de l'Institut”, tomo XXX, n° 218).



face de perigo tão iminente? Bem o sabia o estimado padre, que se prostrou de joelhos e recitou com grande fervor a oração do “Lembraí-vos”. Depois, erguendo-se, tomou o Irmão Estanislau pelo braço para avançarem um pouco mais. Oh, Providência Divina! Apenas tinham dado alguns passos, quando perceberam uma luz. Dirigiram-se naquela direção e logo deram com uma casa. Estavam enregelados; o Irmão Estanislau, quase desfalecido. Passaram a noite naquela casa e partiram na manhã seguinte. Champagnat confessou que, se o socorro não tivesse chegado a tempo, aquele lugar teria sido o seu túmulo, porque a morte de ambos era quase certa. O Irmão Estanislau nunca me deu pormenores sobre o caso, porque, talvez, o padre Champagnat lhe tivesse proibido, pedindo-lhe segredo. Entretanto, da parte de outro Irmão eu ouvi dizer que nessa casa havia um homem, uma mulher e um menino e que, de manhã, depois que tinham partido, a casa desapareceu, sem que tivessem percebido. O Irmão Estanislau poderia ter-me falado disso, pois era algo normal para comunicar, mas nunca me falou de como tinham sido recebidos na casa, de como tinham passado a noite etc. Todos esses pormenores omitidos no relato do Irmão Estanislau me levam a pensar que foram hospedados nada menos do que por são José, a Santíssima Virgem e o Menino Jesus!<sup>140</sup>

<sup>140</sup> A alusão à casa da Sagrada Família, que misteriosamente teria servido de refúgio aos dois viajantes enregelados, é lenda que se propagou entre os primeiros Irmãos. O fato é desmitificado pelo Irmão Avit que, em 1884, escreveu o *Annales de l’Institut* (Anais do Instituto). Quando descreve acontecimentos do ano 1823, ele afirma que a casa que os acolheu ainda existe no local; que continua sendo propriedade da família Donnet; que, na ocasião em que deu abrigo ao padre Champagnat e ao Irmão Estanislau, a família era composta de pai, mãe e uma menina de 5 anos.

9º) Se não me tivesse alongado tanto, agora eu poderia ainda falar da sua devoção a são José, que foi estabelecido primeiro patrono da Sociedade e em quem ele depositava muita confiança; falar da sua devoção aos Anjos da Guarda, às almas do purgatório, a são Francisco Régis, a são Luís Gonzaga e a são João Evangelista, de quem ele dizia ter sido o primeiro marista; falar também da devoção a são Prisciliano, cujas relíquias vindas de Roma, repousam em uma bela urna na capela de l’Hermitage e da devoção a santa Filomena, da qual tinha bela

estátua na capela. Ele a invocava muitas vezes, referindo-se à sua pureza, pois lhe recordava a Santíssima Virgem Imaculada.

10º) Para terminar este capítulo, vou inserir a narrativa de um milagre dessa santa, operado no meu tempo, no qual, certamente, o padre Champagnat teve a sua parte. Certo Irmão, que eu conheci muito bem, estava com os seus dias contados por causa de uma doença pulmonar muito avançada. O médico que o atendia chegou a declarar não haver mais esperança de cura e que só por um milagre sobreviveria. O Fundador resolveu recorrer a Deus, pedindo o milagre! Com toda a comunidade, iniciou uma novena em honra de santa Filomena, pedindo-lhe a cura do referido Irmão. Sua oração não tardou a ser atendida, pois antes mesmo que a novena terminasse, o Irmão estava curado, sem aparecer novos sintomas da doença. Talvez se diga que a cura deva ser atribuída a santa Filomena e não ao padre Champagnat. Eu não digo o contrário. Todavia, quando o venerando Cura de Ars realizava coisas maravilhosas e conversões extraordinárias, quando dizia que eram operadas pela santa que haviam invocado, não é verdade que todo o povo as atribuía não à santa, mas a ele, o Cura de Ars?

11º) Haveria ainda outras virtudes do Fundador para descrever e fatos que confirmariam sua vida santa. Não vou tratar disso porque, conforme enunciei, meu objetivo neste apêndice foi o de escrever sobre aquilo que presenciei ou sobre o que me foi narrado por testemunhas oculares. Mas, considerando-se tudo quanto relatei a seu respeito, tudo o que sabemos por tradição, tudo o que dizem seus escritos, aquilo que ainda vou escrever, considerando-se tudo com atenção, ele praticou em grau excelente as virtudes teologais e cardeais, isto é, as virtudes dos santos. Ele as praticou, a exemplo da Santíssima Virgem, ocultando-se sob o véu da humildade; para ele, essa virtude englobava todas as demais.

**CAPÍTULO III**

**PARTICULARIDADES SOBRE  
O PADRE CHAMPAGNAT;  
ALGUNS USOS E COSTUMES  
DA SUA ÉPOCA.**

## 1 - CONFISSÃO

1º) Champagnat insistia na confissão semanal. No tempo em que estive em l'Hermitage, deixar de confessar-se cada quinze dias seria motivo de escrúpulo. Constatei que, quando o Fundador estava muito atarefado, confessava os Irmãos mais antigos até mesmo depois da missa em que tinham comungado. Não queria que deixassem passar a semana sem receber o sacramento da penitência, porque, dizia-nos, há uma graça especial ligada ao sacramento que ajuda não só a corrigir as faltas graves, mas também as inúmeras pequenas faltas, que impedem o religioso de chegar à perfeição. Chegava até a convidar os jovens Irmãos ou os postulantes, que mais fortemente sentiam tentações e más inclinações, a se confessarem duas vezes por semana.

2º) Na confissão, tinha o dom especial de perceber aqueles que não eram sinceros ou que, por ignorância ou por não utilizarem palavras adequadas, não acusavam o pecado em si, mas as suas circunstâncias. Donde lhe vinha esse dom? Vinha de alguma iluminação sobrenatural? Talvez. Sou levado a pensar assim, pelo fato que vou contar agora e que me foi relatado por um amigo íntimo. Eis o que esse amigo me confidenciou.

“Em um pensionato, onde a vigilância era negligenciada, tive a infelicidade, certa vez, de cometer o mal, seduzido por um colega. Fui confessar-me ao padre Champagnat, que logo notou algo de ambíguo na acusação. Ao perceber muita franqueza da minha parte, fez-me diversas perguntas com o fito de se esclarecer e se tranquilizar. Como eu respondia com certa prudência, minhas respostas não o contentavam plenamente. Em outra confissão, percebi que depois de cada resposta minha ele silenciava, suspirava e ficava rezando. Até que, em uma das respostas, utilizei uma expressão que não tinha pensado até então e que

desvendou todo o mistério. Então, como se lhe tivessem tirado um grande peso, aliviado, me disse: “Eu o compreendo”. Explicou-me a gravidade da falta, perguntou quantas vezes eu recaíra e quantas comunhões eu já fizera desde então. Acrescentou que, caso eu não procurasse corrigir-me, certamente a Santíssima Virgem não me conservaria em sua casa. Depois, ao avaliar que a acusação incompleta da falta tinha sido motivada pela minha ignorância, deu-me a absolvição como de costume. Ora, como eu desejava muito permanecer na vocação, as suas últimas palavras encheram-me de tristeza e me fizeram chorar amargamente. Não aguentando mais, fui falar com o padre Champagnat, no seu quarto. Ele estava ocupado a escrever. Voltou-se para mim, olhou-me fixamente e perguntou a razão da minha tristeza. Respondi-lhe que era por causa das suas palavras, que repeti textualmente. Então, parecendo estupefato, com voz bem acentuada, disse-me: “Que é isso, meu caro amigo? Não falei nada do que você me conta!” E continuou a escrever. Fiquei admirado com aquele seu modo de proceder e me retirei ainda mais triste. Em seguida, ao refletir sobre o procedimento inusitado do Fundador a meu respeito e ao procurar uma explicação, recordei o que me fora dito, certa vez, a respeito do segredo na confissão. Compreendi então que, por respeitar esse segredo, é que a sua prudência e delicadeza eram tão grandes. Ele nunca mais tocou no assunto, nas minhas outras confissões. Fingia ignorar o passado e atinha-se apenas à acusação presente. Desse modo, prestou-me grande ajuda, porque, embora eu não tivesse feito comunhões indignas voluntariamente, sem me dar conta eu permanecia ainda intranquilo.”

Diz o provérbio que não há males que não venham para bem. Foi o que aconteceu com esse Irmão. Posteriormente, trabalhando em um pensionato, ele reconheceu que nunca teria

valorizado a importância da vigilância, nem a terrível responsabilidade do Irmão que a negligência, se não tivesse tido a felicidade de confessar-se com o padre Champagnat.

3º) Termino esse assunto dizendo que, de vez em quando, ele nos alertava para não omitir a ação de graças depois da confissão; se não fosse possível fazê-la logo, devíamos prever outro momento para isso. Insistia em que não deixássemos de fazer a penitência imposta pelo confessor, por ser ela parte do sacramento. Omitir a penitência voluntariamente, fazê-la mal ou esquecer-la por negligência seria falta que deveria ser acusada na confissão seguinte.

## 2 - COMUNHÃO

1º) Mais ainda do que a tenacidade do Fundador em favor da confissão semanal era a sua insistência em que nunca omitíssemos, sem razão, a comunhão nos domingos, nas quintas-feiras e nos dias festivos da Congregação. Um jovem Irmão faltava seguido a esse ponto do regulamento; sei dele que, em certo dia, foi solicitar determinada autorização, da qual fazia muita questão. Com um suspiro e profunda emoção, assim lhe respondeu o venerando padre: “Oh, meu caro amigo, como gostaria que você me pedisse também outra permissão; quão feliz eu seria em concedê-la para você”. Nessa época, como hoje, os que quisessem comungar solicitavam licença a cada oito dias; isso explica as palavras anteriores. Quero acrescentar ainda que o piedoso Fundador proibia publicamente que comungassem aqueles que, sem licença, tinham dinheiro consigo e aqueles que, conscientemente, se tivessem apossado de peças de vestuário, objetos, ou livros pertencentes à casa ou aos coirmãos, sem terem confessado, se fosse um roubo formal, ou sem terem declarado a falta ao

Superior ou ao Irmão encarregado. Para comungar em dias não prescritos pelo Regulamento, exigia que lhe fosse pedida autorização, de acordo com o parecer do padre espiritual.

2º) A preparação para a comunhão era algo a que dava muita importância; por isso estabelecera que não devia haver comunhões em dias seguidos, mas que devia haver um dia de intervalo, tanto quanto possível; exceção para a comunhão do sábado e domingo, quando a primeira servia de preparação para a segunda. Por respeito à eucaristia e por outras razões de que não me lembro, não autorizava quatro comunhões seguidas, mesmo que houvesse festas comemorativas importantes; para evitar isso, adia a comunhão de quinta-feira ou a comunhão de devoção para os dias de festa. Recordo que permitira a comunhão diária para um Irmão muito piedoso, exceto na quarta-feira, dia da confissão hebdomadária, da qual não tinha sido dispensado. Tratava-se de um excelente Irmão, que conheci muito bem; ele atuava em uma escola; não fazia parte da comunidade do noviciado. O Fundador era inimigo de esquisitices na comunidade.

3º) Para aqueles que não tinham a felicidade de comungar nos dias estabelecidos pelo Regulamento, pedia que fizessem um momento de ação de graças junto com os que tinham comungado; comentava que era preciso compensar aquela privação por meio de fervorosa comunhão espiritual. Nas suas emocionantes palestras sobre a eucaristia, insistia em que se recebesse a comunhão sempre que possível e se agisse sempre corretamente, de modo que nunca se omitissem as comunhões indicadas no Regulamento, pois tais comunhões, em certo sentido, são tão obrigatórias para os religiosos, como é obrigatória para os cristãos a comunhão no tempo pascal.

### 3 - MISSA E CANTOS

1º) A santa missa era a prática de devoção por excelência do Fundador. Ele a celebrava todos os dias a menos que, moral ou fisicamente, fosse impossível. Vi-o chegar de viagem pelas onze horas da manhã, extenuado de cansaço, sem ter ingerido absolutamente nada, só para ter ocasião de celebrar a missa. Sabemos que agia sempre desse modo quando visitava as escolas. Preferia partir em jejum, bem cedo, a fim de poder rezar a missa em alguma igreja, no trajeto. Muitas vezes, realizava o desejo do seu coração somente pelo meio-dia, muito cansado. Insurgia-se com veemência contra os Irmãos que, a pretexto de trabalho ou de alguma viagem urgente, facilmente se isentavam da missa. Elaborou um artigo do Regulamento que obrigava os Irmãos a levarem os alunos à missa nos dias de escola, tanto quanto possível e, sobretudo, nos domingos.

2º) Como ele apreciava o canto, para a casa de l'Hermitage tinha autorizado que se cantasse nas missas de quartas e sextas-feiras, antes do prefácio e depois das abluções finais, quando as rubricas o permitissem. Também cantava-se, às vezes, depois que todos tivessem comungado. Nos sábados, podia haver algum canto em honra da Santíssima Virgem, no início da missa. Era costume cantar também no final das bênçãos do Santíssimo Sacramento; nas celebrações do mês de Maria e antes das aulas de catecismo.

3º) Nos dias em que não havia canto, seu desejo era que acompanhássemos as orações da missa com o celebrante; até houve uma época em que toda a comunidade respondia ao celebrante, junto com os coroinhas. Lembro que, em certas solenidades, não se cantava durante a missa; todos deviam seguir a liturgia. Que eu me lembre, nunca havia cantos, hinos e recitações nas missas comuns. Com certeza, são coisas que



ele não desaprovava nos dias de hoje, pois é esse o espírito da Igreja; mas, naquela época, o novo uso ainda não existia.

4º) Ele desejava que os cantos entoados na igreja, ou mesmo alhures, fossem *ad hoc*, isto é, tendo relação com o tempo litúrgico, com o mistério e a festa celebrada, com o assunto da meditação etc.

5º) Ele próprio nos dizia que, ao viajar, descansava durante a caminhada, entoando cânticos, hinos ou outras orações latinas da santa Igreja, tais como a *Salve Regina* e o *Ave Maris Stela*, do qual gostava de repetir as duas estrofes: *Maria Mater gratiae e Monstra te esse matrem*.<sup>141</sup>

#### 4 - RETIRO MENSAL

Ele estabelecera, não lembro bem em que época, uma recoleção no primeiro domingo de cada mês, para renovar os bons propósitos do retiro anual e para se pensar na realidade da morte. Essa recoleção fazia-se não somente em l'Hermitage, mas em todas as casas. Recordo que nesse dia, em l'Hermitage, o recreio depois da missa solene era substituído por meia hora de palestra sobre os novíssimos; o mesmo se fazia à tarde, depois da oração de vésperas. O Fundador fazia as palestras; às vezes, eram lidos trechos de um livro de santo Afonso de Ligório sobre os fins últimos do homem, livro que ele apreciava muito. Durante todo o dia, cada um devia permanecer recolhido; os jogos eram suspensos no recreio depois do almoço; havia tempo reservado para que cada um relesse suas resoluções pessoais e as reformulasse, se necessário. Os Irmãos eram convidados a ler a oração de preparação à morte e a recitar a ladainha dos agonizantes. Em suma, era um dia para renovar-se no fervor, na piedade e na observância do Regulamento.

<sup>141</sup> *Ave Maris Stela*:  
Salve, estrela do mar.  
*Maria mater gratiae*:  
Maria, mãe da  
graça. *Monstra te esse  
matrem*: Mostrai-vos  
ser nossa mãe.

## 5 - A DISCIPLINA

1º) Já vimos como as atitudes de ordem, trabalho e disciplina eram quase naturais para ele; aos Irmãos que trabalhavam nas escolas, recomendava a disciplina como base da instrução e da educação. Não descuidava nada para fazê-la reinar também em l'Hermitage, sobretudo a partir da prática do silêncio; afirmava que este é a alma da disciplina. Para falar a verdade, em l'Hermitage respirava-se um clima de recolhimento e piedade parecido com aquele dos conventos da Trapa ou da Cartuxa. As faltas ostensivas ao silêncio incomodavam-no muito. Se fôssemos surpreendidos em faltas contra o silêncio e se isso se repetisse com facilidade, éramos punidos e até mesmo colocados de joelhos no refeitório, durante a refeição.

2º) Como nos dias de hoje, o grande silêncio começava a partir da oração da noite e estendia-se até a meditação matinal do dia seguinte. Era observado tão rigorosamente que não me recordo de ninguém que o tenha violado impunemente. A esse propósito, o Irmão Jerônimo me falou de um jovem Irmão, muito piedoso, que, certa noite, por causa de um tijolo aquecido colocado na cama para esquentar os pés, viu de repente que sua cama pegava fogo. Foi encolhendo as pernas à medida que a chama avançava e, temendo faltar ao grande silêncio, não gritou por socorro. Teria passado muito mal, se o Irmão Jerônimo, que se deu conta do ocorrido, não tivesse chegado a tempo para socorrê-lo. Este fato, relatado por Irmão tão digno de fé, impressionou-me de tal maneira que, por ocasião da minha tomada de hábito, solicitei o favor de receber o nome daquele fiel observante do silêncio. Quando expus ao padre Champagnat os motivos que me levavam à escolha desse nome, de boa vontade ele me concedeu o favor.

3º) Na casa, a boa ordem tinha tanto valor quanto a observância do silêncio. O Fundador não tolerava que a gente perambulasse de um lado para outro ou que saísse do trabalho sem permissão ou sem justificativa. Todos os encarregados de grupos de trabalho deviam entregar ao Fundador, semanalmente, o caderno de anotações em que se indicavam os nomes dos faltosos da semana, daqueles sobre os quais havia motivos de queixa por faltas ao silêncio ou por não desempenharem bem as funções. Cada semana ou cada 15 dias, ele reunia os encarregados de grupos e os chefes de setores, para discutir com eles aquilo que precisava ser melhorado ou reformado na casa. Indicava a maneira de proceder para sair-se bem na tarefa da qual cada um era responsável. Ele entendia de tudo. Também recomendava as economias possíveis na execução dos trabalhos. Para aqueles que não eram encarregados de um trabalho diário, específico, o responsável, na véspera, no recreio depois do jantar, indicava-lhes como e em que deveriam ocupar-se, de sorte que, no dia seguinte, ao sair da missa, todos se dirigiam prontamente para o trabalho indicado, sem perambular de um lado para outro, coisa que o Fundador detestava.

4º) Não sei de que modo corrigia aqueles que se permitiam ler jornais, porque durante o meu noviciado não vi ninguém com um deles nas mãos, a não ser os capelães, em ocasiões extraordinárias. Quanto ao Fundador, dado que tais publicações naquela época não tinham a mesma importância que têm hoje, relativamente à administração da Congregação, penso que não se permitia essa espécie de leitura. Proibiu aos Irmãos, por artigo do Regulamento, a leitura de tais publicações sem autorização.

5º) Era sempre com pesar que via alguém ir à cozinha sem motivo, ou ir à enfermaria sem necessidade, a menos que fosse para visitar os doentes, gesto que ele mesmo fazia com frequência, para consolar ou para saber se necessitavam de alguma coisa. Queria

que se tivesse desvelo pelos doentes, considerando-os fonte de bênçãos para o Instituto. Afora essas visitas de caridade, não podia suportar que alguém deixasse a própria ocupação, mesmo momentaneamente, por ninharias e, sobretudo, por curiosidade, como, por exemplo, para saber notícias daqueles que iam partir ou dos que retornavam. Eis um fato de que fui testemunha, em que se mostra sua vigilância e severidade neste ponto.

6º) Certo dia, o colégio de Saint-Chamond organizou um passeio nos arredores de l'Hermitage. Sem advertir o padre Champagnat, alguns jovens avançaram até perto da porta de entrada com seus instrumentos musicais e tocaram algumas músicas não muito apropriadas para uma casa de silêncio e de recolhimento. Acostumados a ouvir apenas o tom monótono do Gier, alguns Irmãos, especialmente os mais jovens, deixaram a ocupação que faziam, dirigindo-se para o lado da portaria. Falavam baixinho para não serem percebidos. Mas o Fundador, que às escondidas os observava, anotou os seus nomes. Satisfeita a curiosidade, uns após outros, foram retornando com tranquilidade para seu lugar e para suas ocupações, pensando que ninguém os tivesse visto. Essa irregularidade tinha sido no começo da tarde. Na hora do jantar, logo após a oração da mesa, o Fundador interpelou os curiosos. Eram dez. Convidou-os a tomarem a sopa, ajoelhados, no centro do refeitório. O castigo foi temperado ainda com forte repreensão, que atingiu especialmente os mais antigos do grupo, por se terem deixado levar pelos mais jovens.

## 6 - PROVAÇÕES

1º) Para comprovar a vocação dos postulantes, ele submetia-os a diversas provações, sendo a principal delas o trabalho manual, que ocupava a maior parte do dia. No começo, em geral, o



trabalho consistia na extração e no carregamento de pedras. O tempo dedicado ao estudo e às aulas era curto. Não exigia que fizessemos grande volume de trabalho, mas que nos ocupássemos contínua e corretamente. Ademais, o trabalho manual e as outras tarefas eram sempre proporcionais à idade, à força, à saúde e à educação de cada um. Quando recebia algum postulante mais culto, com talentos ou qualidades particulares que sobressaíam, não deixava de submetê-lo a provações que, às vezes, eram mais duras do que as aplicadas aos candidatos habituais. Um exemplo é o caso do Irmão Luís Maria que, mais tarde, foi eleito Superior Geral do Instituto. Tinha cursado dois anos de teologia no Seminário Maior de Lião, onde se distinguiu por seu brilhante sucesso quando, por motivos que desconheço, deixou o seminário e escreveu ao padre Champagnat, solicitando ingresso na Congregação. Champagnat respondeu-lhe com uma carta muito simples, de cujo teor eu tive conhecimento, carta cheia de afeição e de paterna solicitude, encorajando-o a apresentar-se o quanto antes. Foi o que fez, ingressando em outubro de 1831.

2º) É fácil compreender que para o novo postulante foi dura provação o fato de encontrar-se em ambiente tão diverso daquele do seminário. Muito trabalho manual, aulas sobre temas elementares dos cursos primários, pouca recreação e muita frugalidade nas refeições; as orações comunitárias eram mais ou menos semelhantes àquelas do seminário. Quanto ao pessoal da casa, compunha-se de uma vintena de Irmãos mais antigos, empregados nos diversos ateliês de trabalho e de uns dez Irmãos jovens e noviços, que recebiam diariamente duas horas de leitura, ortografia, cálculo, catecismo e caligrafia. Isso tudo, certamente, não era do gosto de um estudante de teologia que, aliás, já tinha feito cursos de matemática. Apesar disso, o venerando padre quis submetê-lo a outras provações para formá-lo à prática

da humildade. Assim, certa vez, mesmo sendo dia frio e úmido, encarregou-o de arrancar o inço de um canteiro de alhos; ele devia também exterminar os caramujos que infestavam tal canteiro. O padre o observava de um local onde não podia ser visto; queria apreciar a reação que produziria no postulante aquela tarefa humilhante, a maneira como faria o trabalho apesar do rigor do frio. Sem demonstrar contentamento, mas também sem cara triste, o Ir. Luís Maria realizou a desagradável tarefa de maneira bem satisfatória. Posteriormente, ele foi destinado ao setor da alfaiataria, para aprender a costurar. Entretanto, o que mais lhe deve ter custado foi a sala de aula, foi o fato de estar colocado entre dois jovens Irmãos levianos, agitados, pouco silenciosos: eu era um deles. Nós procurávamos distraí-lo e impacientá-lo.<sup>142</sup> Assim, por exemplo, nos exercícios de caligrafia, a que não estava habituado, batíamos no seu no cotovelo, para deformar as letras. Em lugar de reclamar, pedindo que fôssemos castigados, contentava-se em justificar-se junto ao professor, dizendo que os movimentos agitados dos jovens Irmãos ao seu lado faziam com que a sua caneta riscasse para além de onde queria. Seria aquilo nova provação da parte do padre Champagnat? Não sei.



<sup>142</sup> O Irmão Sylvestre foi companheiro do Irmão Luís Maria; ambos fizeram o noviciado no ano de 1831; o Irmão Sylvestre, a partir de agosto, e o Irmão Luís Maria, a partir de outubro.

3º) Com tática e prudência, atitudes que lhe eram habituais, o padre Champagnat encarregou o Irmão Estanislau de ajudar o novo postulante nas lides da casa, de estar ao seu lado para ajudar e encorajar, mostrando-lhe apreço, em vista da boa formação, acreditando no grande bem que o postulante poderia desenvolver adiante. O Irmão Estanislau desempenhou tão bem a tarefa que, no final de dois meses, avaliando a virtude, o mérito e a docilidade do postulante, Champagnat admitiu-o como Irmão e logo o enviou para lecionar no pensionato La Côte-Saint-André, estabelecimento fundado pelo padre Douillet e que fora cedido ao padre Champagnat.

4º) Eis outro exemplo, mas de resultado não muito feliz. Um postulante, muito ávido de cultura, tinha sempre algum livro consigo, mesmo durante o trabalho manual. Champagnat julgou demasiada estima de si mesmo e apego à vontade própria. Para corrigi-lo, tirou-o das aulas e colocou-o no ateliê de tecelagem, com ordem para o encarregado do setor de não deixá-lo estudar. Ao saber que o postulante não se conformara com a proibição e que, às escondidas, continuava com os livros, mandou-o embora. Pelo fato de trabalharmos juntos, posso dizer que se tratava de um jovem talentoso e de certa cultura. Entretanto, nos postulantes e jovens Irmãos, o Fundador apreciava muito mais a humildade e a obediência do que a ciência e a capacidade.

## 7 - PENITÊNCIAS

1º) Para formar religiosos humildes, simples e modestos, para dar à Congregação a marca visível da prática dessas virtudes, quando havia penitências a serem dadas, mesmo no caso de faltas leves, o Fundador não hesitava em aplicar penitências públicas ou destinar para empregos modestos, próprios para causar humilhação.



Os Irmãos, especialmente os mais antigos, faziam essas penitências por conta própria, com a finalidade única de se humilhar. Cheguei a ver os Irmãos Francisco e Luís Maria pedir perdão de joelhos, no meio do refeitório, por faltas de caridade ou por faltas cometidas contra a observância regular. Não vou indicar aqui as penitências habituais que ele impunha, porque estão descritas nas Regras Comuns. Normalmente, pelas faltas mais notórias, mandava ficar de joelhos no refeitório, durante todo o tempo da refeição, ou apenas no início, durante a oração da mesa.

2º) Também aplicava penitências específicas. Por exemplo, quem quebrava ou danificava algum objeto devia ficar de joelhos na entrada do refeitório com os fragmentos do objeto quebrado nas mãos, e permanecer naquela posição até que recebesse sinal para levantar-se. Aqueles que, durante a recitação do ofício, tivessem perturbado o coro, não importa de que forma, deviam beijar o chão no próprio lugar ou no meio da sala. Houve casos em que, simplesmente, mandou embora da Congregação certos candidatos, por causa de uma falta pública ou escandalosa, embora não parecesse coisa grave. Certo dia, ao passear com o Irmão Francisco no jardim anexo à enfermaria, percebi fogo no pátio dos plátanos, que fica logo acima do jardim. O pátio dos plátanos era o local dos recreios. Fiz notar a coisa ao Irmão Francisco e então nos pusemos a olhar com atenção para descobrir a causa daquilo. Foi difícil acreditar no que averiguamos: Irmãos que pulavam por cima de uma fogueira, que davam gritos de alegria, assim como fazem os palhaços em certas festas mundanas. O padre Champagnat estava ausente naqueles dias. Como explicar tal fogueira e alvoroço? Tinha acontecido o seguinte: capitaneados por certo líder estouvado, um grupo de cabeças ocas inventara de pular Carnaval à imitação do que fazem as pessoas do mundo nesse

tempo de desordens, quando acendem fogueiras, brincam, dançam e pulam ao redor. O Irmão Francisco, estupefato com tal irregularidade, deslocou-se para lá. Quando perceberam que caminhava naquela direção, logo apagaram o fogo e procuraram disfarçar, assumindo comportamento normal. O Irmão Francisco dirigiu-lhes severa repreensão, endereçada especialmente aos instigadores da desordem. Depois, disse que iria referir o caso ao Padre Champagnat. Com efeito, no dia seguinte, quando ele regressou, foi notificado do que acontecera na véspera. O Fundador agiu assim: reuniu toda a comunidade, fez o líder principal do grupo colocar-se no centro da sala, passou-lhe forte reprimenda, extensiva também aos outros que se tinham deixado levar por ele. Então, apesar das aptidões daquele líder, ordenou que se retirasse da Congregação, coisa que se concretizou no dia seguinte. O padre Champagnat tinha voltado de uma longa viagem; percebia-se o quanto ficara zangado com aquela desordem pela palidez do seu rosto e pelas palavras duras que empregou para fustigar aquela situação. Tinha sido uma diversão mundana e pagã porque, se não me engano, acontecera no dia de Carnaval.

Para encerrar, posso ainda dizer que as penitências, apesar de frequentes, não irritavam os atingidos, nem eram motivo de mau espírito na comunidade, porque eram cumpridas por virtude. O que mais doía no penitente era a mágoa causada ao Fundador. As penitências eram impostas com tanta equidade, caridade e justiça, que ninguém ousava reclamar. Essa justiça nas punições, bem como em tudo o mais, ele queria que fosse observada pelos encarregados dos setores em relação aos seus subordinados. Sobre isso, eis aqui um fato acontecido comigo. Um dia, durante a leitura espiritual, fiz barulho ao pretender grudar uma pequena imagem na minha estante. O Irmão

mestre de noviços, incomodado sem dúvida por tantas levianidades que eu já tinha praticado antes, mandou-me decorar uma poesia de 1.200 linhas. Julguei o castigo muito injusto. Criei coragem e fui ter com o padre Champagnat para pedir que me retirasse o castigo. Cheguei ao seu quarto chorando e relatei, com detalhes, o motivo daquela minha visita. Depois de ouvir-me com atenção, pegou uma folha de papel, fez cair algumas gotas de cera, estampou sua chancela, escreveu uma linha apenas, assinou e me entregou o papel, recomendando-me que procurasse ser mais silencioso. O que tinha escrito? Eis, textualmente: “As 1.200 linhas já estão pagas.” Agradei-lhe da melhor forma que pude e levei a folha ao Irmão mestre de noviços. O bom Irmão, ao ver a assinatura do Fundador, com muito respeito recebeu-a como paga do castigo e tudo ficou acertado. É fácil compreender que essa equidade, que nele parecia tão natural, o preservava de toda a parcialidade e lhe ganhava o coração, a afeição e a confiança dos Irmãos e de todos os que se relacionavam com ele.

## 8 - RECREIOS

1º) Vou falar brevemente do procedimento do padre Champagnat nos recreios. Pelo que relatei antes, fica claro que não queria recreações barulhentas, à moda das festas mundanas. Também falei disso em um parágrafo do capítulo segundo deste apêndice. No mais, para conhecer melhor o seu modo religioso de passar os recreios, basta ler as determinações sobre o tema, nas Regras comuns; o que ali se diz, era seu modo normal de agir. Não gostava dos recreios ruidosos, das risadas imoderadas, das infantilidades, dos agarramentos, nem de grandes dissipações. Pelo que nos foi ensinado, sabemos que, quando percebia esse



tipo de falhas entre os primeiros discípulos, com uma correção paternal ele os reprendia e conseguia que se emendassem. Dizia-nos que as pessoas do mundo entregam-se a alegrias estouvadas, fazem muito barulho e algazarra porque, pelo fato de não terem a consciência em paz, procuram sufocar os remorsos com toda a sorte de gritos, tumultos e loucuras; quanto aos religiosos, não precisam fazer todo esse estardalhaço, porque se alegram em Deus, na sua presença.

2º) Durante os recreios não queria ver ninguém sentado, a não ser por alguma boa razão. Desejava que caminhássemos em grupos de três, quatro ou mais, nunca em duplas, sobretudo longe do grupo. Ficava contente quando os Irmãos organizavam algum jogo inocente, especialmente o jogo das bochas<sup>143</sup>, que ele apreciava. Assim, para dar-lhe alegria, tanto os Irmãos jovens, como os mais antigos, todos os dias, quando possível, faziam uma partida. Para estimular a todos, ele estabelecera que seriam os perdedores os que deveriam levar a caixa com as bochas, tanto na subida como na descida para o pátio, distante uns trezentos metros da casa. Quando acontecia de o Irmão Francisco ou algum outro Irmão Superior perder o jogo, nós os jovens Irmãos, nos oferecíamos para carregar a caixa das bochas, favor que eles nos concediam de boa vontade.

3º) Os livros eram absolutamente proibidos durante os recreios. Não me recordo de ter presenciado alguma violação dessa determinação. Quando não eram possíveis os jogos externos, das bochas, da barra etc, em vez de nos aplicarmos aos estudos, fazíamos partidas de damas, dominó etc. Ele gostava de jogar o “tric-trac”<sup>144</sup> com os padres capelães. No inverno, muitas vezes, fazíamos o trabalho de abrir e moer nozes. Neste trabalho, ele estava sempre junto. Dizia que pelo fato de sermos pobres, era vantajoso fazer tal serviço em casa. Quando o recreio era destinado

<sup>143</sup> Em francês “jeu de boules” ou “pétanques”. Corresponde ao “jogo de bochas”. Era muito popular naquela época.

<sup>144</sup> Jogo de mesa. Sobre um tabuleiro, as peças avançam conforme o resultado obtido com o lançamento dos dados.

a esse trabalho, praticava-se a mortificação muito bem, pois lembro-me de ter visto nozes que, às vezes, caíam para debaixo da mesa; mas nenhuma delas era levada à boca de quem ajuntava.

## 9 - EMULAÇÃO

1º) Vimos a importância que o padre Champagnat dava ao estudo e à preparação do catecismo. Considerava falta séria omitir o catecismo ou fazê-lo displicentemente, sem entusiasmo. Em l'Hermitage, para provocar emulação entre nós, determinou que, sempre que possível, os mais adiantados, por rodízio, deveriam dar uma aula de catecismo para os demais; essa aula não deveria ser sobre um tema qualquer, mas sobre o capítulo que se estava estudando no dia. Sempre éramos avisados com antecedência, a fim de que pudéssemos preparar-nos bem. Com este objetivo, diversas catequeses, já desenvolvidas, eram colocadas à disposição daqueles que iriam realizar tão honrosa função. Algumas vezes, de modo incógnito, Champagnat vinha escutar-nos, para corrigir, se fosse o caso, ou para elogiar, se havia méritos. Mereciam elogios os que demonstravam entusiasmo e que sabiam conduzir a aula com perguntas curtas, oportunas e precisas. Os Irmãos que falavam muito durante a aula, não tinham sua aprovação, por mais cultos que fossem. Também não aprovava os que falavam em um tom de voz forte, gritado. Certa vez eu dava o catecismo em um tom de voz muito forte, quando, de repente, ele entrou na sala e me aplicou boa correção; mas o fez de forma tão respeitosa, que em vez de diminuir, aumentou a minha autoridade na sala de aula.

2º) Nos domingos e dias de festa, éramos convidados a decorar o evangelho; quem podia decorava a epístola também. Muitas vezes, vinha pessoalmente tomar a lição; aproveitava para nos

dar explicações sobre o texto; eram tão interessantes que a gente não se cansava de ouvi-lo. Ficava contente quando alguém conseguia decorar o evangelho e a epístola, recitando-os sem erros ou lacunas. Também demonstrava contentamento, no Domingo de Ramos, se éramos capazes de recitar de cor toda a Paixão. Preparávamos este drama religioso vários dias antes, pois sabíamos que a recompensa para quem conseguisse recitá-lo convenientemente seria um bonito santinho, carimbado com o selo do padre Champagnat. “Disso eu tenho experiência.”<sup>145</sup>

3º) Ao perceber que não sabíamos responder corretamente ao *benedicite*, antes da refeição, e ao *agimus tibi gratias*, depois da refeição, sobretudo quando a fórmula variava nos dias de festa, mandava fazer, de vez em quando, uma pequena composição sobre o assunto do dia para ser lida no refeitório. Era assim que fazia também com relação à leitura, caligrafia, ortografia etc. Movia guerra constante contra a pronúncia errada das palavras, por exemplo, à omissão do “e” mudo no fim das palavras, à falta de articulação das vogais, dos monossílabos, às omissões de pontuação e, enfim, a tudo o que tornasse viciosa a leitura. Posso dizer que era um prazer ouvi-lo nas conversas ou leituras; articulava tudo com clareza, sem pressa, de tal modo que não se perdia uma sílaba sequer, mesmo quando falava com voz baixa. Hoje em dia, quando os exercícios de leitura já não estão em uso, fica difícil encontrar bons leitores e recitadores de orações.

4º) Vi-o muitas vezes passar parte da refeição corrigindo o jeito de falar de certos Irmãos que tinham má pronúncia, por causa do dialeto de onde vinham. Dizia que o seu modo de falar podia tornar ridícula a mensagem; podia viciar a leitura dos alunos. Recordo-me de um ótimo Irmão que estava neste caso, pois tinha o defeito de pronunciar “an” no lugar de “on”. Assim, por exemplo, em lugar de dizer *anges*, pronunciava *onges*. Ora,

<sup>145</sup> No original a frase está sublinhada:

é impossível avaliar o esforço que o Fundador despendeu para corrigi-lo dessa pronúncia esquisita.

5º) A leitura do latim também era objeto da sua solicitude. A esse propósito, dizia que os Irmãos encarregados da leitura do ofício ou de cantos em língua que não compreendiam, estavam sujeitos a cometer erros grosseiros, expondo os alunos a cometê-los também. Por isso insistia em que soubessem ler bem o latim, para não errar em uma linguagem que era compreendida pelos sacerdotes e pessoas cultas, para não magoá-las com pronúncia errada. Queria que nos aplicássemos na leitura correta do latim, respeitando até a menor sílaba, por ser a língua usada na liturgia sagrada; por ser o veículo de expressão da Sagrada Escritura.

6º) Embora o padre Champagnat desse grande importância ao catecismo e à leitura, não descurava outras matérias importantes no ensino primário, sobretudo a caligrafia; depois do catecismo e da leitura, a caligrafia era muito apreciada em nossas escolas naquela época. Ele estabelecera prêmios de caligrafia para os alunos que mais sobressaíssem nisso; ele mesmo se encarregava de distribuir os prêmios aos alunos merecedores, no começo das férias.

## 10 - CONCLUSÃO<sup>146</sup>

1º) Eu penso que esse resumo da vida do venerando Fundador, que estou finalizando, pode ser condensado na expressão “espírito de fé”. Ao ler com atenção o livro completo da sua biografia, percebe-se que o móvel de suas ações foi sempre o espírito de fé; essa espiritualidade o levou àquela perfeição que a Igreja reconhece nos servos de Deus, quando os coloca nos altares, oferecendo-os à nossa veneração. Essa espiritualidade consiste

<sup>146</sup> Inicialmente como título: o Irmão Sylvestre escrevera “Seu espírito de fé”; depois a expressão foi riscada e substituída por “Conclusão”.



em agir segundo as verdades que a fé nos ensina. Ora, os que agem assim certamente recebem um princípio de vitalidade que os torna tão perfeitos quanto possível. Três grandes verdades de fé guiaram nosso Fundador durante a vida: a presença de Deus em toda a parte; a presença de Nosso Senhor na Eucaristia e, finalmente, a devoção à Santíssima Virgem Maria, aquela que todos os teólogos reconhecem, depois de Jesus Cristo, como a pessoa mais gloriosa, excelsa e poderosa; aquela que nunca deixou perecer um só dos seus fiéis servidores.

2º) Destas verdades, fundamento da espiritualidade do nosso Fundador, nasceram a sua grande humildade, o extremo horror ao pecado, as práticas de mortificação e a sua grande confiança na Providência Divina. Delas derivaram também o seu ardente amor a Nosso Senhor, a submissão a seus representantes, o respeito por tudo quanto se referia ao culto, o zelo incansável pela salvação das almas, a excepcional caridade que o levou à prática de tantas obras de misericórdia espirituais e temporais. Enfim, sua piedade filial para com a Santíssima Virgem, a confiança sem limites na sua proteção materna, seu grande empenho para torná-la honrada e para propagar o seu culto em todo o mundo católico, por meio da Congregação que fundou, Congregação que leva o nome da Virgem bendita. Tomara que todos os Pequenos Irmãos de Maria possam mostrar-se, sempre e em toda a parte, fotografias vivas e eloquentes do nosso venerando Fundador! (“que não sejam fotografias borradas como, infelizmente, eu fui.”)<sup>147</sup> Assim seja.

*Ad Maiorem Dei Gloriam.*<sup>148</sup>

<sup>147</sup> No original: a frase entre parênteses foi colocada posteriormente a lápis.

<sup>148</sup> Para a maior glória de Deus.



1. **AFM** (Archives des Frères Maristes). Documentos arquivados na Casa Generalícia, Roma.
2. **Annales de l'Institut**, Irmão Avit. Publicação da Casa Generalícia dos Irmãos Maristas, Roma, ano 1993; publicação em três volumes.
3. **Bulletin de l'Institut**, periódico publicado de 1909 até 1984, pela Casa Generalícia do Instituto Marista, Roma. Foram publicados 221 números.
4. **Biographies de quelques Frères**, Irmão Jean-Baptiste Furet. Edição princeps em 1868.
5. **Circulaires**, temas de estudo, notícias e orientações dos Superiores Gerais. Publicação da Casa Generalícia do Instituto dos Irmãos Maristas, Roma.
6. **Directoire de la solide piété**, Irmão Jean-Baptiste Furet. Edição princeps em 1863.
7. **Lettres de Marcellin Champagnat**, Irmãos Paul Sester e Raymond Borne. Publicação da Casa Generalícia, Roma, ano 1985.
8. **Origines des Frères Maristes**, compilação do Irmão Paul Sester. Publicação da Casa Generalícia do Instituto dos Irmãos Maristas, Roma, ano 2011; publicação em três volumes.
9. **Origines Maristes**, Jean Coste e G. Lessard, s.m. Publicação da Cúria Geral dos Padres Maristas, Roma, ano 1960; publicação em quatro volumes.
10. **Repertoires**, Irmãos Paul Sester e Raymond Borne. Publicação da Casa Generalícia, Roma, ano 1987. (Segundo volume de **Lettres de Marcellin Champagnat**.)

11. **Un chaînon manquant de la spiritualité mariste**, Irmão André Lanfrey. Publicado como apostila; Casa Generalícia do Instituto dos Irmãos Maristas, Roma, ano 2000.
12. **Vie de Joseph-Benoît-Marcellin Champagnat**, Irmão Jean-Baptiste Furet. Edição princeps em 1856. Edição brasileira: tradução de Ângelo José Camatta, Edições Loyola, São Paulo, ano 1999.

# ÍNDICE

## RELATOS SOBRE MARCELINO CHAMPAGNAT

APRESENTAÇÃO.....	5
INTRODUÇÃO .....	9
PRÓLOGO .....	15

## PRIMEIRO RELATO

Explicação do autor.....	40
Prólogo do autor.....	41
<b>Capítulo I:</b> Suas virtudes.....	45
Presença de Deus .....	46
Temor do pecado .....	47
Vigilância .....	48
Meditação, oração .....	49
Mortificação .....	50
Liberalidade .....	53
Fé .....	54
Respeito ao Superior Geral.....	56
Devoção ao Santíssimo Sacramento.....	56
Atitudes de respeito na Capela.....	57
Outras virtudes.....	60
<b>Capítulo II:</b> Razões que fundamentam a esperança de desfecho feliz para a causa de canonização do padre Champagnat.....	61
Primeira razão .....	64
Segunda razão .....	69
Terceira razão .....	72
<b>Capítulo III:</b> Pequenas notas sobre o padre Champagnat. Descrição de usos e costumes do seu tempo .....	77
A respeito da confissão.....	78
A respeito da comunhão .....	81
A respeito dos cantos .....	83

A respeito do retiro mensal.....	85
A respeito da disciplina.....	85
A respeito das penitências.....	89
A respeito da emulação.....	93

## SEGUNDO RELATO

Explicação do autor.....	98
Prólogo do autor.....	99
<b>Capítulo I:</b> Juventude de Marcelino.....	101
<b>Capítulo II:</b> O Seminário Maior.....	107
<b>Capítulo III:</b> Champagnat renova a paróquia de La Valla.....	114
<b>Capítulo IV:</b> Fundação da Congregação e início das primeiras escolas.....	124
<b>Capítulo V:</b> A Congregação corre o risco de extinguir-se por falta de candidatos.....	140
<b>Capítulo VI:</b> Primeira contrariedade: a congregação passa pelo perigo de ser dissolvida.....	146
<b>Capítulo VII:</b> Segunda contrariedade: a construção de l'Hermitage acarreta novas dificuldades.....	153
<b>Capítulo VIII:</b> Terceira contrariedade: dificuldades suscitadas por um dos capelães da casa, que pretendia passar por superior da Congregação.....	160
<b>Capítulo IX:</b> Os votos religiosos.....	171
<b>Capítulo X:</b> Quarta contrariedade: dificuldades ocasionadas pela falta de submissão de alguns Irmãos.....	174
<b>Capítulo XI:</b> A calma do padre Champagnat durante os acontecimentos de 1830.....	186
<b>Capítulo XII:</b> Novas tentativas para obter a autorização governamental.....	190
<b>Capítulo XIII:</b> A Congregação corre o risco de	

perder sua identidade e existência.....	193
<b>Capítulo XIV:</b> Impressão das regras.....	196
<b>Capítulo XV:</b> Dedicção do padre Champagnat em favor do ramo dos Padres Maristas .....	199
<b>Capítulo XVI:</b> Últimas tentativas para conseguir a autorização governamental.....	210
<b>Capítulo XVII:</b> Última doença do padre Champagnat	219
<b>Capítulo XVIII:</b> Recebe o sacramento dos enfermos	225
<b>Capítulo XIX:</b> Testamento espiritual e morte.....	230
Conclusão do autor: Apanhado geral sobre a Congregação.....	240
1. O padre Champagnat foi visivelmente escolhido por Deus para fundar a Congregação dos Pequenos Irmãos de Maria.....	241
2. O objetivo da Congregação.....	242
3. O espírito da Congregação de acordo com o seu nome .....	243
4. O desenvolvimento maravilhoso da Congregação	245
5. O bem que a Congregação realiza na Igreja..	250
6. Minha opinião a respeito da perenidade da Congregação.....	255

## TERCEIRO RELATO

Prólogo do autor .....	258
<b>Capítulo I:</b> Meu relacionamento com o padre Champagnat .....	259
Minha chegada a l'Hermitage.....	260
Início da minha formação.....	261
Minha entrada no Noviciado.....	265
Minha primeira destinação.....	272
Meu regresso a l'Hermitage.....	277
<b>Capítulo II:</b> Coisas edificantes: virtudes, fatos reflexões.....	282



O exercício da presença de Deus.....	283
Temor de Deus e horror ao pecado, seu único medo	284
Sua humildade.....	290
Oração e meditação.....	292
Mortificação.....	293
Sua generosidade.....	296
Sua fé.....	298
Obediência aos superiores e deferência para com a hierarquia.....	301
Devoção ao Santíssimo Sacramento.....	304
Atitude respeitosa na capela e cuidado com os objetos do culto.....	305
Confiança em Deus.....	306
Devoção à Santíssima Virgem.....	307
<b>Capítulo III:</b> Particularidades sobre o padre	
Champagnat; alguns usos e costumes da sua época	314
Confissão.....	315
Comunhão.....	317
Missa e cantos.....	319
Retiro mensal.....	320
A disciplina.....	321
Provações.....	323
Penitências.....	327
Recreios.....	330
Emulação.....	333
Conclusão final .....	335
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>337</b>

Ao entrar na Congregação dos Irmãos Maristas, que estava nos seus primórdios, Jean-Félix Tamet recebeu o nome de Irmão Sylvestre. Contava apenas doze anos de idade ao ser recebido como postulante. Por ser de temperamento alegre e expansivo, não demorou em extravasar a impetuosidade da sua adolescência e juventude em inúmeras peraltices, nem sempre adequadas aos padrões austeros da vida religiosa de então. Apesar de tudo, sempre foi bem compreendido por Marcelino Champagnat, que entrevia nele uma vocação de escol. Teve a graça de viver nove anos sob a influência direta do santo Fundador. Tinha paixão pelo ensino e gostava de ser professor. Brillhou nesta função e sempre foi entusiasta na sala de aula. A visão do Irmão Sylvestre assemelha-se à do soldado na dura expedição militar, muito mais do que aquela do profissional burocrático ou da mera logística. Ele interpreta Champagnat e a vida religiosa, que lhe era proposta, a partir de toda uma existência empregada em sala de aula, como bom Irmão Marista. Escreveu os seus RELATOS como depoimento pessoal, em resposta ao apelo do Irmão Teofânio, quarto Superior Geral da Congregação. Este, na Circular de fevereiro de 1886, solicitava apreciações e depoimentos dos Irmãos que tinham conhecido o padre Champagnat, em vista da introdução da causa de canonização do Fundador. O Irmão Sylvestre, apesar da idade avançada, apressou-se em dar o seu testemunho; preencheu doze cadernetas, em quase quatrocentas páginas. Elas constituem o conteúdo destes RELATOS.



UNIÃO MARISTA  
DO BRASIL